Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco.

Relatório Técnico Final

Encaminhado à Superintendência Regional
do IPHAN em Pernambuco.

Marcos Albuquerque
Coordenador da Pesquisa
SAB: 012

Veleda Lucena
Arqueóloga
SAB: 237

Rúbia Nogueira
Arqueóloga
SAB: 537

Janeiro de 2014

PROJETO DE RESGATE E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO NA VILA DOS REMÉDIOS, FERNANDO DE NORONHA, PERNAMBUCO.
RELATÓRIO FINAL

Encaminhado à Superintendência Regional do IPHAN em Pernambuco.

Marcos Albuquerque
Coordenador da Pesquisa
SAB N. 012

Veleda Lucena
Arqueóloga
SAB N. 237

Rúbia Nogueira
Arqueóloga
SAB N. 537

Janeiro de 2014

TÍTULO

PROJETO DE RESGATE E MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO NA VILA DOS REMÉDIOS, FERNANDO DE NORONHA, PERNAMBUCO.

SUBTÍTULO

Relatório final de pesquisa apresentado a Superintendência do IPHAN em Pernambuco.

PROCESSO

IPHAN nº 01498.000583/2010-77

PERMISSÃO:

Portaria IPHAN Nº 20, de 6 de agosto de 2010.

EXECUÇÃO:

Arqueolog Pesquisas Ltda.
Rua das Pitombeiras, nº 210, Aldeia
Camaragibe – Pernambuco - Brasil
CEP 54.786-520
CNPJ/MF 07.362.648/0001-57
Tel./Fax: (81) 3459-3554

CONTRATANTE:

BR Construções Ltda.
Rua Padre Cabral, 349, Boa Viagem.
Recife – Pernambuco – Brasil
CEP 51.030-500
CNPJ 00.793.106/0001-01
Telefone: (81) 3224-2136

EMPREENDEDOR:

SETUR/PRODETUR – Governo do Estado de Pernambuco
Av. Professor Andrade Bezerra, s/n, Salgadinho.
Recife – Pernambuco – Brasil
Telefone: (81) 3182-8300

APOIO INSTITUCIONAL:

Laboratório de Arqueologia
Departamento de História
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Pernambuco

Av. Acadêmico Hélio Ramos s/n
Centro de Filosofia e Ciências Humanas- CFCH 11º andar
Cidade Universitária - Recife - PE
CEP: 50670-901
Telefones (81) 2126-8290/8291 Fone/fax (81) 3459-3340 Celular (81) 9602-2043

EQUIPE TÉCNICA:

Coordenação científica:	Dr. Marcos Albuquerque	marcos@brasilarqueologico.com.br
Arqueóloga Responsável:	Dra. Veleda Lucena	veleda@brasilarqueologico.com.br
Arqueóloga Responsável pelo campo:	Ma. Rúbia Nogueira de Andrade	rubia@brasilarqueologico.com.br
Arqueóloga Responsável pelo laboratório:	Ma. Eleonôra Guerra	eleonora.guerra@brasilarqueologico.com.br
Historiador	Dr. George Cabral	georgecabral@yahoo.com

DATA

Janeiro de 2014

ENCAMINHADO À:

Superintendência do IPHAN em Pernambuco; PRODETUR; Gabinete de Arqueologia do Distrito Estadual de Fernando de Noronha; e BR Construções.

D.O.U. Nº 151, de 9 de agosto de 2010. Portaria IPHAN Nº 20, de 6 de agosto de 2010.

Processo:	IPHAN nº 01498.000583/2010-77
Projeto:	Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco.
Arqueólogo Coordenador:	Marcos Albuquerque
Apoio Institucional:	Laboratório de Arqueologia de Universidade Federal de Pernambuco
Área de Abrangência:	Distrito Estadual de Fernando de Noronha, no Estado de Pernambuco.
Prazo de Validade:	06 (seis) meses
Renovação:	D.O.U. Nº 55, de 20 de março de 2012. Portaria Nº 7 de 19 de março de 2012 IPHAN
Prazo de Validade:	06 meses

Índice figuras

Figura 1- Imagem de satélite com indicação das áreas contidas no Projeto. 22
Figura 2 – Foto do Armazém de Cereais do arquivo de Genaro Pinheiro, filho do comandante do Presídio no período de 1924/1930. 43
Figura 3- Em 1938, o prédio do Armazém de Cereais apresentava platibanda. 43
Figura 4 - Parte do prédio foi restaurada em 1990. 44
Figura 5 - Fachada da igreja de Nossa Senhora dos Remédios. 48
Figura 6 - Área interna da igreja com vista para o altar-mor. 49
Figura 7 - Área interna da igreja onde é possível observar o coro. 49
Figura 8 - Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios. 50
Figura 9- Portão de acesso à Fortaleza. Trânsito retilíneo. 50
Figura 10- Panorâmica das dependências internas do Forte. 50
Figura 11 - Paiol de pólvora. 50
Figura 12 - Local onde funcionou a Capela do Forte, onde é possível observar o desabamento da parede frontal. 50
Figura 13 - Ruínas do Forte da Conceição. 51
Figura 14 - Placa informativa contendo planta do Forte. 51
Figura 15 - Canhão em péssimo estado de conservação abandonado entre as ruínas. 51
Figura 16 - Estrutura em Pedra acomodando caixas d'águas. 51
Figura 17- Situação das ruínas do Forte da Conceição. 52
Figura 18- Panorâmica da área onde estão situados os vestígios do Forte de São João Batista. 53
Figura 19- Vestígios de estrutura em pedras. 53
Figura 20- Canhão localizado na área. 53
Figura 21- Panorâmica da baía doa partir da Forte de Sueste. 54
Figura 22- Os canhões estão bastante deteriorados. 54
Figura 23- Canhão apoiado sobre vestígio de estrutura do Forte. 54
Figura 24- Material construtivo entulhado nas proximidades das ruínas do Forte. 54
Figura 25- Projétil de ferro localizado no interior de um dos canhões. 54
Figura 26 - Forte São Pedro do Boldró. 55
Figura 27- Parte da muralha do Forte do Boldró onde é possível observar as canhoneiras. 56
Figura 28 - Estrutura quadrangular localizada na parte interna do Forte. 56
Figura 29- Panorâmica das ruínas do Forte do Boldró. 56
Figura 30- Detalhe da muralha e de uma das dependências do Forte. 56
Figura 31- Panorâmica da área de localização do Fortaleza de Santo Antônio, próximo ao Porto de Santo Antônio. 57
Figura 32- Canhão documentado no local. 57
Figura 33- Vestígios de paredes em pedras com aberturas em arco. 57
Figura 34 - Panorâmica da área do Reduto Sant' Anna. 58
Figura 35 - Ruínas das dependências internas do Reduto. 58
Figura 36 - Baluarte do Reduto Sant'Anna, onde atualmente funciona o Bar do Cachorro. 58
Figura 37- Panorâmica da Ilha secundária (Ilha Rasa) onde estão localizadas as ruínas da Fortaleza São José do Morro. 59
Figura 38- Vestígios de estruturas identificadas na área. 59
Figura 39- Restos de paredes com aberturas em arco. 59
Figura 40- Um dos canhões identificados na área. 60
Figura 41- Vista do Forte em direção à Ilha Principal, ponta da Air France. 60
Figura 42 - Ruínas do Armazém Agrícola. 60
Figura 43- Fachada do Armazém Agrícola. 61

Figura 44- Local do Forte Bom Jesus do Leão. 62
Figura 45- Pedras indicando vestígio de estrutura. 62
Figura 46- Canhão identificado na área. 62
Figura 47 - Frontão da Aldeia dos Sentenciados. 63
Figura 48 - Detalhe da Platibanda do edifício. 63
Figura 49 - Detalhe da janela. 63
Figura 50 - Cômodo do edifício. Observa-se a ausência do telhado. 63
Figura 51- Local onde existiram as oficinas do presídio, entre a Aldeia dos Sentenciados e o Palácio São Miguel. 64
Figura 52- Vista das ruínas de edificação ao lado do prédio do Memorial Noronhense. 64
Figura 53- Ruínas da edificação. 64
Figura 54- Fachada do Memorial Noronhense. 65
Figura 55- Parte detrás da edificação do Memorial Noronhense. 65
Figura 56- Residência do Funcionário do Presídio II. 65
Figura 57- A Bica Pública de Porto de Pedras - AL, inclui uma Casa de Banho, com cômodos separados para homens e mulheres. 74
Figura 58- A estrutura do chafariz é próxima porem apartada. 74
Figura 59 – O abastecimento do chafariz é isolado, com as águas transportadas em um aqueduto. 75
Figura 60 - O sistema de esgotamento das águas servidas se faz através de canaletas. 75
Figura 61 - O local de banho das mulheres, mais discreto, inclui uma bica para lavagem de roupa. 75
Figura 62 – Panorâmica da Bica de São Jose, SC, construída em 1840 e reformada em 1940. 76
Figura 63 – Embora a área disponha de água corrente à superfície, um depósito (cacimba?) coberto em abóbada, garante o abastecimento com água limpa. 76
Figura 64 – Já em desuso, assoreado, um conjunto de lavanderias públicas, reflete uma reforma havida na segunda metade do século XX. 76
Figura 65 – Cacimba, com a coberta em abóbada, vista de montante. 77
Figura 66 - Degraus em pedra constituem o acesso à área de banho. Acima, à esquerda a cacimba coberta. A vegetação que medra entre os tijolos impede a visualização do arco onde se dispõe a comporta. 77
Figura 67- Situação da área da Cacimba antes do início da pesquisa. 78
Figura 68 - Lavanderia instalada na década de 70. 79
Figura 69 - Utilização da área por moradores da Ilha. 79
Figura 70 - Avaliação da área das ruínas. 79
Figura 71 – Demarcação e identificação dos cortes. 80
Figura 72 - Perfil do terreno expondo os sequentes depósitos. 80
Figura 73 – Transporte no lombo de burros. 81
Figura 74 - Aro de barril, localizado durante a escavação arqueológica. 81
Figura 75 - Detalhe do aro de barril sobre parte de uma lanterna de pilhas, em plástico, provavelmente dos anos 60/70. 81
Figura 76- Coleção das embalagens de dentifrícios mais comuns. 82
Figura 77 - Camada de pedras sobre (e de permeio) areia. 84
Figura 78 - Camada constituída por pedras de permeio com argila escura com resíduos de cal. 85
Figura 79 - Detalhe de uma das paredes em pedra rejuntadas com argila, podendo se observar ainda o reboco lateral. 85
Figura 80- Piso em pedras localizado na abertura lateral da cacimba. 93
Figura 81 - Vista do interior da cacimba onde se observam as marcas do acréscimo na parede. 93
Figura 82 - Detalhe do interior da cacimba. 94
Figura 83 - Desmoronamento no interior da cacimba. 94

Figura 84 - Observe-se a descontinuidade da parede, abaixo da linha d'água..... 94
Figura 85 - Superfície externa já desmoronando. 95
Figura 86 - Parede 5A. 95
Figura 87 - Detalhe do corte na parede 5A, onde se observa o reboco antigo que cobria o topo da mureta, evidenciando sua altura à época. 95
Figura 88 - Limpeza da estrutura, expondo o contato, que evidencia os dois momentos. 95
Figura 89 - Estrutura 12. 96
Figura 90 - Feição atual da parede 12, onde se abre o arco. 96
Figura 91 - Detalhe do arco atual, vista externa. 96
Figura 92 - Arco de acesso visto do interior da cacimba. Observe-se a cota do antigo piso e toda a estrutura aposta sobre ele. Vê-se ainda a área da parede da cacimba atingida pela adaptação. 96
Figura 93 – Sob a água uma estrutura ainda não estudada, que sugere uma sequência de dois batentes. 97
Figura 94 – Vista panorâmica, onde se observa em primeiro plano o possível caminho, já truncado. 97
Figura 95 - Detalhe do caminho. 97
Figura 96 - Paredes 6 e 14. 100
Figura 97- Detalhe da justaposição (sem amarração) das duas estruturas. 100
Figura 98 - Vista da estrada do Forte, onde se observa o ponto de contato com a estrutura 6. 100
Figura 99 - Vista de parte da estrutura 6, vendo-se a "amarração" da 34. 101
Figura 100 – Detalhe do contato entre 5A e 5B. 104
Figura 101 - parede 5b. 104
Figura 102 - Ainda se podem observar vestígios do reboco que capeava a parede. 104
Figura 103- Parede 17. 105
Figura 104 - Parede 15. 105
Figura 105 - Sala de banho. 105
Figura 106 - Observe-se que o encaixe da grade na parede 15 não atinge o piso. 105
Figura 107 - Depósito de água. 105
Figura 108 - Detalhe da face externa da cacimba, onde a queda do reboco deixou exposto o segmento acrescido. 106
Figura 109 - Vista interna da cacimba, revelando alterações. 106
Figura 110 - Vista interna da parede 5b com abertura para ventilação. 106
Figura 111 - Detalhe do respiradouro na face interna. 107
Figura 112 - Vista externa da parede 5 onde se observa a abertura em triângulo para ventilação do cômodo. 107
Figura 113 - Bloco de argamassa de alvenaria que fixava a linha de cumeeira, resgatada pela pesquisa. 107
Figura 114 - Os reparos na parede 6 sugerem a presença de uma marca da antiga empena. 107
Figura 115 - Estrutura 18. 108
Figura 116- Ruína de uma caixa d'água existente no conjunto do Forte de Sant'Anna - FN, cuja base é semelhante à estrutura 18. 108
Figura 117- Quadrado em pedra, escavado em seu interior (estrutura 18). 108
Figura 118 - Detalhe do tanque na Foto anterior, onde se observa resto do cano de saída d'água. 108
Figura 119 – Estrutura em tijolos e cimento, justaposta às paredes da sala de banho. 112
Figura 120 - Estrutura 26. 112
Figura 121 - Detalhe do sistema para esgotamento. 112
Figura 122- Canaleta para escoamento da água do tanque. 112
Figura 123 - Canaleta de esgotamento. 112

Figura 124 - Estruturas em tijolos e argamassa de cal, justapostas à base do tanque. 113
Figura 125 - Estrutura 27. 113
Figura 126 - Área de banho, com piso em cimento. 113
Figura 127 - Piso em tijolos rejuntados com cimento, até a valeta. 113
Figura 128 – Piso em pedras rejuntadas com barro, no entorno da cacimba. 114
Figura 129 - Manilha que atravessa o muro (14) e segue na vertical até desaguar na canaleta. 114
Figura 130 - Canaleta que despeja no riacho. 114
Figura 131 - Estrutura 24. 115
Figura 132 - Saída d'água (jusante) sob o pontilhão, disciplinado dor muro de pedras. 115
Figura 133 - Leito do riacho calçado com pedras, exposto pela escavação arqueológica. 115
Figura 134 - Estrada do Forte, a seu pé a área da casa de banho coberta por árvores. (1924). 119
Figura 135 – Vista panorâmica ao pé da Estrada do Forte, mostra indicações de uso da área de uso agrícola (latada) da área. 119
Figura 136 - Base da bomba elétrica instalada junto à cacimba. 120
Figura 137 – Detalhe da inserção de tijolos extrudados no corpo da cacimba. 120
Figura 138 – Inserção de tijolo extrudado, sobre o remanescente de uma laje de concreto, que provavelmente cobria a cacimba. 120
Figura 139 – Topo da cacimba refeito após retirada da laje 121
Figura 140 – Retângulo fechando a entrada lateral da cacimba, de modo a impedir o acesso das águas de enxurrada. 121
Figura 141 - Detalhe da estrutura à entrada lateral da cacimba, mostrando o desnível entre a superfície atual e a antiga superfície. 121
Figura 142 - Área do entulho removida em 2011 (em amarelo). 124
Figura 143 - Continuação da remoção do entulho. 124
Figura 144 - Perfil estratigráfico do entulho existente no interior da Casa de Banho. 125
Figura 145 - Detalhe do perfil onde é possível observar um solado de sapato de borracha 125
Figura 146 - Vestígios do tanque de lavar roupas. 125
Figura 147 - Detalhe das bases do tanque onde é possível observar a diferença de cota entre o piso da última feição da Casa de Banho e a superfície onde foi edificado o tanque de lavar roupas. 125
Figura 148 - Exposição das raízes do Mulungu. 126
Figura 149 - Remoção das raízes do Mulungu. 126
Figura 150 - Piso e Caixa D'água da quarta e última feição da Casa de Banho. 127
Figura 151 - Situação da Casa de Banho após a remoção do entulho. 127
Figura 152 - Área do 'Armazém de Cereais', incorporando provavelmente um baluarte do Forte de Santo Antônio. 135
Figura 153 - Detalhe da legenda da Planta. 135
Figura 154 - Detalhe da área do Armazém de Cereais no Projeto Paisagístico. 136
Figura 155 - Panorâmica da Praça do Cruzeiro com a área do Armazém em segundo plano. 136
Figura 156- Panorâmica da área cimentada antes do início das escavações arqueológicas. 137
Figura 157- Identificação das áreas trabalhadas no Armazém de cereais. 137
Figura 158 - Demarcação dos cortes e identificação. 138
Figura 159 - Primeiros cortes e trincheiras realizadas na área. 138
Figura 160 - Panorâmica do conjunto de cortes realizados. 139
Figura 161 - Contra piso em pedras rejuntadas com cimento Portland. 139
Figura 162 - Perfil do terreno expondo os sequentes depósitos. Sob a camada abaixo, garrafa de vidro, industrializada 139

Figura 163 - Presença de garrafa pet de permeio com a camada de areia, sob as pedras do contra piso. 140
Figura 164 - alicerce em pedras, rejuntadas com argamassa de barro. 140
Figura 165 - Alicerce em tijolos extrudados..... 141
Figura 166 - Largos alicerces em pedra rejuntadas com barro. 141
Figura 167 - Observe-se que as linhas do alicerce estão justapostas e não ‘amarradas'. 141
Figura 168 - A largura das bases varia entre 80 a 120 cm..... 142
Figura 169 – Escavação aprofundada no interior das estruturas revelando o aterro aí utilizado..... 142
Figura 170- Identificação de piso e de reboco..... 143
Figura 171- Piso e paredes (mais finas e com material recente) identificados na Área 01..... 143
Figura 172- Detalhe da utilização de tijolos de furos. 143
Figura 173 - Alicerces identificados após a remoção do piso cimentado. 143
Figura 174- Alinhamento posterior não compatível com a edificação existente..... 144
Figura 175 - Abertura de corte-teste para avaliar a continuidade ou não da estrutura. 144
Figura 176- Continuidade do alicerce identificado na parte cimentada. 144
Figura 177 - Demarcação dos cortes e identificação. 146
Figura 178 - Trincheira aberta inicialmente na área 02. 146
Figura 179 - Piso em diferentes patamares identificados após escavação da trincheira. 146
Figura 180- Panorâmica da área 02 após a escavação. 147
Figura 181- Detalhe do banheiro e escada de acesso à parte posterior da casa voltada para o Riacho Mulungu..... 147
Figura 182- Detalhe dos cômodos da unidade residencial..... 147
Figura 183- Alinhamento dos alicerces das fachadas do Armazém atual, bem como o das áreas 01 e 02, que foram escavadas..... 148
Figura 184- Marca de piche no limite de cômodo da área 02. 148
Figura 185- Abertura de janela. 149
Figura 186 - Marcação do recuo da janela e do piso da sala. 149
Figura 187- Detalhe do piso da unidade residencial. 149
Figura 188- Trincheira aberta na área não cimentada. 150
Figura 189 – Trincheira que expõe do lado direito a parede de pedras. 150
Figura 190 - Detalhe da parede de pedras, já na baixada, bastante danificada. 150
Figura 191 – Detalhe da imagem anterior, enfatizando a construção em pedras. 150
Figura 192 – Detalhe do entulho, onde se observa restos de sacos de ráfia..... 151
Figura 193- Detalhe da escada e parede identificadas na parte posterior da edificação. 151
Figura 194- Continuação da parede de pedras. 151
Figura 195- Parte posterior da escavação da área 02. 151
Figura 196- Localização da parede de pedra (área 02). 152
Figura 197- Intervenções realizadas pela Compesa para implantação de tubulação.152
Figura 198- Identificação de trecho de parede edificada com pedras. 153
Figura 199- Detalhe do final da parede onde é possível observar o encaixe para a porta..... 153
Figura 200 - Panorâmica da escavação, onde se vê o posicionamento da 'sala de banho'. 154
Figura 201 - Detalhe da 'sala de banho', com a banheira, local de banho de chuveiro e vaso sanitário. Observe-se a falta do bidê, peça comum à época. 154
Figura 202 - Observe-se o assentamento embutido da banheira, o que não exclui a possibilidade de originalmente ter sido de pé, mas reaproveitada embutida. 155
Figura 203 - Detalhe do desgaste na área no entorno do ralo. 155

Figura 204 - Detalhe da área onde seria a entrada de água encanada, que se encontra fechada com cimento..... 155
Figura 205- Marcas de tonel ou barril no piso do banheiro, próximo à banheira. 156
Figura 206 - Detalhe da marca de tonel. 156
Figura 207 – Cômodo com a tijoleira original capeada com cimento. 156
Figura 208 – O capeamento se estendendo pela porta principal da casa. 156
Figura 209- Marcação de corte-teste no cômodo de acesso a unidade residencial. . 157
Figura 210- Remoção do piso cimentado, onde foi identificado um piso ou contra piso de pedras. 157
Figura 211- Localização do segundo corte teste realizado no cômodo ao lado da entrada..... 157
Figura 212- Paredes identificadas abaixo da tijoleira, bem como piso ou contra piso de pequenos seixos rolados. 157
Figura 213- Intervenções realizadas no Armazém de Cerais após a pesquisa arqueológica. 158
Figura 214- Preparação dos alicerces para início da construção de nova edificação no local. 158
Figura 215- Trincheira onde foi identificado o limite da edificação e o piso em pedra de antiga estrada. 167
Figura 216 – Observe-se que o piso externo se mostra rampeado, em direção ao riacho. 167
Figura 217 – Trincheira escavada expôs a antiga via. Observa-se um cano da COMPESA, que teria atingido a estrutura, quando já aterrada. 168
Figura 218- Corte realizado paralelo ao limite da edificação, perpendicular a primeira trincheira, para avaliação da continuidade do piso..... 168
Figura 219 - Verificou-se a continuidade do piso em direção ao pátio da igreja e em direção ao Riacho Mulungu. 168
Figura 220 – Vila dos Remédios. Foto da Coleção Lacoste - 1924. 168
Figura 221- Imagem do Porto do Cachorro na década de 1930. (Fonte: SILVA, 2007, p. 115)..... 169
Figura 222 - Detalhe da foto de Lacoste de 1924. 169
Figura 223- Acúmulo de sedimento na trincheira onde foi identificada à Estrada do Porto do Cachorro. 170
Figura 224- Água acumulada no interior da trincheira..... 170
Figura 225- Aterro de parte da estrada velha do Porto do Cachorro com auxílio de trator. 170
Figura 226 - Observe-se que a estrutura entre as raízes de mulungu alinha com o local onde existiu a lateral da casa, deixando à esquerda o Memorial Noronhense. 171
Figura 227 – Detalhe da estrutura. 171
Figura 228- Situação da estrutura antes do início das atividades de arqueologia. 174
Figura 229- Panorâmica da área após limpeza, onde é possível observar estrutura não identificada..... 175
Figura 230- Parte superior da estrutura..... 175
Figura 231 - Situação da área após limpeza. 175
Figura 232 - Observa-se estrutura quadrangular seguida de cômodo retangular. Ao fundo, pode-se observar a área assoreada do Riacho Mulungu. 175
Figura 233- Início das escavações na lateral da estrutura. 176
Figura 234 - Rebaixamento da estrutura quadrangular. 176
Figura 235 - Perfil do conteúdo interno do entulho do cômodo. 176
Figura 236 - Cano de ferro localizado no interior do cômodo quadrangular. 177
Figura 237 - Produtos de plástico localizados na camada 03. Entre eles cartão telefônico da Telemar, datado a partir de 1999 (ano da criação da empresa) 178
Figura 238- Produtos de plástico de diferentes categorias funcionais. 178
Figura 239- Recipientes de vidro localizados no interior da estrutura. 178

Figura 240- Continuação dos recipientes em vidro, entre eles, ampolas lacradas contendo substância incolor. 178
Figura 241 - Material em faiança fina e em porcelana relacionado a serviço de mesa. Entre elas xícara fragmentada da marca Pozzani Jundiaí, possivelmente do 2º quartel do século XIX..... 179
Figura 242 - Material hidro sanitário. 179
Figura 243 - Conjunto de telhas de cerâmica manuais e industriais. 179
Figura 244 - Telhas de amianto também foram localizadas no entulho, o consumo dessas telhas no Brasil popularizou-se a partir da década de 1950. 179
Figura 245 - Tipos de tijolos de cerâmica. 180
Figura 246 - Tijolos em pedra localizados durante as escavações na área. 180
Figura 247 - Detalhe da utilização do tijolo de pedra utilizado na edificação (fossa). (Acervo LA/UFPE 2011). 180
Figura 248 - Formação Caracas na baía do Sueste em Fernando de Noronha. 181
Figura 249 - Fragmentos de rochas da formação Caracas. 181
Figura 250 - Arcos edificados com tijolos na parte de trás do altar-mor da Igreja de N. S. dos Remédios. (Acervo LA/UFPE 2011). 182
Figura 251 - Detalhe de um dos arcos onde é possível observar a utilização de tijolos de cerâmica e de pedra. 182
Figura 252 - Detalhe dos tijolos em pedra da Formação Caracas. 182
Figura 253 - Observa-se a utilização de fragmentos de telha na parede onde se encontra o cano. 182
Figura 254- Estrutura quadrangular após a remoção do entulho. 183
Figura 255 - Situação do cômodo durante remoção do entulho acumulado em seu interior. 184
Figura 256 - Detalhe do encaixe da porta. 184
Figura 257 - Orifício existente na parede oposta à da porta. 184
Figura 258 - A abertura da porta apresenta 67 cm de largura. 184
Figura 259 - Amarração dos tijolos com a parede de pedra. 185
Figura 260 - Marcas de utilização de pregos na parede. Ainda localizou-se um prego fixado na parede. 185
Figura 261 - Revestimento do piso do cômodo. (Acervo LA/UFPE 2011). 185
Figura 262 - Marcas quadrangulares localizadas no piso. (Acervo LA/UFPE 2011).. 185
Figura 263 - Localização de vestígios de degraus próximos à Porta da estrutura retangular..... 185
Figura 264 - Panorâmica das escavações na lateral da estrutura. (Acervo LA/UFPE 2011)..... 186
Figura 265 - Escadaria localizada na lateral da estrutura após remoção de entulho. (Acervo LA/UFPE 2011). 186
Figura 266 - Material proveniente da escavação da lateral da estrutura. 187
Figura 267 - Panorâmica da estrutura após escavações. Observa-se, em primeiro plano, estrutura de banheiro. 188
Figura 268 - Piso de banheiro localizado. 188
Figura 269 - Observa-se como era realizada a evacuação dos dejetos para a fossa, através de cano de ferro. 188
Figura 270 - Fragmentos de ladrilho hidráulico utilizados no piso do banheiro. 189
Figura 271 - Utilização de tijolos em pedra e cerâmica na parede do banheiro. 189
Figura 272 - Panorâmica da estrutura após as escavações. 190
Figura 273 - Vila dos Remédios nos anos 30. 190
Figura 274 - Detalhe de fotografia de 1938 da área do Armazém de Cereais. Acervo ADEFN..... 191
Figura 275- Ruínas do Reduto Sant' Anna com indicação da área pesquisada. 199
Figura 276- Área interna do Baluarte onde é possível observar estruturas do Bar do Cachorro. 199
Figura 277- Limite do Baluarte. 199

Figura 278- Baluarte do Reduto Sant'Anna onde hoje funciona o Bar do Cachorro. . 200
Figura 279- Traçado da muralha do baluarte. 200
Figura 280- Muralha do Reduto Sant' Anna, onde foi possível verificar vestígios de estrutura em pedra. 200
Figura 281- Ruínas identificadas no local..... 200
Figura 282- Panorâmica da área. 200
Figura 283- Área com concentração de pedras, possível desmoronamento. 201
Figura 284- Vestígios de edificação. 201
Figura 285- Área onde foi escavada a primeira trincheira. 202
Figura 286- Início de limpeza na área. 202
Figura 287- Área após a remoção da vegetação. 202
Figura 288- Indicação das áreas escavadas durante pesquisa na área do "baluarte". Fonte: Planta Baixa Setor 1 do Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios, no entorno do Forte de Sant' Anna e Jardim Elizabeth. Luiz Vieira Arquitetura de Paisagem, Julho de 2002. Detalhe da Planta modificado em 2012 para fins de identificação das áreas de intervenção arqueológica. 203
Figura 289- Identificação das áreas de intervenções arqueológicas no "Baluarte" do Reduto Sant' Anna..... 203
Figura 290- Marcação do primeiro corte na área. O corte recebeu o número 250, em continuidade aos demais cortes realizados durante o Projeto. 204
Figura 291- Corte próximo a muralha do baluarte do Reduto Sant' Anna..... 204
Figura 292- Planta-baixa do corte 250, onde é possível observar afloramos rochosos do local e seixos rolados frutos de transporte. 204
Figura 293- Material coletado na camada superficial do corte 250. 205
Figura 294- Fragmento de faiança fina com cronologia do século XIX, encontrada no corte 250..... 205
Figura 295- Corte 250 após a escavação. Observam-se afloramentos rochosos..... 205
Figura 296- Panorâmica dos cortes 250 e 251..... 206
Figura 297- Perfil do Corte 251 onde é possível observar camadas de aterro com presença de seixos rolados. 206
Figura 298- Panorâmica do corte 253. A seta amarela indica a localização do projétil de canhão. 206
Figura 299- Projétil esférico em ferro para o disparo de canhão de carga avante (nº de reg. 5605). 206
Figura 300- Panorâmica do local da placa de concreto decorada com seixos rolados. 207
Figura 301- Após a remoção da placa não foi identificada nenhuma estrutura. 207
Figura 302- Marca de vaso sanitário identificada em área cimentada, de forma retangular, edificada junto à placa de concreto. 207
Figura 303- Conjunto de cortes escavados. 208
Figura 304- Panorâmica da área em relação ao baluarte existente (Bar do cachorro). 208
Figura 305- Avaliação da área escavada. 208
Figura 306- Seta indicando área de escavação visando identificação de trecho da muralha. 209
Figura 307- Dimensões da estrutura identificada na Área 02. 210
Figura 308- Panorâmica da estrutura localizada durante escavações na área 02..... 211
Figura 309- Cano evidenciando intervenções recentes no terreno (Área 02). 211
Figura 310- Ao fundo da imagem, mulungu no limite da área escavada. 211
Figura 311- Expectativa do traçado de uma possível muralha, não identificada durante as intervenções na área. 212
Figura 312- Panorâmica do local do corte no lado oposto ao Mulungu. 212
Figura 313- Detalhe de um dos cortes realizados. 212
Figura 314- Detalhe de área da estrutura no canto direito da imagem (Área 03 do Baluarte). 213

Figura 315- Remoção da vegetação da área. 214
Figura 316- Situação da Área 03 após a remoção da vegetação. 214
Figura 317- Início da remoção do sedimento e pedras soltas. 214
Figura 318- Localização dos limites das estruturas. Paredes edificadas com pedras. 214
Figura 319- Situação da Área 03 do Baluarte após a remoção do entulho. 215
Figura 320- Panorâmica da Área 03, onde é possível observar a localização da estrutura em relação ao baluarte existente do Reduto de Sant' Anna (Bar do Cachorro). 215
Figura 321- Na lateral da estrutura foi identificada abertura retangular na estrutura de pedras. 215
Figura 322- Detalhe da abertura onde é possível observar varões de ferro quadrangulares na base da mesma. 215
Figura 323- Piso da estrutura. 215
Figura 324- Observa-se que a raiz de uma planta danificou parte do piso da estrutura. 215
Figura 325- No piso da estrutura observou-se a existência de varões de ferro, similares ao da base da abertura retangular existente na lateral voltada para encosta e para o mar 216
Figura 326- Início da escavação no piso da estrutura. 216
Figura 327- Remoção do entulho da área. 216
Figura 328- Continuação do rebaixamento. 217
Figura 329- Com a remoção do entulho foi possível observar-se a ligação entre a abertura no piso e a abertura retangular da lateral da estrutura voltada para encosta. 217
Figura 330- Situação da estrutura após a escavação. 217
Figura 331- Situação da área após escavação. 217
Figura 332- Ligação entre as aberturas localizadas no piso e lateral da estrutura. 217
Figura 333- Detalhe da abertura 217
Figura 334- Após remoção do entulho da abertura, observou-se uma linha de tijoleira indicando piso em cota mais baixa que a da referida abertura, possivelmente contemporâneo. 218
Figura 335- Panorâmica da área após as intervenções arqueológicas 218
Figura 336- Área 03 com vista para Área 01. 219
Figura 337- Escavação de trincheira entre a área 01 e 03 219
Figura 338- Acesso da sentina do Forte São Jorge dos Oitavos, em Lisboa, Portugal, integrada à muralha do terrapleno 219
Figura 339- Detalhe do interior da sentina onde se vê o "assento" em cota mais alta que o piso rebaixado e com uma canaleta de escoamento das águas pluviais que vinham do terrapleno, indo desaguar no vão de escoamento dos dejetos. 219
Figura 340- Detalhe da trincheira aberta entre a área 01 e 03 220
Figura 341- Com a escavação da trincheira foi possível observar a existência de afloramentos rochosos locais sem vestígios de intervenções antrópicas. 220
Figura 342- Panorâmica da área 04 do Baluarte durante as intervenções arqueológicas. 222
Figura 343- Setores identificados após a escavação da Área 04. 222
Figura 344- O piso do setor (b) encontrava-se revestido com tijolos batidos. 223
Figura 345- Detalhe dos tijolos batidos. 223
Figura 346- Detalhe da lateral da estrutura identificada na área 04 223
Figura 347- Panorâmica da área 04 após as escavações. 224
Figura 348- Vista das escavações no setor (c) da estrutura. 224
Figura 349- Vista da escavação no setor (c); observe-se a profundidade da estrutura. 224
Figura 350- Panorâmica do local após a remoção do entulho. 225
Figura 351- Revestimento interno das paredes do setor (c). 225

Figura 352- Abertura de trincheira entre a área 04 e 03. 225
Figura 353- Afloramentos rochosos identificados. 225
Figura 354 - Em 1938 o prédio onde funcionava o Armazém passou a abrigar a “garage do presídio” e recebeu uma platibanda. No ângulo inferior esquerdo (acima do telhado do Armazém) na imagem observa-se o baluarte. 228
Figura 355 - Detalhe da foto anterior, datada de 1938, onde é possível observar duas edificações na área do baluarte. 229
Figura 356- Detalhe da imagem do Armazém de Cereais e Baluarte do Reduto Sant’ Anna, data não informada. 230
Figura 357- Vista do Baluarte do Reduto Sant'Ana (a partir da Praia do Cachorro), onde é possível observar no ângulo superior esquerdo da imagem, uma edificação que corresponde àquela da área 03 do Baluarte. A imagem retrata o desembarque no Porto do Cachorro, sem referência de data. 231
Figura 358- Detalhe de imagem de 1924. 232
Figura 359- Vila dos Remédios 1938., tomada possivelmente do Forte dos Remédios, vendo-se a área posterior do Armazém. 232
Figura 360- Detalhe da imagem 1938. 233
Figura 361- Detalhe da imagem de 1943. 233
Figura 362- Panorâmica da Ponte do Riacho Mulungu, nas proximidades da Casa de Banho. 234
Figura 363- Situação da área antes da escavação. 235
Figura 364- Abaixo da ponte era possível observar grande quantidade de pedras. .. 235
Figura 365- Início das atividades na área da Ponte. 235
Figura 366- Remoção do material acumulado no leito do Riacho Mulungu. 235
Figura 367- Detalhe da camada removida durante as escavações. 235
Figura 368- Revestimento com lajes de pedra local identificado após a remoção do material. 235
Figura 369- Situação da área sob a ponte na estrada de acesso a Fortaleza de N. S. dos Remédios após a remoção do entulho. 236
Figura 370- Área da Ponte do Riacho Mulungu durante período chuvoso. 236
Figura 371- Sedimento acumulado no local após fortes chuvas. 236
Figura 372- Desobstrução do leito do Riacho Mulungu. 237
Figura 373- Leito do riacho desassoreado. 237
Figura 374- Riacho desassoreado, onde é possível observar mureta de contenção edificada pela BR Construções. 238
Figura 375- Situação da área após chuva em 22/01/2011, período anterior à construção da mureta. 238
Figura 376- Situação da área após chuva em 21/05/2011, com mureta já edificada. 238
Figura 377- Trecho danificado da estrada de acesso ao Forte dos Remédios. 239
Figura 378- Reparo na parede entre a Casa de Banho e a estrada do Forte dos Remédios. 239
Figura 379- Identificação de vestígios de estruturas nas proximidades do Riacho Mulungu. 241
Figura 380-Simulação da área da estrada. 241
Figura 381- Vestígios do pontilhão da antiga estrada do Porto do Cachorro, identificada no Riacho Mulungu. 242
Figura 382- Preparação da área para o início das escavações. 243
Figura 383- Panorâmica da área escavada a partir do Riacho Mulungu. 243
Figura 384- Ilhota no Riacho Mulungu, que será acessada a partir da plataforma. ... 243
Figura 385- Estruturas contíguas aos alicerces do Armazém de Cereais, identificadas durante o monitoramento da área: (1) Estrutura quadrangular com saída para escoamento de água; (2) Vestígio de parede em pedras e acesso para o patamar do Armazém de cereais; (3) Vestígio de piso revestido com tijoleira e vestígio de parede em pedra. 244
Figura 386- Furo na área externa da estrutura (1). 245

Figura 387- Vista do furo (saída para escoamento de água) a partir da área interna.245
Figura 388- Cano de ferro identificado por baixo da estrutura em direção ao Riacho Mulungu. 245
Figura 389- Detalhe do contrapiso de seixos rolados. 245
Figura 390- Acesso identificado entre vestígios de parede em pedras. Ainda foi possível observar cano de ferro por baixo do acesso. 246
Figura 391- O monitoramento da área onde será edificada a plataforma permitiu identificar a continuidade de parede em pedra contígua ao alicerce do Armazém de cereais. 246
Figura 392- Paralela à parede anterior foi identificada outra parede de menor espessura. 247
Figura 393- Vestígio de piso identificado durante a escavação de área por detrás dos alicerces do Armazém de Cereais. 248
Figura 394- Vestígio de parede em pedra identificada próxima ao piso de tijoleira. .. 248
Figura 395- Vestígios identificados durante as escavações da área onde será edificada a plataforma. 249
Figura 396- Moeda de 50 cruzeiros de 1983. 249
Figura 397- Detalhes de diferentes tipos de tampa de garrafa de plástico. 249
Figura 398- Esclarecimento aos funcionários da BR Construções sobre Arqueologia. 365
Figura 399- Visitas guiadas às escavações arqueológicas. 365
Figura 400- Exposição do material arqueológico. 365
Figura 401- Exposição de banners sobre História da Ilha. 365
Figura 402- Reportagem da TV Golfinho. 365
Figura 403- Turistas e moradores em visita à exposição do material arqueológico... 365
Figura 404- Assinatura do livro de visita à escavação. 366
Figura 405- Detalhe do livro com assinaturas. 366
Figura 406- Aula de campo para alunos da Escola Arquipélago. 366
Figura 407- Exposição do material arqueológico. 366
Figura 408- Visita à Casa de Banho. 366
Figura 409- Visita às estruturas na área do Armazém de Cereais. 366
Figura 410- Oficina realizada por Mirian Cazzetta com simulação de uma escavação arqueológica onde as crianças puderam vivenciar o ofício do arqueólogo. 367
Figura 411- Aula de matemática em campo. 367
Figura 412- Desenho realizado por criança da Escola Arquipélago após as atividades de campo. No desenho Forte de Nossa Senhora dos Remédios. 367
Figura 413- Desenho das escavações arqueológicas. 367
Figura 414- Palestra realizada no auditório do Tamar. 367
Figura 415- Apresentação do Projeto de Arqueologia aos membros do Conselho Distrital de Turismo. 367

SUMÁRIO

Apresentação 19
Introdução 20
Caracterização e Localização do Empreendimento 21
Identificação do Contratante 21
Identificação do Empreendimento 21
Área de Abrangência 22
Área de Abrangência do Projeto 22
Mapa de localização da área do Projeto 24
Planta do Projeto de Luiz Vieira com delimitação das áreas de intervenções arqueológicas 26
Identificação do Patrimônio Histórico e Cultural 28
Caracterização do Arquipélago de Fernando de Noronha 28
Localização e aspectos geográficos 28
Aspectos Históricos 29
Principais estruturas na Ilha 35
Patrimônio Arqueológico 48
Mapa de localização dos sítios arqueológicos cadastrados no CNSA/IPHAN 66
A Pesquisa Arqueológica 68
Metodologia 68
Casa de Banho (FN0001 LA/UFPE) 70
Mapa de localização da Casa de Banho 71
Estado do local antes do início da pesquisa 78
Escavação arqueológica da área da Casa de Banho 80
Estruturas localizadas 86
Planta das estruturas localizadas, com referenciamento numérico da pesquisa arqueológica 87
A feição primitiva 93
Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 1 98
A segunda feição – (possivelmente primeira metade do XIX) 100
Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 2 102
A terceira feição – (provavelmente segunda metade do XIX) 104
Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 3 110
A quarta e última feição da Casa de Banho – (provavelmente primeira metade do XX) 112
Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 4 117
Reincorporação da área ao uso público – a lavanderia pública – (segunda metade do XX) 119

Reconstituição da distribuição das estruturas identificadas na Casa de Banho com os vestígios de seu uso como lavanderia pública (segunda metade do XX) 122
Finalização das atividades de pesquisa..... 124
Considerações relativas à área da Casa de Banho..... 129
Distribuição geral das estruturas identificadas na Casa de Banho 130
Armazém de Cereais (FN0002 LA/UFPE)..... 132
Mapa de localização do Armazém de Cereais..... 133
Estado do local antes do início da pesquisa. 136
Nomenclatura utilizada para pesquisa na área do Armazém de Cereais 137
Escavação arqueológica da área do Armazém de Cereais 138
Área 01 138
Área 02 146
Área 03 – Antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro (FN0004 LA/UFPE) 167
Área 04 174
Considerações relativas à área do 'Armazém de Cereais'. 194
Baluarte do Reduto Sant'Anna (FN0003 LA/UFPE)..... 195
Mapa de Localização do Baluarte..... 196
Estado do local antes do início da pesquisa. 200
Nomenclatura utilizada para pesquisa na área do Baluarte 202
Área 01..... 204
Área 02..... 209
Área 03..... 213
Área 04..... 221
Planta geral das estruturas identificadas durante escavações no Baluarte do Reduto Sant'Anna..... 226
Considerações relativas à área do Baluarte do Reduto Sant' Anna. 228
Monitoramento Arqueológico..... 234
Desassoreamento do Riacho Mulungu 234
Pontilhão da antiga estrada do Porto do Cachorro (FN0004 LA/UFPE) 240
Escavação na área onde serão edificadas a plataforma e a escada de acesso à ilhota..... 243
Material Arqueológico identificado..... 251
Casa de Banho (FN 0001 LA/UFPE) 251
Armazém de Cereais (FN 0002 LA/UFPE) 314
Baluarte do Reduto Sant'Anna (FN 0003 LA/UFPE) 329
Riacho Mulungu 351
Educação Patrimonial..... 364
Considerações finais 368
Considerações e Recomendações 368
Referências Bibliográficas 373

Equipe 375
Equipe técnica e de apoio 375
Apêndice 376
Apêndice 1 377
Planta com identificação dos cortes realizados durante a Pesquisa 377
Apêndice 2 381
Planta geral das estruturas identificadas na Pesquisa Arqueológica 381
Apêndice 3 383
Plantas com indicação das cotas da Casa de Banho, Armazém de Cereais, estrada do Porto do Cachorro e Baluarte do Reduto de Sant'Anna 383
Apêndice 4 389
Fichas de registro de sítios para inserção no CNSA: FN0001 LA/UFPE (Casa de Banho), FN0002 LA/UFPE (Armazém de Cereais), FN0004 LA/UFPE (Estrada do Porto do Cachorro) 390
Apêndice 5 419
Complementação de ficha de sítios contida no CNSA/IPHAN: Baluarte do Reduto Sant'Anna (FN0003 LA/UFPE – CNSA Nº PE00023) 420
Anexos 429
Anexo 1 430
Portarias publicadas no D.O.U 430
Anexo 2 435
Solicitação de remoção de árvores na área das escavações arqueológicas 435
Cópia Digital 439

APRESENTAÇÃO

A Vila dos Remédios corresponde a um dos mais antigos núcleos de ocupação do Arquipélago de Fernando de Noronha. A preocupação para com a sua conservação arquitetônica tem sido objeto de sucessivas ações que se desenvolvem pelo menos desde 1988 quando, na gestão do Sr. César Mesquita, foi realizada a restauração da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Ao longo destes mais de vinte anos outras obras foram executadas, todavia outras demandas ainda se fazem presentes. O Programa de Resgate Documental sobre Fernando de Noronha, elaborado a partir das pesquisas realizadas pela historiadora Maria José Borges, trouxeram questionamentos que apontavam para a necessidade de um respaldo arqueológico para as intervenções realizadas na Vila dos Remédios.

Em 1996 foi apresentado pelo arqueólogo Paulo Tadeu de Souza Albuquerque, o Projeto de Pesquisas Arqueológicas de Fernando de Noronha. Em abril de 2000 foi instituído, pelo Governo do Estado de Pernambuco, o Programa de Arqueologia Urbana. A delimitação física dos Setores de Preservação Cultural baseados em critérios de significação histórica, étnica, religiosa, científica e cultural, da Vila dos Remédios se fez considerando o rol das estruturas arquitetônicas e arqueológicas remanescentes, ali localizadas ou mesmo apontadas pela documentação histórica.

Em 2002, quando da elaboração do Projeto de Revitalização e Paisagismo da Vila dos Remédios, de autoria do arquiteto paisagista Luís Vieira, com a efetiva participação da arqueóloga Miriam Cazzetta, tornou-se evidente a necessidade de buscar-se, através da arqueologia, respostas às questões suscitadas por novas evidências arqueológicas até então não conhecidas. Surge daí o Termo de Referência que inclui o Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico no Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no Entorno do Forte Sant' Anna: Setor 1.

A documentação histórica reunida por Marieta Borges Lins e Silva[1] em seu valioso trabalho serviu de ponto de partida para a contextualização histórica do arquipélago. Os trabalhos de gabinete e de campo da arqueóloga Miriam Cazzetta[2], por seu turno, se revelaram uma fonte inestimável, não apenas para esta pesquisa, mas para quem se proponha a um estudo arqueológico em Fernando de Noronha.

A execução do presente Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico, visou o atendimento ao Termo de Referência mencionado, tendo sido autorizado pelo IPHAN através da Portaria Nº 20, de 6 de agosto de 2010 publicada no D.O.U de Nº 151, publicado em 9 de agosto de 2010 - Processo IPHAN nº 01498.000583/2010-77.

O documento aqui apresentado corresponde ao Relatório Final do Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico da Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Vale salientar que, apesar do título abrangente definido pelo TR, o Projeto é restrito a intervenções arqueológicas na Casa de Banho, em parte do Armazém de Cereais e do Baluarte do Reduto Sant' Anna. O projeto engloba ainda o monitoramento arqueológico das intervenções em trecho do Riacho Mulungu e ações de educação patrimonial.

---

[1] SILVA, Marieta Borges Lins e. (1992). **Fernando de Noronha: Imagens do Passado**. Recife. Ed. Edificantes.

[2] CAZZETTA, M. (2006). Paisagem e Passagens no Arquipélago Fernando de Noronha In: **I Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana**. Salvador: Universidade Federal da Bahia.

INTRODUÇÃO

A Vila dos Remédios, um dos antigos núcleos de ocupação do Arquipélago de Fernando de Noronha, corresponde a uma praça-forte portuguesa do século XVII composta por dois pátios. O primeiro localizado no entorno da Casa do Comandante e o segundo no entorno da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (1772).
O Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico integra o Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no entorno do Forte Sant' Anna. Para a execução deste Projeto envolveram-se órgãos de diferentes esferas administrativas, tanto públicas como privadas, como o IPHAN, o PRODETUR, o Governo do Estado de Pernambuco através de sua Secretaria de Turismo, SETUR, a administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, a BR Construções, o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco e a Arqueolog Pesquisas.
O projeto arqueológico voltou-se para duas vertentes principais. A primeira, científica, que objetivou o conhecimento e a interpretação dos achados arqueológicos; e a segunda, direcionada para o fornecimento de elementos seguros para a elaboração de um projeto de intervenção arquitetônica. As intervenções arqueológicas foram realizadas em quatro áreas específicas localizadas na Vila dos Remédios, a saber:

- **A Casa de Banho do Riacho Mulungu** – situada às margens do Riacho Mulungu, ao lado da estrada que permite o acesso à Fortaleza dos Remédios. Nesta área a pesquisa arqueológica buscou identificar vestígios relacionados à primitiva feição da edificação.
- **O Armazém de Cereais** – situado entre o Baluarte do Reduto Sant'Anna, onde funciona o estabelecimento "Bar do Cachorro", e a estação elevatória de esgotos da Compesa. O referido Armazém encontra-se bastante modificado, onde aparece na iconografia apresentando feição e tamanho diferente da estrutura de lojas que ocupam parte do que fora o Armazém. A pesquisa arqueológica no local buscou identificar o espaço ocupado pelo primitivo Armazém de Cereais, na área que sofrerá intervenções arquitetônicas.
- **Bastião do Reduto Sant' Anna** – situado entre o Armazém de Cereais e o acesso principal do Reduto Sant'Anna. Corresponde a um elemento defensivo do Reduto Sant'Anna, que atualmente é, em parte, utilizado pelo "Bar do Cachorro". Neste setor a pesquisa arqueológica buscou identificar elementos defensivos relacionados à fortificação.
- **Riacho Mulungu** – Trecho situado entre o pontilhão da estrada de acesso à Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios e a Barragem existente próximo à desembocadura do riacho com o oceano. Atualmente o riacho encontra-se bastante assoreado. A pesquisa arqueológica no trecho visa a identificação do leito primitivo do Riacho, a partir do acompanhamento arqueológico da obra.

Este relatório apresenta os resultados obtidos através da pesquisa de campo e de gabinete, bem como das ações de Educação Patrimonial, realizadas entre novembro de 2010 e agosto de 2011, fruto do "Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco".

CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

Identificação do Contratante

Empresa

BR CONSTRUÇÕES LTDA

CNPJ 00.739.106/0001-01

Endereço

Rua Padre Cabral, 349, Boa Viagem – Recife – PE – CEP: 51030-500.

Contato

Nome: Rodrigo Ferraz

Telefone (81) 32242136.

Endereço eletrônico: rodrigoferraz1@hotmail.com

Identificação do Empreendimento

O Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico, referente ao Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no entorno do Forte Sant' Anna - setor 1, traz a assinatura do Governo do Estado de Pernambuco Secretaria de Turismo – SETUR e está sendo realizado com recursos do PRODETUR.

O Projeto de Revitalização da Vila dos Remédios busca atuar na identificação e conservação das estruturas históricas existentes na área, além da edificação de novos equipamentos para a melhoria da infraestrutura turística do Arquipélago.

PROPRIETÁRIO	Governo do Estado de Pernambuco, Administração do Distrito de Fernando de Noronha.
UF	Pernambuco

ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Área de Abrangência do Projeto

O empreendimento está localizado no Arquipélago de Fernando de Noronha, em quatro pontos específicos da Zona Histórico Cultural da Vila dos Remédios. A área de abrangência do Projeto compreende os setores:

- A Casa de Banho do Riacho Mulungu
- O Armazém de Cereais
- Bastião do Reduto Sant' Anna,
- E a área do Riacho Mulungu



Figura 1- Imagem de satélite com indicação das áreas contidas no Projeto.
Fonte: Imagem Google Earth, 2010.

As plantas disponibilizadas pelo empreendedor, e mesmo aquela que consultamos no IPHAN – PE, não se constituem em uma planta base, antes envolvem a representação do Projeto paisagístico aprovado pelo IPHAN. Por se tratar da única base cartográfica que nos foi disponibilizada, e visando atender a delimitação específica das áreas a serem abordadas nesta pesquisa arqueológica, fizemos uso da planta do arquiteto Luiz Vieira, e sobre ela hachuramos em transparência colorida as áreas trabalhadas do ponto de vista arqueológico.

A questão da apresentação de uma planta com a delimitação do local da pesquisa com a identificação das áreas a serem prospectadas diz respeito não apenas aos limites da área de licenciamento, mas ainda aos limites de cada uma das áreas de prospecção.

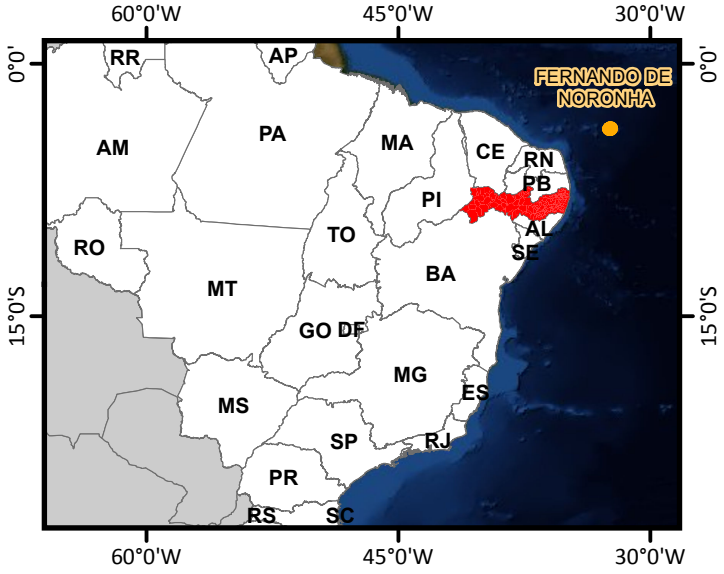
- A Casa de Banho do Riacho Mulungu
- O Armazém de Cereais:
- Bastião do Reduto Sant' Anna,

Na realidade os limites entre as áreas são ainda imprecisos, haja vista, que de fato não se tem efetivo conhecimento das estruturas que ali teriam existido. Parte do trabalho de pesquisa envolveu uma abordagem prospectiva que teve início através de cortes-teste e trincheiras exploratórias, estendendo-se, posteriormente, para a escavação de grande parte da Casa de Banhos, trechos do Armazém e de parte do Bastião do Reduto Sant'Anna.

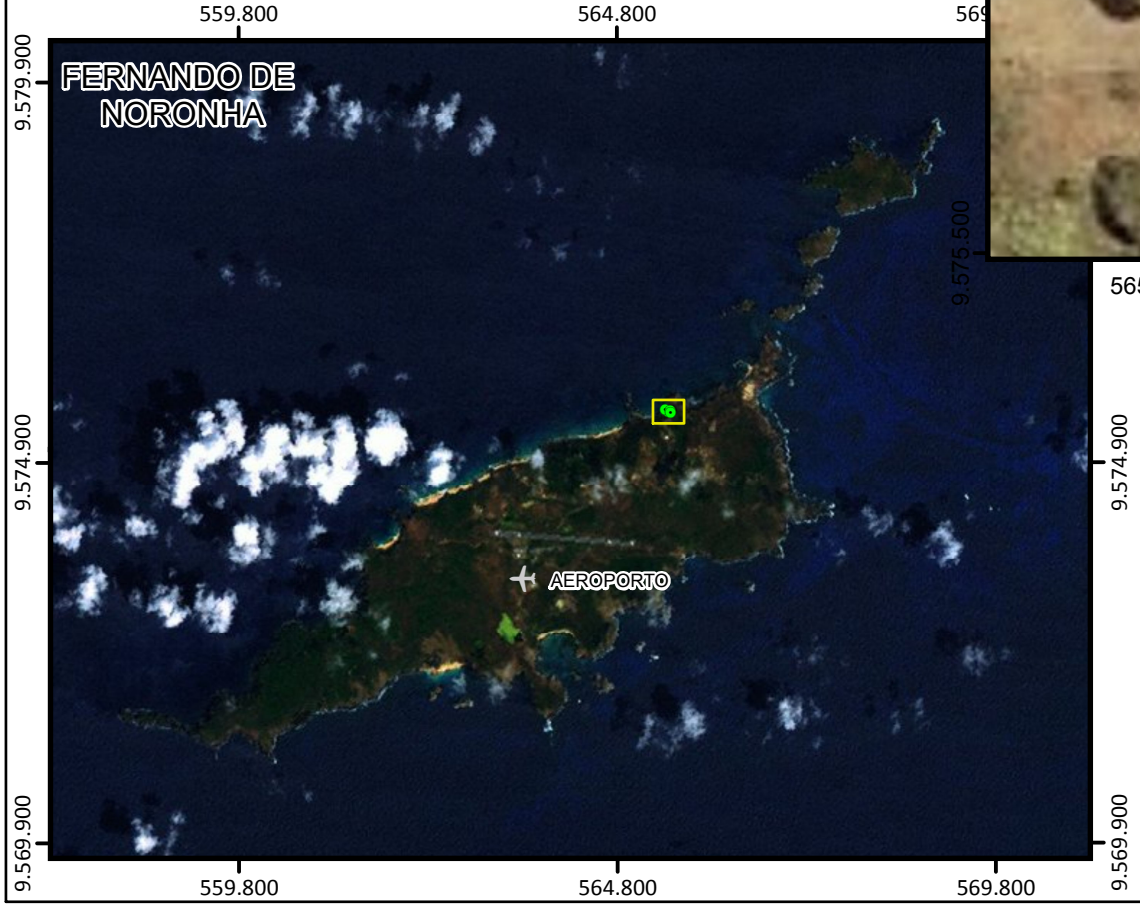
À exceção da área do leito do riacho (em que se inclui a área do espelho d'água da barragem do Mulungu) as demais áreas apresentam à superfície, evidências que sinalizam no sentido de ter havido, pelo menos ao longo da margem esquerda do riacho, a implantação de estruturas hoje abandonadas. Ou por outra, ter sido a margem do riacho utilizada como 'bota-fora' de restos de demolição.

Atendendo à recomendação da Arqueóloga do Distrito de Noronha, Dra. Miriam Cazzetta a prospecção arqueológica se estendeu à área da Barragem do Riacho Mulungu, incluída nas obras de revitalização.

Mapa de localização da área do Projeto







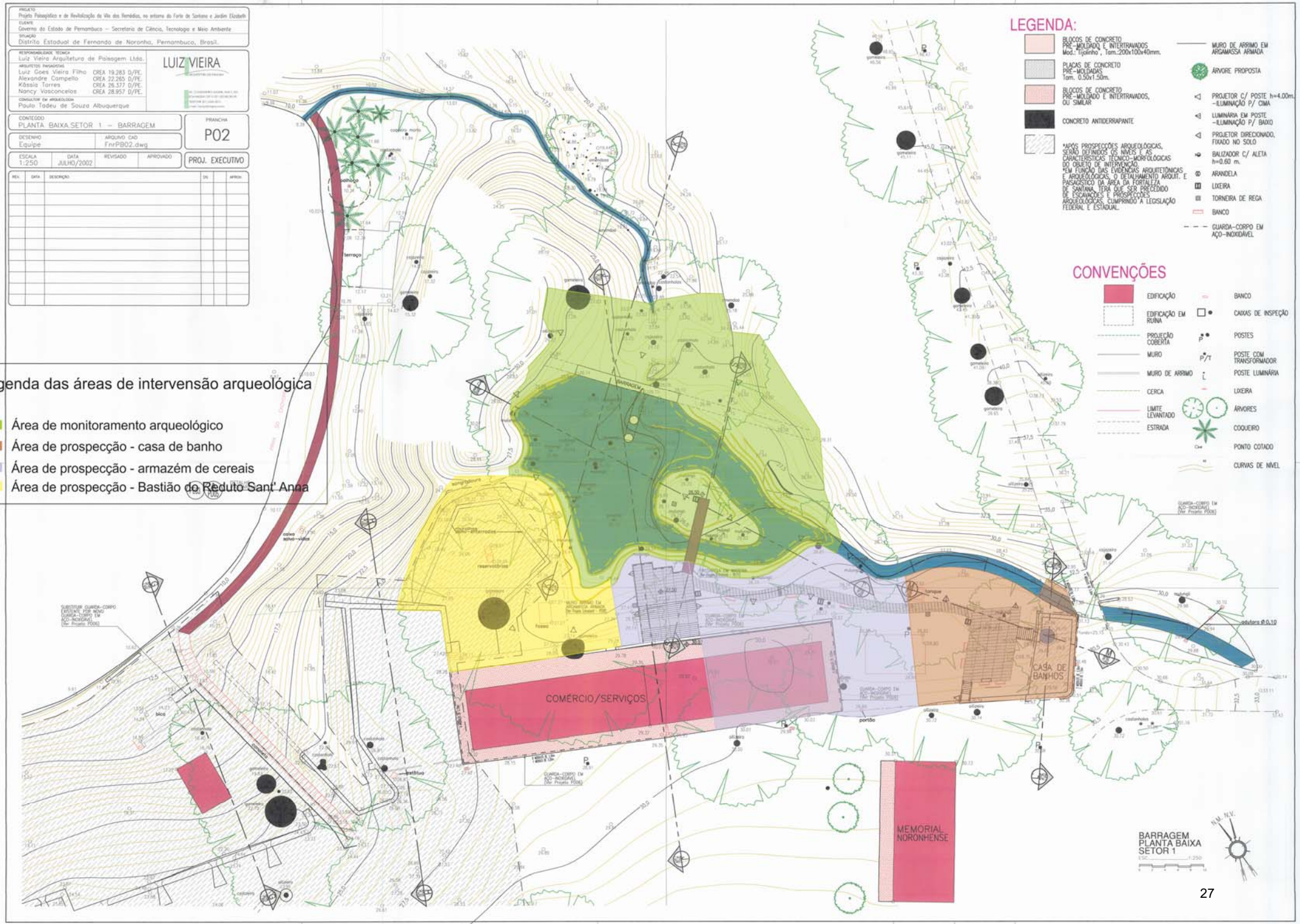
LEGENDA

- PONTOS DE INTERESSE DO PROJETO
- ÁREA DO PROJETO
- PERNAMBUCO
- LIMITE ESTADUAL

N
W E
S

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO PROJETO ARQUIPÉLAGO FERNANDO DE NORONHA - PE		
Data: JUNHO/2013	**Escala:**	**Datum:** SIRGAS2000 / 25S
Fonte dos Dados: IBGE (2010) e Imagem Ikonos (BING,2008)		
Responsável Técnico: Daniel Quintino Silva Tecnólogo em Geoprocessamento - CREA: PE049947		
ARQUEOLOG PESQUISAS - LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFPE		

Planta do Projeto de Luiz Vieira com delimitação das áreas de intervenções arqueológicas


PROJETO
Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios, no entorno do Forte de Santana e Jardim Elizabeth
CLIENTE
Governo do Estado de Pernambuco – Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente
SITUAÇÃO
Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Pernambuco, Brasil.
RESPONSABILIDADE TÉCNICA
Luiz Vieira Arquitetura de Paisagem Ltda.
ARQUITETOS PAISAGISTAS
Luiz Goes Vieira Filho CREA 19.283 D/PE.
Alexandre Campello CREA 22.265 D/PE.
Kássia Torres CREA 26.377 D/PE.
Nancy Vasconcelos CREA 28.957 D/PE.
CONSULTOR EM ARQUEOLOGIA
Paulo Tadeu de Souza Albuquerque
LUIZ VIEIRA
CONTEÚDO
PLANTA BAIXA SETOR 1 – BARRAGEM
PRANCHA
P02
DESENHO
Equipe
ARQUIVO CAD
FnrPB02.dwg
ESCALA
1:250
DATA
JULHO/2002
REVISADO
APROVADO
PROJ. EXECUTIVO
REV. DATA DESCRIÇÃO DES. APROV.
LEGENDA:
BLOCOS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO E INTERTRAVADOS, Mod.: Tijolinho , Tam.:200x100x40mm.
PLACAS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADAS Tam. 0.50x1.50m.
BLOCOS DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO E INTERTRAVADOS, OU SIMILAR
CONCRETO ANTIDERRAPANTE
*APÓS PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS, SERÃO DEFINIDOS OS NÍVEIS E AS CARACTERÍSTICAS TÉCNICO-MORFOLÓGICAS DO OBJETO DE INTERVENÇÃO, EM FUNÇÃO DAS EVIDÊNCIAS ARQUITETÔNICAS E ARQUEOLÓGICAS, O DETALHAMENTO ARQUIT. E PAISAGÍSTICO DA ÁREA DA FORTALEZA DE SANTANA, TERÁ QUE SER PRECEDIDO DE ESCAVAÇÕES E PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS, CUMPRINDO A LEGISLAÇÃO FEDERAL E ESTADUAL.
MURO DE ARRIMO EM ARGAMASSA ARMADA
ÁRVORE PROPOSTA
PROJETOR C/ POSTE h=4.00m. -ILUMINAÇÃO P/ CIMA
LUMINÁRIA EM POSTE -ILUMINAÇÃO P/ BAIXO
PROJETOR DIRECIONADO, FIXADO NO SOLO
BALIZADOR C/ ALETA h=0.60 m.
ARANDELA
LIXEIRA
TORNEIRA DE REGA
BANCO
GUARDA-CORPO EM AÇO-INOXIDÁVEL
CONVENÇÕES
EDIFICAÇÃO
EDIFICAÇÃO EM RUÍNA
PROJEÇÃO COBERTA
MURO
MURO DE ARRIMO
CERCA
LIMITE LEVANTADO
ESTRADA
BANCO
CAIXAS DE INSPEÇÃO
POSTES
POSTE COM TRANSFORMADOR
POSTE LUMINÁRIA
LIXEIRA
ÁRVORES
COQUEIRO
PONTO COTADO
CURVAS DE NÍVEL
Legenda das áreas de intervensão arqueológica
Área de monitoramento arqueológico
Área de prospecção - casa de banho
Área de prospecção - armazém de cereais
Área de prospecção - Bastião do Reduto Sant' Anna
COMÉRCIO/SERVIÇOS
CASA DE BANHOS
MEMORIAL NORONHENSE
BARRAGEM
PLANTA BAIXA
SETOR 1
N.M.
N.V.

Caracterização do Arquipélago de Fernando de Noronha

Localização e aspectos geográficos

O Arquipélago de Fernando de Noronha compreende um conjunto de 21 ilhas, ilhotas e rochedos de origem vulcânica da Dorsal Mediana Atlântica. Está localizado nas coordenadas 3° 51' 13" Sul e 32° 25' 25" Oeste, a uma distância, em linha reta, de 360 quilômetros de Natal, de 545 quilômetros do Recife e de 2.600 quilômetros da costa da África. O arquipélago é por uma ilha principal, com 16,9 quilômetros quadrados de área (a única habitada) e por outras quatro ilhas de menor porte a rodeiam: Rata, Rasa, do Meio e Lucena. A área total do arquipélago corresponde a 26 quilômetros quadrados. O ponto mais alto do conjunto é o Morro do Pico, com 323 metros de altura. Destacam-se ainda o Morro do Espinhaço ou de Atalaia (215m), o Morro do Curral (134m) e o Morto de Santo Antônio (105m).

As fontes de água potável são bastante exíguas. Na ilha existem os riachos Mulungu, Maceió e Boldró, todos de curso intermitente. Historicamente o meio mais utilizado para garantir o estoque de água era a captação da chuva, armazenada no Açude Xaréu, com capacidade para 300 mil metros cúbicos de água. A solução moderna para o problema foi à dessalinização. Primeiro das águas dos poços e mais recentemente da própria água do oceano. O clima é quente oceânico, com uma estação de chuvas que vai de março a agosto, e uma estação seca, de setembro a fevereiro. A temperatura média varia em torno de 28° C. O solo do arquipélago é de origem vulcânica recoberto com farta camada de fosfato de cálcio (guano), oriundo do depósito de fezes das aves marítimas acumuladas ao longo de milhares anos.

A grande variedade e número de aves chamou sempre a atenção dos que passaram pelo arquipélago. Os registros mais antigos relatam este aspecto. A presença de farta vegetação de mata atlântica insular garantia os locais de nidificação. Esta vegetação original foi devastada no processo de ocupação da ilha. Ao longo de sua história várias espécies foram introduzidas, provocando frequentemente desiquilíbrios no frágil ecossistema local.

Além das aves marinhas destaca-se na fauna do arquipélago uma riquíssima variedade de espécies marinhas como tartarugas, golfinhos, tubarões, arraias, polvos e muitos outros, que fazem dos mares noronhenses uma zona privilegiada para o mergulho. Registros históricos produzidos por Américo Vespúcio, em 1504, relatam a ocorrência de "lagartos de duas caudas e algumas serpentes", além de ratos muito grandes e numerosos. Foram encontrados fósseis dessa espécie de rato na década de 1970. A espécie foi batizada de *Noronhmys vespucci*. A riqueza natural do arquipélago lhe valeu a concessão do título de Sítio Patrimônio Mundial Natural, em dezembro de 2001.

Aspectos Históricos

A descoberta

As notícias históricas mais antigas sobre arquipélago de Fernando de Noronha remontam o início do século XVI. Os primeiros visitantes não vislumbraram qualquer marca de presença humana. Pode-se, portanto, afirmar que, assim como outras ilhas atlânticas, o arquipélago não foi habitado antes da Idade Moderna. Não é tão simples, entretanto, definir quando ocorreram os primeiros avistamentos.

Mapas do final do período medieval assinalavam uma ilha situada em algum ponto do oceano desconhecido, uma crença de origem nórdica que afirmava a existência de uma terra abençoada em meio ao oceano. Uma ilha que sempre se ocultava dos marinheiros, evitando que conseguissem nela chegar. Essas representações míticas povoaram de teorias a imaginação de estudiosos, curiosos e pesquisadores das explorações atlânticas, sendo tentador associar as referências a estas ilhas fantásticas com o arquipélago. Não obstante, remonta ao ano 1500 a primeira referência mais factível, num mapa confeccionado por Juan de la Cosa. Nele aparece o registro de uma "*insula descobierta por Portugal*". Em 1502, aparece outra referência, desta feita no Mapa de Cantino e com o nome de *Quaresma*.

As incertezas a respeito da correta associação dos locais assinalados fazem com que, apesar da antecedência dos registros, seja considerado como descobridor do arquipélago Américo Vespúcio, navegador italiano a serviço da coroa Portuguesa. Vespúcio partiu de Lisboa em 10 de maio de 1503 como integrante da expedição de Gonçalo Coelho. Atuava como preposto de Fernão de Loronha, um dos financiadores da expedição. O arquipélago foi avistado em 10 de agosto do mesmo ano, sendo batizado de Ilha de São Lourenço. Ao se aproximar da ilha a nau capitânia se chocou com rochedos e naufragou numa área do "mar de fora" conhecida como "Espigões". A notícia enviada por Vespúcio só se tornou conhecida em Lisboa em junho de 1504.

Fases de ocupação e abandono

Para complicar ainda mais o encadeamento cronológico, em janeiro de 1504, Fernão de Loronha recebeu a carta de doação das ilhas, o que leva alguns historiadores a apostarem num avistamento por parte de Gonçalo Coelho em junho de 1500, quando regressava a Lisboa com a notícia do achamento do Brasil. Isso explicaria em parte a presença das ilhas nos mapas de 1500 e 1502. O fato é que, tendo sido a primeira descrição detalhada a de Vespúcio, atribui-se a ele a descoberta do arquipélago.

Relatou Vespúcio na sua *Lettera* de 1504:

> Navegando do litoral de Serra Leoa na África para o sudoeste, (...) quando tínhamos andado bem 300 léguas através do monstruoso mar na linha equinocial para o sul bem 3 graus, se descobriu uma terra que podíamos estar distantes que era uma ilha no meio do mar, coisa de grande altura, verdadeira maravilha da natureza, pois não tinha mais de duas léguas de comprido e uma de largo e nunca foi habitada por gente alguma (...). Tornando à ilha, provemo-nos de água e lenha com o batel da minha conserva. Esta ilha é desabitada, com muitas águas doces e correntes, infinitas árvores e tantas aves marinhas e terrestres que eram inumeráveis e tão familiares que se

> deixavam apanhar com a mão; assim caçamos tantas que carregamos um batel delas. Não vimos outros animais senão ratos muito grandes, lagartos de duas caudas e algumas serpentes.[3]

A doação feita por D. Manuel ao cristão-novo Fernão de Loronha tinha o estatuto de capitania hereditária, fórmula jurídica já aplicada em ocasiões anteriores pela coroa, e que viria a pautar o início da colonização do Brasil. A contrapartida do beneficiário era viabilizar a extração de pau-brasil – madeira tintória de alta demanda no velho continente – nas costas do recém-descoberto território austral. Seu nome acabou associado ao do arquipélago, passando por várias corruptelas até o atual Fernando de Noronha. O donatário era descendente de uma família de origem inglesa (Lotheringen, norte da Inglaterra). Nasceu provavelmente entre 1470 e 1475 e é quase certo que jamais visitou sua capitania, cujo nome oficial era São João. É possível acompanhar ao longo dos séculos XVI, XVII e início do XVIII os pedidos de confirmação dos privilégios donatariais feitos por seus descendentes.

Apesar disso, nem Noronha, nem seus sucessores se empenharam em promover a ocupação das ilhas, o que evidentemente deixou o caminho aberto aos vários exploradores a serviço de diferentes bandeiras europeias. Os franceses Binot Palmie de Gonoville e André Thevet abordaram a ilha em 1505 e 1556, respectivamente. Esse último incluiu uma vibrante descrição da natureza fantástica da ilha em sua obra "Singularidades da França Antártica". Dois anos depois, Jean de Lery, outro conhecido cronista francês escreveu sobre o arquipélago. É provável que em 1534 o aventureiro germânico Ulrich Schmidel teria desembarcado na ilha quando viajava à América do Sul. Em 1577, há notícias de uma passagem pelo arquipélago do famoso corsário inglês Francis Drake. O navegador holandês Frederic de Houtman, em viagem ao Oriente, passou pelo arquipélago onde permaneceu de junho e setembro de 1598. Em 1612, outro francês explora a ilha e suas riquezas naturais. Claude D´Abeville, a caminho do Maranhão na expedição de Daniel de la Touche, passa 15 dias nas ilhas.

Presença holandesa

O abandono do arquipélago por parte dos portugueses acabou abrindo espaço para a instalação de contingentes holandeses a partir de 1629. Em várias ocasiões no primeiro quartel do século XVII navegantes holandeses passaram ou desembarcaram em Noronha. Não obstante, foi no contexto da invasão da Companhia das Índias Ocidentais a Pernambuco que os batavos empreenderam uma ação de maior duração nas ilhas. Coube ao capitão Cornelie Corneliszon Jol a vanguarda da expedição de conquista de Pernambuco. Fernando de Noronha foi seu posto avançado, aonde, segundo alguns registros chegou a iniciar o cultivo de alimentos com uso de mão-de-obra escrava negra. Este primitivo assentamento holandês foi atacado por um destacamento enviado de Pernambuco. Vários holandeses foram mortos, mas uma parte deles permaneceu escondida na ilha. O mercenário alemão Ambrósio Rischoffer informaria em 1630 que na ilha existia "*uma bateria em forma de estrela, com doze ângulos e seis canhões, 45 metros acima do nível do mar*".

Registros de 1630 informam que a ilha era vista como um local para a produção de víveres e de tratamento dos doentes das frotas. Para tanto foram levados escravos para cultivar e criar. As condições hidrográficas da ilha e os ataques dos roedores

[3] Transcrita em SILVA, Marieta B. L e. **Fernando de Noronha:** cinco séculos de história. P. 25.

frustraram estas tentativas. Decidiu-se então arrendar a ilha a Michiel de Pawv, um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais. Daí que nos relatos da época o arquipélago seja também identificado como Pavônia. O conselho diretor da Companhia preocupou-se com a saúde física dos que eram levados para o arquipélago. Um boticário foi enviado para lá. Também se cuidou dos aspectos espirituais, com o estabelecimento de uma missão calvinista. Se as plantações não tiveram muito êxito, a criação permitiu o envio de víveres ao Recife, onde os invasores suportavam duras condições nos primeiros anos de ocupação.

A área ocupada pelos invasores na ilha coincidia com a da atual Vila dos Remédios. À medida que o tempo passava, foram tomadas ações para consolidar a presença neerlandesa na ilha, mas as condições eram muito adversas. Willem Joosten Glimmer, responsável pela administração da ilha até 1637, informou em relatório no ano seguinte que o arquipélago serviria apenas "*como lugar de desterro*". Em 1644 tentou-se implementar a cultura do anil. No ano seguinte, Johan Huberts, o administrador que sucedera Glimmer, informa que até havia conseguido produzir alguns víveres na ilha, mas que as condições de permanência eram extremas. Seu sucessor levou mais escravos para Noronha e tentou reanimar a cultura do anil a partir de 1646. Uma seca terrível devastou os cultivos, inclusive os de subsistência.

Por esta altura a ilha já era destino de castigados. Há registros do envio de degredados, inclusive de negros que tinham "*se portado mal*" e mulheres "*que causavam escândalos*". Conforme as condições do centro da conquista no Recife iam se tornando mais complicadas, pela forte reação levada a cabo pelos luso-pernambucanos, cresceu a importância dos víveres remetidos de Noronha para o continente. Foram enviados mais escravos para a ilha, o que elevou a tensão entre brancos e negros havendo, inclusive, uma ameaça de rebelião generalizada em 1652. Nesse ano foi enviado ao arquipélago o pastor Polhemius para celebrar os atos religiosos mais importantes para a comunidade. Com a queda do Recife em 1654, os últimos contingentes batavos capitularam frente ao mestre de campo Francisco de Figuerôa. Dos 25 anos de tentativas e fracassos em transformar Noronha em um celeiro e estância de saúde, restaram apenas alguns vestígios materiais da fortaleza erguida e do Jardim Elizabeth, uma estação de aclimatação de espécies vegetais.

Tentativa francesa de ocupação e retomada definitiva dos portugueses

O desalojamento dos invasores holandeses não foi sucedido por uma efetiva ocupação portuguesa. Vários relatos esparsos dão testemunho de que a ilha permaneceu despovoada. Em 1659 um pirata francês conhecido como Accarette, retornando do sul da América do Sul para a Europa, registrou em sua relação de viagem que havia abordado a ilha e descido a terra, percebendo que "não era habitada por pessoa alguma". O navegante sabia que a mesma havia sido ocupada por holandeses, mas afirma que não encontrou mais do que tênues vestígios da fortificação por eles construída. Uma nota portuguesa de 1681 – na obra "A arte de navegar", do cosmógrafo do reino Luiz Serrão Pimentel – afirmava que a ilha havia sido povoada por portugueses, mas que naquele então estava deserta.
As notícias de que piratas estavam usando a ilha como ponto de apoio em suas incursões criminosas, levaram o governador da Capitania de Pernambuco Caetano de Melo e Castro a propor à coroa, em 1695, um plano de povoamento e fortificação do arquipélago. No ano seguinte uma carta do governador-geral do Brasil autoriza o deslocamento de um contingente de vinte a trinta praças, acompanhados de um capitão e de um capelão. Determinou também uma vistoria para definir a melhor localização para uma fortificação. Nada do previsto foi feito. Para tentar acelerar o

processo de “reconquista” da ilha, o rei D. Pedro II (de Portugal) ordenou em 1700 que o arquipélago fosse anexado à jurisdição de Pernambuco, capitania que deveria prover as ilhas de guarnição. Mais uma vez nada foi feito.

Dessa forma, permanecendo o arquipélago no abandono, continuou a ser visitado por franceses. Há registros de abordagens da ilha em várias ocasiões nas primeiras décadas do século XVIII. Em 1705, 1707, 1708, 1711 e 1718, Noronha foi visitada por navios franceses. Em alguns destes anos por mais de uma vez. Todos os relatos indicam que a ilha estava despovoada. Os relatórios de 1707 e 1708 dão conta de que se encontrava desolada e seca, com a vegetação praticamente nula e os córregos secos. Apesar do cenário devastado, o arquipélago, por sua localização estratégica, despertou a cobiça dos franceses. Em 1731 a Companhia das Índias Ocidentais Francesa enviou expedições de reconhecimento para identificar possíveis pontos de escala e reabastecimento no Atlântico Sul. Noronha parecia reunir as condições desejadas para este fim.

Em julho de 1734 zarpou da França a nau Nereide em direção a “Ille Dauphine”. Chegaram a Noronha em outubro e fizeram o reconhecimento geográfico do arquipélago. Uma carta publicada em 1738, feita a partir dos dados colhidos nesta visita, identifica o “*ancie fort*” dos holandeses. Desde 1735 se instalaram na ilha 13 homens com víveres e material de construção. A aventura francesa em Noronha durou apenas um ano. Logo foram desalojados por contingentes enviados de Pernambuco pelo governador João Lobo de Lacerda. Foram enviados 250 homens em outubro de 1737 para guarnecer a ilha. A partir de então se deu início a ocupação portuguesa efetiva, com a construção dos fortes dos Remédios, Santo Antônio e Conceição e com a abertura de cultivos.

Desde então as ações da administração colonial se fizeram mais frequentes. Em 1739 foi enviado um contingente de ciganos, inaugurando a prática de fazer do arquipélago um lugar de degredo. Em 1749 foram enviadas as primeiras informações sistematizadas por autoridades portuguesas e a partir de 1755, o cofre do reino de Angola ficou encarregado de fornecer um subsídio anual para as despesas do presídio de Noronha. Alguns anos depois, em 1768, já se anota a presença de uma população de 389 habitantes e mais 30 indígenas escravos levados para o arquipélago. Nesse mesmo ano Nossa Senhora dos Remédios é escolhida como padroeira e inicia-se a construção da igreja, permanecendo a invocação até hoje. A estrutura da igreja da padroeira ficou pronta em 1772 e a sua decoração interna foi concluída em 1784.

Um sinal do bom desenvolvimento alcançado pela ilha em 35 anos de trabalho intensivo é o fato de que em 1772 passou a vender carne salgado para embarcações. Vêm dessa época as duas povoações da ilha principal: a vila dos Remédios e a vila da Quixaba (assim chamadas apesar de não contar com o aparato administrativo municipal). Vinte anos depois, em 1792, surgiu a primeira olaria reiniciando o processo de destruição da cobertura vegetal do arquipélago. Registros cartográficos de 1798 indicam que nessa altura estavam prontos os fortes integrantes do sistema defensivo do arquipélago, bem como uma rede de vias que os interligava. As áreas dos Jardins Elizabeth cultivadas pelos holandeses voltaram a ser exploradas, dando origem às “hortas da vila”.

O século XIX

A eclosão em Pernambuco da Revolução republicana de 1817 alterou bruscamente o desenvolvimento da ocupação humana na ilha. Informa Pereira da Costa que o

governo provisório da Revolução deu ordens a José de Barros Falcão de Lacerda para "desmantelar e trazer o destacamento, sentenciados, armas e munições de guerra ali existentes, segundo as instruções que recebera". Lacerda retornou ao continente com duas embarcações transportando 300 pessoas, 20 peças de artilharia de calibres diversos, outros apetrechos bélicos, ferramentas, mantimentos e o arquivo da ilha. Ao aproximar-se da costa, na altura da Baía da Traição, na Paraíba, desembarcou e foi informado que a Revolução havia sido derrotada. Lacerda acabou preso. Os embarcados atiraram-se ao mar tentando fugir. Vários morreram e os barcos ficaram a deriva, acabando por naufragar levando consigo tudo o que havia sido trazido de Noronha, incluindo os documentos administrativos e os objetos da Igreja de N. S. dos Remédios.

No mesmo ano se retoma a ocupação do local. Em 1819 foram enviados índios da vila de Cimbres para a ilha. O isolamento da ilha pode ser atestado por um fato curioso. Somente em janeiro de 1824 foi dado a conhecer a independência do Brasil e substituída – sob protesto do comandante da guarnição – a bandeira de Portugal pela do novo império do Brasil. As turbulências políticas do momento fizeram com que a jurisdição sobre a ilha fosse transferida para o Ministério da Guerra.

O arquipélago reassumiu na primeira metade do século XIX seu perfil de centro prisional, sendo a presença de mulheres limitada a algumas prisioneiras ou esposas de prisioneiros, militares e alguns profissionais enviados a Noronha. Em 1844 foram enviados para lá vários desterrados por haver participado no levantamento Farroupilha do Rio Grande do Sul. Em 1890 há registro do degredo de elementos identificados como capoeiristas e tidos como desordeiros. Este foi um dos primeiros atos da República proclamada em 15 de novembro de 1889. Em 1891 a jurisdição sobre a ilha – que havia passado do Ministério da Guerra para o Ministério da Justiça – volta para o governo de Pernambuco.

As condições de sobrevivência na ilha eram bastante duras e as relações sociais entre os prisioneiros, entre os prisioneiros e os militares e entre os próprios militares eram pautadas pela constante tensão provocada pela indisciplina, pela revolta e pelo isolamento insular do arquipélago. Um relatório feito por ordem da presidência da província de Pernambuco em 1857 traça um instantâneo da vida cotidiana na ilha. Nele se denunciam atos de indisciplina dos comandados, bem como os efeitos nocivos das limitações de oferta de alimentos e gêneros de primeira necessidade. Havia na ilha – e essa denúncia aparece em quase todos os relatórios – um grupo de vivandeiros que forneciam gêneros para a população.

Os produtos eram quase sempre vendidos com forte ágio e as dívidas acumuladas eram impiedosamente cobradas na folha de pagamento, graças aos conluios destes vivandeiros com os funcionários da burocracia. O relatório de 1857 informa que os baixos salários pagos aos funcionários e praças estimulavam as práticas delituosas. Por outro lado, a introdução indiscriminada de "bebidas espirituosas" na ilha dava origem a grandes altercações. Recomendava-se que o Estado cuidasse de distribuir uma pequena ração diária de aguardente e fumo "para aliviar as penas dos condenados".[4]

Nos relatórios apresentados em meados do século XIX demonstra-se a grande disparidade entre o número de homens e mulheres que sempre caracterizou o perfil demográfico da ilha durante seus anos como centro prisional. Em 1863, o Brigadeiro

[4] Relatório que à Assembleia Legislativa Provincial de Pernambuco apresentou no dia da abertura da sessão ordinária de 1857 o Exmo. Sr. Conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da mesma província. Recife, Tip. de M.F. de Faria, 1857.

Henrique de Beaurepaire Rohan informou que havia na ilha “1.575 almas” entre prisioneiros e livres, sendo que apenas 322 eram do sexo feminino. As prisioneiras eram 18.[5] Em 1868 A população total da ilha era de 1.527 habitantes, deles, 932 sentenciados. Entre os prisioneiros havia apenas 19 mulheres. O relatório informa que naquele ano a ilha remeteu para o continente 450 alqueires de milho e 258 arrobas de algodão em rama. Além destes produtos agrícolas, também foram enviados para o Arsenal de Guerra 2.069 pares de sapato produzidos nas oficinas da ilha.[6]

O século XX

Com a chegada do século XX a ilha entra em contato com as novidades da modernidade ocidental. Pouco antes final dos oitocentos havia sido instalado um posto de telegrafia da companhia inglesa India Rubber. Em 1914 a concessão foi repassada para a Compagnie des Calbles Sud-americans, que se conectava diretamente com Dakar na África. Em 1922 foi a vez da italiana Compagnia dei Cavi Telegrafici Sottomarini – ITALCABLE, se instalar na ilha, que passou a ser um elo nas comunicações que ligavam a Itália com a América do Sul.

A partir da década de 1920, a ilha começou a ser visitada pelas primeiras aeronaves que cruzaram o oceano Atlântico. Em 1922 registra-se a passagem dos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral na primeira travessia aérea do Atlântico. Cinco anos mais tarde, em 1927, passa pela ilha o hidroavião Jahu. Em 1934 uma iniciativa francesa (Air France, surgida da fusão de outras companhias pioneiras em 1933) dá início à construção da primeira pista de pouso do arquipélago. Franceses e italianos reforçam as comunicações através da telegrafia transoceânica.

Os ventos de modernidade, entretanto, não trazem também a liberdade. Noronha continua funcionando como presídio. A partir de 1938 torna-se centro carcerário de prisioneiros políticos do regime getulista do Estado Novo. Os anos que se seguiram foram de intenso movimento de tropas no arquipélago. Durante a Segunda Guerra Mundial a ilha se tornou um importante ponto estratégico para a aviação militar. Em 1943 a antiga pista de pouso construída pelos franceses foi ampliada para quatro quilômetros de extensão. Essa ampliação modificou a paisagem através da realização de aterros e da remoção de elevações. Uma antiga casa de farinha nas proximidades teve de ser demolida. Foram instalados também grandes barracões para acomodar pessoas, equipamentos e locais de trabalho (padaria, lavanderia e rancho).

Depois da guerra os norte-americanos realizariam uma segunda “ocupação” da ilha, desta feita para instalar uma base de observação de mísseis teleguiados. O acordo com o Brasil foi firmado em 1957, em plena Guerra Fria. Nesta segunda fase da presença norte-americana foram instaladas uma estação meteorológica na região do Boldró, uma estação de telemetria no morro do Francês e uma placa captadora de água no sopé do morro do Pico. Esta estrutura hídrica contava com sistemas de filtragem e tratamento e funciona até a atualidade. O avanço tecnológico nos sistemas de direcionamento de projéteis, os sistemas instalados em Noronha perderam sua utilidade e a base foi minguando. Em 1965 as instalações foram desativadas e

[5] ROHAN, Henrique de Beaurepaire. A ilha de Fernando de Noronha. **Revista Arquivos**. Recife, 1942. N. 1. pp. 155-203.

[6] Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de Pernambuco pelo Exmo. Sr. Barão de Vila-Bela na sessão do 1º de março de 1868. Recife, Tip. do Jornal do Recife, 1868.

passaram ao controle do governo brasileiro, tendo sido utilizadas como locais de hospedagem e como sede para órgãos administrativos.

Nas últimas décadas a expansão da malha urbana se intensificou. Os serviços básicos passaram a receber apoio do governo federal uma vez que a ilha passou a ser considerada como território federal e zona de fronteira. A jurisdição sobre o arquipélago passou a ser dos comandos militares. Entre 1942 e 1981, esteve sob a alçada do Ministério do Exército. Entre 1981 e 1986 passou para o Ministério da Aeronáutica. Depois de uma breve passagem pela jurisdição do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), o arquipélago foi transferido para o Ministério do Interior. Finalmente, em 1988, a nova Constituinte transferiu para Pernambuco o governo da ilha, arranjo institucional mantido até hoje.

Dessa forma, entre altos e baixos, o arquipélago passou os últimos 5 séculos atraindo – por sua posição estratégica, por seus recursos e por suas belezas naturais – a inúmeros estrangeiros. Holandeses e franceses ensaiaram uma fixação intrusiva mais duradoura. Norte-americanos passaram por lá muitos anos, com a permissão do governo nacional. Mas ingleses, espanhóis, italianos, alemães e até suecos também tiveram sua atenção desviada para a ilha, pelas mais diversas razões. Hoje a ilha continua atraindo gente de toda a parte, felizmente não mais por questões bélicas, mas simplesmente para desfrutar de um verdadeiro paraíso natural em meio à solidão atlântica do oceano.

Principais estruturas na Ilha

Fortificações

Indiscutivelmente as estruturas mais complexas da Ilha foram aquelas que faziam parte do amplo sistema defensivo instalado no local durante o século XVIII. Não obstante, existiram unidades de defesa anteriores. Pereira da Costa informa que “a primeira fortificação que houve em Fernando de Noronha foi feita pelos holandeses em 1646 como consta de um documento contemporâneo. Era um reduto, cuja artilharia e munições de guerra seguiram do Recife naquele mesmo ano, no iate Tonyn.”

Os três primeiros fortes portugueses foram construídos atendendo ao determinado na carta régia de 26 de maio de 1737, e foram construídos entre este ano e o seguinte, 1738. Foram os fortes de Santo Antônio, Remédios e Conceição. Em 1739 foi determinado ao engenheiro Antônio de Brito Gramacho que construísse baterias e trincheiras de faxina em todos os pontos que pudessem oferecer desembarque. Ainda segundo Pereira da Costa: “as obras de defesa da ilha constavam de nove fortificações, sendo três no porto de Santo Antônio (São José, Remédios e Santo Antônio) e mais seis em diversos pontos, sendo ao norte as da Conceição, Pico, Boldró, e Dois Irmãos e ao sul a do Leão e a do Sueste.” Inclui ainda uma décima unidade de defesa identificada com “bateria” de Santa Ana.[7] O Brigadeiro Rohan informa em seu relatório publicado em 1865 que, com exceção das fortalezas dos

[7] PEREIRA DA COSTA, F. A. **A ilha de Fernando de Noronha.** Notícia histórica, geográfica e econômica. Recife: Tip. Manuel Figueroa e Filhos, 1887. pp. 34-35.

Remédios e de Santo Antônio, todas as outras estavam arruinadas ou em péssimo estado.[8] Segue-se um resumo de dados sobre as fortalezas da ilha:

Fortaleza dos Remédios. Situada no norte da ilha, sobre um rochedo a 45 metros acima do nível do mar. Construída entre 1737 e 1738 pelo engenheiro Diogo da Silveira. Em 1739 passou por alguns ajustes inclusive com a construção de uma cisterna. Um relatório militar de 1857 informa que entre as fortificações da ilha era a que estava em melhor estado, mas precisava de grandes reformas. Recomenda-se que "convém armá-la, escolhendo-se das outras fortificações a artilharia que estiver em perfeito estado, montando-as em novos reparos, visto que os existentes se acham arruinados, e a tal ponto, que nem as ferragens podem ser reaproveitadas. (...) A obra de alvenaria pouco pode custar, porque na ilha há cal suficiente, pedras em grande quantidade e serventes." [9] Em 1859 passou por profundas reformas e ampliações, inclusive com a construção de uma nova muralha com 43,56m de extensão e 1.32 de largura. Sua forma é de polígono irregular, com seus lados formando doze ângulos. Além das baterias contava com corpo de guarda, arrecadação, três companhias ou alojamentos, reserva, paiol, três prisões, um torreão (onde em 1887 estava instalado um telégrafo), capela, vestíbulo com porta de entrada ladeada por duas colunas encimadas com frontão de desenho simples. Tinha domínio completo para o lado do mar e da vila e seu único acesso – uma estrada – também estava defendida. Quando da passagem de Pereira da Costa contava com 18 peças de artilharia. Em 1916 foi visitada por Mário Melo que considerou que apesar de seu estado ainda podia ser reparada. A partir de 1938 funcionou com carceragem na fase em que a ilha tornou-se presídio político. Foi tombada em 1961 pelo IPHAN como monumento nacional.

Forte de Santo Antônio. Situado no Nordeste da ilha a 12 metros acima do nível do mar, dominando uma pequena enseada chamada de Porto de Santo Antônio. Teve fundação coeva a dos Remédios. Tinha a forma de trapézio, com diagonal medindo 51 metros. A altura de suas muralhas na face exterior varia entre 2,55 e 2,60m, e a espessura entre 0,75 e 0,95m. No seu interior existiam três compartimentos cobertos com telhas: um a esquerda da entrada, com 14m de comprimento por 7m de largura, destinado ao alojamento dos contingentes; a direita estavam um pequeno quarto de moradia e uma compartimento com 6m de comprimento por 3 de largura que servia como prisão. Foi reformado em 1864, desarmado e abandonado em 1876 e necessitava de reparos em 1887, altura em que abrigava 4 peças de artilharia. Quando da visita de Pereira da Costa a ilha apenas Remédios e Santo Antônio funcionavam.

Fortaleza de São José. (Ou de São José do Morro). Situada em frente a enseada de Santo Antônio, a 29 metros acima do nível do mar, num rochedo ilhado. Sua forma era triangular e suas muralhas tinham altura variando entre 3 e 5,6m e espessura média de 1,5m. cruzava fogo com Remédios e Santo Antônio fechando a passagem para a ilha dos Ratos e o ancoradouro. A pedra onde se registra a época de fundação do forte está hoje no Instituto Arqueológico e reza: "Sendo Governador e Capitão Geral de Pernambuco o Ilmo. e Exmo. Senhor Luís Diogo Lobo da Silva, mandou edificar esta Fortaleza no ano de 1758. Acabou-se no de 1761 sendo Comandante de Infantaria Francisco da Silva Soares." Em 1838 já estava bem avançado o processo de

[8] ROHAN, op. cit., p. 179.
[9] Relatório do Comandante José Joaquim Coelho ao Presidente da Província de Pernambuco Sérgio Teixeira de Macedo. 14 de fevereiro de 1857. Publicado pela Tip. Manuel Figueroa de Faria, 1857.

destruição da fortaleza, pois suas madeiras e telhas haviam sido retiradas, inviabilizando o funcionamento da cisterna que acumulava água para fornecimento aos navios. Em 1849 parte das muralhas havia tombado e quando da visita de Pereira da Costa a ilha, os presos levavam o que restava dos materiais da fortaleza para serem reaproveitados na ilha principal. Na atualidade, conserva ainda as muralhas externas, mas o acesso da linha d'água ao pórtico está destruído. O acesso à ilhota onde se situa pode ser feito nas marés baixas transitando pela linha de arrecifes.

Fortaleza Dois Irmãos. Com a invocação de São João Batista, já estava construída em 1758. Localiza-se a oeste da ilha num ponto situado a 46 metros acima do nível do mar. Tem forma de trapézio com área de 612 m². Já estava em ruínas em 1887. É possível que parte de seu material construtivo tenha sido reaproveitado na montagem das bases de artilharia costeira implantadas em 1942, nas proximidades da fortaleza.

Boldró. Informa Pereira da Costa: "está em adiantado estado de ruína. Restam apenas parte das muralhas e alguns de seus compartimentos". Situada a Oeste na ilha, numa altitude de 31 metros acima do mar. Havia sido reconstruída em 1864. Tinha forma de trapézio e 600 m² de área. A pesquisadora Marieta Borges cita relatório do início do século XX que informa que o reduto estava bastante arruinado e coberto de vegetação. Informa ainda a pesquisadora mencionada que "de 1957 a 1965, no seu entorno, foram instalados possantes equipamentos americanos, como parte de um acordo firmado entre o governo do Brasil e dos Estados Unidos, que implantou na ilha o 11º Posto de Observação de Misseis Teleguiados". Atualmente encontra-se com a muralha direita derrubada, assim como as suas guaritas, corpo da guarda e quartel. Conserva-se a casa da pólvora, mas sem telhado. O piso também está bastante descaracterizado, conservando-se entretanto, as rampas de disparo.

Leão. Situada a Oeste da ilha, 28,5 metros acima do nível do mar, com forma de hexágono irregular de 1.084 m². Foi construído em 1778 e reparada em 1846, mas em 1887 somente restavam dela as muralhas e as pilastras do pórtico. Atualmente, seu quartel está muito danificado, assim como o piso. Há 13 peças enterradas ou semienterradas na área da fortaleza.

Sueste. Ou São Joaquim do Sueste. Situado a 26,5 metros acima do nível do mar com 637 m² de área. De acordo com Pereira da Costa já existia em 1758 e teve reparação autorizada em 1793. Parece ter sido uma das primeiras a serem abandonadas, pois seu estado de ruína era muito avançado em 1887. Segundo Marieta Borges foi construído em 1739 e reformado em 1846. Na atualidade se encontra totalmente desmontado, tendo sofrido com o processo de erosão.

Pico. Os poucos restos visualizados por Pereira da Costa situavam-se a oeste da ilha, num ponto elevado a 2 metros acima do nível do mar. Foi mandado construir em 1739 e em 1841 já estava em completo estado de ruína. Um relatório de 1871 informa que: "desta fortaleza resta apenas parte de seus alicerces, não sendo possível determinar de um modo exato qual houvesse sido a sua forma geométrica nem a extensão de suas muralhas, das quais somente existem os vestígios de três lanças que formam dois ângulos, e se acham opostos aos frontes Norte, Leste e Noroeste, que medem, o

primeiro, 12m; o segundo 22m e o terceiro, 24m de extensão." [10] Em 1916 Mário Melo não conseguiu nenhum dado de localização da estrutura que, segundo Carlos Garrido em "Fortificações do Brasil", foi atingida por um deslizamento de pedras que se despegaram do morro do Pico. De fato, uma imagem feita do morro em 1816 por Debret, o mostra muito mais largo do que na atualidade, indicando que de fato pode haver ocorrido um desprendimento de rochas que diminuiu seu diâmetro.

Bateria (Reduto) de Santa Ana. Defendia o porto do Cachorro. Já existia em 1798. Abrigou contingentes e materiais da Marinha, vindo a se chamar também Reduto do Arsenal ou do Armamento. É ainda conhecida como Reduto do Armazém e foi ainda popularmente apelidada de "Salgadeira" por serem suas muralhas usadas para salgar peixe. Arruinada em 1841 foi reformada em 1846, posteriormente foi desarmada e transformada em quartel. Sediou também várias oficinas de "indústrias artísticas". Apesar de uma parte considerável de suas estruturas internas (quartel) terem sobrevivido até os anos 1980, na atualidade pouco resta de pé.

Reduto da Conceição. Situado no noroeste da ilha entre os fortes da Conceição e do Pico, formando um ângulo com eles. Estabelecido em um terreno inclinado, a 4 metros acima do nível do mar, foi fundado entre 1737 e 1738 e totalmente reconstruído em 1846. Passou por reformas e foi reartilhado em 1864. Ainda no século XIX teve seu uso modificado e passou a funcionar como enfermaria, passando por reformas e acréscimos. Novas intervenções foram feitas nos anos 1930 para adequar o prédio às novas normas de higiene e segurança hospitalar.

Outras estruturas

Algumas das principais estruturas mais antigas construídas na ilha estão situadas em torno a dois pátios na vila dos Remédios. Estes dois pátios se desenvolveram o primeiro – de maiores proporções – em torno à casa de comando do presídio e o segundo em torno à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. A vila desenvolveu-se nas proximidades das fortalezas dos Remédios e de Santa Ana, no mesmo local onde os holandeses se estabeleceram no século XVII e os franceses tentaram se estabelecer no século XVIII.

Além da vila dos Remédios, destaca-se ainda a pequena povoação da Quixaba (ou Sambaquixaba) situada a oeste do núcleo principal. Sua formação remete ao século XVIII. Sua população era formada por sentenciados com regime mais brando, que podiam se dedicar às atividades agropastoris nos arredores do assentamento. O arruado contava com duas fileiras de casas simples, erigidas em taipa e conjugadas pelas laterais. Em meados do século XX a área da Quixaba foi usada como quarentenário veterinário para os rebanhos de gado zebu comprados na Índia. A partir de 1999 a área começou a ser reabilitada.

Dois relatórios de anos consecutivos (1875 e 1876) dão um instantâneo da quantidade de habitações existentes na ilha. O relatório de 1875 (referente a 1874) informa que 2.088 almas habitam a ilha, destas 1.456 sentenciados. Nesse momento existiam 547

[10] Relatório do Coronel Alexandre de Barros e Albuquerque, comandante do Presídio de Fernando de Noronha, 1871.

casas na ilha, das quais, 44 eram de propriedade do Estado e 503 de particulares.[11] No relatório de 1876 (referente a 1875), a população total já era de 2.161 pessoas (entre elas apenas 330 mulheres). Foram registradas 530 casas, 60 delas propriedade do Estado (48 de pedra e cal e 12 de madeira) e 470 de particulares (199 de pedra e cal e 271 de taipa).[12]

Observemos aqui algumas informações históricas sobre as principais edificações da ilha.

Estradas

Pereira da Costa, em seu opúsculo sobre a ilha publicado em 1887, dá as seguintes informações sobre o sistema viário da ilha:

> "A ilha é cortada por estradas em todas as suas direções, bem construídas e calçadas a maior parte; são elas: estrada do Alto da Floresta para o Sueste; do Alto da Floresta para a Casa de Farinha; de Santo Antônio para a Vila; da Fortaleza dos Remédios; da porteira do Timóteo a Sambaquixaba [Vila da Quixaba] com 3.940m de extensão por 4m de largura; estrada do Cafundó, com 169m de extensão, sobre 2,5m de largura. Estas três últimas foram construídas no fim do ano próximo findo [1886], no correr das quais, notam-se diversos valados marginais, bombas, e alguns pontilhões abobadados, de pedra e cal solidamente construídos." [13]

Igrejas e capelas

Igreja de Nossa Senhora dos Remédios

Surgiu como capela provisória após a definitiva ocupação da ilha pelos portugueses e recebeu, em 1748, autorização do Bispo de Pernambuco D. Frei Luís de Santa Teresa para nela colocar-se um sacrário. Em 1768 iniciou-se a obra da atual estrutura. Em 1770 informação do governador de Pernambuco dá conta de que estava pronto o altar-mor. Em 1772 ficou concluído o edifício com a colocação do telhado em toda a sua extensão. Não obstante, as obras de embelezamento interno continuaram até 1784.

O templo tem uma só nave com 243 m² de área. Sua frente é voltada para o mar e tem elementos decorativos em pedra. O acesso à igreja se faz por escadaria com 18 degraus que leva a um adro amplo, de onde mais três degraus levam à porta principal. Em 1817 foi completamente despojada de seus bens quando da desastrada ação de evacuação total ordenada pelo governo provisório da Revolução Pernambucana. Foi reformada em 1833 com mão-de-obra dos presos. Em 1887, quando da visita de Pereira Costa, a capela-mor encontrava-se bastante arruinada e necessitava de reparos imediatos. Passou por nova reforma em 1891. Novas intervenções se

---

[11] Relatório do Excelentíssimo Senhor Desembargador Henrique Pereira de Lucena na abertura da sessão da Assembleia Legislativa Provincial de Pernambuco em o 1º de março de 1875. Pernambuco, Tip. de M. Figueiroa e F. & Filhos, 1875.
[12] Relatório do Presidente da Província Comendador João Pedro Carvalho de Moraes na abertura da sessão da Assembleia Legislativa Provincial em o 1º de março de 1876. Tipografia de M. Figueiroa de Faria e Filhos, 1876.
[13] PEREIRA DA COSTA, op. cit., p. 30.

sucederam em 1915, 1919 e 1930. Entre 1987 e 1988 foi feita uma restauração seguindo os critérios determinados pelo IPHAN.

Os restauradores que participaram desta reforma emitiram o seguinte parecer a respeito da evolução construtiva do templo: "(...) a edificação foi iniciada pela capela-mor e nave, vindo, em seguida, a construção da sacristia, sineiras e galeria. As reformas que se sucederam, a partir de 1891, eliminaram o retábulo da capela-mor, rasgaram tribunas nas naves, douraram os altares, pintaram neles simulações de mármore; construíram o adro (em frente e em volta da igreja), fecharam o armário da sacristia (inclusive promoveram o aterro na parte posterior da igreja); substituíram madeiramentos." O acesso aos sinos, ao púlpito e ao coro se faz por escada externa, no lado que dá para a praça do comando. A disposição da referida escada foi modificada na restauração de 1988 para minimizar a interferência na fruição da volumetria original do templo.

Ao lado direito da igreja (evangelho) situa-se uma edificação de grande porte atualmente ocupada por um estabelecimento comercial. Essa estrutura já existia em 1857 e servia como enfermaria. Nessa data, o General José Joaquim Coelho afirmava em seu relatório que o ideal era transferir essa enfermaria para o reduto de Santa Ana (o que de fato ocorreu) e transformar a casa em "alojamento do capelão e do sacristão".[14] Com a dificuldade de enviar sacerdotes à ilha a casa foi perdendo esse uso e começou a ser utilizada ora como residência do comandante, ora como alojamento para visitantes ilustres, como foi o caso dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral em 1922. Durante a II Guerra Mundial foi utilizada provisoriamente com enfermaria militar. Mais recentemente foi ocupada como casa de moradia e, apesar dos esforços da Arquidiocese de Olinda e Recife e do IPHAN, permanece com uso privado na atualidade. A igreja foi tombada em 1981.

Em frente à igreja, no centro do pátio, há um chafariz que foi instalado no início do século XX e serviu como cabine de projeção do improvisado cinema instalado a céu aberto durante a Segunda Guerra Mundial.

Outros templos

Além da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, registra-se a existência na ilha de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, fundada na rua do Pico em 1884 pelos próprios sentenciados. Apesar de aparecer em um registro pictórico do final do século XIX (tela do pintor Laissaily), não há vestígios materiais deste templo.

Havia ainda uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, sobre a qual informa Pereira da Costa que estava "situada junto ao alojamento denominado Aldeia, e da qual não resta o menor vestígio. Foi construída por um sentenciado, mas pelo adiantado estado de ruína em que se achava, foi demolida em 1837 (...) e começando-se a sua reconstrução caiu no estado em que se achava a obra, no inverno de 1839" [15].

Outra capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição ficava situada na vila da Quixaba. O registro mais antigo de sua existência remonta a 1816. Em 1835 um relatório produzido por Aleixo José de Oliveira indicava a necessidade de reparos urgentes, pois a mesma "estava quase arruinada, precisando de madeiramento". Com

[14] Relatório do Comandante José Joaquim Coelho ao Presidente da Província de Pernambuco Sérgio Teixeira de Macedo. 14 de fevereiro de 1857. Recife: Tip. Manuel Figueroa de Faria, 1857.
[15] PEREIRA DA COSTA, op. cit., p. 99.

nave única e altar-mor de onde foi retirada a imagem original para reforma no Recife, onde desapareceu (c. 1837). Estando vazio o altar-mor, foi depositada nele uma imagem de Nossa Senhora das Graças, passando então a capelinha para esta invocação. Em 1888 já se fazia a terceira reconstrução do templo. Naquele momento nada restava das obras feitas anteriormente, provavelmente em taipa de má qualidade. Ao longo do século XX a capela foi dessacralizada e serviu para vários usos, inclusive como depósito de materiais dos quarentenários veterinários nos anos 1950 e 1960. A capela foi totalmente restaurada no ano 2000[16].

Arsenal

Edifício que abrigava no final do século XIX as oficinas que existiam na ilha. Localizado na praça de comando com boa e sólida estrutura, com frente de 34,7 m e fundo de 16,3m. Sua fachada principal contava com um portão de ferro com acesso através de escadaria de pedra. Havia ainda quatro aberturas semicirculares fechadas com grades de ferro. As oficinas dispostas no interior da área de 565m², voltavam-se para uma área central descoberta e calçada. Havia trabalhos de ferreiro, carapina, tanoeiro, funileiro, correeiro e pintor. O edifício resistiu até a metade do século XX. Hoje restam os vestígios dos alicerces e o pátio central foi transformado em jardim e integrado à praça.[17]

Aldeia

Assim era denominado o edifício onde eram encarcerados pela noite os sentenciados com histórico de mau comportamento. O edifício de 1.275m² era apontado por Pereira da Costa como insuficiente para abrigar todos os condenados. Esse comentário aparece também em outros relatórios e descrições ao longo do tempo. Situado na praça central, em frente à casa de comando, suas proporções eram de 30m de frente por 42,5 de fundo. Estruturava-se em dois salões laterais voltados para um pátio central. Na entrada do edifício estavam duas carceragens ladeando o vestíbulo de entrada. Nos fundos estava a cozinha. Nos dois salões estavam instaladas barras de madeira onde se acomodavam os condenados. Abrigou em determinados períodos mulheres condenadas.

Enfermaria

Situava-se, como vimos, sobre as bases do reduto de Nossa Senhora da Conceição, tendo sido transferida da casa situada ao lado da Igreja. Na entrada, uma inscrição informa que foi principiada em 1871. A obra não atendia a contento os preceitos básicos de higiene e localização. Consistia em uma casa que reaproveitou parte das muralhas da fortificação, coberta com zinco e com área de 240m². Tinha capacidade para 60 leitos, que eram insuficientes para atender todo o pessoal administrativo e de segurança bem como os sentenciados, que eram tratados juntamente com os livres no mesmo edifício.

Cemitério

[16] SILVA, op. cit., p. 135.
[17] SILVA, M. B. L. e. op. cit., pp. 121-122.

Instalado em 1843, durante o comando do Coronel Antônio Gomes Leal, a pequena distância da vila, no rumo sudoeste. Contava com pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição erigida pelos próprios sentenciados. Sua área original era de 178,8m². Com o aumento da população na ilha, teve que ser ampliado. O relatório do presidente da província de Pernambuco de 1876 indicava que o cemitério já era insuficiente para o número de óbitos e que tinha ainda o inconveniente de estar na colina que domina a vila, e de onde correm águas pluviais.[18] Este trabalho foi feito em 1883 com a área sendo mais que dobrada e atingindo os 390m². Com a ampliação da área, a pequena capela ficou situada no meio do campo santo.

Armazém de cereais

Originalmente esta estrutura fazia parte do Reduto de Sant' Anna, tendo servido como quartel. Sua origem deve remontar, portanto, a meados do século XIX, quando foram feitas obras de ampliação no reduto. O relatório de Antônio Gomes Leal de 1873 indica a existência de quatro armazéns cobertos com telhas, certamente incluindo nessa contagem essa estrutura.[19] Foi usado ainda como almoxarifado, oficina, garagem e armazém de cereais. Chegou a servir como residência, mas depois caiu em abandono. Situa-se na parte mais baixa do pátio da igreja, de frente para a igreja N. S. dos Remédios. A tela de projeção improvisada no pátio da Igreja, durante a presença americana na Segunda Guerra Mundial, ficava em frente a esta edificação.

Na década de 1990, parte dela foi reerguida para atender a fins comerciais. Foi instalado um bar, uma loja de artesanato e uma bateria de sanitários das empresas de mergulho. Não obstante, a arqueóloga Miriam Cazzetta detectou que a parte reedificada não correspondente à estrutura original completa, havendo uma parte dela sido ocupada por uma palhoça usada para a realização de comércio informal de artesanato. A metragem completa da estrutura, segundo informação de 1877 é de 30m de frente por 16m de fundo. O registro fotográfico de Genaro Pinheiro, filho do comandante do Presídio no período de 1924/1930, documentou a referida estrutura que apresenta telhado de quatro águas com telhas canal e funcionava como Armazém (Ver Figura 2). Em 1938 já aparece com platibanda.[20]

---

[18] Relatório do Presidente da Província Comendador João Pedro Carvalho de Moraes na abertura da sessão da Assembleia Legislativa Provincial em o 1º de março de 1876. Tipografia de M. Figueiroa de Faria e Filhos, 1876.

[19] LEAL, A. G. Breve notícia da ilha de Fernando de Noronha. **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**. Recife: 1870, V. 3, n. 27, pp. 168-175.

[20] CAZZETTA, M. Projeto paisagístico e de revitalização da Vila dos Remédios no entorno do Forte Sant' Anna : setor 1. Recife: 2008. p. 19.



Figura 2 – Foto do Armazém de Cereais do arquivo de Genaro Pinheiro, filho do comandante do Presídio no período de 1924/1930.
Fonte: Acervo ADEFN



Figura 3- Em 1938, o prédio do Armazém de Cereais apresentava platibanda.
Fonte: Acervo ADEFN.



Figura 4 - Parte do prédio foi restaurada em 1990.
Fonte: Cazzetta, 2002.

Diretoria do Presídio – Palácio São Miguel

Este edifício já é mencionado em relatório de 1857. Suas quatro fachadas eram circundadas por terraços. No lado que dá para a praça de comando havia acesso por uma porta ligada ao nível do chão por uma escada em leque. Entre 1942 e 1945 abrigou o comando do grupo antiaéreo destacado no local durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1945 o comando da ilha resolveu reabilitar a casa para acomodar melhor a administração da ilha, naquele momento, instalada precariamente na casa vizinha a igreja. Iniciaram-se as obras no prédio da Diretoria. No final daquele ano estas reformas foram concluídas, mas nos dois anos seguintes, o edifício foi sendo ampliado na sua parte posterior e ganhou mais um pavimento. Seus terraços laterais, nos dois pavimentos, foram cobertos, dando origem a alpendres.
Nos anos 1960 foi aberto um segundo acesso ao edifício pela parte posterior. Com a instalação da residência do comandante, o prédio passou a ser chamado Palácio São Miguel. Entre outros usos, sediou um pequeno museu histórico e uma agência bancária. Na parte posterior está um grande vitral (2,4x1,5m) da vitralista Aurora Lima representando a luta do Arcanjo São Miguel contra o mal. No pátio em frente ao Palácio foi construído um monumento comemorativo dos 25 anos da passagem dos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Sobre uma coluna de pedras estão os símbolos portugueses: uma cruz de Cristo e uma esfera armilar. Atualmente sedia a Administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha.

Armazém de produtos agrícolas

Edificação situada na praça do comando e que já existia em 1857. No relatório deste ano elaborado pelo General José Joaquim Coelho, propõe-se a demolição do mesmo

e sua construção em local mais recuado, para dar regularidade ao traçado da praça de comando. Em virtude do declive do terreno tinha, em sua extremidade voltada para o mar, um porão alto. Sua fachada principal tinha quatro janelas e duas portas. Outra porta de acesso situava-se na fachada voltada para o mar, juntamente com outras quatro janelas. No lado voltado para terra havia apenas duas janelas. Teve muitos usos distintos ao longo do tempo, mas foi sua função de armazém e almoxarifado a mais destacada. Serviu ainda como padaria, marcenaria e aquartelamento de soldados. Com o desuso veio o abandono e a degradação. Em 1972 ainda estava coberto. Na atualidade encontra-se em avançado estado de ruína.

Mercado

Na praça do comando existiu um mercado público em prédio longo e alpendrado nas quatro fachadas. A área interna era dividida em pequenos compartimentos. Na década de quarenta uma quadra de esportes foi construída sobre uma parte da área que ocupava.[21]

Estação do Telégrafo

A operação deste equipamento foi inicialmente responsabilidade de uma companhia inglesa em 1893. A partir de 1914 o local passou a ser administrado por uma companhia francesa. Em data ignorada, a casa começou a apresentar problemas estruturais e foi abandonada.

Antiga escola / agência bancária

Numa edificação feita já no século XX, provavelmente em 1914, na praça do comando, funcionou uma escola. Contava com duas salas – uma para meninos, outra para meninas. Originalmente tinha telhado de duas águas com telhas canal. Posteriormente foi instalado teto estucado e platibanda com brasão da República. Com a abertura de outra escola em 1953, o prédio foi abandonado e arruinou-se. Em 1988 foi recuperado para abrigar a agência bancária da ilha. Juntamente com as edificações da sede dos Correios e do cinema Rio Branco, fecharam a passagem que havia da praça de comando para o reduto de Santa Ana.[22]

Antigo Teatro de Brinquedo

As ruínas situadas na bifurcação que separa as vias da rua São Miguel são de um casarão que teve diversos usos, inclusive o de teatro durante a fase em que o arquipélago funcionou como presídio político. Alguns presos liderados pelo tenente Agildo Barata Ribeiro encenaram ali algumas funções teatrais. A partir de 1942, as instalações foram usadas com o mesmo fim pelos militares do Destacamento Misto enviado para a defesa da ilha. Segundo Marieta Borges, os militares reutilizaram o palco sem saber que tinha sido feito pelos sentenciados que até poucos meses atrás estavam na ilha, atribuindo a construção a “antigos moradores”.[23]

---

[21] SILVA, op. cit., p. 122.
[22] SILVA, op. cit., p. 124.
[23] SILVA, op. cit., p. 127.

Jardim Elizabeth

Cortado pelo riacho temporário do Mulungu, o Jardim Elizabeth foi criado quando da ocupação holandesa com a função de aclimatar algumas culturas levadas para a ilha, entre elas, a do anil. A área continuou tendo o uso após a ocupação portuguesa definitiva, a partir de 1737. Funcionou como área de cultivo para fornecer víveres para a vila. A produção agrícola na ilha sempre foi marcada por altos e baixos relacionados especialmente com a irregularidade das chuvas e a ausência de fontes de água doce perenes. Daí que se alternam nos relatórios produzidos sobre a ilha as notícias, ora de boas colheitas e envio de víveres para o continente, ora o registro de anos de seca com consequente perda da plantação e necessidade de importação de comida.

Durante o período holandês, em poucas ocasiões foi possível remeter da ilha para o Recife os víveres tão necessários para a subsistência da conquista, especialmente depois que começou a sublevação dos luso-pernambucanos. Na maior parte do tempo, as condições de produção na ilha foram precárias, pois além da falta de água havia as pragas de ratazanas e lagartas.[24] O quadro não se modifica nos séculos seguintes. Mesmo quando havia boas colheitas, a manutenção da oferta de alimentos era um desafio, pois os estoques eram atacados por um inseto (gorgulho).

No Jardim Elizabeth (conhecido como Horta da Vila no século XVIII) se encontram ainda estruturas de pontes (equipamentos pouco numerosos na ilha) e vestígios dos terraços de agricultura e de estradas. Desde 1997 integra o roteiro de trilhas turísticas na ilha.

Obelisco

Às margens da BR-363, no caminho para o porto Santo Antônio sobrevivem os restos de um obelisco de pedra colocado no local para assinalar a passagem do governador Manuel Borba pela ilha em 1916.

Alojamento dos presos da vila da Quixaba

Era a principal estrutura arquitetônica da pequena vila secundária da ilha. Segundo Marieta Borges era uma das maiores construções do sistema carcerário do arquipélago e contava com instrumentos de tortura. Uma explosão destruiu o edifício em meados do século XX.

Casa de Banho do Riacho Mulungu

A água (não salina) era um bem rara e preciosa na ilha. Por isso, o controle sobre a sua utilização era de extrema importância. Ao longo da história da ocupação da ilha, há vários registros de obras hidráulicas para captar, conservar e regrar o uso do precioso recurso. Entre estas obras está à Casa de Banho do Riacho Mulungu. Esta estrutura já existia e tinha uso consolidado e regrado em 1887, quando Pereira da Costa visitou a ilha. O historiador pernambucano informa que era utilizada pelo pessoal administrativo do presídio. Os sentenciados utilizavam outra Casa de Banho pública que existia no porto do Cachorro, mantida com água oriunda de um

[24] BOOGAART, E. v. d. Morrer e viver em Fernando de Noronha, 1630-1654. In: GALINDO, M. (Org.). **Viver e morrer no Brasil Holandês**. Recife: Massangana, 2005.

reservatório da Floresta. Pereira da Costa exalta as propriedades medicinais das águas do Riacho Mulungu.[25]

Além da Casa de Banho existiam cacimbas no entorno do Mulungu que atendiam a população em geral. Em 1942, quando da ocupação militar durante a Segunda Guerra Mundial, foi ali instalada uma lavanderia. Cazzetta informa que o banheiro público era coberto com telhado de uma água.[26]

[25] PEREIRA DA COSTA, op. cit., p. 9.
[26] CAZZETTA, op. cit., p. 18.

Patrimônio Arqueológico

O levantamento de dados secundários referentes ao patrimônio arqueológico do Arquipélago de Fernando de Noronha foi efetuado através de consulta aos registros contidos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além de levantamento de fontes do Estado (Fundarpe) e da Administração Estadual do Distrito.

Ainda foram consultados, a partir da base de dados do IPHAN (Arquivo Noronha Santos), os tombamentos inscritos nos Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Livro Histórico, Livro de Belas Artes e no Livro das Artes Aplicadas.
No Arquipélago de Fernando de Noronha foram localizados dois bens tombados, na esfera Federal, registrados no Livro Histórico do Arquivo Noronha Santos. São eles:

Nome:	Forte de Nossa Senhora dos Remédios (Fernando de Noronha, PE)		
Livro:	Histórico	**Inscrição:**	333
Data:	21/08/1961	**No do Processo:**	0635-T-61

Nome:	Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Fernando de Noronha, PE)		
Livro:	Histórico	**Inscrição:**	481
Data:	29/01/1981	**No do Processo:**	0981-T-78

A Igreja Nossa Senhora dos Remédios está tombada apenas como patrimônio histórico, não constando como patrimônio arqueológico. A seguir dados de localização e documentação fotográfica do referido bem.

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565449,000 / 9575477,000



Figura 5 - Fachada da igreja de Nossa Senhora dos Remédios.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 6 - Área interna da igreja com vista para o altar-mor.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

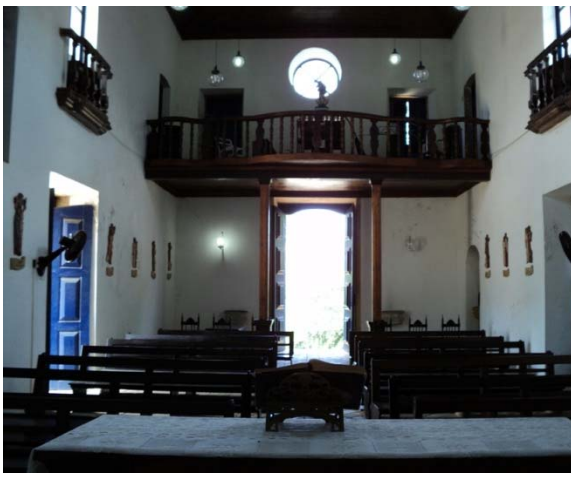


Figura 7 - Área interna da igreja onde é possível observar o coro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN[27] estão registrados 15 sítios no Arquipélago de Fernando de Noronha. Durante período da pesquisa foi realizado georeferenciamento e documentário fotográfico da situação atual de cada um dos sítios cadastrados, na esfera federal, conforme se pode observar a seguir.

CNSA:	PE00016	**Nome:**	Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565501,000 / 9575778,000

Situação:

Atualmente a fortificação encontra-se em estado de ruína com alguns de seus cômodos descaracterizados, como é o caso do Frontão da Capela do Forte. Em março de 2010 foi iniciada uma "Obra Emergencial de Consolidação e Escoramento da Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios" com recursos do PAC das Cidades Históricas e de responsabilidade do IPHAN. O término das obras estava previsto para dezembro de 2010, porém as obras encontram-se paralisadas.

[27] Consulta realizada ao banco de dados do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do IPHAN. Site: http://sistemas.iphan.gov.br/sqpa/cnsaresultado.php acessado em 14/06/2011.



Figura 8 - Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 9- Portão de acesso à Fortaleza. Trânsito retilíneo.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 10- Panorâmica das dependências internas do Forte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 11 - Paiol de pólvora.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 12 - Local onde funcionou a Capela do Forte, onde é possível observar o desabamento da parede frontal.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

CNSA:	PE00017	Nome:	Fortaleza da Conceição

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 564969,000 / 9575527,000

Situação:

Atualmente restam apenas ruínas do que foi o Forte de Nossa Senhora da Conceição e, posteriormente, duas enfermarias. No local das ruínas é possível perceber alterações recentes realizadas no local como, por exemplo, uma parede erguida com tijolos de furos. Uma das paredes do que foi a fortificação, hoje, acomoda duas caixas d'águas. Os canhões existentes no local estão em avançado estágio de deterioração.



Figura 13 - Ruínas do Forte da Conceição.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 14 - Placa informativa contendo planta do Forte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 15 - Canhão em péssimo estado de conservação abandonado entre as ruínas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 16 - Estrutura em Pedra acomodando caixas d'águas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 17- Situação das ruínas do Forte da Conceição.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

CNSA:	PE00018	**Nome:**	Fortaleza de São João Batista

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 561908,000 / 9574226,000

Situação:
Restam apenas vestígios de estruturas em pedra e canhões da Fortaleza de São João Batista.



Figura 18- Panorâmica da área onde estão situados os vestígios do Forte de São João Batista.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 19- Vestígios de estrutura em pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 20- Canhão localizado na área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

CNSA:	PE00020	**Nome:**	Fortaleza São Joaquim ou Sueste

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 563976,000 / 9571969,000

Situação:

Atualmente restam apenas vestígios da Fortaleza São Joaquim. No local foram observados restos de estrutura onde estão apoiados alguns canhões enferrujados e restos de material de construção entulhados nas proximidades da área.



Figura 21- Panorâmica da baía doa partir da Forte de Sueste.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 22- Os canhões estão bastante deteriorados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 23- Canhão apoiado sobre vestígio de estrutura do Forte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 24- Material construtivo entulhado nas proximidades das ruínas do Forte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 25- Projétil de ferro localizado no interior de um dos canhões.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

CNSA:	PE00021	Nome:	Fortaleza de São Pedro do Boldró

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 563131,000 / 9574807,000

Situação:

O Forte do Boldró é um dos poucos sítios onde ainda é possível identificar vestígios de estruturas internas. O local tem o acesso controlado para garantir a preservação do mesmo e, por sua localização privilegiada, é um local bastante visitado por turistas para apreciação do pôr-do-sol.

Este Forte encontra-se registrado duas vezes no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN como o PE00021 e o PE00058.



Figura 26 - Forte São Pedro do Boldró.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 27- Parte da muralha do Forte do Boldró onde é possível observar as canhoneiras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 28 - Estrutura quadrangular localizada na parte interna do Forte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 29- Panorâmica das ruínas do Forte do Boldró.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 30- Detalhe da muralha e de uma das dependências do Forte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

CNSA:	PE00022	**Nome:**	Fortaleza de Santo Antônio

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 566646,000 / 9576320,000

Situação:

Da Fortaleza de Santo Antônio restaram apenas ruínas de paredes edificadas com pedras e com aberturas arqueadas. Situa-se nas proximidades do Porto de Santo Antônio.



Figura 31- Panorâmica da área de localização do Fortaleza de Santo Antônio, próximo ao Porto de Santo Antônio.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 32- Canhão documentado no local.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 33- Vestígios de paredes em pedras com aberturas em arco.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

CNSA:	PE00023	Nome:	Reduto do Armazém ou Reduto Sant' Anna

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565367,000 / 9575547,000

Situação:

O Reduto do Sant' Anna encontra-se em ruína, porém parte de suas muralhas continuam preservadas. Não se conhece nenhuma planta, nem iconografia do que fora

a fortificação primitiva. O Projeto de Prospecção e Resgate Arqueológico na Vila dos Remédios englobou o estudo de uma porção não calçada da edificação que atualmente é utilizada, em parte, pelo empreendimento comercial “Bar do Cachorro”. O Bar está localizado em um baluarte da fortificação. Neste relatório serão apresentados os resultados obtidos com a prospecção arqueológica na referida porção da fortificação, além da complementação da ficha de registro de sítio arqueológico junto ao CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos) do IPHAN.



Figura 34 - Panorâmica da área do Reduto Sant’ Anna.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 35 - Ruínas das dependências internas do Reduto.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 36 - Baluarte do Reduto Sant'Anna, onde atualmente funciona o Bar do Cachorro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

CNSA:	PE00057	**Nome:**	Fortaleza de São José do Morro

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 566460,000 / 9577003,000

Situação:
Única Fortaleza localizada fora da Ilha principal, em uma das ilhas secundárias do Arquipélago de Fernando de Noronha, conhecida atualmente como Ilha Rasa. Restam apenas vestígios de estruturas em pedra, onde foi possível observar em uma de suas paredes aberturas arqueadas. No local, apesar da vegetação densa na área, foi possível visualizar alguns canhões.



Figura 37- Panorâmica da Ilha secundária (Ilha Rasa) onde estão localizadas as ruínas da Fortaleza São José do Morro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 38- Vestígios de estruturas identificadas na área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 39- Restos de paredes com aberturas em arco.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 40- Um dos canhões identificados na área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 41- Vista do Forte em direção à Ilha Principal, ponta da Air France.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

CNSA:	PE00184	**Nome:**	Armazém Agrícola

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565436,000 / 9575422,000

Situação:

O Armazém Agrícola está localizado na parte posterior da Igreja de N S dos Remédios. Encontra-se totalmente em ruína, restando apenas parte de sua fachada.



Figura 42 - Ruínas do Armazém Agrícola.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 43- Fachada do Armazém Agrícola.
Fonte: Miriam Cazzetta, 2007.

CNSA:	PE00185	Nome:	Forte Bom Jesus do Leão

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 562789,000 / 9572312,000

Situação:

O Forte Bom Jesus do Leão está situado entre a Praia do Leão e a Baía do Sueste. No local é possível observar apenas vestígios de estruturas em pedras e canhões.



Figura 44- Local do Forte Bom Jesus do Leão.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 45- Pedras indicando vestígio de estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 46- Canhão identificado na área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

CNSA:	PE00186	**Nome:**	Aldeia dos Sentenciados

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565321,000 / 9575409,000

Situação:

O Edifício da Aldeia dos Sentenciados encontra-se em ruínas, porém com fachada preservada. Parte dele encontra-se ocupado por uma família de nativos do Arquipélago.



Figura 47 - Frontão da Aldeia dos Sentenciados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 48 - Detalhe da Platibanda do edifício.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

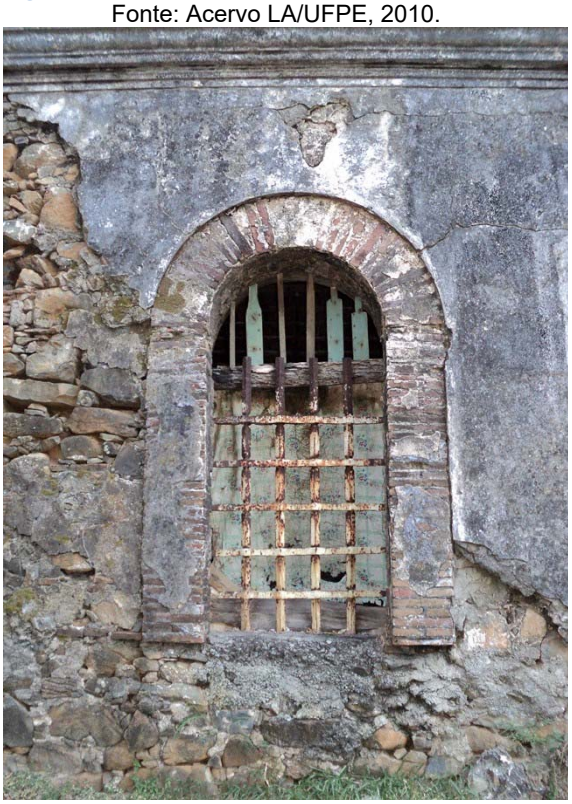


Figura 49 - Detalhe da janela.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 50 - Cômodo do edifício. Observa-se a ausência do telhado.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

CNSA:	PE00187	**Nome:**	Oficinas do Presídio

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565352,000 / 9575391,000

Situação:
Sítio arqueológico registrado pela arqueóloga do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta, em 2003. Segundo informações da ficha de registro de sítio (CNSA/IPHAN) no local onde existiu até a década de setenta passada, o edifício onde funcionaram as diversas oficinas do presídio comum, a saber: de ferreiro,

carpinteiro, tanoeiro, funileiro, correeiro e pintor. Atualmente, praticamente não há evidências das edificações.



Figura 51- Local onde existiram as oficinas do presídio, entre a Aldeia dos Sentenciados e o Palácio São Miguel.
Fonte: Miriam Cazzetta, 2007.

CNSA:	PE00298	**Nome:**	Residência do funcionário do presídio I

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565498,000 / 9575533,000

Situação:
Segundo informações contidas na ficha de registro do CNSA/IPHAN, este sítio está localizado no núcleo urbano da Vila dos Remédios, no Pátio da Igreja de Nossa senhora dos Remédios, ao lado do Memorial Noronhense; Corresponde a uma Construção sólida, da qual existem imagens fidedignas, serviu como residência de pessoal de comando do presídio comum. Foi registrado pela Arqueóloga do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta, em 2003. A edificação encontra-se em ruína.



Figura 52- Vista das ruínas de edificação ao lado do prédio do Memorial Noronhense.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 53- Ruínas da edificação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

CNSA:	PE00299	Nome:	Residência do funcionário do presídio II

Coordenadas UTM (Datum: WGS 1984): 25M 565492,000 / 9575512,000

Situação:
Segundo informações contidas na ficha de registro do CNSA/IPHAN este sítio corresponde a uma construção que serviu de residência aos funcionários do comando do Presídio de Fernando de Noronha. Foi registrado pela Arqueóloga do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta, em 2003. Atualmente, é utilizado como sede do Memorial Noronhense, que se encontra fechado para reformas.



Figura 54- Fachada do Memorial Noronhense.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

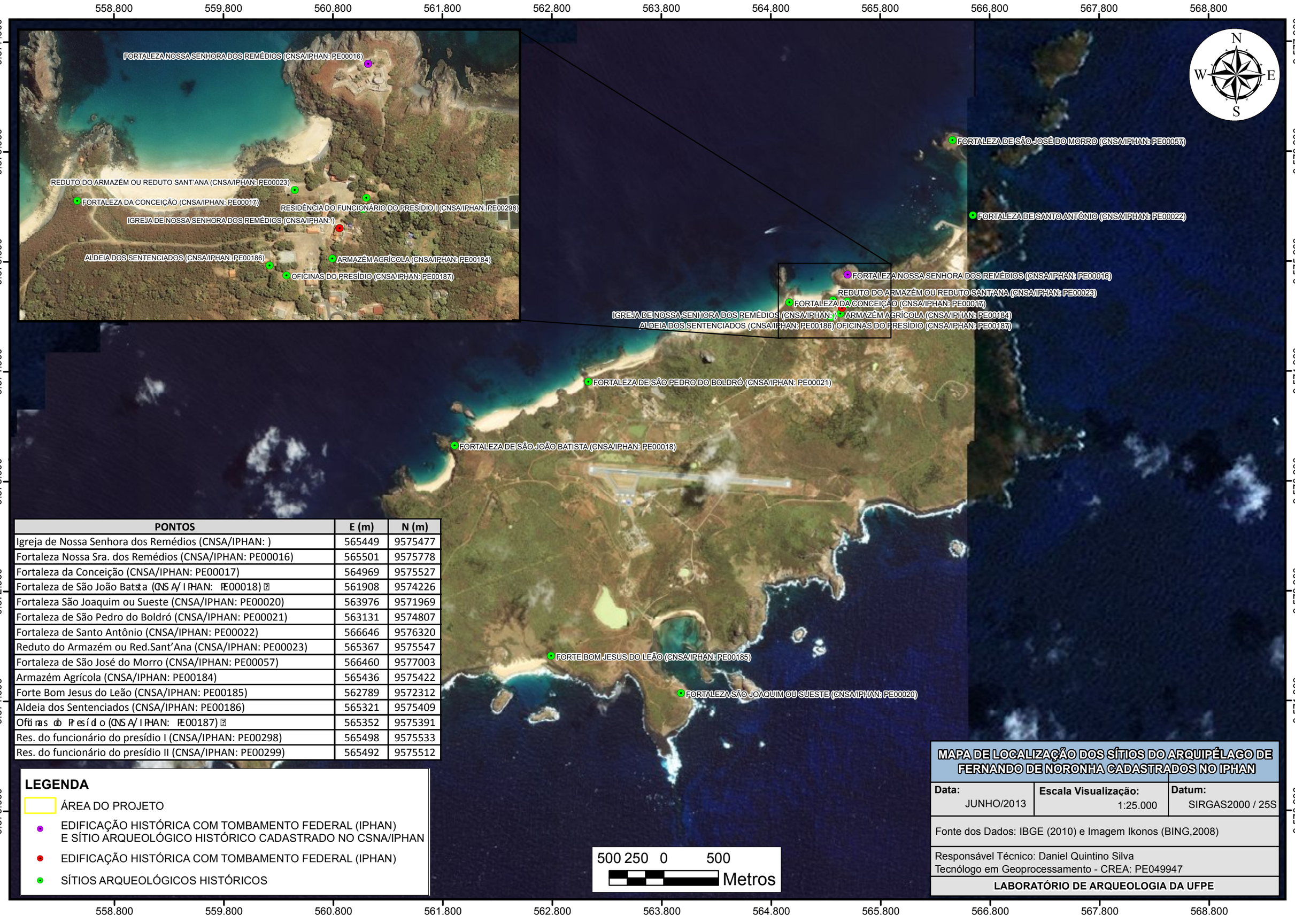


Figura 55- Parte detrás da edificação do Memorial Noronhense.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.



Figura 56- Residência do Funcionário do Presídio II.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2012.

Mapa de localização dos sítios arqueológicos cadastrados no CNSA/IPHAN



PONTOS	E (m)	N (m)
Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (CNSA/IPHAN:)	565449	9575477
Fortaleza Nossa Sra. dos Remédios (CNSA/IPHAN: PE00016)	565501	9575778
Fortaleza da Conceição (CNSA/IPHAN: PE00017)	564969	9575527
Fortaleza de São João Batsta (CNSA/IPHAN: PE00018)	561908	9574226
Fortaleza São Joaquim ou Sueste (CNSA/IPHAN: PE00020)	563976	9571969
Fortaleza de São Pedro do Boldró (CNSA/IPHAN: PE00021)	563131	9574807
Fortaleza de Santo Antônio (CNSA/IPHAN: PE00022)	566646	9576320
Reduto do Armazém ou Red.Sant'Ana (CNSA/IPHAN: PE00023)	565367	9575547
Fortaleza de São José do Morro (CNSA/IPHAN: PE00057)	566460	9577003
Armazém Agrícola (CNSA/IPHAN: PE00184)	565436	9575422
Forte Bom Jesus do Leão (CNSA/IPHAN: PE00185)	562789	9572312
Aldeia dos Sentenciados (CNSA/IPHAN: PE00186)	565321	9575409
Oficinas do Presídio (CNSA/IPHAN: PE00187)	565352	9575391
Res. do funcionário do presídio I (CNSA/IPHAN: PE00298)	565498	9575533
Res. do funcionário do presídio II (CNSA/IPHAN: PE00299)	565492	9575512

LEGENDA

- ÁREA DO PROJETO
- EDIFICAÇÃO HISTÓRICA COM TOMBAMENTO FEDERAL (IPHAN) E SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO CADASTRADO NO CSNA/IPHAN
- EDIFICAÇÃO HISTÓRICA COM TOMBAMENTO FEDERAL (IPHAN)
- SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HISTÓRICOS

500 250 0 500 Metros

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS DO ARQUIPÉLAGO DE FERNANDO DE NORONHA CADASTRADOS NO IPHAN

Data:	Escala Visualização:	Datum:
JUNHO/2013	1:25.000	SIRGAS2000 / 25S

Fonte dos Dados: IBGE (2010) e Imagem Ikonos (BING,2008)

Responsável Técnico: Daniel Quintino Silva
Tecnólogo em Geoprocessamento - CREA: PE049947

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFPE

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA

O Arquipélago de Fernando de Noronha apresenta um elevado potencial em termos de sítios históricos de interesse arqueológico, conforme se pode apreender a partir do levantamento de fontes primárias e secundárias descritas na primeira parte deste relatório. Objetivando garantir um melhor entendimento da ocupação do Arquipélago, e buscando preservar elementos materiais de sua história, o Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico foi executado antes e durante as obras de engenharia do Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no entorno do Forte Sant' Anna - setor 1. Esta área integra a Zona Histórico Cultural Vila dos Remédios.

A seguir serão apresentados os resultados das prospecções arqueológicas realizadas na Casa de Banho, Armazém de Cereais, Baluarte do Reduto Sant'Anna, bem como o monitoramento arqueológico das ações de desassoreamento do Riacho Mulungu. A metodologia aplicada nesta pesquisa possibilitou um melhor entendimento da ocupação dos referidos espaços, onde foi possível observar as mudanças e ajustes realizados em função das necessidades da sociedade ao longo do tempo. Tais resultados reforçam a importância da realização de pesquisas arqueológicas em áreas de preservação histórica, antecedendo as intervenções arquitetônicas.

METODOLOGIA

As referências históricas concernentes ao Arquipélago de Fernando de Noronha dão conta de sua ocupação ainda que intermitente, desde os primeiros tempos da colonização europeia do Brasil. Por outro lado, a documentação histórica conhecida até o momento não menciona a presença de grupos humanos nativos naquelas ilhas. Deste modo, em que pese às referências documentais acerca da introdução de famílias indígenas na Ilha, e de sua posterior remoção, a expectativa arqueológica se concentra em uma ocupação histórica da área.
Outro aspecto considerado, diz respeito à natureza das distintas ocupações que se sucederam na ilha. As alterações havidas não seguiram um curso natural de crescimento populacional ou de depopulação, mas foram reflexo de alteração na política de ocupação do solo. Tais alterações, por seu turno, promoveram mesmo a substituição da população com fortes reflexos em seu quadro composicional. As mudanças na política de ocupação, seja quando servia de entreposto de abastecimento ou de recuperação dos marinheiros que atravessavam o Atlântico, e posteriormente quando foi transformada em presídio, certamente trouxe reflexos na documentação arqueológica oriunda de cada uma das ocupações. Mas certamente as estruturas arquitetônicas ali implantadas em grande parte representam um contínuo de diferentes funções, contendo o registro dos distintos momentos e feições que assumiram.
Tem-se assim, que o objetivo geral que envolve a identificação de parte do projeto construtivo e da distribuição espacial das estruturas do conjunto urbano que integram o pátio da Igreja Nossa Senhora dos Remédios pressupõe a continuidade temporal das estruturas arquitetônicas construídas, mesmo considerando descontinuidades no uso, alterações de função, modificações em sua estrutura. Em decorrência, as estratégias buscadas para a abordagem arqueológica sobre o terreno tomam por base tais pressupostos.

Este enfoque permite que se utilizem as estruturas presentes conhecidas como pontos de referência espacial para o registro de outras estruturas que eventualmente venham a ser localizadas, sem necessidade de estabelecer-se um sistema de referência de medição.
Deste modo, o perímetro de cada área pesquisada, e cada estrutura resgatada pôde ser graficamente disposto no espaço, através do registro topográfico, tomando-se por base pontos de ancoragem conhecidos e virtualmente permanentes.
Outro aspecto a ser considerado no estabelecimento das estratégias de ação, diz respeito às condições geomorfológicas da área, e em consequências os princípios geoarqueológicos predominantes. Considerando-se a constituição geológica da Ilha, de origem vulcânica, e seu apartamento da costa continental, podemos considerar que os sedimentos ali presentes são de origem local, transportados de áreas relativamente próximas. Por outro lado, as condições climáticas predominantes, que do ponto de vista arqueológico importam os fortes aguaceiros, se refletem, sobretudo, no rápido transporte de sedimentos arrastados pelas águas das cotas mais altas e depositando-se nos terrenos mais baixos e muitas vezes arrastados até o mar. A força das enxurradas certamente arrastou consigo além de sedimentos, o próprio lixo daquelas populações passadas, a fonte de formação do registro arqueológico, reduzindo, provavelmente o universo da documentação material remanescente.
O processo deposicional conduzido por tal configuração geoarqueológica permite elaborar-se outro quadro de expectativas, no que se refere à formação da estratigrafia. A variação na intensidade das chuvas e consequentemente dos volumes de água que descem as encostas produzem uma sucessão de momentos de deposição e de remoção do material clástico, de modo que a estratigrafia resultante não representa efetivamente uma sucessão deposicional, de elementos cronologicamente selecionados. Ou seja, em face da recorrência dos processos, a sucessão de depósitos pode apresentar inversões estratigráficas de peças arqueológicas, em função das áreas atingidas pelo arrasto. Ou ainda, devemos considerar, sobretudo, nas áreas da calha do Riacho Mulungu, a condição predominante de uma deposição secundária, de materiais remobilizados.
Por outro lado, as interferências humanas presentes na área se deram a nível histórico. Assim os efeitos de tais interferências são, via de regra, mais intensos, e frequentemente direcionados a um objetivo específico, que quase sempre podem ser identificados. Nestes casos, os ‘pacotes’ de sedimentos mobilizados (aterros, terraplanagens, etc.) podem conter materiais de distintas procedências e de diferentes cronologias.
A avaliação local de cada tipo de depósito orientou a técnica de escavação em cada uma das áreas estudadas.

CASA DE BANHO (FN0001 LA/UFPE)

Mapa de localização da Casa de Banho


565.400
565.500
565.600
9.575.600
9.575.500
N
W
E
S
CASA DE BANHO
E: 565521 m
N: 9575551 m
CASA DE BANHOS (FN0001 LA/UFPE)
REDUTO SANT'ANA
IGREJA N. S. DOS REMÉDIOS
LEGENDA
SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO
PONTOS DE REFERÊNCIA
ÁREA DO PROJETO
20 10 0 20
Metros
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA CASA DE BANHOS (FN0001 LA/UFPE)
Data: JUNHO/2013
Escala Visualização: 1:1000
Datum: SIRGAS2000 / 25S
Fonte dos Dados: IBGE (2010) e Imagem Ikonos (BING,2008)
Responsável Técnico: Daniel Quintino Silva
Tecnólogo em Geoprocessamento - CREA: PE049947
ARQUEOLOG PESQUISAS - LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFPE

A descoberta de uma ilha oceânica, no contexto das navegações quinhentistas representava não apenas um feito em termos de conhecimento ou mesmo posse de novas terras. Ilhas oceânicas poderiam representar a oportunidade para os navegadores terem um "refresco" em suas lides. Desembarcar, reabastecer-se, descansar. E talvez, o mais importante, a chance de obter-se água fresca. Assim é que quando a expedição de Gonçalo Coelho avistou e desembarcou na ilha que hoje leva o nome de Fernando de Noronha, a descrição ao rei, reflete exatamente aqueles pontos que mais chamavam a atenção de navegadores. O próprio Américo Vespúcio, na sua carta dirigida a Pedro Soderini, Gonfaloneiro de Veneza, escrita de Lisboa em 4 de setembro de 1504, diz o seguinte, que é bastante para ver-se que se trata da ilha de Fernando de Noronha:

> E partindo daqui (altura da Serra Leoa) pelo sudoeste quando tínhamos andado bem trezentas léguas pela imensidade deste mar, estando ja alem da linha equinocial, três graus para o sul, se descobriu uma terra, de que então podíamos estar 22 léguas, o que nos serviu de maravilha; achando que era uma ilha no meio do mar, extremamente alta, e notável por não ter mais de duas léguas de comprido e uma de largo, e nunca foi habitada por gente alguma. O capitão-mor me mandou com a gente da minha nau aquela ilha em procura de algum surgidouro onde pudéssemos ancorar todos os navios. E achei nela um belo porto, onde, seguramente, podíamos ancorar todas as naus, Esta ilha é desabitada, tem muitas águas doces e correntes, infinitas arvores, e inumeráveis aves terrestres e marítimas, tão simples que se deixavam apanhar a mão, e assim caçamos tantas que carregamos um batel delas; não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com duas caudas e algumas serpentes[28].

A preocupação com as fontes de água, com as aguadas, as calhetas, se reflete também na cartografia, onde aqueles pontos são assinalados, descritos nos textos e legendas, tais como no:

> *Mappa da Jlha de Fernando de Noronha Situada a 5 graos 5 minutos de latitude do Sul e 351 de longetude oSidental demonstrada com todos os portos desua circunferencia e depois com asua perspectiva.*
>
> **KK** Lugar para donde corre água quando chove
> **H** A Fonte que corre da Povoaçam
> **L** Paul da cacimba da gameleira
> **Q** Fonte do beldró

E na Planta 023, que traz:

> **Nº 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º** Fontes de água Doce.
> **Nº 11** Rio de água Salobra

Ao longo do tempo, com uma efetiva ocupação da Ilha, a demanda por água já é bem maior que as necessidades de abastecer frotas que eventualmente ali fundeassem. Tanto que, ao longo do tempo se pode observar comentários divergentes daquele expresso por *Américo Vespúcio, acerca das muitas águas doces e correntes, que ali existiam.*

Bem mais tarde, com a notória preocupação com a higiene pessoal que permeia a sociedade do século dezenove, é provável que esta demanda tenha se acentuado. As poucas referências à existência de uma 'casa de banho', remontam à segunda metade do século XIX, extraídas do Relatório sobre o Presídio de Fernando de Noronha apresentado na Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambuco, de número 27, pelo Cel. Antonio Gomes Leal, em 1887: *"duas pequenas casas ou*

[28] Pereira da Costa V01 p. 63

quartos cobertos de telhas, servindo um de depósito d'água, e outro de banheiro dos officiaes e empregados" [29].

Outra estrutura voltada a higiene pessoal referida na documentação, é a 'bica do cachorro' instalada na encosta, quase ao sopé da Vila dos Remédios. A denominação Bica do Cachorro, provém da presença à época de uma cabeça de cachorro, possivelmente em bronze, da qual jorrava a água[30]. Segundo a documentação coeva, a bica era destinada ao banho dos prisioneiros, enquanto que a casa de banho do Riacho Mulungu era utilizada pelos funcionários do Presídio.
Ao longo do tempo a 'bica do cachorro' continuou a ser utilizada, ainda que suas reformas não tenham preservado o elemento associado a seu nome. A casa de banho, no entanto, teria entrado em desuso, em arruinamento, e sua presença perdeu-se na memória coletiva. Atualmente já não resta entre a população consultada, mesmo os mais velhos da Ilha, a memória da existência de um local específico, fechado, destinado ao banho público.
Esta amnésia coletiva acerca da casa de banho referida na historiografia, não deixou sequer lendas urbanas quanto a sua localização ou episódios a ela relacionados. Assim, praticamente sem elementos historiográficos, ou mesmo de história oral, a busca por se identificar a localização daquele equipamento de uso coletivo de uma classe social, precisou ser confiada aos eventuais remanescentes arqueológicos.
O elemento central considerado nesta busca foi a fonte de água. São conhecidas estruturas de banho públicas utilizadas ao longo da história colonial e imperial, no Brasil. Frequentemente são utilizadas estruturas associadas a chafarizes ou bicas onde um rol de atividades associados ao uso da água, ocupam espaços contíguos: a apanha da água de beber e de 'gasto', o banho e a lavagem de roupa. Atividades que podem estar associadas ou não, ocupando espaços contíguos. É o caso da bica de Porto de Pedras (AL), onde se apanhava água (antes da instalação do sistema de distribuição domiciliar) e se dispõe, ainda nos dias atuais de banheiros públicos.



Figura 57- A Bica Pública de Porto de Pedras - AL, inclui uma Casa de Banho, com cômodos separados para homens e mulheres.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2008.



Figura 58- A estrutura do chafariz é próxima porem apartada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2008.

[29] *LEAL, 1877:173.*
[30] Existe ainda uma associação do nome da Praia do Cachorro, segundo o Guia Geológico de Noronha, "com a vista que dali se tem para a ilha Morro de Fora, que lembra um cachorro deitado.".



Figura 59 – O abastecimento do chafariz é isolado, com as águas transportadas em um aqueduto.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2008.



Figura 60 - O sistema de esgotamento das águas servidas se faz através de canaletas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2008.



Figura 61 - O local de banho das mulheres, mais discreto, inclui uma bica para lavagem de roupa.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2008.

Embora atualmente em desuso, o conjunto de São José, em Santa Catarina ainda preserva a imponência que refletia a importância do sistema para a comunidade.



Figura 62 – Panorâmica da Bica de São Jose, SC, construída em 1840 e reformada em 1940.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 63 – Embora a área disponha de água corrente à superfície, um depósito (cacimba?) coberto em abóbada, garante o abastecimento com água limpa.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 64 – Já em desuso, assoreado, um conjunto de lavanderias públicas, reflete uma reforma havida na segunda metade do século XX.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Outra versão de estrutura pública para banho pode ser observada ainda nos dias atuais, embora já em desuso, em Penedo (Alagoas). Uma cacimba escavada à margem esquerda do Rio São Francisco, ao pé de um penedo é a fonte de abastecimento para o banho. A área de banho, contígua à cacimba, não é coberta e tampouco fechada; o banho é a céu aberto. A cacimba, por seu turno é coberta por

uma abóboda em tijolos, dispondo de uma abertura lateral, encimada por um arco, também em tijolos.



Figura 65 – Cacimba, com a coberta em abóbada, vista de montante.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Esta abertura lateral dispõe de uma comporta que pode ser manuseada de forma a permitir o escoamento da água, que por seu turno vai encher uma estrutura retangular, disposta ao lado da cacimba, onde se toma banho. Os níveis da comporta da cacimba e da área de banho são tais que a água usada no banho não entra em contato com a água da cacimba. Do mesmo modo que a cacimba, a estrutura de banho dispõe de uma comporta que permite conter ou escoar a água servida, que é conduzida ao rio.



Figura 66 - Degraus em pedra constituem o acesso à área de banho. Acima, à esquerda a cacimba coberta. A vegetação que medra entre os tijolos impede a visualização do arco onde se dispõe a comporta.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Na Vila dos Remédios, em Fernando de Noronha, duas cacimbas nas margens do Riacho Mulungu são mencionadas na historiografia; ambas conhecidas nos dias atuais. A primeira delas, mais a montante, se encontra em terras do antigo Jardim Elisabeth, um jardim de aclimatação mencionado no século XVIII, provavelmente já mencionada no citado *Mappa da Jlha de Fernando de Noronha..., como Paul da cacimba da gameleira*. A segunda, ao pé da estrada de acesso ao Forte dos Remédios. Em que pese eventuais alterações havidas ao longo do tempo, e o fato de não ter havido escavação arqueológica no entorno da cacimba do Jardim Elizabeth, apenas a cacimba ao pé da estrada de acesso ao Forte apresentava elementos que

poderiam sugerir sua associação a uma estrutura de banho conhecida como tendo sido utilizada por aquele referido sistema cultural.

Escavada a poucos metros da margem esquerda do Riacho Mulungu, a cacimba é pouco profunda. Seu diâmetro de 2,3m lhe garante um volume de acumulação que no auge da estiagem (dezembro de 2010) chega a 3 m^3. Atualmente não se pode aferir seu nível dinâmico em uso constante, haja vista que praticamente não é utilizada. Por outro lado, o nível de estabilização atual se encontra a menos de 2m abaixo da superfície atual do terreno, sendo, portanto, de muito fácil acesso.

Apesar de escavada à margem do riacho, a geologia do terreno mostra a juventude de sua formação, com a presença de numerosos blocos de rocha. Embora revestida com tijolos, alguns blocos de pedra não chegaram a ser removidos, ou mesmo cortados, restando parcialmente expostos em seu interior. Ao longo do tempo certamente a cacimba foi "limpa" removendo-se sedimentos em seu interior, permitindo maior fluxo à nascente. Via de regra, a recorrência do processo de limpeza aprofunda gradativamente a cacimba, deixando em parte a "parede" sem o revestimento (de tijolos, no caso). Isto gera um problema de contenção, permitindo um maior afluxo de sedimentos. No caso de uma cacimba escavada em uma matriz arenosa, o problema gerou uma instabilidade no revestimento de tijolos e parte daquela parede desmoronou. Com o desmoronamento o processo foi acelerado com reflexos na parte externa, onde fez surgir um vazio que se conecta com o interior da cacimba, tornando instável parte do entorno da mesma. Como foi mencionado nos relatórios parciais, o problema tem de ser resolvido no interior da cacimba, de modo a estabilizar o conjunto.

Estado do local antes do início da pesquisa

A área delimitada no Termo de Referência do Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, como Casa de Banho, por ocasião do início da pesquisa refletia palidamente o aspecto que trazia quando, na década dos anos 1970[31], foi ocupada com uma estrutura de lavanderia pública.

Alguns vestígios remanescentes apontavam para a existência de um sistema de esgoto, bem como de água encanada servindo àquelas cubas de uso público.



Figura 67- Situação da área da Cacimba antes do início da pesquisa.
Fonte: Miriam Cazzetta, 2009.

[31] "À margem do Riacho Mulungu, cacimbas serviam à comunidade prisioneira da ilha e, a partir de 1942, aos militares do território federal, que construíram uma lavanderia comunitária no local. Em outra época (século XIX) havia ali um banheiro público, com casa apropriada, destinado aos funcionários do presídio". (SILVA, p.115). Arqueologicamente restaram vestígios da década de 70.



Construída na década de 1970, a lavanderia pública já se encontrava em desuso, quando do início da pesquisa.

Figura 68 - Lavanderia instalada na década de 70.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.

Todo o sistema se encontrava danificado, sendo apenas eventualmente utilizado pela população local para o banho de crianças e adultos que voltam da praia.

Além da estrutura da lavanderia pública, restara aparente no local apenas a antiga cacimba do Riacho Mulungu e as ruínas de paredes que a separavam da margem.



Figura 69 - Utilização da área por moradores da Ilha.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 70 - Avaliação da área das ruínas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.

Escavação arqueológica da área da Casa de Banho

A área da Casa de banho foi setorizada em cortes de 2 X 1,5 metros, coalescentes entre si, constituindo trincheiras. (planta anexa).

A escavação arqueológica na área foi realizada, inicialmente, através da abertura de cortes-teste, até a identificação da estratigrafia padrão da área.



Figura 71 – Demarcação e identificação dos cortes.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 72 - Perfil do terreno expondo os sequentes depósitos.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Os primeiros cortes realizados exibiram uma estratigrafia compatível com uma deposição assistemática e recente, rica em matéria orgânica.

A análise das coleções resgatadas nos cortes teste permitiu considerar-se a presença de um espesso pacote de descarte de lixo, em que se incluía pelo menos em parte, lixo doméstico. Os artefatos que permeavam o entulho, em sua grande maioria, correspondiam a produtos industrializados da segunda metade do século XX. Paralelamente, remanescentes da primeira metade do século vinte, como aros de barril e de ancoretas, foram localizados. Na realidade, em Fernando de Noronha, como de resto em grande parte do Brasil, o uso de ancoretas e de barris para o transporte e o armazenamento de água, estendeu-se além da metade do século passado.

Na documentação histórica iconográfica temos registro desta prática em Fernando de Noronha até pelo menos 1934.



Figura 73 – Transporte no lombo de burros.
Fonte: Coleção Marlene Cavalcanti (doação de) cedida por Mirian Cazzetta.

Mas o uso dos aros de barril se estendeu além da contenção de líquidos, das tinas onde se guardavam os "secos", e que serviam de cocho aos animais. Danificadas as aduelas, os aros eram incorporados ao mundo lúdico, onde eram "tangidos" pelas crianças (particularmente meninos) com o auxílio de um graveto (ao qual, posteriormente se anexava uma parte de um tubo plástico, embalagem de desodorante).



Figura 74 - Aro de barril, localizado durante a escavação arqueológica.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 75 - Detalhe do aro de barril sobre parte de uma lanterna de pilhas, em plástico, provavelmente dos anos 60/70.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

A presença dos aros de barril no sítio, por suas associações, pode ser atribuída possivelmente à segunda metade do século XX, como se pode apreender do conjunto na foto ao lado, onde o aro repousa sobre parte de uma lanterna de pilhas, em plástico, provavelmente dos anos 60/70.

A identificação de algumas marcas, em associação com o layout de suas embalagens, permitiu um maior refinamento na avaliação da cronologia do depósito, como é o caso destas embalagens de dentrifícios, algumas já fora do mercado, outras que têm continuidade com nova marca (Kolynos), e outras ainda, apenas com novas embalagens (Colgate).



Figura 76- Coleção das embalagens de dentifrícios mais comuns.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Além de restos de ferramentas, partes danificadas de peças, grande parte do entulho concentra objetos de uso pessoal. São restos de calçados, notadamente de crianças, e brinquedos. São frequentes ainda produtos de toalete, tais como dentifrícios, desodorantes, brilhantina, etc..

Embalagens de vidro de diferentes usos, além de garrafas e latas de bebida misturam-se a uns poucos exemplares da louça doméstica.
Relacionados diretamente à presença militar, foram identificados um botão de fardamento (já da república) e dois projéteis de canhão (que entrou em desuso já na segunda metade do XIX). Com o desarmamento das antigas peças de artilharia de carga-avante, é possível que tais projéteis, já sem função servissem a diferentes propósitos, até mesmo de souvenir. O material localizado encontrava-se fora de seu contexto arqueológico.

Na sequência, amostras das coleções resgatadas neste primeiro pacote estratigráfico.












Van Es
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15
cm
LA/UFPE

















Este tipo de entulho se encontrava constituindo o pacote de cotas mais elevadas junto à estrutura que servia de arrimo à Estrada Velha do Porto (***14***). Sua forma de deposição e distribuição sugere que o lixo teria sido jogado a partir da Estrada Velha do Porto, formando camadas descendentes. Posteriormente, todo o lixo foi capeado por uma camada de argila permeada de pedras, constituindo uma rampa, que iria servir de acesso à margem do riacho. É provável que a prática de depositar lixo na área tenha perdurado até quando nos anos 70 ali foi instalada uma lavanderia pública.

Um segundo pacote, mais recente, é representado por uma camada de areia (local) de permeio com grande quantidade de pedras "brutas" (também locais), provavelmente associadas a descarte de restos de material de construção (talvez as obras no Armazém nos anos 1990).



Figura 77 - Camada de pedras sobre (e de permeio) areia.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 78 - Camada constituída por pedras de permeio com argila escura com resíduos de cal.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Abaixo da camada de areia, na cota aproximada àquela em que foram assentadas as lavanderias, um novo pacote de entulho se apresenta. É constituído, sobretudo, de argila escura com grânulos esbranquiçados, de permeio com blocos de pedra e grandes seixos (30 X 25 cm).

O teste químico realizado em campo reforçou a hipótese que se tratava de argila local à qual fora adicionada cal, constituindo a argamassa que fixava as pedras de antigas paredes desmoronadas.



Figura 79 - Detalhe de uma das paredes em pedra rejuntadas com argila, podendo se observar ainda o reboco lateral.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

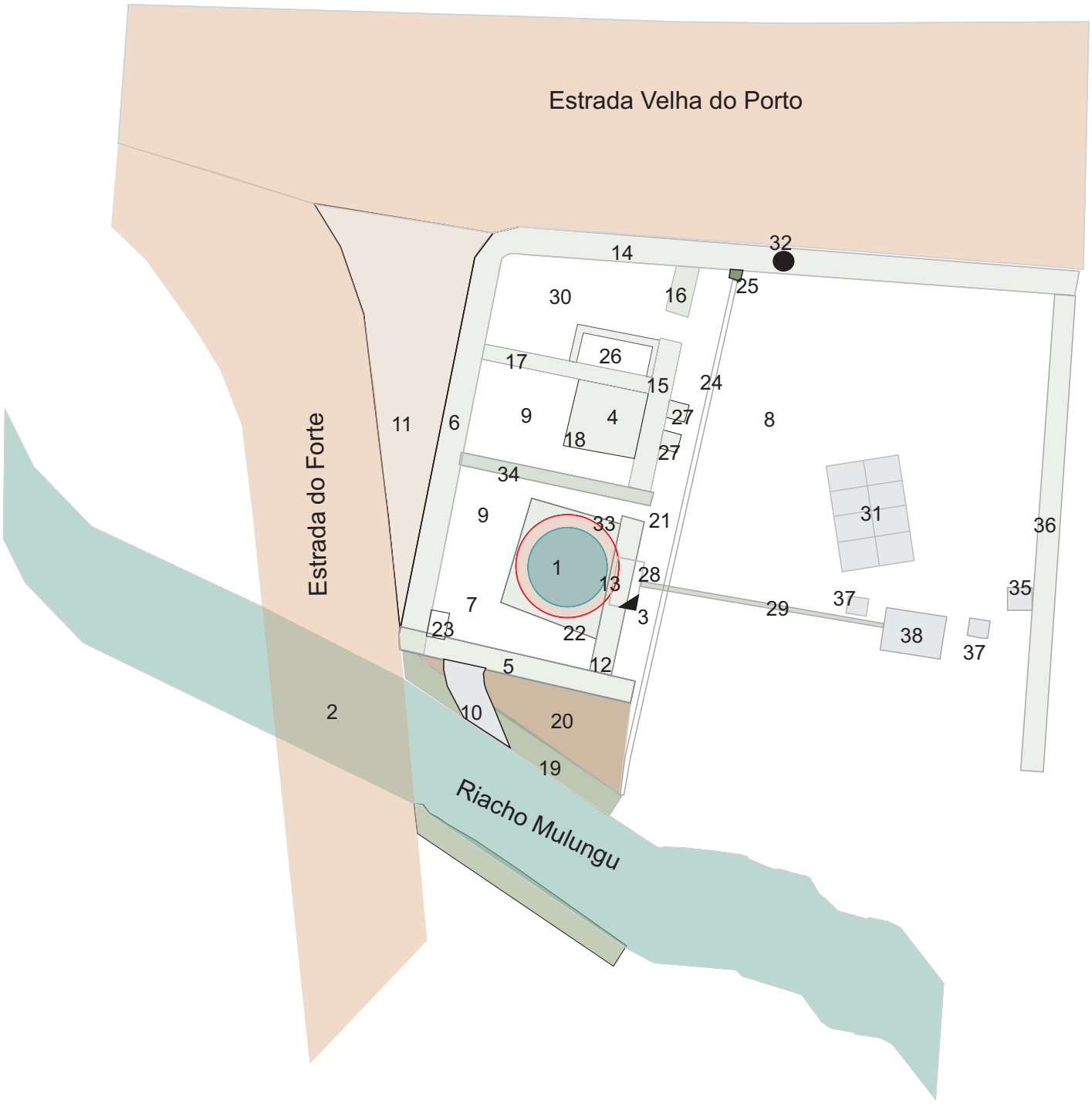
No interior desta camada foram localizadas as primeiras estruturas. Provavelmente este entulho mais antigo é constituído principalmente pelo material oriundo do desmoronamento das paredes de pedra rejuntadas de argila e alguma cal.

Eram paredes rebocadas com argamassa de cal o que as protegia da ação das chuvas.
Um aspecto que chama a atenção é o fato das paredes arruinadas terem tombado aproximadamente na mesma altura.

Estruturas localizadas

A análise das estruturas localizadas, a avaliação de suas associações e distribuição permite atribuir-lhes distintas cronologias. Embora tenha sido possível identificar-se com segurança a cronologia relativa das estruturas, ainda não se dispõe de elementos que permitam uma aproximação mais refinada para cronologia absoluta de algumas delas.

Planta das estruturas localizadas, com referenciamento numérico da pesquisa arqueológica



Referenciamento numérico das estruturas localizadas na pesquisa arqueológica

Planilha de referenciamento numérico das estruturas da Casa de Banho

Tabela de Cronologia das Estruturas da Casa de Banho

Século	Número	Estrutura	Comentário
XVIII	1a	Corpo da cacimba	No século XVII o entorno da cacimba não era coberto com telhado, porém já existia a parede/mureta 5A. É possível que o acesso lateral (em arco) existisse, embora que bem mais baixo.
XIX (1) XIX (2) XX (1)	1b	Acréscimo no corpo da cacimba (trecho rebocado)	Ajustou-se a altura do corpo da cacimba à elevação da cota do piso, e ao novo arco da abertura lateral.
XVIII	2	Ponte e estrada do Forte	Possivelmente contemporânea à construção da Fortaleza dos Remédios.
XVIII 3		Piso de pedra junto à cacimba n o acesso lateral da mesma	Sua cota poderia estar associada a um degrau de acesso, mas em virtude da correspondência do piso (4) localizado na estrutura 18, há que se considerar que se trata de uma cota de piso.
XVIII	4	Piso no meio do sólido	Mesma cota do piso (3) na entrada da cacimba
XVIII 5a		Parede/Mureta e ntre a cacimba e o muro junto ao riacho	Servia para desviar as 'águas de enxurrada do riacho. Ressalte-se a presença de reboco marcando o topo de um a parede mais baixa, anterior.
XIX (1) XIX (2)	5b	Parede entre a cacimba e o muro junto ao riacho (acréscimo).	O acréscimo das paredes 5A e 6A está diretamente ligado a feitura do telhado de duas águas. E possivelmente o surgimento da parede 12 e da abertura ou aumento da extensão da abertura em arcos.
XVIII XIX (1)	6a	Parede que corre bem próxima à Estrada do Forte	Inicialmente seria mais baixa que atualmente; teria sido implantada para dar suporte à coberta. Sofreu reparo ou foi elevada aproximadamente à cota da Estrada do Forte.
XIX (1) XIX (2)	6b	Parede que corre bem próxima à Estrada do Forte (acréscimo)	O acréscimo das paredes 5A e 6A está diretamente ligado a feitura do telhado de duas águas. E possivelmente o surgimento da parede 12 e da abertura ou aumento da extensão da abertura em arcos.
XVIII XIX (1)	7	Piso de pedras menores	Anterior à coberta
XVIII	8	Piso de pedras maiores	Anterior à coberta

Século	Número	Estrutura	Comentário
XIX (1)			
XIX (1) XIX (2)	9	Piso de seixos	Perceptível apenas na área coberta
XVIII 10		Vestígio de uma possível estrada que corria ao longo da margem do Riacho Mulungu (atualmente truncada).	
XIX (1) XIX (2)	11	Piso complementando estrada de acesso ao forte	O piso entre a estrada de acesso a Forte dos Remédios só poderá ter sido assentado após a complementação (6B) da parede 6A. E provavelmente contemporânea à feitura do telhado de duas águas.
XIX (1) XIX (2)	12	Parede I	Possivelmente erguida para apoio do telhado e para abertura ou complementação do acesso lateral em arcos da cacimba; com intuito de possibilitar o acesso e retirada de água do interior da cacimba. É contemporânea a o surgimento/complemento das paredes 5B e 6B.
XIX (1) XIX (2)	13	Cacimba	A abertura lataral da cacimba poderá até ser anterior a parede 12, porém a abertura em arcos é contemporânea a feitura da parede 12.
XIX (1) XIX (2)	14a	Parede que serve de arrimo à Estrada Velha do Porto. Ao que parece a estrada sofreu interferências que elevaram sua cota (local), o que exigiu complementações em	Observa-se uma antiga manilha (25) que despejava na calha, conduzindo a água para o riacho. Com a elevação da cota da estrada uma nova manilha foi colocada (32).
XX (1) XX (2)	14b	Parede que serve de arrimo à Estrada Velha do Porto.	Complemento recente realizado juntamente ou após o aterro da estrada da memorial.
XIX (1) XIX (2)	15	Parede que juntamente com a 16, constituía a facha da dos cômodos qu e atendiam a os reservatórios e ao banho.	
XIX (1) XIX (2)	16	Parede que juntamente com a 15, constituía a fachada dos cômodos qu e atendiam a os reservatórios e ao banho.	
XIX (1) XIX (2)	17	Parede divisória entre os cômodos do reservatório e o de banho.	
XIX (1) XIX (2)	18	Estrutura qradrangular onde externamente são formadas quatro paredes em pedras rejuntadas com argamassa de barro e cal. Internamente o espaço é preenchido com pedras, constituindo um sólido. Provavelmente servia de base para um depósito de água (elevado).	
XIX (1) XIX (2)	19	Estrutura em pedra (atualmente rejuntadas com cimento portland que conduz a água que passa sob o pontilhão, visando manter o curso.	

Século	Número	Estrutura	Comentário
XIX (1) (?)	20	Revestimento do solo, em pedra, disposto sobre o aterro entre as paredes 5 e 19.	Preenchido antes ou depois da complementação da parede 5B???
XX (1)	21	Piso de tijolos	
XIX (1) / XIX (2)	22	Restos de uma estrutura retangular que envolve externamente a base da cacimba (na cota de então).	Compatível com o telhado ou não? Se sim corresponde ao século XIX (1 e 2)
XX (1)	23	Antiga estrutura da qual resta hoj e apenas vestígios no piso e marcas na parede.	
XX (1)	24	Canaleta de drenagem que conduz ao Riacho as águas qu e atravessam a parede 14, em uma manilha (25). Posteriormente a estrutura passou a receber também as águas de escoamento d o tanque (26), da cas a de banho.	
XX (1)	25	Manilha revestida por estrutura retangular.	
XX (1)	26	Tanque (banheira?) que servia na Casa d e Banho	
XX (1)	27A	Colunas de tijolos rebocadas	
XX (1)	27B	Colunas de tijolos rebocada	
XX (1) / XX (2)	28	Estrutura quadrangular que protege a entrada lateral da cacimba das águas superficiais. Esta estrutura está relacionada a alterações no antigo acesso e vem sendo modificada (elevada) mesmo após a casa de banho ter entrado em desuso. Mais recentemente foi ainda mais um a vez elevada para fazer face ao desnível provocado pelo agenciamento da área, quando da implantação da lavanderia.	
XX (1) / XX (2)	29	Canaleta da cacimba para a caixa	
XX (2)	30	Piso em cimento	
XX (2)	31	Lavanderia	
XX (2)	32	Manilha de cimento redondo	
XX (1) / XX (2)	33	Base onde foi assentada uma bomba d'água (provavelmente uma bomba elétrica).	
XIX (1) / XIX (2)	34	Parede possivelmente da 1a feição do conjunto (XIX -1), da qual restam apenas vestígios de seu encaixe na parede 6.	O telhado de duas águas provavelmente estava apoiado na parede 34.
XX (1) / XX (2)	35	Coluna com cimento e brita, possivelmente relacionada a uma ampliação da coberta.	

Século	Número	Estrutura	Comentário
XX (2)	36	Mureta que suporta a cerca do terreno da Estação Elevatória da Compesa.	Edificada sobre a camada de aterro do XX(2).
XX (2)	37	Restos de coluna de tijolos, próximas a uma caixa enterrada, com tampa de concreto.	
XX (2)	38	Restos de coluna de tijolos, próximas a uma caixa enterrada, com tampa de concreto.	

A feição primitiva

As estruturas mais antigas identificadas poderiam remontar aos séculos XVIII ou início do XIX. Entre elas se inclui a cacimba às margens do riacho Mulungu e um provável piso em pedras cuja cota é de 43 cm abaixo do último piso utilizado na casa de banho.





Figura 80- Piso em pedras localizado na abertura lateral da cacimba.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Desta etapa ainda pouco se sabe. Na realidade o acesso aos remanescentes deste período exigiria a remoção pelo menos parcial de estruturas de momentos subsequentes, tendo sido, portanto evitado com o fito de manter estruturas dos séculos XIX e XX.



Figura 81 - Vista do interior da cacimba onde se observam as marcas do acréscimo na parede.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O piso relacionado a esta feição é em pedras rejuntadas com argamassa e foi localizado em duas áreas: a primeira junto à cacimba, e a segunda, a cerca de 4,1 m além, em direção à Estrada Velha do Porto. Embora a escavação arqueológica não tenha atingido aquela superfície de ocupação mais extensamente, é licito supor que haveria um pátio calçado no entorno da cacimba.

Naquela ocasião restava pelo menos cerca de 60 cm abaixo do atual limite superior da parede do corpo da cacimba. Deste modo o arco de acesso lateral, que provavelmente já então existia, não era o mesmo que hoje se apresenta.



Figura 82 - Detalhe do interior da cacimba.

Diferentemente da Cacimba do Padre, construída totalmente em pedras rachadas, a cacimba do riacho Mulungu foi construída em tijolos batidos (manuais), de dimensões relativamente uniformes (17 x 38 x 7 cm).



Figura 83 - Desmoronamento no interior da cacimba.
Fonte: Foto cedida por Miriam Cazzetta.

Uma fotografia de 2005 mostra uma grande quantidade de tijolos desmoronados no interior da cacimba.
Por outro lado se observa atualmente que na posição diametralmente oposta à abertura lateral, tendo praticamente como limite superior o nível estabilizado da água (sem demanda), uma parte da parede da cacimba desmoronou.



Figura 84 - Observe-se a descontinuidade da parede, abaixo da linha d'água.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Quando do início desta pesquisa já não havia tijolos, fruto do desmoronamento, no interior da cacimba.

A falta da parede no trecho permitiu a fuga de material do terreno adjacente, naturalmente saturado, gerando-se no exterior da cacimba um bolsão que começa a ruir o piso lateral.



Figura 85 - Superfície externa já desmoronando.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

É ainda contemporânea a esta feição uma mureta (***5A***), que protegia a estrutura da cacimba das águas de enxurrada que desciam o riacho. Construída em pedras rejuntadas com argamassa de barro e algum cal, era rebocada nas laterais e no topo. Com 50 cm de espessura se apresentava à época com cerca de 115 cm de altura a partir do piso de então.

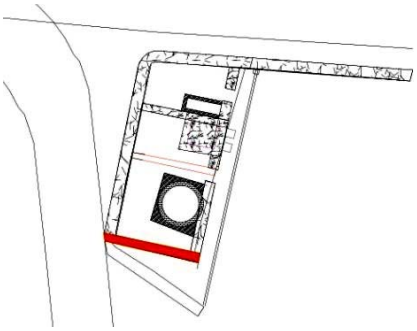


Figura 86 - Parede 5A.



Figura 88 - Limpeza da estrutura, expondo o contato, que evidencia os dois momentos.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 87 - Detalhe do corte na parede *5A*, onde se observa o reboco antigo que cobria o topo da mureta, evidenciando sua altura à época.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Outra estrutura (***12***), também em pedras rejuntadas com barro e rebocada com argamassa de cal, justapunha-se à mureta, estendendo-se até a cacimba, onde transpunha parte da parede (formando uma secante).

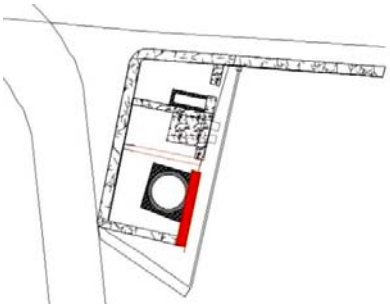


Figura 89 - Estrutura 12.



Figura 90 - Feição atual da parede 12, onde se abre o arco.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Nesta feição o conjunto se apresentava a céu aberto, isto é, não havia coberta, mas no entorno o piso era revestido com pedras, em parte rachadas, rejuntadas com argamassa de barro como aquele aplicado nas estradas.

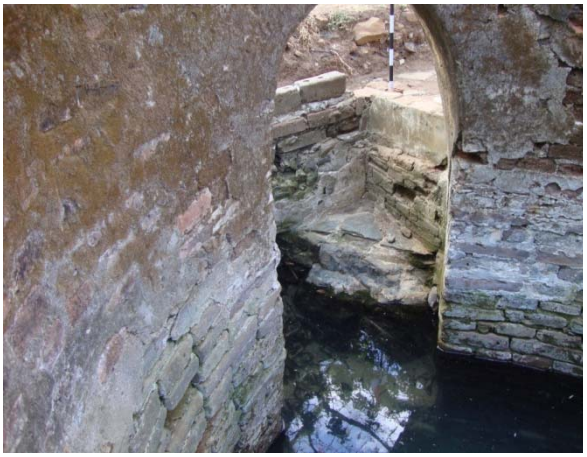


Figura 92 - Arco de acesso visto do interior da cacimba. Observe-se a cota do antigo piso e toda a estrutura aposta sobre ele. Vê-se ainda a área da parede da cacimba atingida pela adaptação.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Neste ponto de contato abria-se uma passagem lateral para o interior da cacimba.

Esta estrutura acompanhava a altura da mureta (***5A***).



Figura 91 - Detalhe do arco atual, vista externa.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Como foi mencionado acima, o arco de acesso lateral, que provavelmente já então existia, não era o mesmo que hoje se apresenta. Quando da reforma que daria origem à 2ª feição, a elevação na cota do piso provavelmente inviabilizava a utilização do arco em sua função precípua.

Vestígios que sinalizam ter existido um arco mais baixo podem ser observados internamente no corpo da cacimba.

Considerando que a abertura lateral da cacimba então existia, desta feição não foram resgatadas informações quanto ao acesso, que conduzissem ao entendimento do sistema de uso do acesso lateral. Para tanto seria necessário danificar o piso de tijolos ali implantado posteriormente. Por se tratar de um estudo visando, além da ampliação do conhecimento acerca das estruturas implantadas na Vila dos Remédios, mas ainda voltado à consolidação das ruínas e seu uso no turismo cultural da Ilha, a interferência arqueológica na estrutura resgatada carece de reflexão, de uma definição por parte do IPHAN.



Figura 93 – Sob a água uma estrutura ainda não estudada, que sugere uma sequência de dois batentes.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O acesso à área da cacimba provavelmente se fazia a partir da margem do riacho, onde havia possivelmente um caminho estabelecido, revestido com pedras (***10***). Um possível vestígio desta estrutura pode ser observado entre as estruturas ***5*** e ***19***.



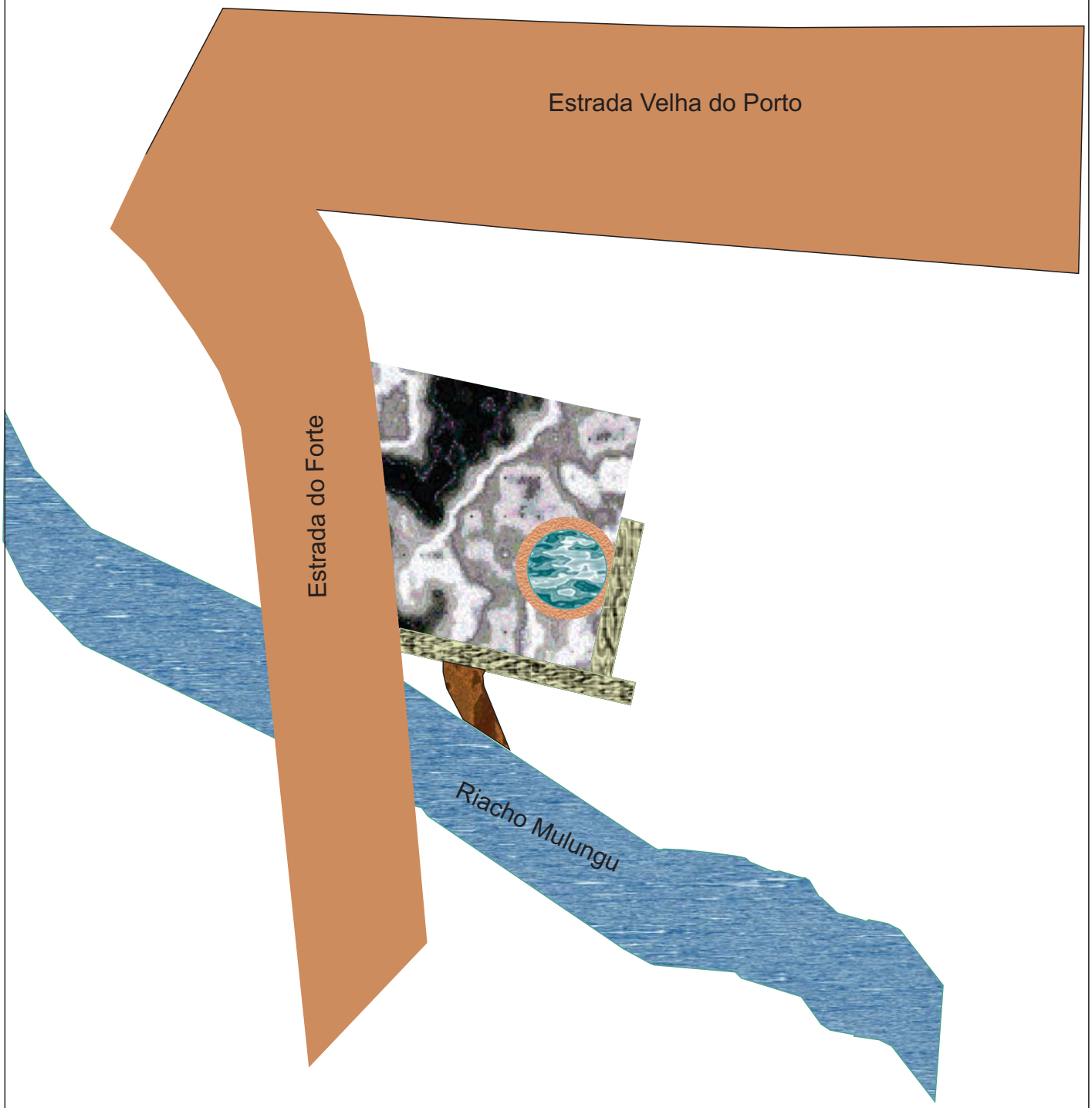
Figura 94 – Vista panorâmica, onde se observa em primeiro plano o possível caminho, já truncado.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 95 - Detalhe do caminho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Este possível caminho conduzia à parte superior da mureta (5a), entretanto não foram localizadas evidências materiais de como se fazia o acesso ao interior do conjunto. A estrutura ***19*** (século XX) teria destruído outras evidências da possível continuidade do caminho, que acompanharia a margem do riacho.

Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 1



Século XVIII

Distribuição das estruturas identificadas

A segunda feição – (possivelmente primeira metade do XIX)

Não dispomos de elementos seguros que permitam afirmar a cronologia de construção das paredes ***6*** que praticamente se justapõe à Estrada do Forte, e ***14*** que praticamente serve de arrimo à Estrada Velha do Porto.

Temos que considerar, entretanto que a feitura da parede ***6*** não seria contemporânea à construção da estrada do Forte, nem do pontilhão que permite a travessia sobre o riacho.

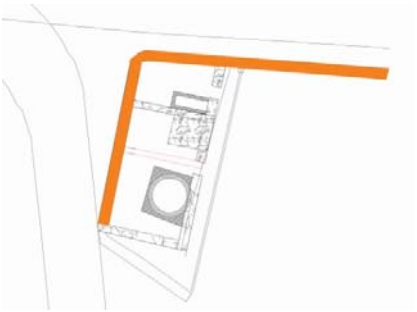


Figura 96 - Paredes 6 e 14.



Figura 97- Detalhe da justaposição (sem amarração) das duas estruturas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O paredão se justapõe à estrada e forma um alinhamento divergente.

Entre eles se forma um espaço que foi preenchido e recebeu um capeamento de pedras, semelhante à técnica utilizada nas estradas. Mas a distinção entre a estrada e esta estrutura é nítida, certamente proposital.



Figura 98 - Vista da estrada do Forte, onde se observa o ponto de contato com a estrutura 6.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

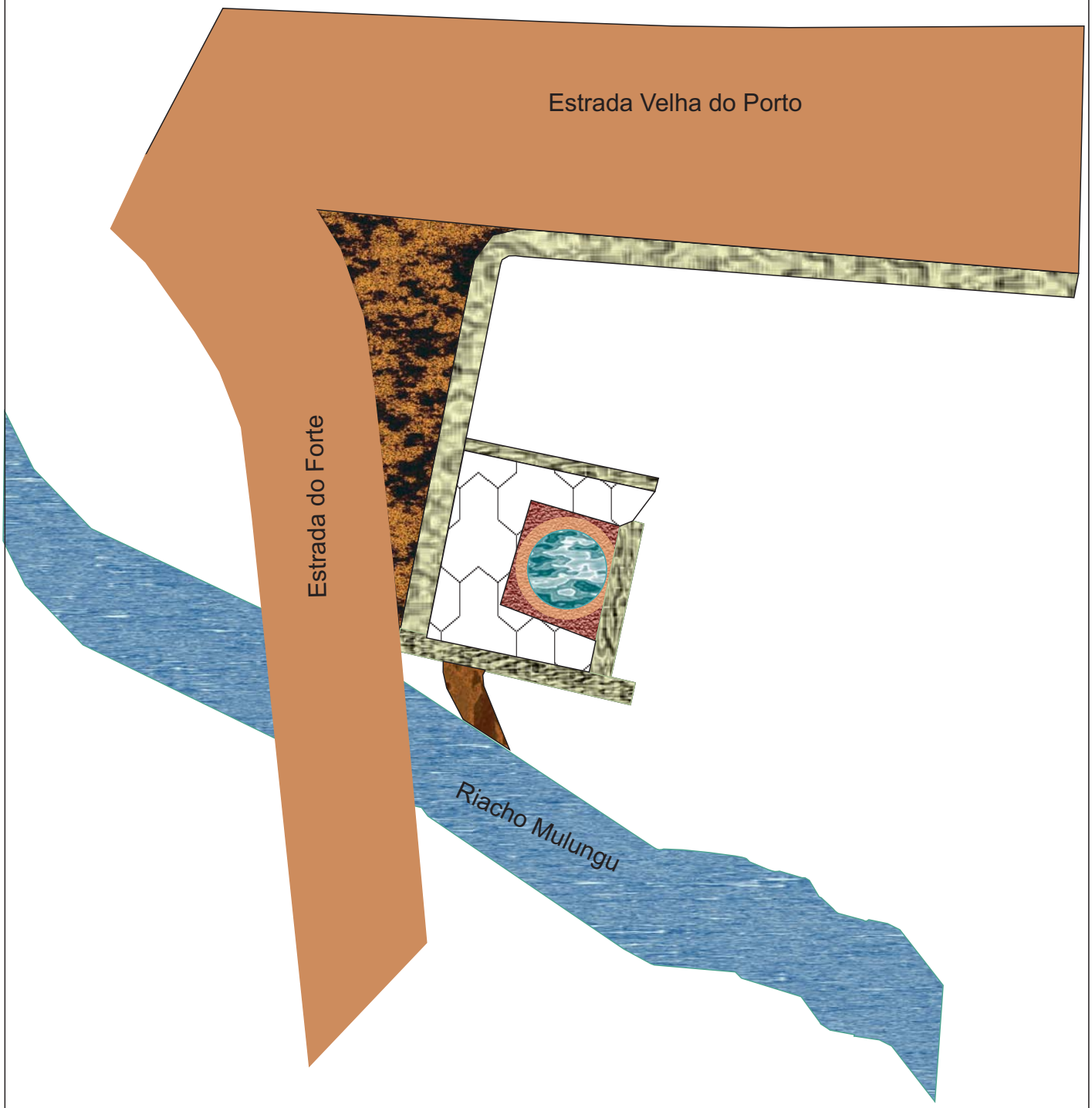
É possivelmente contemporânea à estrutura ***6*** a implantação da parede ***34***, posteriormente suprimida. Seus vestígios podem ser observados nas marcas de "amarração" que restaram em ***6.***



Tais vestígios permitem considerar que a construção de ***34*** é ainda posterior a construção da estrutura ***6***.

Figura 99 - Vista de parte da estrutura *6*, vendo-se a "amarração" da *34*.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 2



1a metade do Século XIX

Distribuição das estruturas identificadas

A terceira feição – (provavelmente segunda metade do XIX)

Uma terceira feição do conjunto é caracterizada pela implantação de uma coberta e o estabelecimento de dois cômodos contíguos. Para tanto a parede ***5A*** foi elevada (***5B***) até aproximadamente a cota da estrada de acesso ao Forte dos Remédios, naquele ponto.

A mesma técnica de construção utilizada anteriormente (parede ***5A***) com pedras irregulares rejuntadas com argamassa de barro e uma baixa dosagem de cal foi utilizada para erguer a parede ***5B***.

A parede foi rebocada com argamassa de cal o que garantiu por longo tempo sua defesa contra o desgaste que teriam promovido as 'chuvas de vento' a despeito da coberta. Outro detalhe acerca de sua construção é o fato deste acréscimo se justapor ao reboco que limitava a estrutura anterior, como foi referido anteriormente, e pode ser observado na foto ao lado.



Figura 100 – Detalhe do contato entre *5A* e *5B*.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Cabe ressaltar que o telhado se justapunha à parede ***6***, com as telhas provavelmente presas ao reboco da parede. Ou seja, a parede ***6*** se mantinha alinhada com a inclinação da estrada, tendo sido rebocada no topo a fim de evitar a erosão pluvial.



Figura 102 - Ainda se podem observar vestígios do reboco que capeava a parede.
Fonte: Acervo LA/UFPE. 2010.

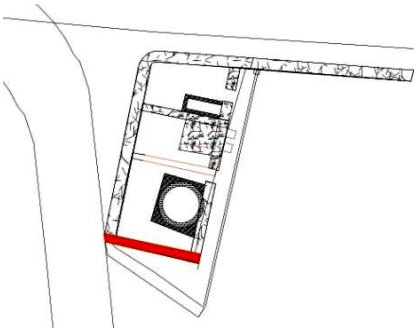


Figura 101 - parede *5b*.

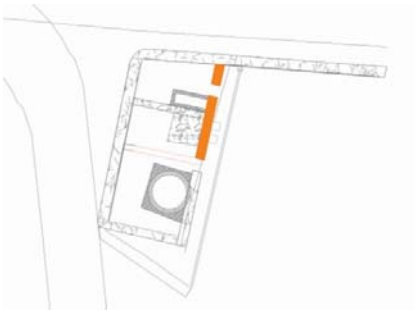


Figura 104 - Parede *15.*

Naquela ocasião a parede 34 teria sido suprimida, quando foram construídas as paredes ***15 e 17***, ampliando-se o cômodo que se formou no entorno da cacimba e implantando um novo cômodo, certamente utilizado para o banho.

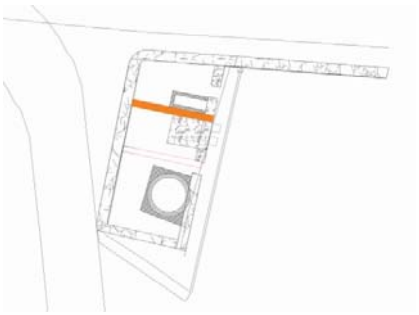


Figura 103- Parede *17.*

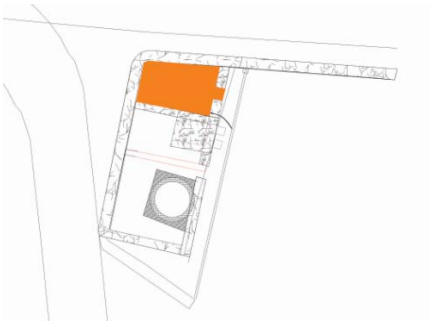


Figura 105 - Sala de banho.



Figura 106 - Observe-se que o encaixe da grade na parede 15 não atinge o piso.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

A porta de acesso à sala de banho mostra um detalhe curioso, a grade da porta, engastada na parede, não atinge o piso. Este tipo de solução sugere o cuidado para evitar o excesso de umidade que iria acelerar o apodrecimento da madeira, e talvez, por outro lado permitir a circulação do ar, no cômodo, ao que parece desprovido de janelas.

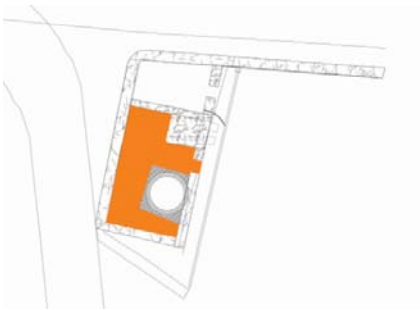


Figura 107 - Depósito de água.

É ainda contemporâneo a esta obra a elevação da cota do piso (43 cm acima do anterior), o que se reflete sobre a estrutura da cacimba sob dois aspectos. O primeiro torna a borda da cacimba muito baixa, arriscada mesmo; o segundo exige uma readaptação no acesso lateral. Assim a parede da cacimba é elevada de modo a restar 1,13m acima do novo piso.

Para tanto são acrescidas fileiras de tijolos maciços, rejuntados com argamassa de cal.

No que se refere ao acesso lateral, duas alterações se fizeram, ambas relacionadas à estrutura ***12***: a primeira, diz respeito à altura da própria parede; a segunda à altura do arco de acesso à cacimba e à própria estrutura da cacimba (***1***). Deste último aspecto não temos testemunho material direto, entretanto algumas correlações podem ser estabelecidas.
(Observe-se na Figura 109)



Figura 108 - Detalhe da face externa da cacimba, onde a queda do reboco deixou exposto o segmento acrescido.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 109 - Vista interna da cacimba, revelando alterações.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O segundo aspecto diz respeito à relação entre o posicionamento do arco atual e a primitiva altura da parede ***12a***. Certamente a alteração no corpo da cacimba e no arco, exigiria a elevação da cota da parede ***12***

Assim, do mesmo modo que na estrutura ***5a***, a parede ***12a*** também foi alterada naquela ocasião, quando o pé direito passou a acompanhar a nova altura da cacimba.
A implantação da coberta, justaposta à parede ***6***, bem como a elevação das paredes ***5*** e ***12*** tornariam o cômodo fechado, escuro e abafado.

A circulação do ar foi confiada a uma pequena abertura, voltada para o riacho.



Figura 110 - Vista interna da parede 5b com abertura para ventilação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 112 - Vista externa da parede *5* onde se observa a abertura em triângulo para ventilação do cômodo.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 111 - Detalhe do respiradouro na face interna.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 113 - Bloco de argamassa de alvenaria que fixava a linha de cumeeira, resgatada pela pesquisa.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

A coberta de duas águas, cujas empenas dividiam as águas para o riacho e a outra para o lado da Estrada Velha do Porto. A linha de cumeeira, de secção quadrada, media 20cm de lado. Vestígios de seu encaixe na parede (***6***) foram resgatados durante a escavação. Fora fixada com argamassa de cal, que provavelmente foi arrastada quando a linha tombou.

Provavelmente a coberta era de telhas, considerando-se a espessura da linha utilizada, o que corrobora a informação do Cel. Antonio Gomes Leal, em 1887 (*"duas pequenas casas ou quartos cobertos de telhas, servindo um de depósito d'água, e outro de banheiro dos officiaes e empregados." (LEAL, 1887:173)*



Figura 114 - Os reparos na parede *6* sugerem a presença de uma marca da antiga empena.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Esta coberta teria perdurado durante o século XIX e início do XX. Provavelmente a supressão da coberta se deu quando a área já teria perdido sua função de casa de banho, permanecendo praticamente abandonada até ser implantado o

conjunto de lavanderia, já na segunda metade do século XX. Prova disso são os restos de parede e de vestígios da coberta que foram observados sob a superfície agenciada quando da implantação das lavanderias. A ausência de fragmentos de telha de permeio com os escombros sugere que o telhado foi removido, reaproveitadas as telhas e quiçá as linhas.
Diferentemente com o que foi registrado na área do Armazém, onde foram resgatados restos de linhas do telhado, na área da casa de banho, não foram localizados vestígios de madeira, apenas de seus encaixes. Estes elementos não apresentavam vestígios de decomposição de madeira, o que reforça a hipótese do reaproveitamento do madeirame.

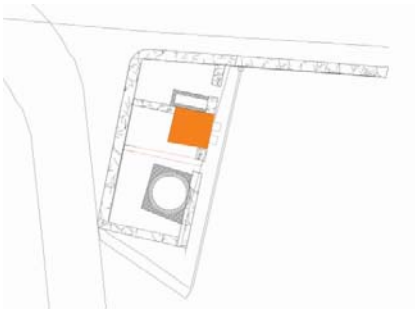


Figura 115 - Estrutura 18.

Contemporânea ao conjunto é a construção de um sólido quadrangular, em pedras rejuntadas com argamassa de barro, que provavelmente servia de suporte a um depósito de água.
Não foram encontrados vestígios desta da caixa d'água, nem do sistema que a abastecia.



Figura 116- Ruína de uma caixa d'água existente no conjunto do Forte de Sant'Anna - FN, cuja base é semelhante à estrutura 18.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 117- Quadrado em pedra, escavado em seu interior (estrutura 18).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Entretanto uma base semelhante, ainda com a caixa d' água, pode ser observada no conjunto do Forte de Santana.



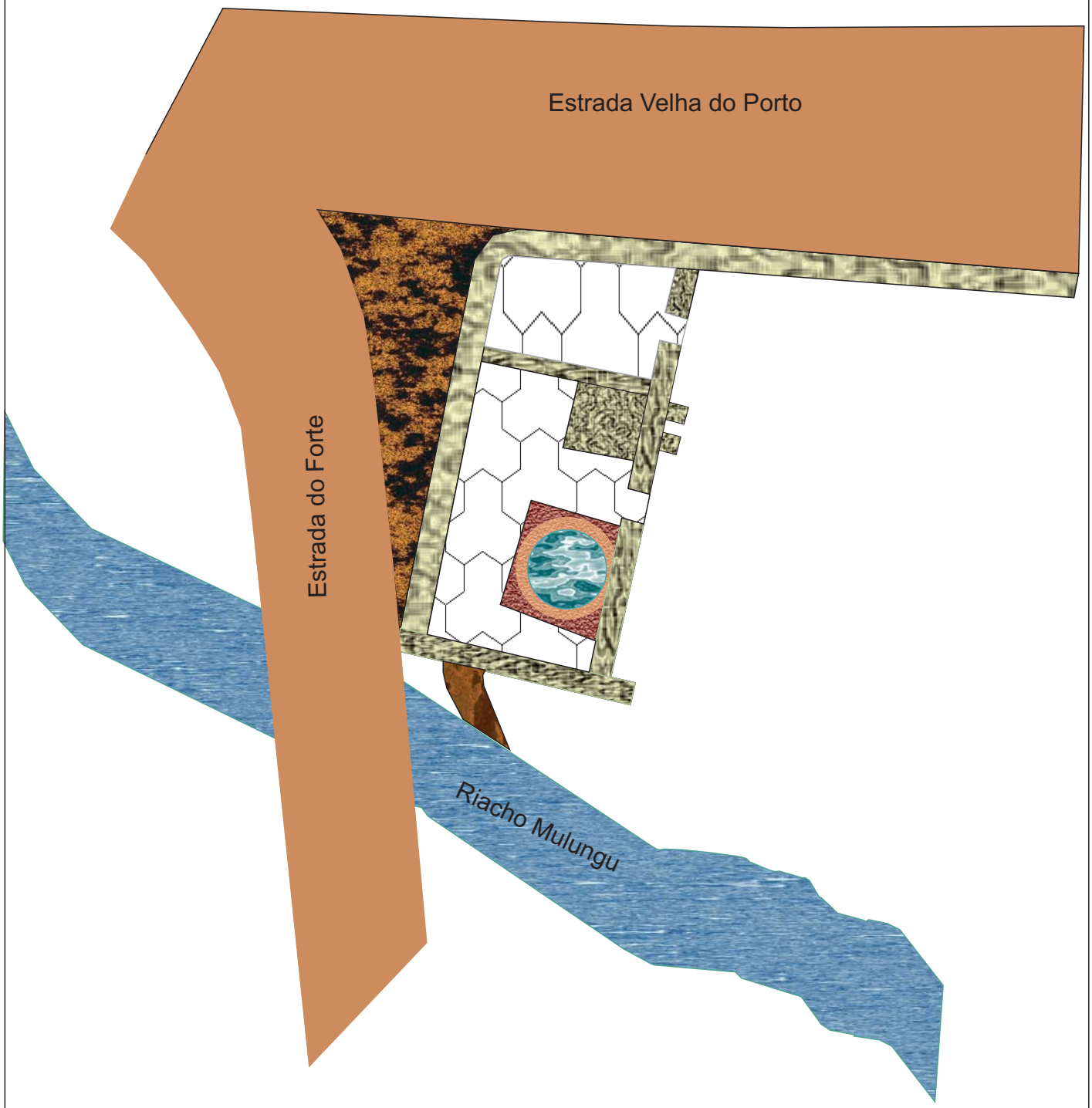
Figura 118 - Detalhe do tanque na Foto anterior, onde se observa resto do cano de saída d'água.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Por outro lado, admitindo-se que se trata de uma base para caixa d'água é licito se considerar o segundo cômodo como o local de banho, o que se mostra coerente com a descrição apresentada por Leal em 1887. No caso de um cano ou chuveiro que partisse da caixa, deveriam restar marcas da erosão

que imporia ao piso. Caso houvesse tais marcas, teriam sido ocultadas pelo tanque (***26***) construído posteriormente (século XX), no local.
Há que se considerar ainda a possibilidade de uso do tanque como um tipo de chafariz, onde se coletaria água até para o próprio banho (o banho de cuia, chamado), um modo com o qual o gasto de água é mais reduzido, e que precedeu o uso do cano e do chuveiro.

Nesta feição toda a área da 'casa de banho' apresentava o piso revestido. No estado atual da pesquisa não temos como identificar o revestimento do piso de então, na sala de banho, que foi reformado no século XX. O cômodo que servia de depósito de água, este se apresentava com o piso totalmente revestido com pedras, rejuntadas com barro.

Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 3



2a metade do Século XIX

Distribuição das estruturas identificadas

A quarta e última feição da Casa de Banho – (provavelmente primeira metade do XX)

Esta feição é possivelmente decorrente de uma pequena reforma que atingiu, sobretudo, a sala de banho. Data desta época a construção, no interior da sala de banho, de um tanque em tijolos e rebocado com cimento portland.



Figura 119 – Estrutura em tijolos e cimento, justaposta às paredes da sala de banho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

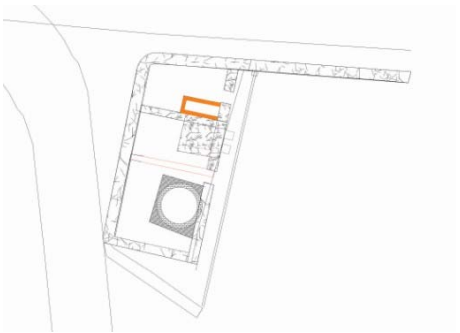


Figura 120 - Estrutura 26.

Este tanque apresenta proporções tais que poderiam associá-lo a um arremedo de banheira, muito em moda no século XX. Entretanto as arestas tanto externas quanto internas são vivas, e não arredondadas como as de uma banheira.

Por outro lado, as proporções entre altura e largura, não remetem à prática comum utilizada para os depósitos de água.



Figura 121 - Detalhe do sistema para esgotamento.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 122- Canaleta para escoamento da água do tanque.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

No interior do tanque pode-se observar um sistema pouco elaborado, para o esgotamento (das águas servidas?), que consiste meramente em um orifício escavado na parede lateral, que atravessa a parede 15, indo desaguar na canaleta que conduz ao riacho.

Chama a atenção a presença de duas muretas (***27***) que se sobressaem da estrutura ***18***, e que bem poderiam estar associadas ao uso como ponto de coleta de água.

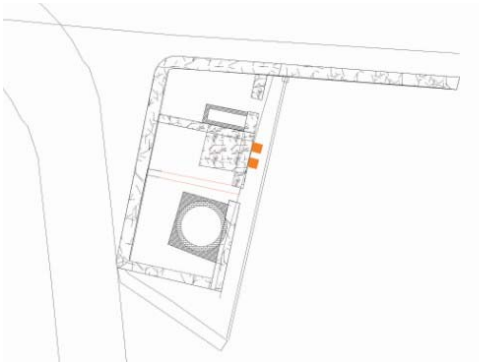


Figura 125 - Estrutura 27.



Figura 124 - Estruturas em tijolos e argamassa de cal, justapostas à base do tanque.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 126 - Área de banho, com piso em cimento.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010

Parte dos pisos reflete a reforma havida já no século XX. Esta reforma atingiu o piso da sala de banho que foi capeado com cimento Portland.

Observa-se ainda a existência, então de uma área calçada, estreita, que acompanhava toda a casa de banho. Nesta feição, este piso em tijolos (que bem poderia ser herança da feição anterior) foi rejuntado também com cimento Portland.



Figura 127 - Piso em tijolos rejuntados com cimento, até a valeta.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O cômodo chamado de depósito de água, este permaneceu com o piso em pedras, rejuntadas com barro.
Nesta ocasião pelo menos parte do piso foi reformada, desta feita utilizando-se pequenos seixos (cerca de 10 x 11,5 cm na maior extensão).



Figura 128 – Piso em pedras rejuntadas com barro, no entorno da cacimba.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 129 - Manilha que atravessa o muro (14) e segue na vertical até desaguar na canaleta.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Pequenas reformas ocorreram ainda no século XX, como a implantação de uma calha de drenagem que conduziam as águas que desciam talvez da estrada.



Figura 130 - Canaleta que despeja no riacho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O conduto (manilha - **25**) atravessava a parede 14 e descia embutida em uma estrutura de alvenaria de tijolos, até o piso.

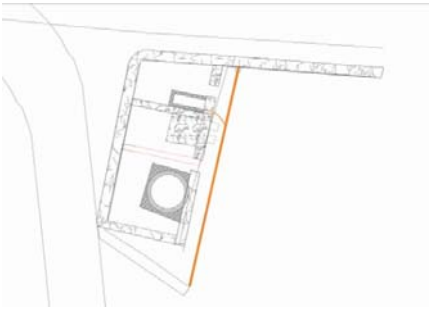


Figura 131 - Estrutura 24.

Daí por diante corria em uma canaleta aberta (**24**), demandando o riacho.

Esta estrutura é particularmente significativa na identificação da cota do leito do riacho, de então. As águas que desciam atingiam o riacho pouco abaixo do pontilhão da Estrada do Forte. A escavação arqueológica daquele trecho permitiu se observar o cuidado para com a estrutura do pontilhão, a defesa de suas bases contra as fortes enxurradas.



Figura 132 - Saída d'água (jusante) sob o pontilhão, disciplinado dor muro de pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

A montante e a jusante do pontilhão, muros de pedra rejuntadas com cimento (neste período) disciplinavam as águas impedindo de solapar as bases.

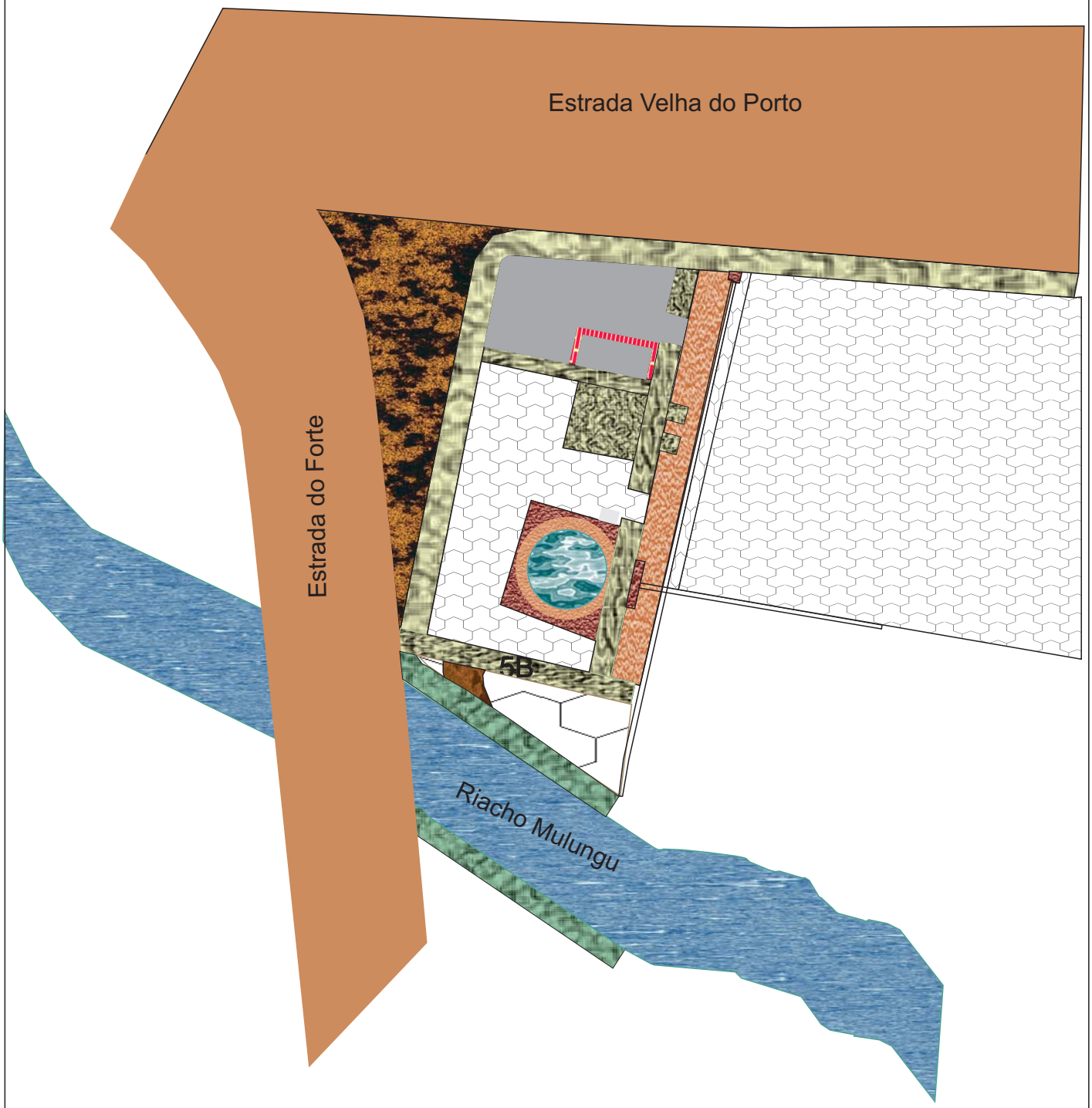
Para tanto, também neste trecho o leito do riacho foi revestido com pedras, também rejuntadas com cimento. Tais cuidados bem poderiam remontar à própria construção da estrada. O fato de hoje a estrutura ser em cimento Portland apenas nos permite afirmar que ali houve pelo menos uma consolidação já no século XX, possivelmente em sua segunda metade.
Após este período a casa de banho cai em desuso, e toda a estrutura entra em arruinamento. Com o abandono e muito provavelmente a reutilização das telhas, sob o impacto das chuvas as paredes de pedras



Figura 133 - Leito do riacho calçado com pedras, exposto pela escavação arqueológica.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

rejuntadas de barro entram em colapso, e todo aquele material vai constituir o entulho, associado ao lixo, que mascarou as antigas estruturas e enterrou no passado as antigas soluções de uso coletivo. O desuso da casa de banho provavelmente marca não apenas uma mudança de hábitos, mas uma transformação social mais ampla, em que a população de *officiaes e empregados* já pudesse desfrutar de maior privacidade.

Reconstituição da distribuição das estruturas na feição 4



1a metade do Século XX

Distribuição das estruturas identificadas

Reincorporação da área ao uso público – a lavanderia pública – (segunda metade do XX)

Ao longo do período em que permaneceu em desuso, ruindo as antigas estruturas, a área foi eventualmente utilizada para o descarte de lixo doméstico, como ficou demonstrado através do registro arqueológico.

Marca ainda aquele período a retomada da vegetação e possivelmente alguma tentativa de pequeno plantio. Esta última hipótese mais se baseia na observação da iconografia recente, do que no registro arqueológico.



Figura 134 - Estrada do Forte, a seu pé a área da casa de banho coberta por árvores. (1924).
Fonte:
Foto cedida por Miriam Cazzetta - Coleção Lacoste.



Figura 135 – Vista panorâmica ao pé da Estrada do Forte, mostra indicações de uso da área de uso agrícola (latada) da área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Durante a segunda metade do século XX, a área ao pé da Estrada do Forte foi reintegrada ao uso público com a instalação de um conjunto de lavanderias.

Esta feição se encontra bastante presente na memória coletiva, ainda que a geração atualmente com vinte anos, apenas faça referência às avós (?) utilizando as lavanderias.



Figura 136 - Base da bomba elétrica instalada junto à cacimba.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Data provavelmente desta época a instalação de uma bomba elétrica cuja base foi implantada junto à cacimba.

Atribuímos ainda a este período alguns reparos na cacimba bem como a elevação de um anteparo no entorno da abertura lateral, evitando o assoreamento da cacimba pela enxurrada.



Figura 137 – Detalhe da inserção de tijolos extrudados no corpo da cacimba.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 138 – Inserção de tijolo extrudado, sobre o remanescente de uma laje de concreto, que provavelmente cobria a cacimba.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 139 – Topo da cacimba refeito após retirada da laje

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 140 – Retângulo fechando a entrada lateral da cacimba, de modo a impedir o acesso das águas de enxurrada.

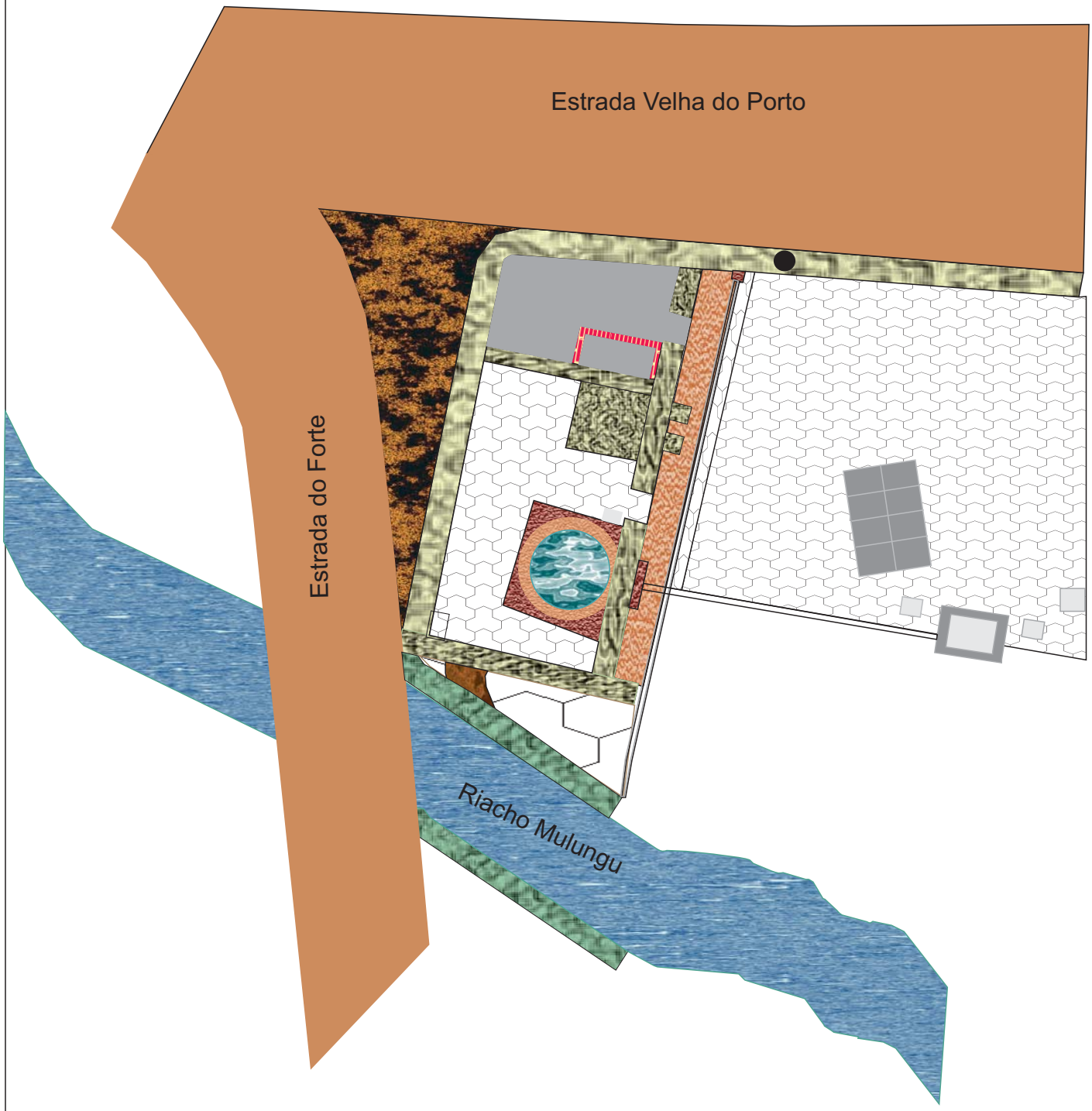
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 141 - Detalhe da estrutura à entrada lateral da cacimba, mostrando o desnível entre a superfície atual e a antiga superfície.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Reconstituição da distribuição das estruturas identificadas na Casa de Banho com os vestígios de seu uso como lavanderia pública (segunda metade do XX)



Século XX

Distribuição das estruturas identificadas

Finalização das atividades de pesquisa

Parte do entulho do interior da Casa de Banho não havia sido removido devido a necessidade de avaliação das estruturas das paredes 6 e 14. O aterro depositado no interior da Casa de Banho de certa forma ajudou na estabilização das paredes, servindo de contra carga, uma vez que, os aterros das estradas do Porto Velho e da Ladeira do Forte estão apoiados nas referidas estruturas.

Durante realização de visita técnica de representantes do IPHAN, realizada no dia 16 de março de 2011, a área foi avaliada pelos técnicos, que não fizeram nenhuma objeção à retirada do restante do entulho do interior do cômodo nas proximidades das paredes. Desta forma, ficou decidido entre os técnicos do IPHAN, do Distrito Estadual, da BR Construções e do Laboratório de Arqueologia de UFPE que o restante do entulho seria removido, deixando uma pequena área em uma das quinas da Casa de Banho, entre a estrada do Porto e a mureta da Estação Elevatória da Compesa, para apoio na edificação de um pequeno mirante de observação da Casa de Banho, ou mesmo, para realização de um possível acesso.



Figura 142 - Área do entulho removida em 2011 (em amarelo).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 143 - Continuação da remoção do entulho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A remoção do restante do entulho revelou o mesmo pacote estratigráfico localizado nos primeiros cortes do cômodo correspondente a um espesso pacote de descarte de lixo, em sua maior parte produtos industrializados da segunda metade do século XX.



Figura 144 - Perfil estratigráfico do entulho existente no interior da Casa de Banho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 145 - Detalhe do perfil onde é possível observar um solado de sapato de borracha.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Ainda, durante o rebaixamento foi possível localizar as bases da lavanderia edificada com tijolos de furo e cimento Portland provenientes da última utilização da área, onde não era mais utilizada como Casa de Banho. Observa-se ainda que as bases do tanque foram edificadas sobre o aterro da segunda metade do século XX.



Figura 146 - Vestígios do tanque de lavar roupas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 147 - Detalhe das bases do tanque onde é possível observar a diferença de cota entre o piso da última feição da Casa de Banho e a superfície onde foi edificado o tanque de lavar roupas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Nesta etapa foi realizada ainda a remoção das raízes do pé de Mulungu que foi cortado durante as intervenções arqueológicas[32]. A escavação expôs parte das raízes do mulungu ocasionando risco ao local, uma vez que a exposição das raízes interferiu na estabilidade do mesmo, que se implantou sobre um piso revestido de cimento. A supressão da árvore foi realizada pela equipe de meio ambiente do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, sob responsabilidade técnica da bióloga Maria de Lourdes Alves. A remoção das raízes foi realizada cuidadosamente, com o intuito de não danificar as estruturas existentes nas proximidades da mesma.



Figura 148 - Exposição das raízes do Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 149 - Remoção das raízes do Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Após a remoção do aterro identificou-se a continuidade de um piso em pedras entre a canaleta e a mureta da Compesa. Parte do piso, ao redor de uma estrutura quadrangular de cimento (Caixa d'água), recebeu revestimento com cimento Portland. Esse revestimento do piso juntamente com a caixa d'água corresponde à quarta feição da Casa de Banho.

[32] A solicitação de retirada da árvore segue em anexo.



Figura 150 - Piso e Caixa D'água da quarta e última feição da Casa de Banho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 151 - Situação da Casa de Banho após a remoção do entulho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Ainda, durante a visita técnica do IPHAN aos trabalhos de campo, foi realizada consulta sobre a realização de corte próximo ao acesso lateral da cacimba de forma a buscar um esclarecimento do sistema de uso do acesso lateral, entendendo que tal ação viria a danificar o piso de tijolos existente. O corte não chegou a ser realizado, pois sua execução poderia comprometer a estrutura da cacimba, e ainda outras estruturas mais recentes que foram justapostas. A escavação da cacimba poderia contribuir para informar sobre seus antigos utilizadores, como demonstrado em outras escavações realizadas.

Vale salientar que em período relativamente recente o interior da cacimba foi limpo, o que pode ser demonstrado através de fotografias anteriores à pesquisa, que mostram o interior repleto de tijolos que desmoronaram das paredes. Quando do início da pesquisa já não havia aqueles tijolos tombados no interior da cacimba.

Considerações relativas à área da Casa de Banho

Como demonstrado, os remanescentes arqueológicos resgatados apontam que naquele trecho existiu uma Casa de Banho, na qual apenas um cômodo estava destinado à higiene pessoal.

A estrutura funcionou até, pelo menos, o início da segunda metade do século XX, entretanto, sua construção remonta provavelmente à primeira metade do XIX e quiçá, mesmo antes.

Foi possível identificar a evolução das estruturas construídas, contudo algumas lacunas ainda se fazem presentes. Talvez a mais importante lacuna esteja representada pela falta de reconstituição do sistema de acesso lateral da cacimba, da real função (comprovada) do acesso lateral.

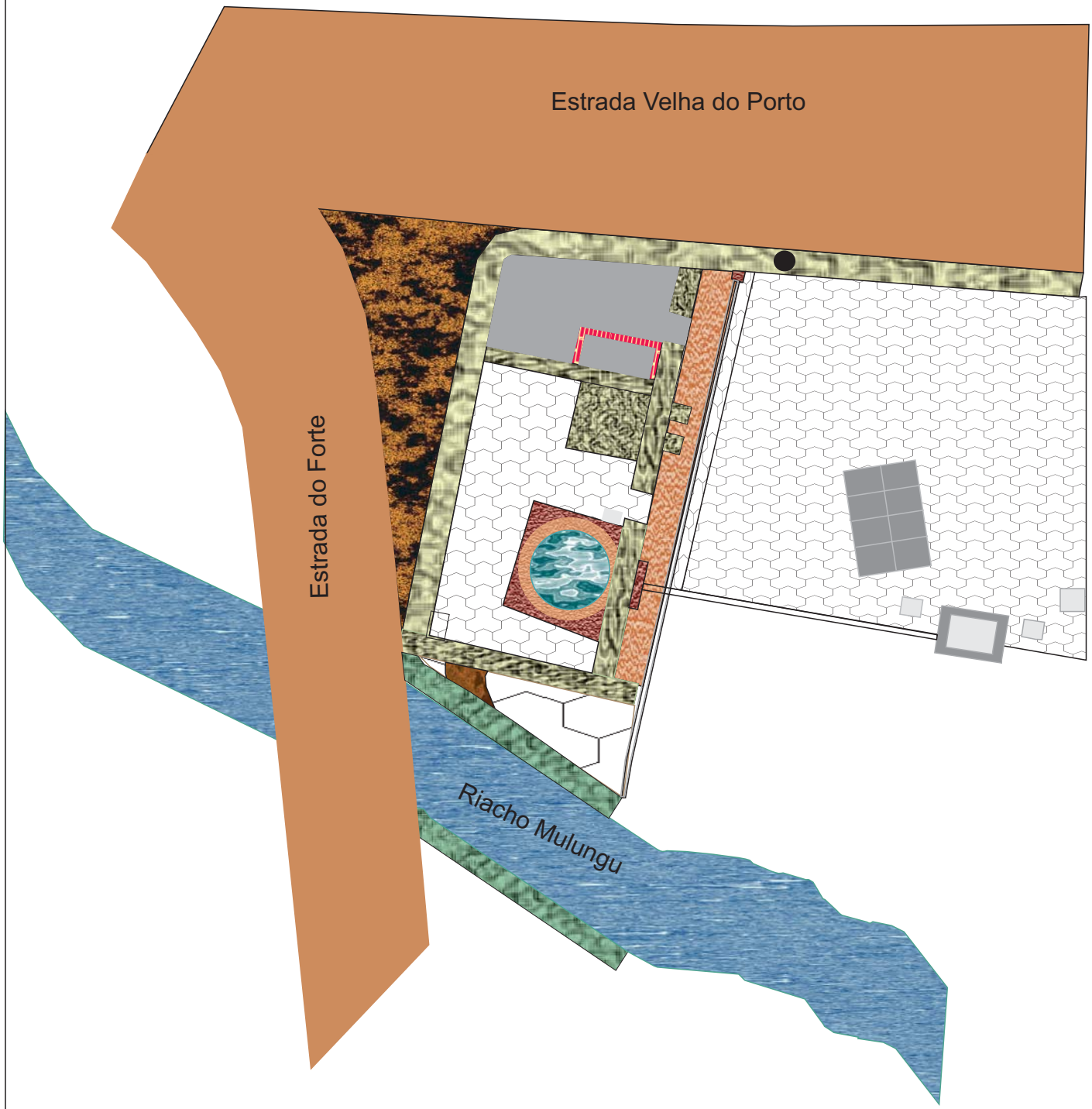
Por se tratar de uma pesquisa com vistas à localização da antiga Casa de Banho, este objetivo foi alcançado. Entretanto, estruturas relativamente bem preservadas da última feição de uso da Casa de Banho necessariamente seriam rompidas para se ter acesso ao resgate arqueológico de feições anteriores.

Assim a escavação foi interrompida, para que a questão fosse submetida aos técnicos do IPHAN, no sentido de uma decisão quanto ao prosseguimento ou não da escavação. A questão foi submetida ao IPHAN no Relatório Preliminar e em diversas reuniões havidas em campo com os fiscais. De resto, à escavação arqueológica na área foi concluída sem que se tenha chegado a uma posição definitiva quanto a buscar-se estruturas mais antigas sob aquelas mais recentes. Esta postura não invalida uma tomada de posição diferente no futuro.

Vale salientar a necessidade de reconstituição de parte do corpo da cacimba que se encontra desmoronado.

As intervenções resultaram no registro das ruínas da Casa de Banho como sítio arqueológico histórico, que para fins de registro foi identificada como FN 0001 LA/UFPE.

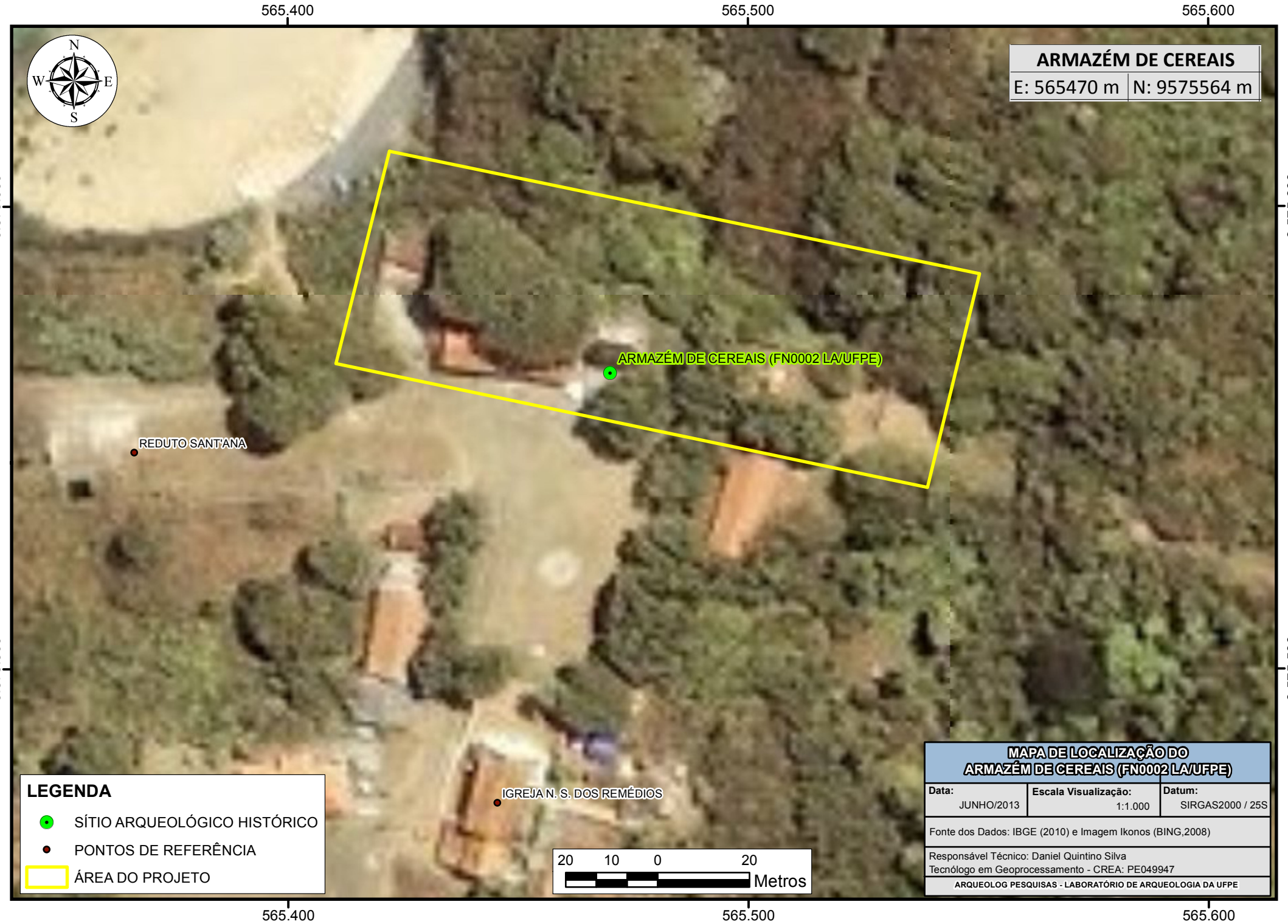
Distribuição geral das estruturas identificadas na Casa de Banho



Distribuição geral das estruturas identificadas
na Casa de Banho

ARMAZÉM DE CEREAIS (FN0002 LA/UFPE)

Mapa de localização do Armazém de Cereais


565.400
565.500
565.600
9.575.600
9.575.500
N
W
E
S
ARMAZÉM DE CEREAIS
E: 565470 m
N: 9575564 m
ARMAZÉM DE CEREAIS (FN0002 LA/UFPE)
REDUTO SANT'ANA
IGREJA N. S. DOS REMÉDIOS
LEGENDA
SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO
PONTOS DE REFERÊNCIA
ÁREA DO PROJETO
20 10 0 20
Metros
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO ARMAZÉM DE CEREAIS (FN0002 LA/UFPE)
Data: JUNHO/2013
Escala Visualização: 1:1.000
Datum: SIRGAS2000 / 25S
Fonte dos Dados: IBGE (2010) e Imagem Ikonos (BING,2008)
Responsável Técnico: Daniel Quintino Silva
Tecnólogo em Geoprocessamento - CREA: PE049947
ARQUEOLOG PESQUISAS - LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFPE

Pelo que se apreende da análise da documentação iconográfica, a área chamada de Armazém de Cereais, na realidade, ao longo do tempo abrigou edificações de distintas funções.
Tomando-se por base a planta resgatada no estudo anterior de Miriam Cazzetta (2003), encontramos pelo menos 12 usos distintos nas edificações da área; usos que vão do Cartório à Botica, do bebedouro das montarias à casa do farmacêutico.

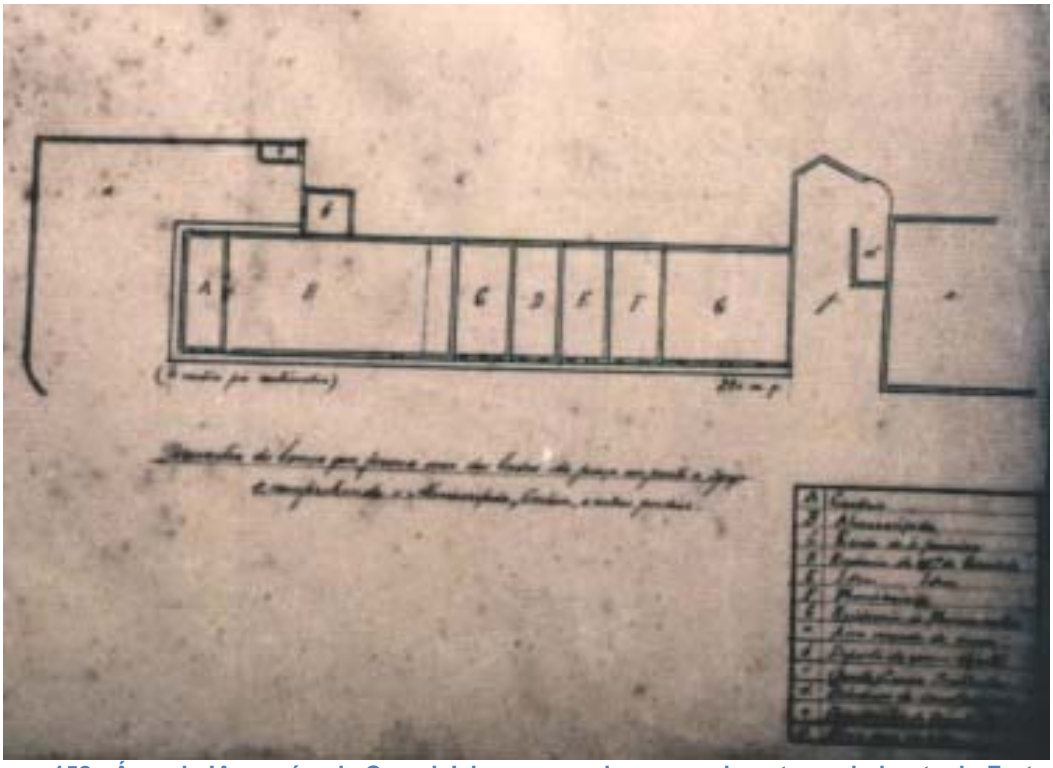


Figura 152 - Área do 'Armazém de Cereais', incorporando provavelmente um baluarte do Forte de Santo Antônio.

A	Cartório
B	Almoxarifado
C	Escola de S. Jeronimo(?)
D	Re… de Officiais da Guarnição
E	Idem
F	Pharmacia
G	Residência do Pharmaceutico
a	Área cercada de muro
b	Depósito de varios objetos
c	Quarto para uma sentinella
d	Bebedeuro de Cavalgaduras
e	Dependência da Cacimba Mulungu
f	Becco sem Sahida

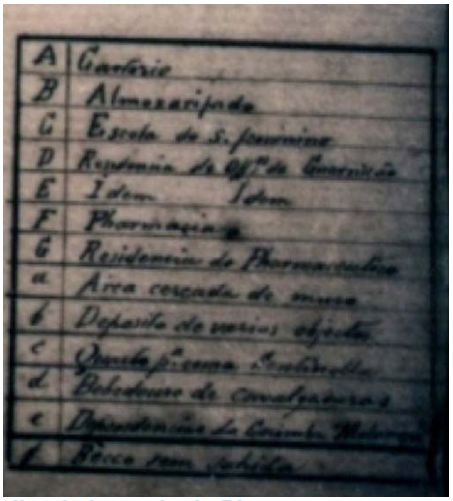


Figura 153 - Detalhe da legenda da Planta.

Estado do local antes do início da pesquisa.

A área delimitada no Termo de Referência do Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, como Armazém de Cereais, corresponde a parte do antigo conjunto em que se incluía o Armazém de Cereais. Especificamente a área que atualmente se encontra com piso em cimento e sem cobertura, além da área imediatamente contígua.

O Programa de Adequação do Antigo Prédio do Armazém de Cereais prevê a reestruturação volumétrica de sua feição primitiva, que sofreu várias alterações, sendo a última ocorrida nos anos 90 quando cerca de 50% do seu corpo continuo foi demolido.



Figura 154 - Detalhe da área do Armazém de Cereais no Projeto Paisagístico.

Fonte: Detalhe da planta do Projeto Paisagístico elaborado pelo arquiteto Luís Vieira



Figura 155 - Panorâmica da Praça do Cruzeiro com a área do Armazém em segundo plano.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Por ocasião do início da pesquisa a área cimentada vinha servindo de ponto de estacionamento para o comércio informal, cujo funcionamento acompanhava os eventos ou ainda os períodos de grande afluência turística.



Figura 156- Panorâmica da área cimentada antes do início das escavações arqueológicas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Nomenclatura utilizada para pesquisa na área do Armazém de Cereais

Para fins de identificação da área trabalhada entre o Armazém de Cereais (edificação da década de 90) e a Estação Elevatória de Esgotos da Compesa foi utilizada a seguinte nomenclatura:

- Armazém Área 01: Área com piso cimentado delimitado por mureta de pedra, na lateral do Armazém de Cereais (Edificação da década de 90);

- Armazém Área 02: Área sem revestimento entre a área 01 e a Estação Elevatória da Compesa.

- Armazém Área 03: Parte da área da Estação Elevatória de Esgotos da Compesa entre a área 02 e o portão de acesso à Estação.

- Armazém Área 04: Estrutura por detrás da Edificação do Armazém de Cereais da década de 90, onde funciona a loja de artesanato Arte Noronha. Localizada no contato da área 01 e 04.



Figura 157- Identificação das áreas trabalhadas no Armazém de cereais.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Escavação arqueológica da área do Armazém de Cereais

Área 01

A área 01 do Armazém de Cereais (área cimentada) foi setorizada em cortes de 1 X 2 metros, coalescentes entre si, constituindo trincheiras (planta no apêndice 01).

A escavação arqueológica na área foi realizada inicialmente, através da abertura de cortes-teste, objetivando a identificação da estratigrafia padrão do local.



Figura 158 - Demarcação dos cortes e identificação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 159 - Primeiros cortes e trincheiras realizadas na área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 160 - Panorâmica do conjunto de cortes realizados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 161 - Contra piso em pedras rejuntadas com cimento Portland.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Sob a camada de cimento do piso, as pedras que constituíam o contra piso eram rejuntadas com cimento, evidenciando que não se tratava do capeamento de um antigo piso em pedras.

Os primeiros cortes realizados exibiram uma estratigrafia compatível com uma deposição sistemática e aterro recente, onde se pode observar a presença de areia de diferentes fontes.



Figura 162 - Perfil do terreno expondo os sequentes depósitos. Sob a camada abaixo, garrafa de vidro, industrializada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Nestas camadas de aterro praticamente não foram registradas peças arqueológicas. Observe-se a presença de tijolos extrudados abaixo da camada de areia (Figura 162) e de garrafa pet (Figura 163)..

Figura 163 - Presença de garrafa pet de permeio com a camada de areia, sob as pedras do contra piso.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Por outro lado, os cortes e trincheiras escavados permitiram o registro de uma sucessão de estruturas, que refletiam antigos alicerces em pedra. Também verificou a presença de estruturas recentes, sobrepostas aos alicerces em pedra, como parede edificada com tijolos de furo e piso revestido com cimento Portland.



Figura 164 - alicerce em pedras, rejuntadas com argamassa de barro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 165 - Alicerce em tijolos extrudados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Considerando o grande número de evidências da presença de alicerces antigos, optou-se por alterar a técnica de escavação conduzindo o processo para a decapagem em grande superfície.



Figura 166 - Largos alicerces em pedra rejuntadas com barro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 167 - Observe-se que as linhas do alicerce estão justapostas e não 'amarradas'.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 168 - A largura das bases varia entre 80 a 120 cm.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Nos espaços internos das estruturas localizadas a escavação dos cortes foi aprofundada no sentido de se ultrapassar o nível arqueológico.

Figura 169 – Escavação aprofundada no interior das estruturas revelando o aterro aí utilizado.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Nestes cortes observou-se a existência de vestígios de tijoleira em cota um pouco abaixo ao alicerce e também rente ao mesmo. Estes últimos apresentavam tanto tijolos como piso cimentado. Observaram-se ainda patamares distintos entre os cômodos. Ainda foi verificado o reboco em parte das paredes da estrutura. Pelo tipo do material construtivo identificado (utilização de tijolos de furo de secção redonda e cimento Portland) pode-se constatar que tais vestígios correspondem a alterações recentes, provavelmente da 2ª metade do século XX, ocorridas na área 01. No entanto, não foi possível identificar o uso no contexto sistêmico.



Figura 170- Identificação de piso e de reboco.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 171- Piso e paredes (mais finas e com material recente) identificados na Área 01.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 172- Detalhe da utilização de tijolos de furos.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 173 - Alicerces identificados após a remoção do piso cimentado.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Na área 01 (pátio cimentado), observa-se o alinhamento do alicerce da fachada, que é praticamente a continuidade da fachada restaurada.

O mesmo ocorreu na área 02 (trecho não cimentado) onde o alinhamento da parede frontal é ainda similar às demais.





Figura 174- Alinhamento posterior não compatível com a edificação existente.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A fachada posterior, entretanto, já não se tem o mesmo alinhamento nos três blocos (Armazém existente, área 01 e 02). Na foto ao lado, observa-se que o alinhamento da base remete a uma edificação de comprimento bem maior.

Com o objetivo de avaliar a continuidade do alinhamento posterior foi realizada abertura de corte na calçada da edificação existente. A prospecção na área revelou a continuidade do alicerce em direção à parte posterior da loja de artesanato Arte Noronha.



Figura 175 - Abertura de corte-teste para avaliar a continuidade ou não da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 176- Continuidade do alicerce identificado na parte cimentada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Certamente pudemos observar que ao longo do tempo foram construídos vários acréscimos na face posterior do conjunto. A cronologia destes acréscimos se reflete através das técnicas e dos materiais empregados. Entretanto, a estrutura apontada na foto anterior remete, por sua técnica e materiais empregados, à mesma cronologia do alicerce da fachada, o que sugere a contemporaneidade entre ambas.
Vale salientar, que não tivemos acesso às fundações da estrutura reconstruída nos anos 90 que, ao que parece, não se fez com base em estudo arqueológico. Assim não há, de nossa parte, como afirmar que as antigas bases foram aproveitadas. Saliente-se, entretanto a existência de uma calçada na parte posterior do edifício reconstruído que, no entanto, também não se mostra alinhada com nenhuma das bases localizadas nesta pesquisa. Nestes termos, não foi possível comparar o comprimento original das duas estruturas.

Área 02

A área 02 do Armazém de Cereais (área não cimentada) foi setorizada em cortes de 1 X 2 metros, coalescentes entre si, constituindo trincheiras.

A escavação arqueológica na área foi realizada inicialmente, através da abertura de trincheiras, até a identificação da estratigrafia padrão da área.



Figura 177 - Demarcação dos cortes e identificação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 178 - Trincheira aberta inicialmente na área 02.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 179 - Piso em diferentes patamares identificados após escavação da trincheira.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.

Considerando o grande número de evidências da presença de alicerces antigos, optou-se por alterar a técnica de escavação conduzindo o processo para a decapagem em grande superfície, da mesma forma que o realizado na área 01.



Figura 180- Panorâmica da área 02 após a escavação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 181- Detalhe do banheiro e escada de acesso à parte posterior da casa voltada para o Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 182- Detalhe dos cômodos da unidade residencial.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Diferentemente da área com o piso cimentado (área 01), a área contígua (área 02) revelou remanescentes de estrutura residencial unifamiliar. Tais estruturas, embora sua construção remonte provavelmente ao início do século XX, ou até mesmo antes, se manteve em uso até o final do século passado. Durante o uso foi submetida a reformas que envolveram ampliações no sentido do comprimento da casa, em direção ao riacho, e mesmo alterações na distribuição interna dos espaços.

Nas estruturas remanescentes desta área, face à técnica de construção empregada, foi possível resgatar, em linhas gerais, detalhes da fachada, bem como da face lateral da casa situada na esquina. Na fachada, em alinhamento com os demais remanescentes do conjunto, foi possível resgatar a localização e as dimensões de duas portas e de uma janela.



Figura 183- Alinhamento dos alicerces das fachadas do Armazém atual, bem como o das áreas 01 e 02, que foram escavadas.

Ainda na fachada frontal (na parte sem piso cimentado – área 02), como foi mencionado anteriormente, foram localizadas duas portas e uma janela, cada uma associada a um cômodo.

A identificação se fez através do estudo das espessuras das paredes e da disposição das peças de revestimento do piso. Na maior parte dos cômodos o piso original foi revestido com tijolos retangulares maciços, dispostos no sentido do comprimento em paralelo com a fachada. Nos vãos das portas e das janelas (recuo) a disposição das peças rotacionava em 90 graus. Outro aspecto foi ainda associado: durante algum tempo parece ter sido uma prática comum utilizar-se de piche para pintar um rodapé nas paredes, provavelmente no intuito de reduzir a infiltração da umidade. Esta prática foi inclusive observada também na Casa de Banho. No caso destas casas, a pintura do rodapé, ou propositadamente, ou por desleixo, estendeu-se sobre as peças de revestimento do piso, formando uma faixa de cerca de 3 cm que acompanhava o desenho dos cômodos.

Na foto ao lado observa-se a faixa de piche delineando no piso a parede removida (área 02).



Figura 184- Marca de piche no limite de cômodo da área 02.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 185- Abertura de janela.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 186 - Marcação do recuo da janela e do piso da sala.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011

Acima, à esquerda, foto mostrando os limites que permitiram reconstituir-se as aberturas da fachada. A mesma foto à direita enfatizando-se os limites observados.

No sentido do comprimento da casa, a ampliação no sentido do riacho, o desnível existente exigiu o recurso de estabelecer-se diferentes níveis internos. Observe-se ainda a marcação dos tijolos do piso, para os batentes.



Figura 187- Detalhe do piso da unidade residencial.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Trincheira longitudinal com detalhe na disposição das peças de piso.

Panorâmica da trincheira expondo os diferentes níveis de piso.



Figura 188- Trincheira aberta na área não cimentada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 189 – Trincheira que expõe do lado direito a parede de pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010



Figura 190 - Detalhe da parede de pedras, já na baixada, bastante danificada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 191 – Detalhe da imagem anterior, enfatizando a construção em pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 192 – Detalhe do entulho, onde se observa restos de sacos de ráfia.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A descida para um patamar ainda mais baixo revelou a existência de mais um degrau que dá acesso a um piso inferior. A parede de pedras do lado direito apresentou continuidade em direção ao Riacho Mulungu.



Figura 193- Detalhe da escada e parede identificadas na parte posterior da edificação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 194- Continuação da parede de pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 195- Parte posterior da escavação da área 02.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 196- Localização da parede de pedra (área 02).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante acompanhamento da implantação de tubulação da COMPESA, em 2006, foi identificado trecho desta parede em pedras pela arqueóloga Miriam Cazzetta. Registro das intervenções da época podem ser observados na documentação fotográfica a seguir.



Figura 197- Intervenções realizadas pela Compesa para implantação de tubulação.

Fonte: Arqueóloga Miriam Cazzetta, Gabinete de Arqueologia de Fernando de Noronha, 2006.



Figura 198- Identificação de trecho de parede edificada com pedras.

Fonte: Arqueóloga Miriam Cazzetta, Gabinete de Arqueologia de Fernando de Noronha, 2006.



Figura 199- Detalhe do final da parede onde é possível observar o encaixe para a porta.

Fonte: Arqueóloga Miriam Cazzetta, Gabinete de Arqueologia de Fernando de Noronha, 2006

Outros detalhes internos, e que remetem ao uso como residências foram resgatados. É o caso da chamada sala de banho (área 02), onde se buscou incluir os itens de conforto em voga, ainda que, alguns problemas locais dificultassem seu pleno uso. Ali, pela cota em que se encontrava, escapou à demolição, uma banheira de ferro, possivelmente uma reutilização. Provavelmente não uma banheira de pés, mas de embutir.



Figura 200 - Panorâmica da escavação, onde se vê o posicionamento da 'sala de banho'.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 201 - Detalhe da 'sala de banho', com a banheira, local de banho de chuveiro e vaso sanitário. Observe-se a falta do bidê, peça comum à época.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 202 - Observe-se o assentamento embutido da banheira, o que não exclui a possibilidade de originalmente ter sido de pé, mas reaproveitada embutida.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 203 - Detalhe do desgaste na área no entorno do ralo.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 204 - Detalhe da área onde seria a entrada de água encanada, que se encontra fechada com cimento.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O fato de se constatar que, pelo menos no último período de uso, a banheira ter tido o sistema de entrada de água encamada isolado (fechado com cimento) sugere um reaproveitamento de uma peça usada. Por outro lado, no entorno do ralo de esgotamento, o acentuado desgaste sugere que a agua servida não era esgotada pela canalização.

Outra observação acerca do sistema de abastecimento d'água na casa é a presença de marcas, possivelmente de um barril ou tonel no piso do banheiro, o que denota provavelmente a precariedade ou ausência de água encanada.



Figura 205- Marcas de tonel ou barril no piso do banheiro, próximo à banheira.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 206 - Detalhe da marca de tonel.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Na casa contígua à atual área da COMPESA (Área 02), que era de esquina, o piso foi capeado com cimento Portland.



Figura 207 – Cômodo com a tijoleira original capeada com cimento.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 208 – O capeamento se estendendo pela porta principal da casa.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante vistoria técnica do IPHAN foi solicitada a abertura de dois cortes-teste no interior da casa com o objetivo de tentar localizar um piso mais antigo que remetesse à época do Armazém do século XIX. No trecho próximo à entrada principal da casa, a remoção do piso resultou na identificação de um outro piso, ou contra piso, de pedras (Figuras 209 e 210). No cômodo ao lado da entrada principal, o piso cimentado foi assentado sobre uma tijoleira. Após a remoção de parte da tijoleira foi identificado um contra piso de seixos e trecho de uma parede de alvenaria de pedras.

Perpendicularmente à parede de pedras existiu uma parede bem mais estreita, edificada em tijolos. Tais estruturas de parede indicam sucessivas ocupações e reformas ocorridas no espaço, ao longo do tempo (Figuras 211 e 212).



Figura 209- Marcação de corte-teste no cômodo de acesso a unidade residencial.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 210- Remoção do piso cimentado, onde foi identificado um piso ou contra piso de pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 211- Localização do segundo corte teste realizado no cômodo ao lado da entrada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 212- Paredes identificadas abaixo da tijoleira, bem como piso ou contra piso de pequenos seixos rolados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

As escavações realizadas na área 01 e 02 permitiram a identificação de parte dos alicerces do antigo Armazém de Cereais do século XIX. Durante a escavação da área 02 foi possível identificar os limites da edificação do Armazém, bem como do alicerce em pedras remanescentes da antiga estrutura.
Após as escavações arqueológicas foi dada continuidade as obras no local para a edificação de espaços destinados à revitalização da área, acautelando os alicerces remanescentes do primitivo Armazém de Cereais. O acautelamento foi definido durante reunião realizada entre representantes do IPHAN, Gabinete da Arqueologia do DEFN, a Prodetur e à equipe da BR Construções em 16 de março de 2011.



Figura 213- Intervenções realizadas no Armazém de Cerais após a pesquisa arqueológica.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 214- Preparação dos alicerces para início da construção de nova edificação no local.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Planta da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os primitivos alicerces (Área 01 e 02)

ÁREA 1

ÁREA 2

N

E

S

W

160

ARMAZÉM

9,45 m x 28 m

4,08 | 0,82 | 4 | 0,75 | 4,05 | 0,9 | 4,65 | 0,75 | 2,9 | 0,85

0,85 | 6,4 | 11,57

0,85 | 2,22 | 1,25

0,76 | 8,64 | 0,85 | 8,3 | 0,85

19,4

LEGENDA:

PLANTA BAIXA DO ARMAZÉM DE CEREAIS

ESCALA: 1/100

Alicerce do primitivo Armazém de Cereais (Área 01 e 02)

Estrutura existente

Estruturas de pedra

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: **Planta da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os primitivos alicerces (Área 01 e 02)**

DATA: 28/08/2013

PRANCHA: 01

OLHA - A3

Planta da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os vestígios de edificações do século XX (Área 01 e 02)

ÁREA 1

ÁREA 2

N

E

W

S

ARMAZÉM
9,45 m x 28 m

DEP. 04
(3,85 X 3,40)

Banheiro de água

DEP. 03
(2,55 X 2,85)

DEP. 02
(3,10 X 4,10)

DEP. 05

DEP. 01
(4,60 X 4,40)

PLANTA BAIXA DO ARMAZÉM, COM DETALHE DAS EDIFICAÇÕES DO SÉCULO XX.

ESCALA: 1/100

LEGENDA:

- Alicerce do primitivo Armazém de Cereais.(Área 01 e 02)
- Estrutura existente
- Vestígios de edificações do século XX (Área 02)
- Cortes

- Estruturas de pedra
- Parede de pedra
- Piso de tijolo, com cimentado
- Piso de tijolo

- Piso de pedras
- Parede de pedra
- Parede de tijolo
- Piso de seixos

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

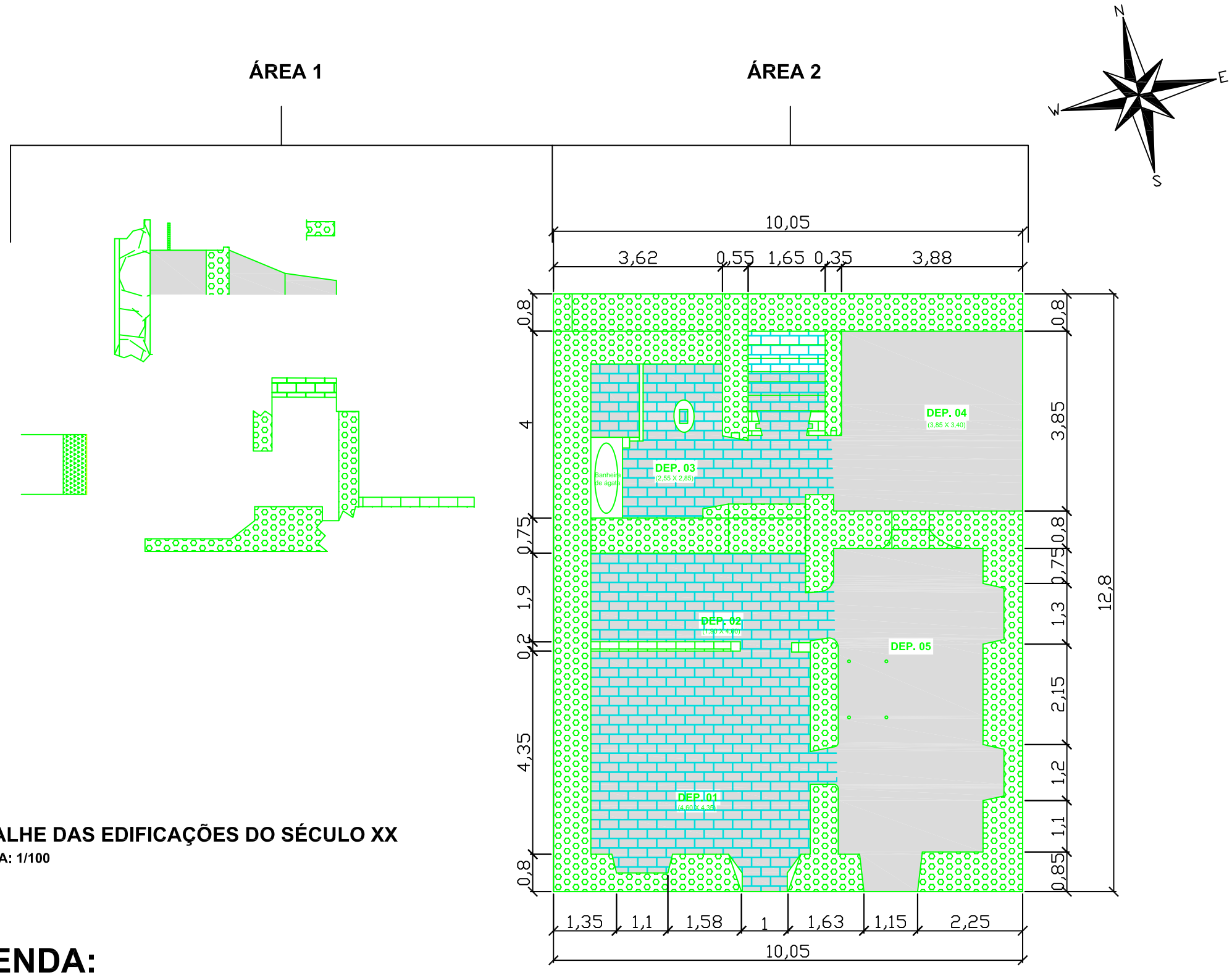
DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: Planta da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os vestígios de edificações do século XX (Área 01 e 02)

DATA: 28/08/2013

PRANCHA: 04

Planta com detalhe dos vestígios de edificações do século XX (Área 01 e 02) do Armazém de Cereais

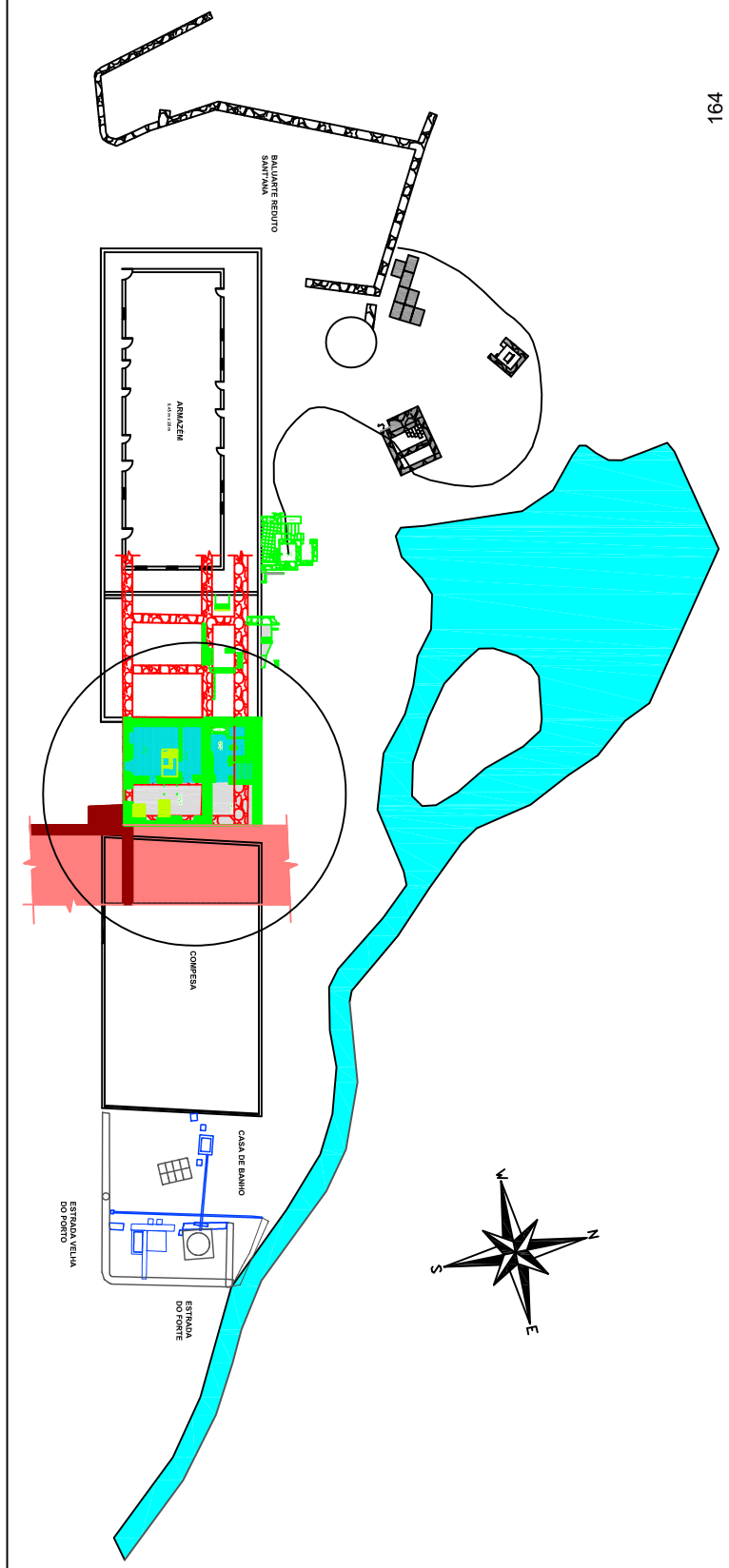


DETALHE DAS EDIFICAÇÕES DO SÉCULO XX

ESCALA: 1/100

LEGENDA:

- Vestígios de edificações do século XX (Área 02)
- Parede de pedra
- Piso de tijolo, com cimentado
- Piso de tijolo
- Marcas de pilares
- Cano de ferro
- Piso de seixos
- Marca da bacia sanitária
- Parede de tijolo
- Estrutura de pedra
- Piso cimentado



ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: **Detalhe da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os vestígios de edificações do século XX (Área 01 e 02)**

DATA: 28/08/2013

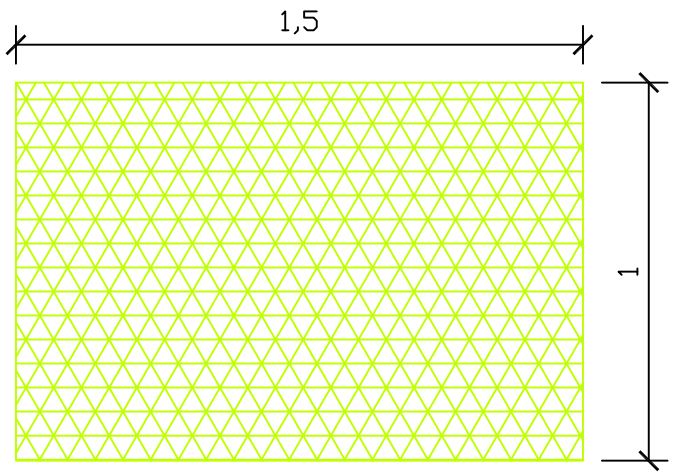
PRANCHA: 02

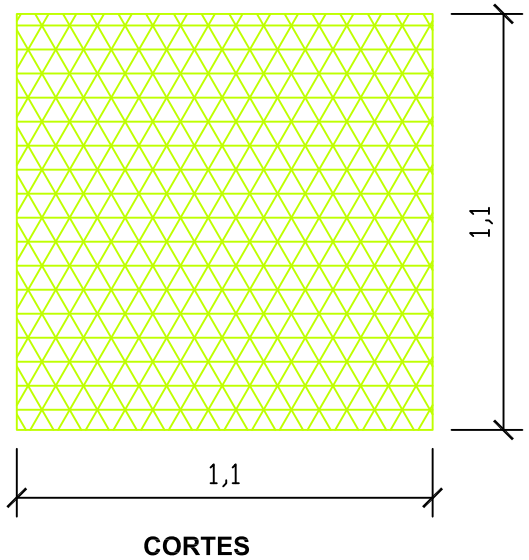
OLHA - A3

Planta da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os cortes realizados de acordo com solicitação do IPHAN (Área 02)

CORTES

ESCALA: 1/50





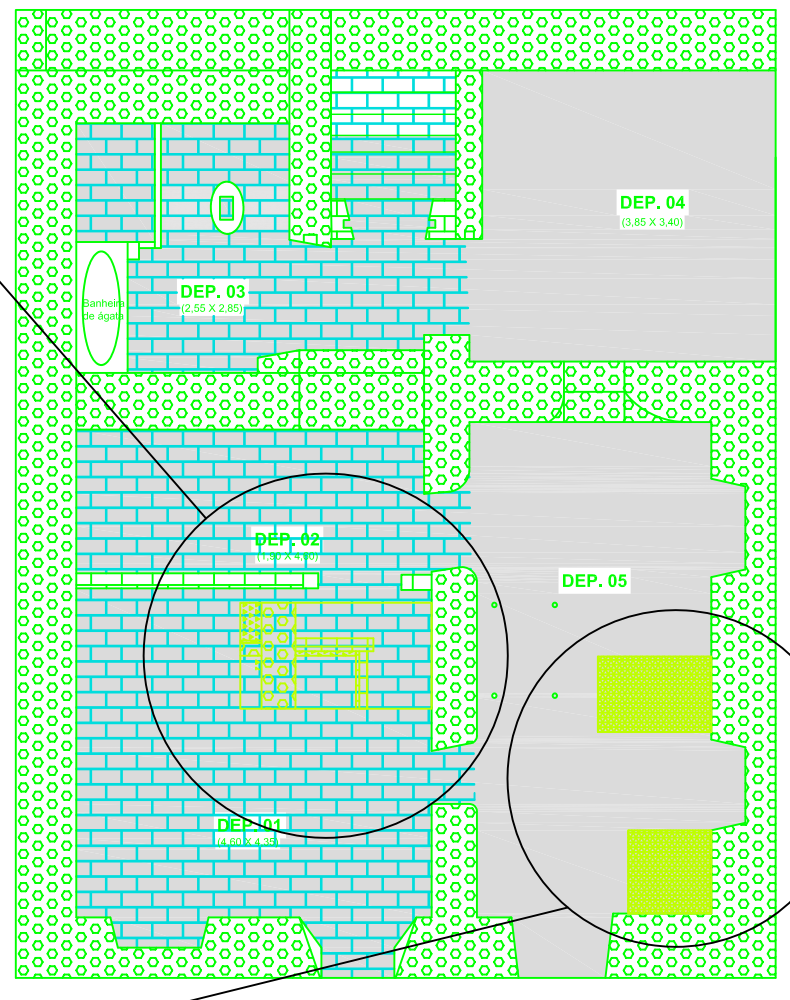
CORTES

ESCALA: 1/50

LEGENDA:

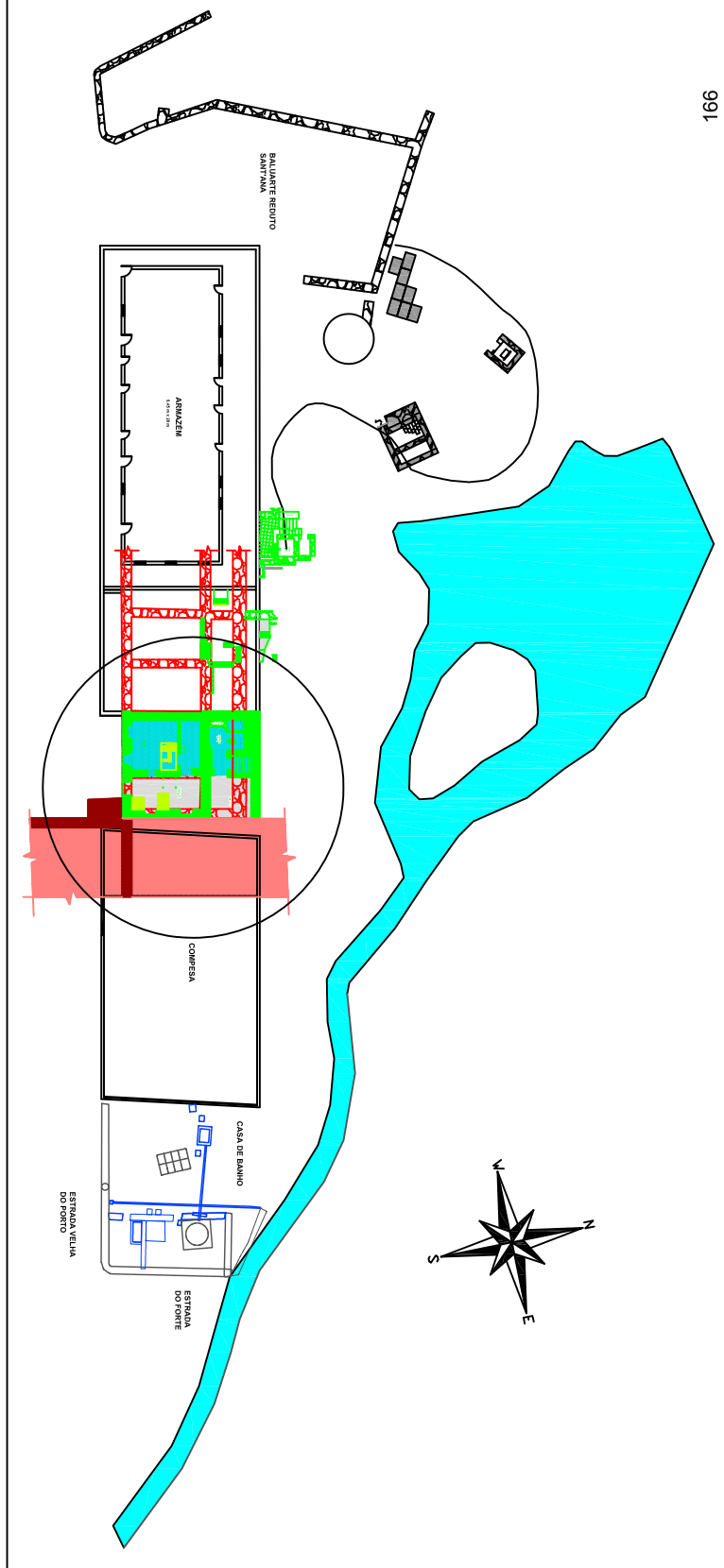
- Cortes
- Piso de pedras
- Parede de pedra
- Parede de tijolo
- Piso de seixos

ÁREA 2



DETALHE DAS EDIFICAÇÕES DO SÉCULO XX

ESCALA: 1/100



166

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: **Cortes realizados de acordo com solicitação do IPHAN (Área 02)**

DATA: 22/08/2013

PRANCHA: 03

OLHA - A3

Área 03 – Antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro (FN0004 LA/UFPE)

Na trincheira onde foi identificado o limite do Armazém de Cerais, havia um piso revestido em pedras contíguo a edificação da área 02, em cota abaixo da superfície da mesma. Com o objetivo avaliar a extensão do piso, a trincheira foi ampliada para o interior dos limites da Estação Elevatória de Esgoto da Compesa. A cerca que limitava à área da estação foi retirada e recolocada no limite do portão de acesso.

A escavação da área externa da casa (Área 03) evidenciou a presença, em profundidade, de um piso externo em pedras, semelhante àquele utilizado nas vias públicas.



Figura 215- Trincheira onde foi identificado o limite da edificação e o piso em pedra de antiga estrada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 216 – Observe-se que o piso externo se mostra rampeado, em direção ao riacho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Uma nova trincheira, esta paralela à Estrada Velha do Porto, evidenciou a largura da rua.



Figura 217 – Trincheira escavada expôs a antiga via. Observa-se um cano da COMPESA, que teria atingido a estrutura, quando já aterrada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 218- Corte realizado paralelo ao limite da edificação, perpendicular a primeira trincheira, para avaliação da continuidade do piso.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 219 - Verificou-se a continuidade do piso em direção ao pátio da igreja e em direção ao Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A iconografia já do século XX nos permite associar esta via calçada com a antiga Estrada do Porto do Cachorro, que contornava o espelho da barragem e atravessava o Riacho Mulungu, descendo depois até o porto, o chamado Porto da Vila, nos séculos anteriores. Tanto o Porto do Cachorro quanto a estrada de acesso estiveram em uso possivelmente até o início do século XX.



Figura 220 – Vila dos Remédios. Foto da Coleção Lacoste - 1924.



Figura 221- Imagem do Porto do Cachorro na década de 1930. (Fonte: SILVA, 2007, p. 115)



Observa-se na foto ao lado uma ampla estrada, balizada por árvores, que desce ao lado de uma casa, passando por um trecho onde se vê um espelho d'água. (canto direito, em baixo). As árvores fazem parte de um conjunto que se vê na foto anterior, balizando a hoje, Estrada Velha do Porto.

Figura 222 - Detalhe da foto de Lacoste de 1924.

À época, árvores jovens, pois não ultrapassavam a altura da janela do edifício hoje dedicado ao Memorial Noronhense. Estas árvores, ainda jovens, bem podem ser associadas aos velhos oitizeiros que ainda compõem o centro da Vila (estariam agora com 90 a 100 anos).

A intensidade de chuvas no período da escavação arqueológica resultou no acúmulo de sedimento e de água no trecho identificado da estrada. De forma a garantir a preservação da estrutura, o trecho escavado foi novamente aterrado após o estudo, documentação e mapeamento.



Figura 223- Acúmulo de sedimento na trincheira onde foi identificada à Estrada do Porto do Cachorro.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 224- Água acumulada no interior da trincheira.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 225- Aterro de parte da estrada velha do Porto do Cachorro com auxílio de trator.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Uma prospecção de superfície realizada em direção ao riacho permitiu a localização de antigas estruturas, envoltas por raízes de mulungus, que provavelmente estiveram relacionadas a um pontilhão que atravessava o curso do riacho, em demanda do porto.



Figura 226 - Observe-se que a estrutura entre as raízes de mulungu alinha com o local onde existiu a lateral da casa, deixando à esquerda o Memorial Noronhense.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



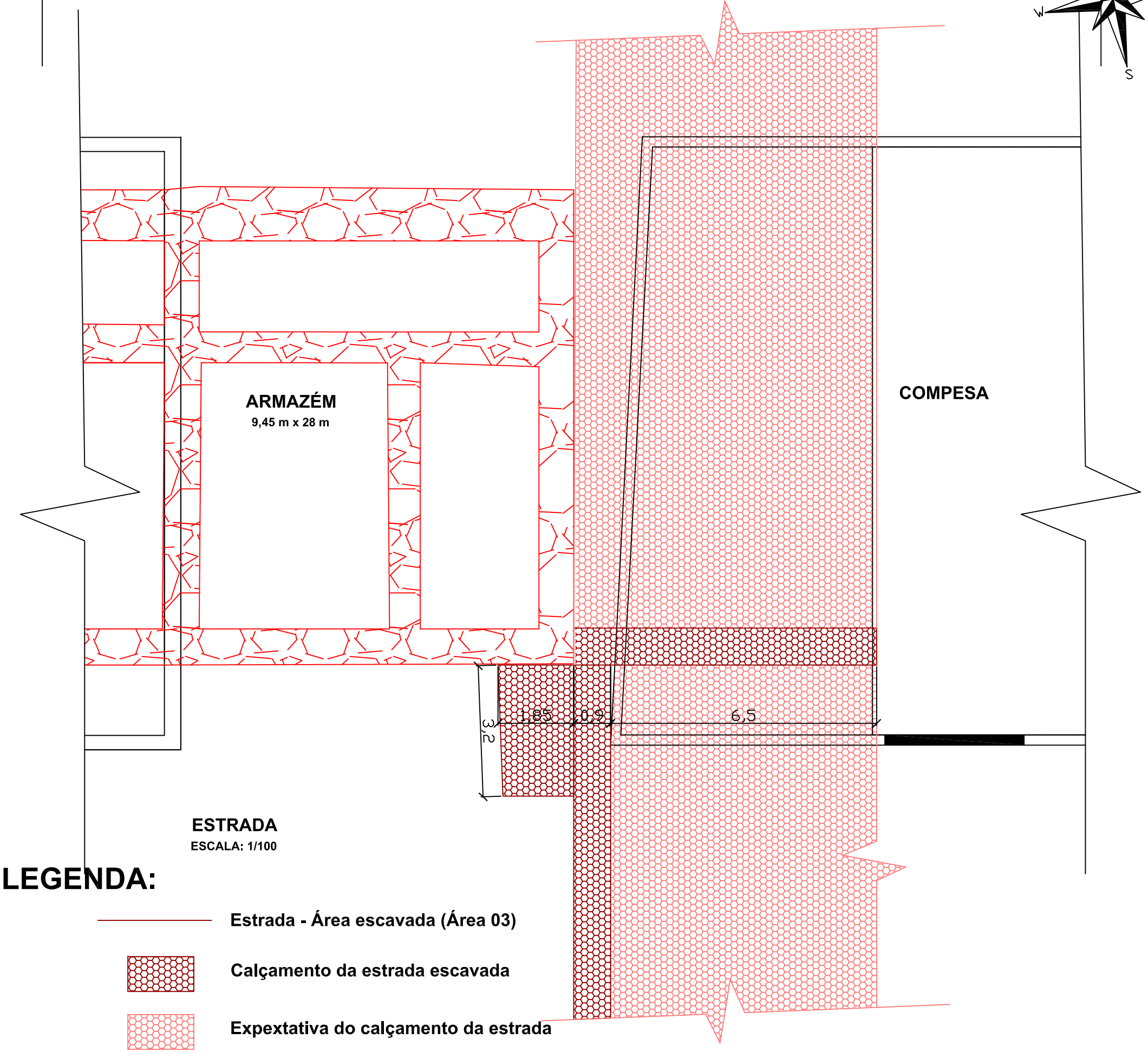
Figura 227 – Detalhe da estrutura.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

As estruturas localizadas às margens do Riacho Mulungu foram monitoradas durante as intervenções de desassoreamento do Riacho Mulungu, realizada pela BR Construções. Tais intervenções serão tratadas no capítulo referente ao monitoramento na área do Riacho.

Planta da antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro (Área 03)

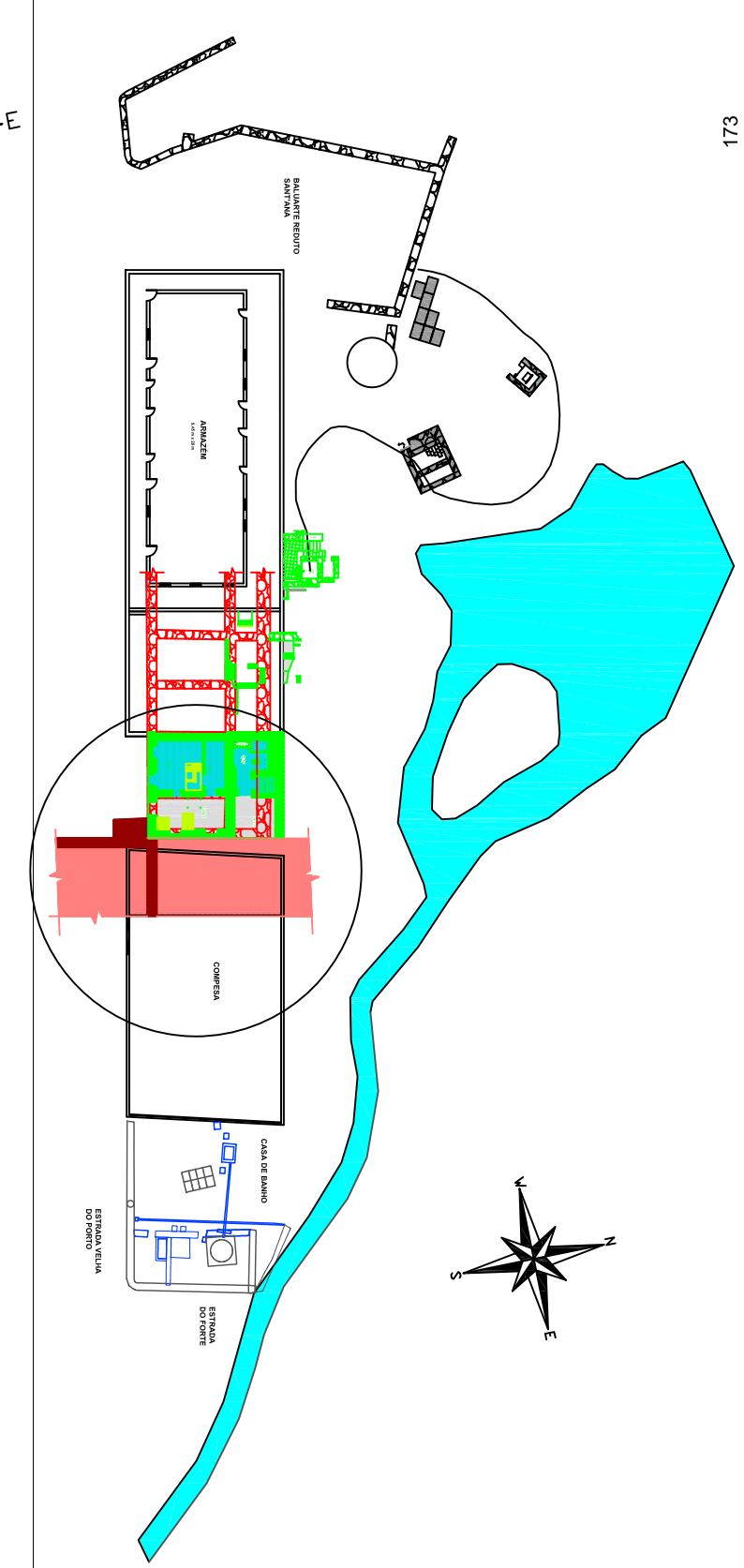
ÁREA 3



ESTRADA
ESCALA: 1/100

LEGENDA:

- Estrada - Área escavada (Área 03)
- Calçamento da estrada escavada
- Expextativa do calçamento da estrada



173

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: **Planta da antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro (Área 03)**

DATA: 28/08/2013

PRANCHA: 05

OLHA - A3

Área 04

Uma estrutura localizada na parte posterior do Armazém (área 04), na altura da loja de artesanato Arte Noronha, se encontrava preenchida por entulho. Apesar de não contemplada especificamente no Projeto, a arqueóloga do Distrito Estadual, Miriam Cazzetta, solicitou o estudo da estrutura até então não identificada. Por se tratar de uma área inclusa no perímetro do Projeto realizou-se prospecção arqueológica no local.



Figura 228- Situação da estrutura antes do início das atividades de arqueologia.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Neste trecho foi realizada, em janeiro de 2011, a remoção do entulho e a limpeza da área no entorno da estrutura. Em fevereiro, tiveram início as atividades no local, que foi delimitado com piquetes encimados com bandeirolas vermelhas. Após a demarcação teve início escavação. Logo no início o terreno se apresentou com bastante material recente. Exemplares de cada tipo de material foram documentados fotograficamente.



Figura 229- Panorâmica da área após limpeza, onde é possível observar estrutura não identificada.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 230- Parte superior da estrutura.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 231 - Situação da área após limpeza.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 232 - Observa-se estrutura quadrangular seguida de cômodo retangular. Ao fundo, pode-se observar a área assoreada do Riacho Mulungu.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Após a limpeza, observou-se a existência de uma estrutura edificada em pedras e tijolo batido com duas dependências: uma quadrangular de 1,60 x 1,70m, sem abertura para seu interior, que se encontrava totalmente preenchida; e outra retangular de 1,60 x 1,07m, parcialmente preenchida e com abertura para porta. Esta última dependência se encontrava rebocada em seu interior e com encaixe remetendo a existência de uma porta.

Com intuito de identificar a funcionalidade da edificação realizou-se escavação na área da estrutura e em seu entorno.



Figura 233- Início das escavações na lateral da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

A escavação da estrutura quadrangular foi realizada por camadas objetivando avaliar a disposição, cronologia e tipo de material no interior da área. Inicialmente localizou-se uma camada concentrada em matéria orgânica (2 cm), seguida de aterro com material argiloso (10 cm). Após as duas primeiras tem lugar uma terceira camada com alta concentração de matéria orgânica, apresentando em seu interior metralha e material recente. Esta camada se estendeu até 2,30m de profundidade, quando atingiu o terreno local (camada esbranquiçada).



Figura 234 - Rebaixamento da estrutura quadrangular.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 235 - Perfil do conteúdo interno do entulho do cômodo.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Ainda, a 40 cm de profundidade foi localizado cano de ferro de 75 mm na parede 01 da estrutura (ver planta da pág. 192).



Figura 236 - Cano de ferro localizado no interior do cômodo quadrangular.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Os fragmentos contidos no interior da terceira camada (a mais espessa) abrangiam as seguintes categorias funcionais:

- Material de construção: tijolos manuais em cerâmica e de pedra de diferentes tamanhos; telhas manuais e industriais, inclusive de amianto; material hidro sanitário; pedras locais;
- Material relacionado à alimentação: fragmentos de prato em faiança fina, xícaras em porcelana e outros fragmentos com forma não identificada; tigela de ágata, talheres, garrafas de vidro, recipiente de vidro com tampa de metal de extrato de tomate, recipiente plástico de margarina da marca “Delícia”; copo e talher descartáveis; Embalagem de picolé da marca “Kibon Sorvane”.
- Material relacionado à higiene pessoal: escova de dente de plástico, recipientes de perfume em vidro;
- Vestuário: Fragmentos de tecido; alça de sandália vulcanizada da marca “Havaianas”.
- Recipientes de medicamento confeccionados em vidro de formas e tamanhos diversos, entre eles, ampolas lacradas e com conteúdo interno preservado, vários frascos entre eles um com inscrição em relevo “PASSIFLORINE”. Em pesquisa realizada o medicamento foi produzido pelo Laboratório Millet Roux desde 1933, indústria brasileira;
- Material relacionado à limpeza doméstica: Recipiente em plástico de água sanitária e de desinfetante;
- Material Lúdico: Brinquedo de criança produzido em plástico (carrinhos, argola, tampa de panela, dominó, armação de cama de plástico, apito), brinquedo em vidro (bola de gude). Nesta categoria funcional foi possível identificar diferenças de gênero, onde foram encontrados brinquedos utilizados por meninas e meninos;
- Moedas: 03 moedas brasileiras de 01 cruzado, uma de 1986 e duas de 1987;
- Comunicação: Cartão telefônico da Telemar;
- Peças e fragmentos de peças metálicas, principalmente em ferro.
- Material com categoria funcional não identificada.

Durante o rebaixamento e posterior avaliação do material localizado não houve diferença cronológica em relação à profundidade da camada. Trata-se de um mesmo pacote de material depositado em um determinado período, tudo indica que o material é compatível com a segunda metade do século XX, principalmente entre as décadas de 80 e 90.



Figura 237 - Produtos de plástico localizados na camada 03. Entre eles cartão telefônico da Telemar, datado a partir de 1999 (ano da criação da empresa) [33]

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 238- Produtos de plástico de diferentes categorias funcionais.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 239- Recipientes de vidro localizados no interior da estrutura.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 240- Continuação dos recipientes em vidro, entre eles, ampolas lacradas contendo substância incolor.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

[33] A empresa de Telefonia Telemar foi criada em 1999, substituindo a Tele Norte Leste S.A., e funcionou até 2007 quando a Oi torna-se a única marca da empresa. Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Telemar, acesso em 14/06/2011.



Figura 241 - Material em faiança fina e em porcelana relacionado a serviço de mesa. Entre elas xícara fragmentada da marca Pozzani Jundiaí, possivelmente do 2º quartel do século XIX.[34]

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 242 - Material hidro sanitário.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 243 - Conjunto de telhas de cerâmica manuais e industriais.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 244 - Telhas de amianto também foram localizadas no entulho, o consumo dessas telhas no Brasil popularizou-se a partir da década de 1950.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

[34] A Indústria Francisco Pozzani S.A., Jundiaí-SP, foi fundada em 1934. CARVALHO, Fábio. Porcelana Brasil. Site: http://www.porcelanabrasil.com.br/m-pozzani.htm acessado em 14/06/2011.



Figura 245 - Tipos de tijolos de cerâmica.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 246 - Tijolos em pedra localizados durante as escavações na área.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A dependência quadrangular, por outro lado, não se encontra revestida internamente e as paredes da mesma foram edificadas com alvenaria em pedra e argamassa de barro. Alguns trechos das paredes da referida estrutura foram edificados também com tijolos de pedra da formação Caracas.



Figura 247 - Detalhe da utilização do tijolo de pedra utilizado na edificação (fossa). (Acervo LA/UFPE 2011).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A formação Caracas é característica do Arquipélago de Fernando de Noronha. As rochas desta formação são constituídas de depósitos sedimentares.

> *"As rochas da Formação Caracas são depósitos sedimentares, resultantes de processos que ocorreram entre 1,8 milhão e 10 mil anos atrás, envolvendo o arenito das Caracas."*
> *São sedimentos antigos, de origem predominantemente eólica (eolianitos), com coloração bege clara ou cinzenta, textura arenosa granular fina e estratificação cruzada. Formavam antigas dunas móveis, agora petrificadas por processos físico-químicos.*

Os grãos de areia são constituídos principalmente por restos de organismos marinhos – algas calcárias, moluscos, corais – e minerais essenciais das rochas vulcânicas. Entre esses grãos encontra-se a calcita micro-cristalina, que serve como um cimento, dando consistência aos arenitos. Tal característica indica que o mar estava abaixo do nível atual quando essas rochas se formaram. A Formação ocupa apenas 7,5% do Arquipélago, mas chama atenção por suas formas muito esculpidas".[35]

Este tipo de formação sedimentar ocorre em locais específicos do Arquipélago como na Ponta da Caracas, na Baia do Sueste e nas ilhas de formação sedimentar.



Figura 248 - Formação Caracas na baía do Sueste em Fernando de Noronha.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 249 - Fragmentos de rochas da formação Caracas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Os tijolos localizados apresentam cumprimento e largura de tamanho padrão (24 cm x 13 cm), e espessura variando entre 3 e 6 cm.
Esses tipos de tijolos foram utilizados em outras edificações no Arquipélago como, por exemplo, em arcos na parte posterior do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Porém, não foi possível determinar em que época os tijolos foram utilizados. O levantamento histórico realizado relata que a Igreja foi construída em 1768, onde foi localizada a informação que o Altar-mor estava pronto em 1770. Nos anos de 1883, 1891 e 1915 e 1819 passou por reformas sendo restaurada em 1988 pelo IPHAN.

[35] MOREIRA, Jasmine Cardozo. Guia Geológico - Noronha. Editora Nicia Guerreiro Edições.



Figura 250 - Arcos edificados com tijolos na parte de trás do altar-mor da Igreja de N. S. dos Remédios. (Acervo LA/UFPE 2011).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 251 - Detalhe de um dos arcos onde é possível observar a utilização de tijolos de cerâmica e de pedra.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 252 - Detalhe dos tijolos em pedra da Formação Caracas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 253 - Observa-se a utilização de fragmentos de telha na parede onde se encontra o cano.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Ainda na estrutura quadrangular, na parede onde foi localizado um cano de ferro, podem-se observar tipos de materiais construtivos distintos dos utilizados nas demais paredes; foram observados fragmentos de telha manual e o emprego de cimento Portland. Pela diferença do material construtivo e pela junção desta parede com as demais é provável que a mesma tenha sido edificada posteriormente, ou mesmo, reparada.



Figura 254- Estrutura quadrangular após a remoção do entulho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A dependência retangular (Figura 255) apresenta alvenaria em pedra com acabamento, junto à porta de acesso, em tijolo batido. No trecho edificado com tijolos é possível observar o encaixe para porta. Na parede oposta pode-se observar um orifício ainda com função não identificada. A parte interna deste cômodo encontra-se rebocada e pintada de branco. Ainda, foi possível observar pregos fixados na parede e marcas da utilização de outros. O piso encontra-se revestido com cimento Portland queimado.



Figura 255 - Situação do cômodo durante remoção do entulho acumulado em seu interior.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 256 - Detalhe do encaixe da porta.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 257 - Orifício existente na parede oposta à da porta.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 258 - A abertura da porta apresenta 67 cm de largura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 259 - Amarração dos tijolos com a parede de pedra.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 260 - Marcas de utilização de pregos na parede. Ainda localizou-se um prego fixado na parede.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 261 - Revestimento do piso do cômodo. (Acervo LA/UFPE 2011).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 262 - Marcas quadrangulares localizadas no piso. (Acervo LA/UFPE 2011).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 263 - Localização de vestígios de degraus próximos à Porta da estrutura retangular.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante as escavações do cômodo retangular foram localizadas, na lateral da referida estrutura, próximo à porta, vestígios de degraus de uma escada. A partir da localização dos degraus iniciou-se a ampliação da escavação na lateral da estrutura.



Figura 264 - Panorâmica das escavações na lateral da estrutura. (Acervo LA/UFPE 2011).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante ampliação da escavação localizou-se vestígios de uma escada sobreposta a outra mais antiga, limitada por uma mureta em rampa.



Figura 265 - Escadaria localizada na lateral da estrutura após remoção de entulho. (Acervo LA/UFPE 2011).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Com a remoção do entulho da área foram localizados fragmentos de materiais relacionados ao sistema construtivo, alimentar, transporte, limpeza; alguns

fragmentos, por seu estado, não foi possível a identificação. A predominância cronológica do material localizado é compatível com o século XX, a única exceção foi à localização de um fragmento de prato em faiança fina inglesa, do tipo Shell Edged, compatível com o século XIX.



Figura 266 - Material proveniente da escavação da lateral da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Ainda, na parte superior, entre a fossa e a mureta que limita a calçada do Armazém de Cereais, foi localizado cômodo revestido com ladrilho hidráulico fragmentado. No piso deste cômodo foi possível observar marca de vaso sanitário, onde o escoamento dos dejetos era realizado através do cano de ferro localizado no interior da fossa (dependência quadrangular não rebocada internamente).



Figura 267 - Panorâmica da estrutura após escavações. Observa-se, em primeiro plano, estrutura de banheiro.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 268 - Piso de banheiro localizado.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 269 - Observa-se como era realizada a evacuação dos dejetos para a fossa, através de cano de ferro.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Observou-se ainda que o material construtivo utilizado neste último cômodo com vaso sanitário foi edificado com material mais recente do que as demais estruturas. Em uma mesma parede deste cômodo foi identificada a utilização de tijolo de cerâmica, maciço e de um tipo de “tijolo”, que na realidade é constituído por um fragmento regular extraído da formação sedimentar Caracas. Na massa cimentante foi utilizado o cimento Portland. Este cômodo revela uma prática comum aos habitantes do arquipélago, que se constitui no reaproveitamento de material de construção.



Figura 270 - Fragmentos de ladrilho hidráulico utilizados no piso do banheiro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 271 - Utilização de tijolos em pedra e cerâmica na parede do banheiro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Este último cômodo, o do banheiro, parece ter sido construído reaproveitando as estruturas anteriormente descritas. Seu material construtivo e a forma “arranjada” que o mesmo foi edificado leva a crer que se trata de uma estrutura mais recente. Possivelmente de uma das casas que existiam no local no século XX (segunda metade), ou mesmo na época em que foi utilizado como alojamento para a equipe de restauração da Igreja de N S dos Remédios, na década de 80.
A utilização da estrutura como banheiro está clara, e as evidências levam a crer que esta feição do banheiro apresenta cronologia distinta das estruturas edificadas com pedras. O tipo do material empregado no banheiro e na parede com cano de ferro da estrutura quadrangular remete a um reaproveitamento da estrutura edificada em pedra, utilizada como fossa neste segundo momento. Talvez, em período anterior a este banheiro, onde hoje é a fossa, possa ter sido um apoio para caixa d’água e, a estrutura retangular rebocada, ter sido utilizada como uma área para banho.



Figura 272 - Panorâmica da estrutura após as escavações.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

No acervo iconográfico do Distrito Estadual de Fernando de Noronha uma imagem da década de 30 retrata um cômodo na parte posterior do edifício do Armazém onde é possível observar escadaria de acesso ao interior da residência. Esta escadaria é compatível com a escadaria localizada durante as escavações arqueológicas. Pode-se observar a diferença do material do telhado na parte de um dos “puxadinhos”.

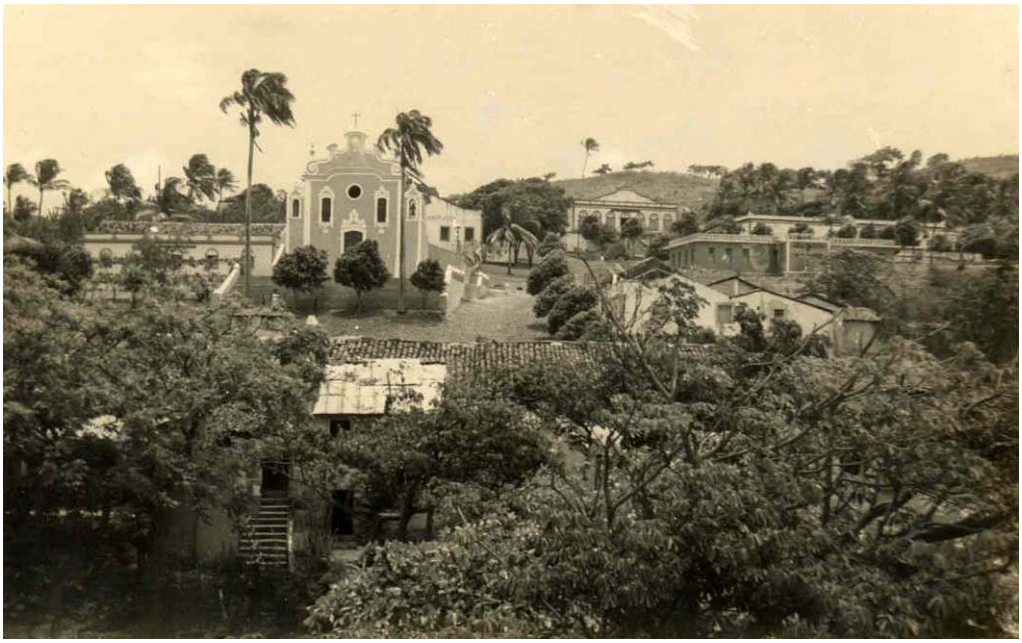


Figura 273 - Vila dos Remédios nos anos 30.
Fonte: Acervo ADEFN

Ainda em outra foto de 1938 é possível observar “puxadinhos” na parte posterior do edifício do Armazém.



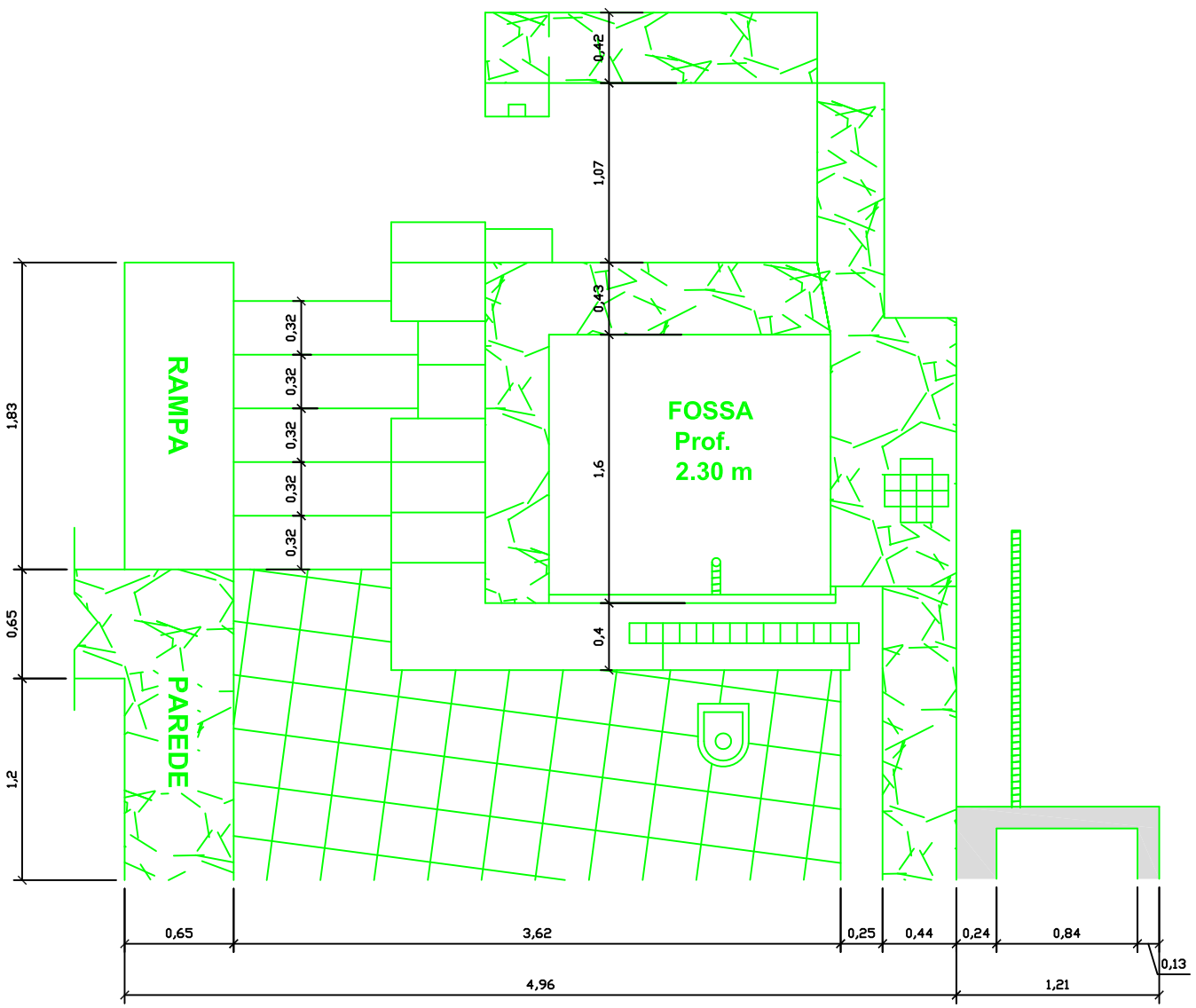
Figura 274 - Detalhe de fotografia de 1938 da área do Armazém de Cereais. Acervo ADEFN.

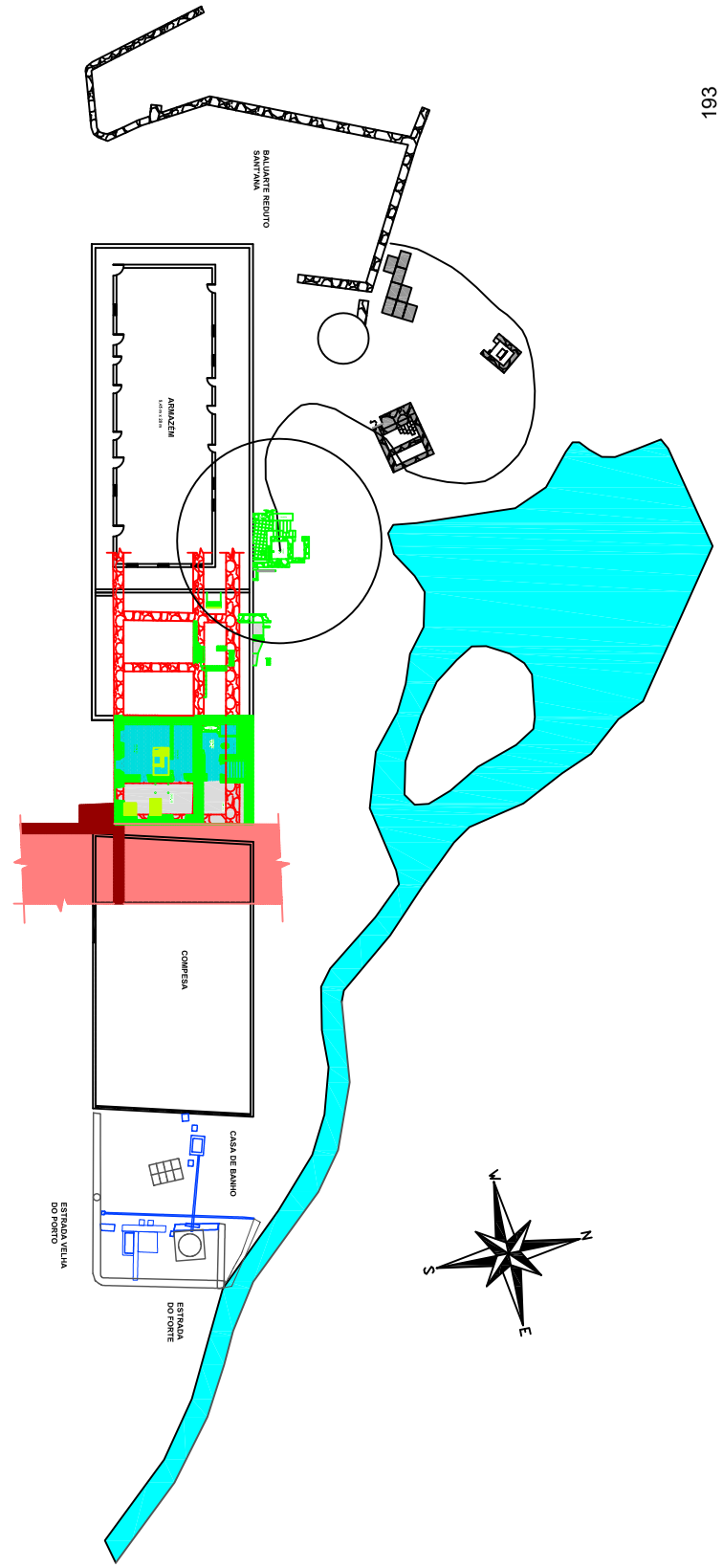
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

As escavações arqueológicas nesse setor revelaram, portanto, uma estrutura voltada para higiene pessoal, onde foi possível identificar várias alterações na edificação, com reaproveitamento de material construtivo.

Planta do banheiro localizado por detrás do Armazém de Cereais (Área 04)

ÁREA 4





193

BANHEIRO

ESCALA: 1/25

LEGENDA:

- Banheiro (Área 04)
- Piso com revestimento de materiais diversos
- Parede de pedra
- Marca da bacia sanitária
- Cano de ferro

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: **Planta do banheiro localizado por detrás do Armazém de Cereais (Área 04)**

DATA: 10/08/2013

PRANCHA: 06

OLHA - A3

Considerações relativas à área do 'Armazém de Cereais'.

Na área atribuída ao Armazém de Cereais foram localizadas as bases de diferentes edificações. A partir do trecho já reconstruído e seguindo no sentido da área da COMPESA, temos uma sucessão de vãos que permitiram em parte a reconstituição de seus usos.

Os quatro primeiros vãos apresentam uma modulação regular de alicerces construídos em pedra. A área interna destes vãos foi severamente alterada, provavelmente com a remoção do conteúdo de preenchimento. Posteriormente os vão foram preenchidos parcialmente com barro e mais efetivamente com areia local. O material encontrado de permeio com a areia e com o barro aponta para uma ação muito recente, no final do século XX (provavelmente as obras de 1990). Os últimos dois vãos correspondem a residências que foram utilizadas até as últimas décadas do século XX (anos 80, possivelmente). O âmbito destas construções extrapola àquelas do trecho já reconstruído do Armazém (no sentido do comprimento da edificação). Este avanço no sentido do Riacho Mulungu já se dera na primeira metade do século XX, época da qual existe documentação fotográfica da área (1924). As ações realizadas no local foram acompanhadas durante o monitoramento arqueológico.

Merece destaque a localização das estruturas internas das casas, de grande parte do piso, além de detalhes das fachadas frontal e lateral, onde foram identificadas a distribuição de portas e janelas. Tais aspectos permitem uma reconstituição material do fluxo de vida da população noronhense, no início do século XX. Para fins de registro, a área escavada do Armazém de Cereais foi identificada como FN0002 LA/UFPE, correspondendo a um sítio arqueológico histórico.

Outro aspecto a ser mencionado se refere à localização de uma estrutura revestida em pedras, uma via pública, associada ao acesso ao Porto do Cachorro, um dos mais antigos mencionados na historiografia e iconografias noronhense. O achado inclui um pontilhão, que atravessava o antigo curso do Riacho Mulungu e que está diretamente relacionado ao sistema da barragem, cujo estudo está previsto neste Projeto. A escavação arqueológica do provável pontilhão, assim como do primeiro trecho da estrada de acesso ao Porto do Cachorro, embora de grande interesse arqueológico, se encontrem fora do âmbito (objeto) do projeto encaminhado e aprovado pela PRODETUR II. Contudo, foram abertas duas trincheiras perpendiculares à área que se previa para a estrada de acesso, com o objetivo de comprovar a presença de vestígios do acesso ao Porto do Cachorro.

Por outro lado, durante o monitoramento das intervenções da construtora BR Construções, quando do desassoreamento do Riacho Mulungu (ver capítulo relativo ao monitoramento), a vegetação existente na área do pontilhão foi removida, deixando a estrutura evidente. A localização de tais vestígios resultou no cadastro do sítio arqueológico histórico FN0004 LA/UFPE, que corresponde a *Antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro*.

BALUARTE DO REDUTO SANT'ANNA (FN0003 LA/UFPE)

Mapa de Localização do Baluarte


565.400
565.500
9.575.600
9.575.500
N
W
E
S
BALUARTE DO REDUTO SANT'ANA
E: 565440 m
N: 9575595 m
BALUARTE DO REDUTO SANT'ANA (FN0003 LA/UFPE - CSNA/IPHAN:PE0023)
REDUTO DO ARMAZÉM OU REDUTO SANT'ANA (CNSA: PE00023)
LEGENDA
SÍTIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO
ÁREA ESCAVADA
ÁREA DO PROJETO
20 10 0 20
Metros
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO BALUARTE DO REDUTO SANT'ANA (FN0003 LA/UFPE - CNSA/IPHAN: PE0023)
Data: JUNHO/2013
Escala Visualização: 1:1.000
Datum: SIRGAS2000 / 25S
Fonte dos Dados: IBGE (2010) e Imagem Ikonos (BING,2008)
Responsável Técnico: Daniel Quintino Silva
Tecnólogo em Geoprocessamento - CREA: PE049947
ARQUEOLOG PESQUISAS - LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA DA UFPE

Conforme mencionado no levantamento histórico, o Reduto Sant’ Anna defendia o Porto do Cachorro. Sabe-se que em 1798 ele já existia. Por ter sido ocupado pela Marinha também foi chamado de Reduto do Arsenal ou do Armamento. Em 1841 já se encontrava arruinado, tendo sido reformado em 1846. Posteriormente foi desarmado e transformado em quartel. Apesar de uma parte considerável de suas estruturas internas (quartel) terem sobrevivido até os anos 1980, na atualidade pouco resta de pé.

O Reduto Sant'Anna indiscutivelmente integrou não apenas o Sistema defensivo da Ilha de Fernando de Noronha, mas, sobretudo, guarneceu o seu porto, o "Porto Velho". Não se dispõe de muitos detalhes iconográficos desta fortificação, entretanto existem vestígios que demandam uma pesquisa arqueológica intensiva para a elucidação de muitas dúvidas a seu respeito.

A área anteriormente ocupada por esta fortificação sofreu, ao longo dos anos, muitas modificações decorrentes tanto de reutilizações como do abandono da mesma. Novas construções foram edificadas na sua área, além de muito material utilizado na sua edificação ter sido direcionado para outras construções. Não bastassem estas alterações, a área encontra-se recoberta por uma vegetação invasora que dificulta uma primeira avaliação do ponto de vista arqueológico.

Esta etapa da pesquisa voltou-se para um de seus baluartes, o ocupado atualmente pelo "Bar do Cachorro". Muito ainda se tem a fazer do ponto de vista de uma pesquisa arqueológica, entretanto algumas informações já permitiram o resgate de estruturas em seu interior.

Indiscutivelmente o Reduto Sant'Anna é merecedor de um estudo arqueológico mais aprofundado para o esclarecimento de dúvidas tanto quanto ao seu traçado como ao seu quotidiano. Dúvidas que, se esclarecidas, não apenas agregarão valor a Historia da Ilha de Fernando de Noronha, mas a História da defesa do Brasil.



Figura 275- Ruínas do Reduto Sant' Anna com indicação da área pesquisada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

O projeto previsto para esse setor compreendeu a localização e identificação de estruturas relacionadas ao Baluarte do Reduto Sant' Anna. Para tal foi realizada uma avaliação da situação atual da área e estabelecido o local para as escavações arqueológicas, com intuito de identificar a feição daquela área. A expectativa para a área compreende a localização da continuidade da muralha de um dos baluartes do Reduto Sant' Anna e a localização de uma "guarita" que outrora existiu no local.



Figura 276- Área interna do Baluarte onde é possível observar estruturas do Bar do Cachorro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 277- Limite do Baluarte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A avaliação geoarqueológica permitiu delimitar a área de potencial arqueológico visando à localização de guarita e edificação próxima da mesma, além de limites do Reduto Sant'Anna. Os atuais limites do Baluarte foram prospectados com intuito de definir a área de intervenção arqueológica. Durante a prospecção de campo constatou-se a existência de estrutura, edificada com pedras, contínua, constituindo o ângulo saliente do baluarte (Ver Figura 280 e Figura 281).



Figura 278- Baluarte do Reduto Sant'Anna onde hoje funciona o Bar do Cachorro.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 279- Traçado da muralha do baluarte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 280- Muralha do Reduto Sant' Anna, onde foi possível verificar vestígios de estrutura em pedra.



Figura 281- Ruínas identificadas no local.

Estado do local antes do início da pesquisa.

A área trabalhada no Projeto corresponde a uma pequena área que se encontrava coberta por vegetação densa. Apesar da dificuldade de visualização da superfície, foram identificadas algumas estruturas e amontoados de pedras no local.



Figura 282- Panorâmica da área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 283- Área com concentração de pedras, possível desmoronamento.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 284- Vestígios de edificação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Observou-se, ainda, um piso de cimento queimado decorado com seixos. Esta feição apesar de recente seria, provavelmente, um reaproveitamento de área edificada anteriormente.



Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

A primeira etapa das atividades na área correspondeu à remoção da vegetação rasteira e densa com intuito de avaliar os vestígios dispostos na superfície. Após a limpeza foi possível observar afloramentos rochosos na superfície do terreno, indicando uma fina camada de solo no local.

Aspectos geológicos da área

A área em questão está limitada por encosta íngreme com vista para a Praia do Cachorro. Com intuito de não provocar um deslizamento da área próxima à encosta ficou estabelecido que os cortes fossem realizados a cerca de três metros da crista militar.



Figura 285- Área onde foi escavada a primeira trincheira.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 286- Início de limpeza na área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 287- Área após a remoção da vegetação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Nomenclatura utilizada para pesquisa na área do Baluarte

Para fins de identificação, a área trabalhada foi numerada, conforme descrito a seguir:

- Baluarte Área 01: Área paralela à muralha do Baluarte existente do Reduto Sant' Anna onde se encontra o empreendimento Bar do Cachorro.

- Baluarte Área 02: Trecho entre o Baluarte e o Armazém existente.

- Baluarte Área 03: Extremidade de topo de morro, próximo à encosta íngreme, onde havia um amontoado de pedras.

- Baluarte Área 04: Área com vestígio de edificação, próxima ao Riacho Mulungu.

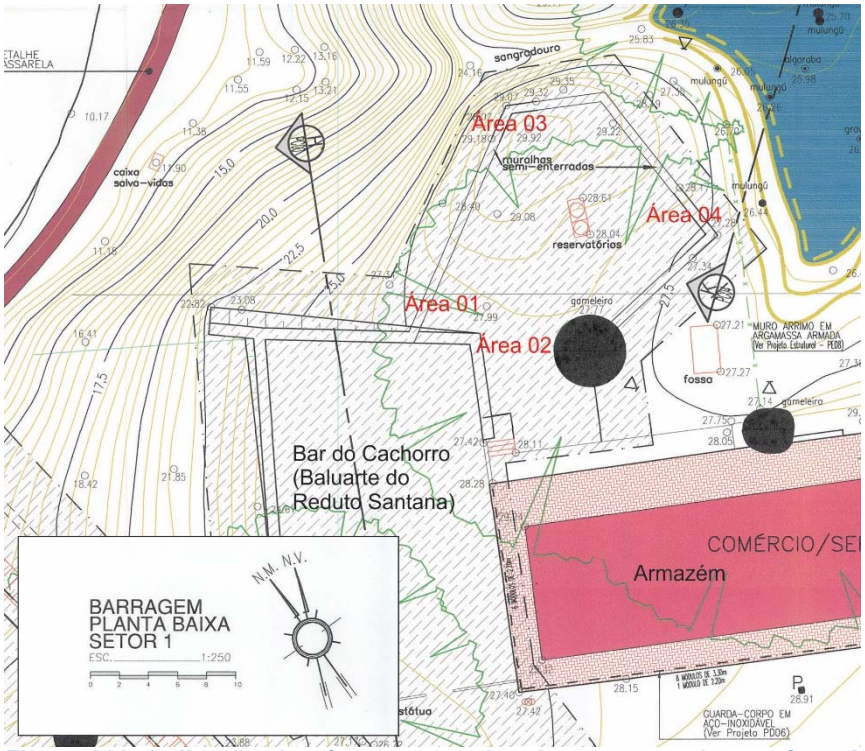


Figura 288- Indicação das áreas escavadas durante pesquisa na área do "baluarte". Fonte: Planta Baixa Setor 1 do Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios, no entorno do Forte de Sant' Anna e Jardim Elizabeth. Luiz Vieira Arquitetura de Paisagem, Julho de 2002. Detalhe da Planta modificado em 2012 para fins de identificação das áreas de intervenção arqueológica.



Figura 289- Identificação das áreas de intervenções arqueológicas no "Baluarte" do Reduto Sant' Anna.

Área 01

Com base na avaliação em campo, foi escavado um corte próximo à muralha com intuito de verificar a estratigrafia da área e buscar identificar a existência ou não, de uma estrutura contígua, ou mesmo a continuidade da mesma.



Figura 290- Marcação do primeiro corte na área. O corte recebeu o número 250, em continuidade aos demais cortes realizados durante o Projeto.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 291- Corte próximo a muralha do baluarte do Reduto Sant' Anna.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante o rebaixamento do corte, nos primeiros centímetros de escavação, foi possível observar afloramentos rochosos (de origem local), seixos rolados e ainda, material arqueológico de diferentes cronologias: fragmentos de cerâmica utilitária, faiança, faiança fina, vidro recente, tijolo industrial, extrudado (de furos).



Figura 292- Planta-baixa do corte 250, onde é possível observar afloramos rochosos do local e seixos rolados frutos de transporte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 293- Material coletado na camada superficial do corte 250.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 294- Fragmento de faiança fina com cronologia do século XIX, encontrada no corte 250.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 295- Corte 250 após a escavação. Observam-se afloramentos rochosos.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Após a abertura do corte 250 a escavação foi ampliada no sentido SE. Os cortes foram realizados no sentido NW-SE com o objetivo de se identificar possíveis evidencias da muralha.



Figura 296- Panorâmica dos cortes 250 e 251.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 297- Perfil do Corte 251 onde é possível observar camadas de aterro com presença de seixos rolados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

No rebaixamento do corte 253 foi identificado um projétil de canhão de ferro. Todavia, a associação com outros materiais, de distintas cronologias, apontava para o fato do projétil se encontrar destituído de seu contexto arqueológico primário.



Figura 298- Panorâmica do corte 253. A seta amarela indica a localização do projétil de canhão.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 299- Projétil esférico em ferro para o disparo de canhão de carga avante (nº de reg. 5605).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Para a continuação da escavação foi necessária a remoção de uma placa de concreto, de formato hexagonal e decorada com seixos rolados. Tal placa correspondia a base de um antigo quiosque do Bar do Cachorro. Posteriormente, o quiosque foi desmontado e o piso da área foi ampliado e reutilizado para a instalação de um banheiro, conforme podemos identificar durante escavação no local. A área foi documentada fotograficamente e, posteriormente, foi removida para a continuidade das escavações.



Figura 300- Panorâmica do local da placa de concreto decorada com seixos rolados.



Figura 301- Após a remoção da placa não foi identificada nenhuma estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 302- Marca de vaso sanitário identificada em área cimentada, de forma retangular, edificada junto à placa de concreto.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Nesta área foram abertos 8 cortes de 1,5x1m, onde foi removida a camada de aterro, deixando à mostra os afloramentos rochosos presentes. Durante a intervenção não foi identificado vestígio de muralha ou de qualquer outra estrutura.



Figura 303- Conjunto de cortes escavados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 304- Panorâmica da área em relação ao baluarte existente (Bar do cachorro).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Apesar de não haver sido localizada qualquer estrutura, a escavação do conjunto de cortes permitiu o conhecimento estratigráfico da área, modificado por intervenções antrópicas, bem como a identificação de material arqueológico compatível com os séculos XVIII, XIX e XX, ainda que destituídas de seu contexto arqueológico primário, pelas sucessivas interferências no terreno.

Na continuidade foram abertas trincheiras no sentido das duas estruturas identificadas na área. Os cortes realizados resultaram na exposição do afloramento rochoso do local com material recente. Os afloramentos foram prospectados superficialmente e nenhuma evidência de intervenções antrópicas foi identificada.



Figura 305- Avaliação da área escavada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Área 02

Neste outro trecho a escavação foi realizada nas proximidades de um dos ângulos salientes do baluarte.



Figura 306- Seta indicando área de escavação visando identificação de trecho da muralha.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante a realização das escavações foi identificada uma estrutura em pedras que, a princípio, sugeria se tratar da continuidade da muralha do baluarte do Reduto Sant' Anna. Entre a estrutura de pedras e o ângulo saliente da muralha havia um intervalo de 88 cm, provavelmente em decorrência da implantação de cano em parte do local.

Outra questão levantada em relação a esta estrutura diz respeito à profundidade (entre 10 e 20 cm), que não é condizente com uma fundação. Antes sugere, por suas dimensões (extensão 2,30m x 0,85m) se tratar de um acesso, ou mesmo uma obra temporária. A prática de reutilização de matérias é outro fator que dificulta o reconhecimento de estruturas mutiladas.

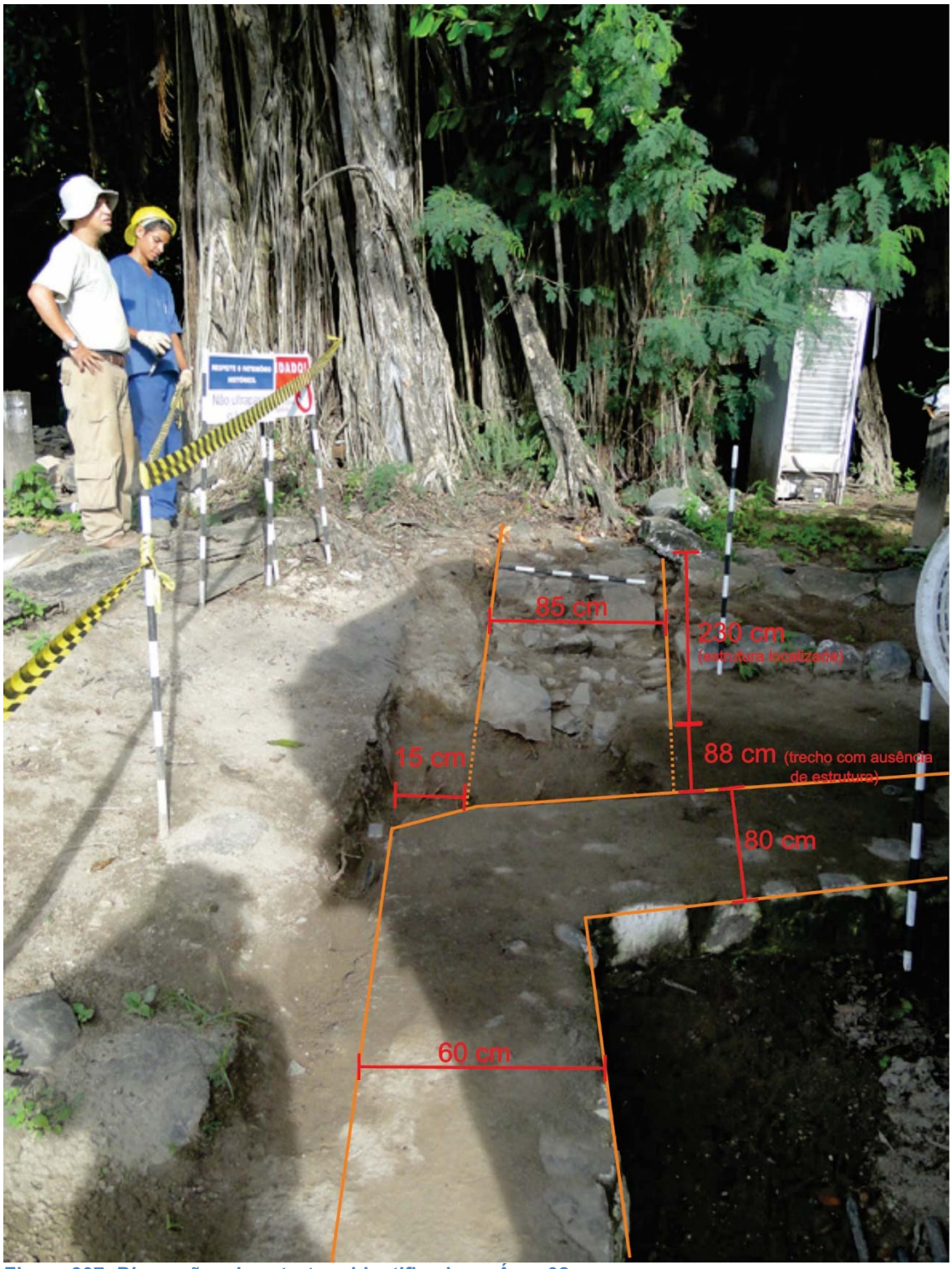


Figura 307- Dimensões da estrutura identificada na Área 02.







Figura 308- Panorâmica da estrutura localizada durante escavações na área 02.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 309- Cano evidenciando intervenções recentes no terreno (Área 02).

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 310- Ao fundo da imagem, mulungu no limite da área escavada.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Face a presença de uma árvore de grande porte muito frequente na Ilha, um mulungu (*Erythrina velutina willd*), não foi possível continuar as escavações no local. Optou-se por realizar um corte, no lado oposto do mulungu, no sentido de uma das estruturas em pedra identificadas.

Durante as intervenções não foi identificada qualquer estrutura arqueológica no local, não havendo, por conseguinte evidências que sugerissem a existência de muralha.



Figura 311- Expectativa do traçado de uma possível muralha, não identificada durante as intervenções na área.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 312- Panorâmica do local do corte no lado oposto ao Mulungu.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 313- Detalhe de um dos cortes realizados.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Área 03

Inicialmente foi realizada a remoção da vegetação ruderal e a limpeza do local. As pedras soltas foram removidas para realização da decapagem preliminar na área. A remoção das primeiras camadas trouxe à luz uma estrutura antes não perceptível.

A nova estrutura identificada na área do Baluarte de Reduto Sant' Anna se encontra localizada nas proximidades da encosta abrupta, e se encontrava totalmente coberta por sedimentos proveniente de remobilização antrópica.

Por sua localização e forma foi levantada a hipótese de se tratar de uma "guarita". A hipótese se baseava ainda em documentação fotográfica do final da década de 1930. A continuação da escavação evidenciou uma estrutura em pedras (2,5m x 2,8m), onde uma parede lateral, voltada para encosta do morro, apresentava uma abertura retangular (56 cm x 37 cm).na parte central e próxima à base da parede.



Figura 314- Detalhe de área da estrutura no canto direito da imagem (Área 03 do Baluarte).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Após a remoção do entulho, observou-se que o piso existente na estrutura fora revestido com cimento (tendo sido posteriormente danificado por raízes). Ainda no piso foi possível observar a existência de vergalhão de ferro retangular que repousava sobre uma abertura no piso (82 cm x 47 cm) (Figura 326 a Figura 331). O local foi

escavado e após a remoção do entulho constatou-se a ligação da abertura do piso com a da parede lateral, em rampa (Figura 332 e Figura 333). Ou seja, a abertura dava acesso à face da encosta abrupta, constituindo uma estrutura adequada ao descarte. Por sua forma e localização pode-se admitir que em algum momento ali funcionou uma sentina (banheiro, popularmente conhecido como “casinha”), onde os dejetos eram escoados pela referida abertura, indo tombar ao pé da encosta batida pelo mar.

Embora não se tenha localizado indícios da utilização da área como guarita, exceto pela tradição popular e possivelmente a fotografia existente, sabe-se através do estudo arqueológico que na área existiu uma sentina. A sentina foi posteriormente desativada, dando lugar a uma segunda estrutura. Para tanto a estrutura de escoamento de dejetos foi entulhada, fechada, e sobre ela foi instalado um piso em tijoleira (tijolos maciços) em nível inferior a abertura do piso (ver Figura 334). Sobre a tijoleira foi instalado um piso, revestido com cimento Portland,



Figura 315- Remoção da vegetação da área.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 316- Situação da Área 03 após a remoção da vegetação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 317- Início da remoção do sedimento e pedras soltas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 318- Localização dos limites das estruturas. Paredes edificadas com pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 319- Situação da Área 03 do Baluarte após a remoção do entulho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 320- Panorâmica da Área 03, onde é possível observar a localização da estrutura em relação ao baluarte existente do Reduto de Sant' Anna (Bar do Cachorro).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 321- Na lateral da estrutura foi identificada abertura retangular na estrutura de pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 322- Detalhe da abertura onde é possível observar varões de ferro quadrangulares na base da mesma.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 323- Piso da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 324- Observa-se que a raiz de uma planta danificou parte do piso da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 325- No piso da estrutura observou-se a existência de varões de ferro, similares ao da base da abertura retangular existente na lateral voltada para encosta e para o mar.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 326- Início da escavação no piso da estrutura.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 327- Remoção do entulho da área.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 328- Continuação do rebaixamento.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 329- Com a remoção do entulho foi possível observar-se a ligação entre a abertura no piso e a abertura retangular da lateral da estrutura voltada para encosta.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 330- Situação da estrutura após a escavação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 331- Situação da área após escavação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 332- Ligação entre as aberturas localizadas no piso e lateral da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 333- Detalhe da abertura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 334- Após remoção do entulho da abertura, observou-se uma linha de tijoleira indicando piso em cota mais baixa que a da referida abertura, possivelmente contemporâneo.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 335- Panorâmica da área após as intervenções arqueológicas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 336- Área 03 com vista para Área 01.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 337- Escavação de trincheira entre a área 01 e 03.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Um exemplo similar ao encontrado na Área 03 do Baluarte é a sentina do Forte São Jorge dos Oitavos, localizado em Lisboa, Portugal, conforme se pode observar na documentação fotográfica abaixo, do acervo do Laboratório de Arqueologia da UFPE (2011).

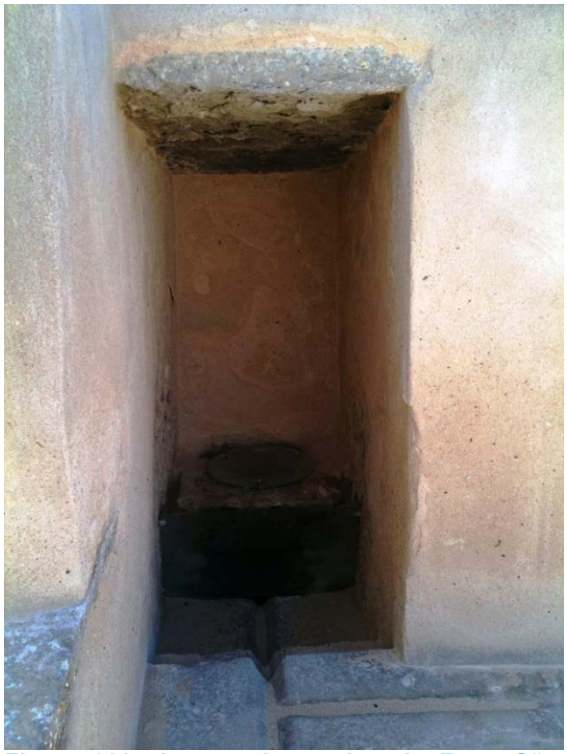


Figura 338- Acesso da sentina do Forte São Jorge dos Oitavos, em Lisboa, Portugal, integrada à muralha do terrapleno.



Figura 339- Detalhe do interior da sentina onde se vê o "assento" em cota mais alta que o piso rebaixado e com uma canaleta de escoamento das águas pluviais que vinham do terrapleno, indo desaguar no vão de escoamento dos dejetos.

Visando localizar evidências da muralha que se acredita ter existido no local, foi aberta, por decapagem, uma trincheira nas proximidades do despenhadeiro.
A escavação revelou a presença de afloramentos rochosos naturais da área, sem nenhuma evidência de intervenções antrópicas. O próprio paredão rochoso poderia ter constituído a muralha, e o parapeito, se houve, deve ter sido assentado diretamente sobre os afloramentos.



Figura 340- Detalhe da trincheira aberta entre a área 01 e 03.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 341- Com a escavação da trincheira foi possível observar a existência de afloramentos rochosos locais sem vestígios de intervenções antrópicas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Área 04

Nesta área foi localizada uma estrutura também retangular, que possivelmente remete a uma estrutura documentada em fotografia do final da década de 30.

Trata-se dos alicerces de outra construção localizada arqueologicamente. Durante a escavação foi possível identificar 3 setores distintos, conforme se pode observar na figura 343.

O primeiro setor (a) com 1,16m de largura por 3,62m de extensão, onde foram identificados alguns tijolos manuais, indicando o tipo de revestimento do piso. O segundo (b), indicando um cômodo (1,58m x 3,10m), revestido com espessos tijolos manuais. E, por fim, um terceiro setor (c) (1,06m x 3,10m), onde não foi identificado vestígio de piso. No setor (c) o rebaixamento atingiu cerca de 2m de profundidade, sem qualquer vestígio de piso. Ao contrário, aos 2 metros aflorava uma camada esbranquiçada do terreno local, similar àquela localizada durante a escavação da fossa da área 04 do Armazém de Cereais (banheiro). Todavia, durante a escavação não foram identificados elementos que denotassem o uso do local como fossa (camada de matéria orgânica). Contudo, esta possibilidade não seria de todo descartada, haja vista a similaridade da estrutura com aquela da área 04, do Armazém de Cereais. A baixa incidência de matéria orgânica poderia ser atribuída a fatores como um menor período de uso, ou um uso menos intenso (reservado a poucos elementos da população).



Figura 342- Panorâmica da área 04 do Baluarte durante as intervenções arqueológicas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 343- Setores identificados após a escavação da Área 04.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 344- O piso do setor (b) encontrava-se revestido com tijolos batidos.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 345- Detalhe dos tijolos batidos.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 346- Detalhe da lateral da estrutura identificada na área 04.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 347- Panorâmica da área 04 após as escavações.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 348- Vista das escavações no setor (c) da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 349- Vista da escavação no setor (c); observe-se a profundidade da estrutura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 350- Panorâmica do local após a remoção do entulho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 351- Revestimento interno das paredes do setor (c).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Uma nova trincheira foi escavada entre a estrutura da Área 04 e a Área 03 com o objetivo de localizar eventuais vestígios de interferência antrópica. A escavação atingiu o afloramento rochoso local sem que fossem localizados quaisquer vestígios arqueológicos.

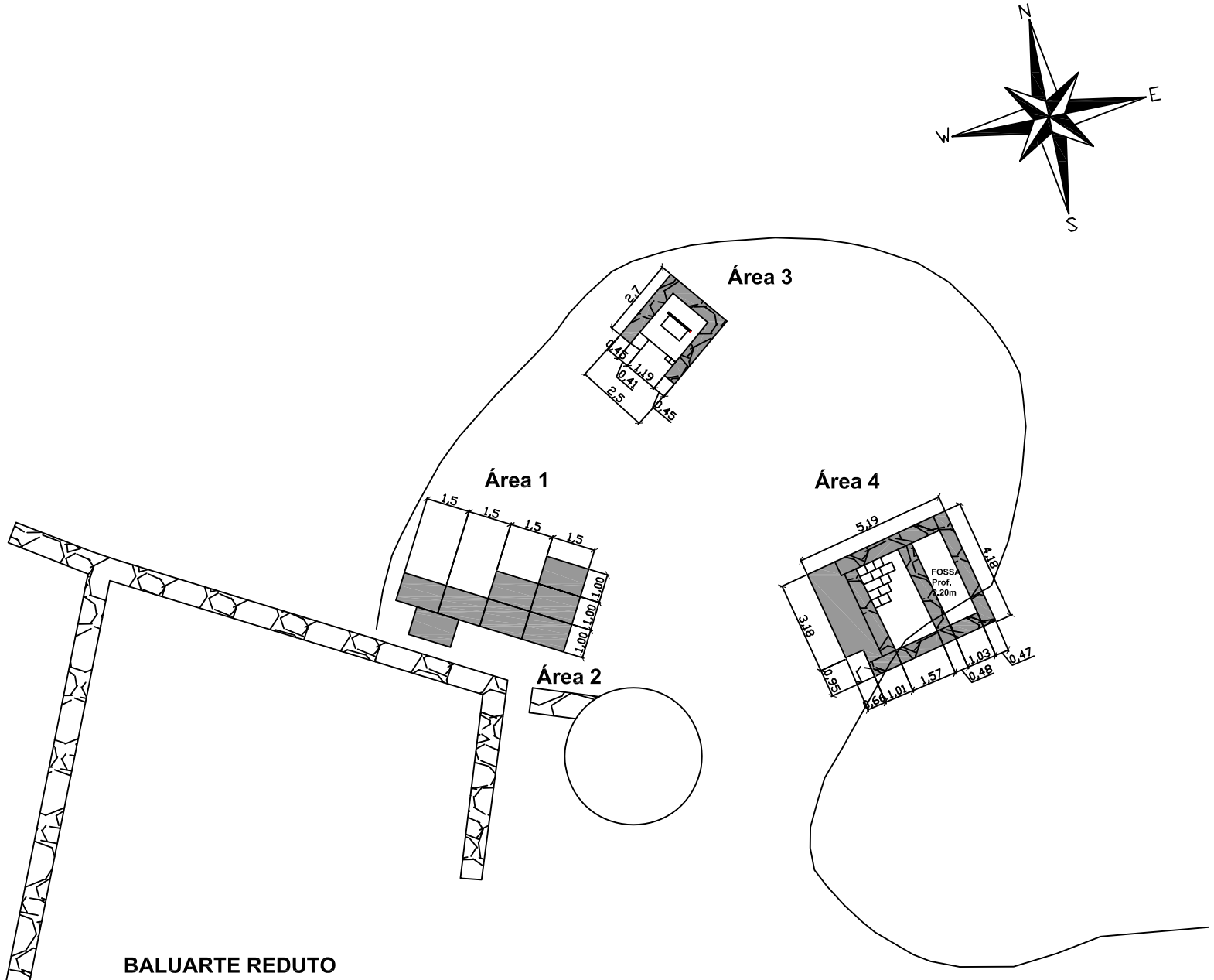


Figura 352- Abertura de trincheira entre a área 04 e 03.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 353- Afloramentos rochosos identificados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

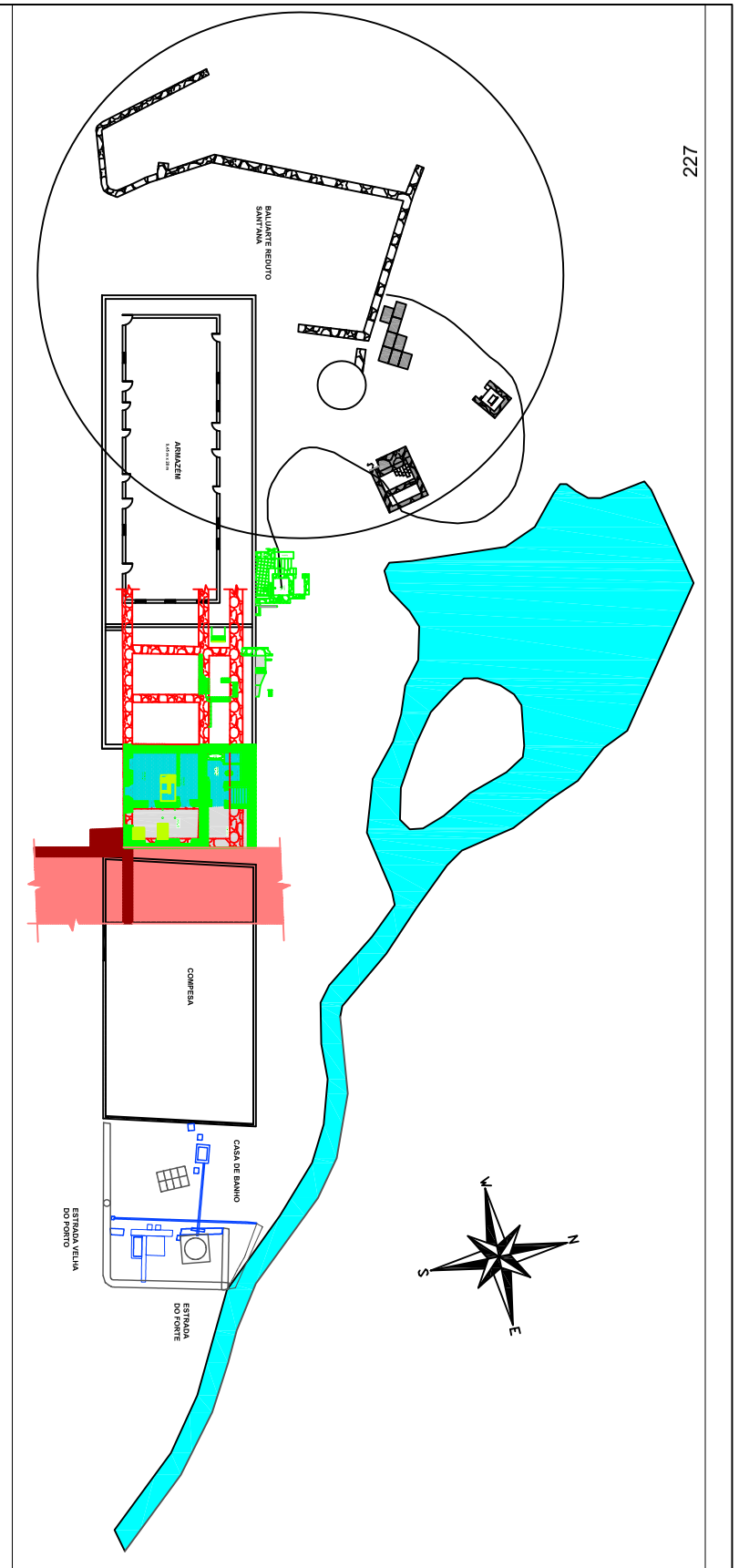
Planta geral das estruturas identificadas durante escavações no Baluarte do Reduto Sant'Anna



BALUARTE REDUTO SANT'ANA

LEGENDA:

- Estrutura de pedra
- Parede de pedra
- Piso cimentado
- Árvore (Mulungu)
- Curva de nível (27,5m)
- Cortes
- Tijolos



ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO: **Planta geral das estruturas identificadas durante escavações no Baluarte do Reduto Sant'Anna**

DATA: 22/08/2013

PRANCHA: 07

OLHA - A3

Considerações relativas à área do Baluarte do Reduto Sant' Anna.

A feição das estruturas identificadas na Área 03 e na Área 04 remonta à feição observada em fotografia do edifício do Armazém em 1938, quando o prédio era utilizado como "Garage do Presídio" e apresentava platibanda.

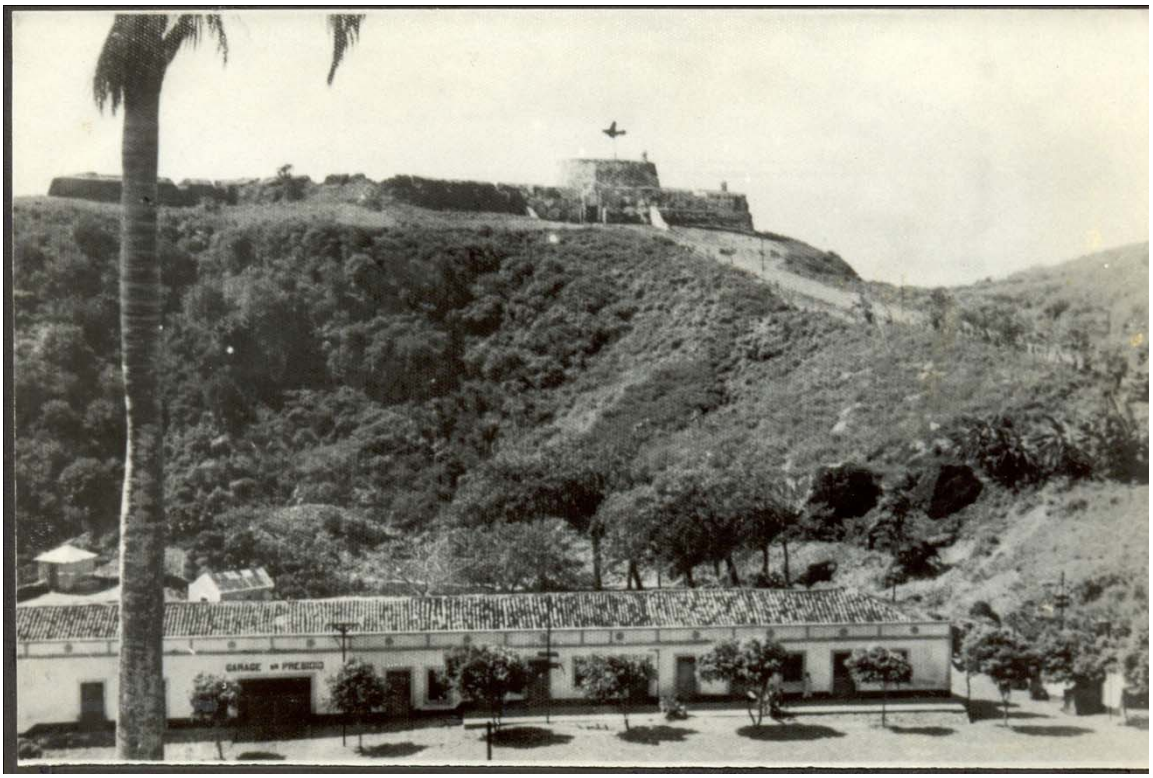


Figura 354 - Em 1938 o prédio onde funcionava o Armazém passou a abrigar a "garage do presídio" e recebeu uma platibanda. No ângulo inferior esquerdo (acima do telhado do Armazém) na imagem observa-se o baluarte.

Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN.



Figura 355 - Detalhe da foto anterior, datada de 1938, onde é possível observar duas edificações na área do baluarte.

No detalhe da imagem histórica é possível observar duas estruturas na parte posterior do Armazém de Cereais (“Garage do Presídio”) correspondente aos vestígios de edificações localizados nas Áreas 03 e 04. Entre as edificações é possível observar um muro, bem menos espesso que a muralha do Reduto Sant’ Anna. Não foi possível a identificação de vestígios do referido muro durante as escavações arqueológicas no local.

Na documentação fotográfica histórica, disponibilizada pela Arqueóloga do Distrito Estadual de Fernando de Noronha Miriam Cazzetta, oriunda do Programa de Resgate Documental da ADEFN, coordenado por Marieta Borges, é possível observar as diferentes feições da área do Baluarte do Reduto Sant’ Anna.



Figura 356- Detalhe da imagem do Armazém de Cereais e Baluarte do Reduto Sant' Anna, data não informada.

Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN.

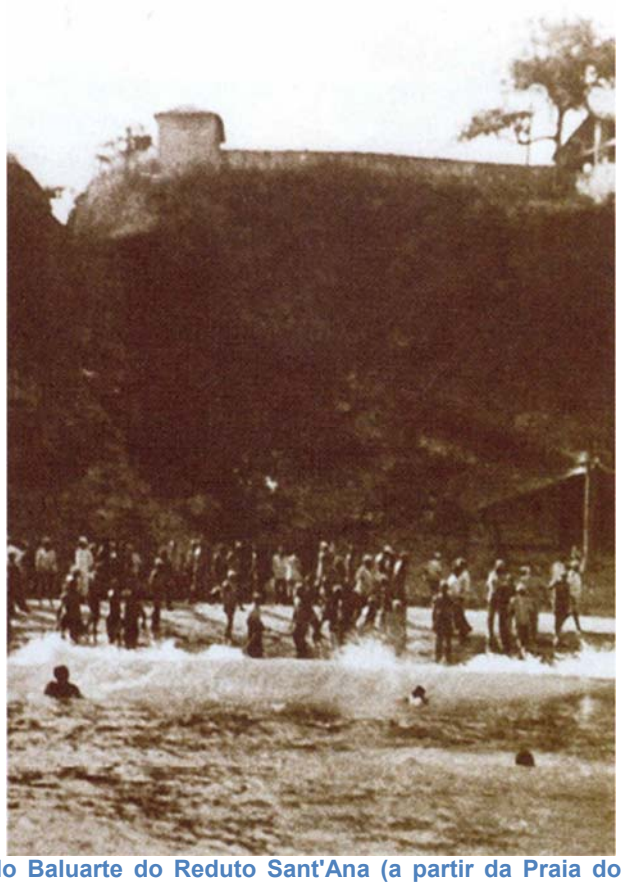


Figura 357- Vista do Baluarte do Reduto Sant'Ana (a partir da Praia do Cachorro), onde é possível observar no ângulo superior esquerdo da imagem, uma edificação que corresponde àquela da área 03 do Baluarte. A imagem retrata o desembarque no Porto do Cachorro, sem referência de data.
Fonte: SILVA, 2007, P.182.



Figura 358- Detalhe de imagem de 1924.
Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN.



Figura 359- Vila dos Remédios 1938., tomada possivelmente do Forte dos Remédios, vendo-se a área posterior do Armazém.
Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN.

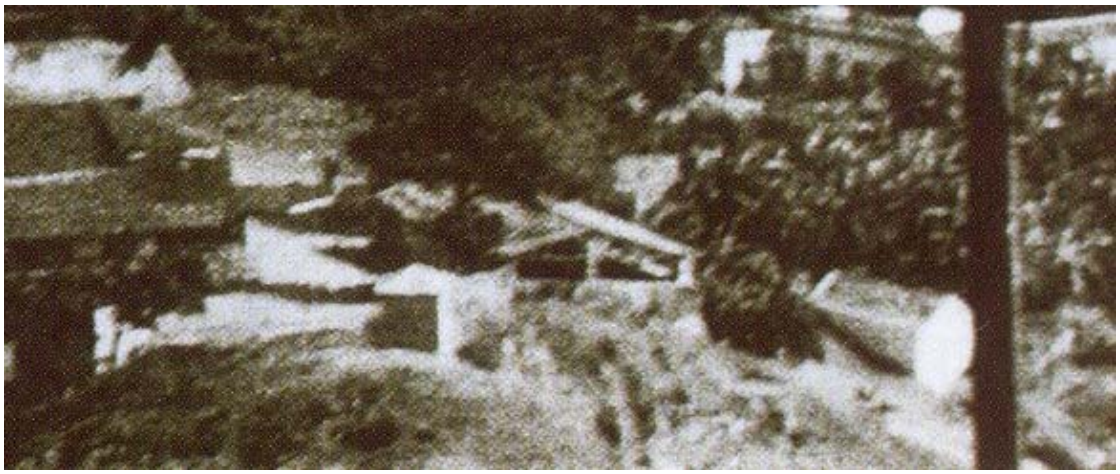


Figura 360- Detalhe da imagem 1938.
Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN.



Figura 361- Detalhe da imagem de 1943.
Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN.

A edificação identificada na área 03 (“guarita” / “sentina”) foi observada em imagens das décadas de 20 a 40. Já a estrutura da área 04 foi observada apenas na imagem do final da década de 30.

Para fins de registro das atividades na área do Baluarte do Reduto Sant’ Anna, a área foi identificada como FN0003 LA/UFPE, e será registrada como complementação da ficha do Reduto Sant’ Anna identificada no cadastro do CNSA/IPHAN com PE00023.

Desassoreamento do Riacho Mulungu

O leito do riacho corresponde a um local com grande mobilidade de sedimento, transportado pela ação das águas. Ali o material depositado ao longo de anos apresenta diversas origens. Um dos objetivos do Projeto de Revitalização da área correspondia à remoção do material depositado no leito do Riacho. A desobstrução do riacho foi realizada pela equipe da BR Construções e monitorada pela equipe da Arqueolog Pesquisas.

Durante a retirada do material acumulado no leito do riacho, como era esperado devido à dinâmica do local, foi identificado material de diversas cronologias, em meio a muitos blocos de pedras e sedimento fino. A maior quantidade desse material apresentava cronologia recente (Séculos XX e XXI), havendo ainda ocorrência de material arqueológico histórico de forma esparsa, fora de contexto.



Figura 362- Panorâmica da Ponte do Riacho Mulungu, nas proximidades da Casa de Banho.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

O primeiro trecho trabalhado corresponde ao leito e margens do riacho no entorno da ponte nas proximidades da Casa de Banho. A escavação na área sob a ponte da estrada de acesso ao Fortaleza de N. S. dos Remédios revelou vestígios de revestimento do leito no riacho, com piso de pedras de origem local (Ver Figura 368 e Figura 369).



Figura 363- Situação da área antes da escavação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2009.



Figura 364- Abaixo da ponte era possível observar grande quantidade de pedras.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 365- Início das atividades na área da Ponte.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 366- Remoção do material acumulado no leito do Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 367- Detalhe da camada removida durante as escavações.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 368- Revestimento com lajes de pedra local identificado após a remoção do material.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 369- Situação da área sob a ponte na estrada de acesso a Fortaleza de N. S. dos Remédios após a remoção do entulho.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 370- Área da Ponte do Riacho Mulungu durante período chuvoso.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 371- Sedimento acumulado no local após fortes chuvas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

As atividades de desobstrução do riacho continuaram em direção ao Armazém de Cereais. Neste trecho foi observado um maior acúmulo de sedimento, havendo a necessidade de uma escavação mais profunda. Uma grande quantidade de blocos de pedra e sedimento foi removida do local.



Figura 372- Desobstrução do leito do Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 373- Leito do riacho desassoreado.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Após o desassoreamento do referido trecho do Riacho Mulungu, a BR Construções edificou um muro com as próprias pedras oriundas da remoção do entulho, com o intuito de evitar a inundação da Casa de Banho, fato este recorrente durante a execução do Projeto. Contudo, a construção da mureta, quando na ocorrência de chuvas torrenciais, não resolveu a questão do alagamento da Casa de Banho.



Figura 374- Riacho desassoreado, onde é possível observar mureta de contenção edificada pela BR Construções.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 375- Situação da área após chuva em 22/01/2011, período anterior à construção da mureta.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 376- Situação da área após chuva em 21/05/2011, com mureta já edificada.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Riscos estruturais

Durante as intervenções na Casa de Banho e no Riacho Mulungu, observou-se que trechos da estrada de acesso ao Forte de Nossa Senhora dos Remédios apresentam riscos estruturais, necessitando de reparos.





Figura 377- Trecho danificado da estrada de acesso ao Forte dos Remédios.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

No setor entre a Casa de Banho e a Estrada do Forte foram realizados os reparos (Figura 378), contudo, o trecho acima da ponte não foi reparado, conforme se pode observar no conjunto de imagens da Figura 377.

Ações emergenciais necessitam ser realizadas no local a fim de evitar maiores danos à estrutura da estrada e da ponte.



Figura 378- Reparo na parede entre a Casa de Banho e a estrada do Forte dos Remédios.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Pontilhão da antiga estrada do Porto do Cachorro (FN0004 LA/UFPE)

Conforme mencionado anteriormente, a prospecção visual revelou a existência de estruturas nas margens do Riacho Mulungu, que indicavam a antiga estrada calçada com lajes de pedra local [ponto (1) da Figura 379], que se estendia até um pontilhão [ponto (2)], também identificado arqueologicamente, que atravessava o Riacho Mulungu, quase à altura da lâmina d'água constituída pela barragem, outrora em funcionamento.

Durante a execução do desassoreamento do Riacho Mulungu realizou-se, no local das estruturas, limpeza e supressão vegetal de algumas árvores que cresceram sobre a mesma. A remoção das árvores (Mulungus) ocorreu face o risco de provocar o enfraquecimento do sistema de sustentação da mesma, o que poderia acarretar seu tombamento não controlado, inviabilizando a continuidade do estudo.

Considerando que o mulungu é uma espécie muito frequente na Ilha, e que aquelas estruturas arqueológicas representam remanescentes, exemplares únicos, de nosso patrimônio histórico, obtivemos autorização[36] das autoridades competentes do Distrito Estadual de Fernando de Noronha. A remoção das árvores foi realizada pela equipe de Meio Ambiente do Distrito, sob a responsabilidade técnica da bióloga Maria de Lourdes Alves.

Após a limpeza na área da estrutura observou-se no ponto 1 (Figura 379 e Figura 380) o calçamento da estrada com lajes de pedra local, seguido de uma camada de concreto sobre uma base de concreto armado, que fazia ligação com a estrutura do pontilhão, no ponto 02 (Figura 379 e Figura 380)

A referida estrutura (pontilhão sobre Riacho Mulungu) integra à antiga estrada do Porto do Cachorro, que teve outro trecho identificado durante a escavação do setor que contemplava a área do Armazém de Cereais. A estrada e o pontilhão foram cadastrados como sítio arqueológico histórico e receberam a nomenclatura FN 0004 LA/UFPE, para fins de registro.

[36] A solicitação de remoção das árvores foi realizada em 03 de dezembro de 2010 e o referido documento segue em no apêndice deste relatório.



Figura 379- Identificação de vestígios de estruturas nas proximidades do Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 380-Simulação da área da estrada.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 381- Vestígios do pontilhão da antiga estrada do Porto do Cachorro, identificada no Riacho Mulungu.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Escavação na área onde serão edificadas a plataforma e a escada de acesso à ilhota

Entre os alicerces do antigo Armazém de Cereais e o Riacho Mulungu, foi realizado acompanhamento das escavações para a edificação da Plataforma prevista no Projeto de Revitalização da Vila dos Remédios. Em parte desta área, em 2006, foi identificado trecho de parede edificada com pedras pela arqueóloga do Distrito Miriam Cazzetta, decorrente do acompanhamento de implantação de tubulação da COMPESA. Conforme esperado, as intervenções no local evidenciaram a tubulação implantada no período pela COMPEDA e, ainda, vestígios de estruturas, provavelmente do século XX, que ultrapassava os limites dos alicerces do primitivo Armazém de Cereais.



Figura 382- Preparação da área para o início das escavações.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 383- Panorâmica da área escavada a partir do Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 384- Ilhota no Riacho Mulungu, que será acessada a partir da plataforma.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 385- Estruturas contíguas aos alicerces do Armazém de Cereais, identificadas durante o monitoramento da área: (1) Estrutura quadrangular com saída para escoamento de água; (2) Vestígio de parede em pedras e acesso para o patamar do Armazém de cereais; (3) Vestígio de piso revestido com tijoleira e vestígio de parede em pedra.

No total foram identificados três locais com vestígios de edificação. A primeira estrutura (Ponto 01 da Figura 385) foi identificada em local contíguo aos vestígios do banheiro, por detrás do Armazém existente. Trata-se de uma estrutura retangular revestida com cimento tipo Portland, onde foi possível observar saída (furo) para o escoamento de água. Próximo à saída de água foi identificado cano de ferro, provavelmente para o escoamento, e contra piso de seixos rolados ao redor da estrutura.



Figura 386- Furo na área externa da estrutura (1).
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 387- Vista do furo (saída para escoamento de água) a partir da área interna.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 388- Cano de ferro identificado por baixo da estrutura em direção ao Riacho Mulungu.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 389- Detalhe do contrapiso de seixos rolados.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

O segundo conjunto de estruturas identificadas corresponde a paredes, com espessuras distintas, edificadas com pedras e apresentando vestígios de reboco (ponto 02 da Figura 385, Figuras 390, 391 e 392). Uma das paredes identificadas (Figura 391), a mais espessa, corresponde à continuação de parede contígua ao antigo alicerce do Armazém de Cereais. Entre as paredes, foi identificado vestígio de antigo acesso, em patamar abaixo dos alicerces do Armazém de cereais, provavelmente a parte posterior de alguma residência do século XX. Abaixo do acesso foi observado cano de ferro, provavelmente para o escoamento de esgoto.



Figura 390- Acesso identificado entre vestígios de parede em pedras. Ainda foi possível observar cano de ferro por baixo do acesso.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 391- O monitoramento da área onde será edificada a plataforma permitiu identificar a continuidade de parede em pedra contígua ao alicerce do Armazém de cereais.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 392- Paralela à parede anterior foi identificada outra parede de menor espessura.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Por fim, foram localizados piso de tijoleira e vestígios de parede em patamar inferior aos alicerces identificados do Armazém de Cereais (Figuras 393 e 394).



Figura 393- Vestígio de piso identificado durante a escavação de área por detrás dos alicerces do Armazém de Cereais.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 394- Vestígio de parede em pedra identificada próxima ao piso de tijoleira.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Durante escavação no local foram identificados vestígios relacionados às estruturas identificadas, como cano de ferro, tijolo, material hidráulico (material de construção).

Material recente relacionado ao subsistema alimentar (colher, garfo, garrafas e tampas de recipientes de bebida) e uma moeda de 50 cruzados de 1983, compatíveis com o século XX, foram identificados durante acompanhamento arqueológico.



Figura 395- Vestígios identificados durante as escavações da área onde será edificada a plataforma.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 396- Moeda de 50 cruzeiros de 1983.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.



Figura 397- Detalhes de diferentes tipos de tampa de garrafa de plástico.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Ainda, na ocasião do monitoramento da escavação para implantação de uma plataforma, foram identificados vestígios de estruturas relativas a acréscimos realizados na primitiva área do Armazém de Cereais. Exemplos desses “puxadinhos”

podem ser observados em outros trechos do Armazém de cereais, em documentação fotográfica histórica do século XX, contidas neste relatório.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO IDENTIFICADO

O material arqueológico móvel identificado nas escavações e atividades de monitoramento realizadas na Ilha de Fernando de Noronha no período entre 2010 e 2011, consiste em um material qualitativamente variado. Do ponto de vista cronológico, identificou-se a presença de peças e fragmentos de peças compatíveis com todo o período de ocupação da Ilha, desde o século XVI até os dias atuais, podendo-se, no entanto, afirmar que a grande maioria do material identificado corresponde à ocupação do século XX.
O contexto arqueológico no qual se encontrava inserido o material registrado nas áreas trabalhadas, no entanto, correspondia a camadas de aterro posteriores à desativação das estruturas entulhadas, no caso, a Casa de Banho (FN0001 LA/UFPE), o Armazém de Cereais (FN0002 LA/UFPE), o Reduto Santana (FN0003 LA/UFPE). Resgatou-se também material arqueológico móvel durante o desassoreamento do Riacho Mulungu. Haja vista tal constatação, o material móvel resgatado não integra o contexto arqueológico primário compatível com a utilização das estruturas identificadas, e sim uma sucessão de entulho acumulado após a desativação das mesmas.

A maior parte do material localizado no entulho apresenta cronologia recente. Mesmo fora de contexto em relação ao período de utilização das estruturas identificadas, o material móvel foi documentado, por constituir vestígios materiais utilizados em diferentes épocas pelos moradores e turistas do Arquipélago. Após a documentação, foram selecionados exemplares significativos para compor uma coleção de referência e os demais foram descartados no local. Os exemplares que apresentaram cronologia entre os séculos XVI ao XIX foram documentados e acomodados em sacos plásticos devidamente identificados. Tais vestígios, após análise, foram acomodados no Memorial Noronhense. Compartilhando do pensamento que todo o material resgatado deveria permanecer no local/município em que foi encontrado, foi solicitado no Pedido de Permissão para à execução deste Projeto ao IPHAN, a transferência da guarda do referido material para o Distrito Estadual de Fernando de Noronha (Ver pág. 32 do Projeto)., para que o mesmo integre o acervo do Memorial Noronhense, onde se encontra.

Casa de Banho (FN 0001 LA/UFPE)

O material arqueológico móvel resgatado na área da antiga Casa de Banho, denominada para efeito analítico como FN 0001 LA/UFPE, não corresponde, conforme revelou o contexto arqueológico no qual estava inserido, ao contexto de ocupação da estrutura, quando em funcionamento. De modo análogo, sua análise confirmou que o contexto de uso e descarte dos objetos e fragmentos resgatados no local corresponde, de modo geral, a um contexto de descarte de lixo doméstico da população que ocupou o seu entorno principalmente na segunda metade do século XX. Considerando, portanto, que o material arqueológico resgatado durante as escavações realizadas na Casa de Banho reflete e situa cronologicamente a desativação da estrutura e, de certa forma, o cotidiano da população local desde meados do século XX, decidiu-se por apresenta-lo conforme a sequência estratigráfica na qual foi localizado.

O material arqueológico móvel registrado nas camadas mais antigas na área da Casa de Banho, após sua desativação, consiste em fragmentos de representantes do

material de construção. São pedras e fragmentos de pedras irregulares, argamassa constituída por argila local à qual foi adicionada baixa dosagem de cal, como material cimentante, e reboco de cal. Encaixes do madeirame da coberta/telhado também foram identificados neste entulho. Trata-se, provavelmente, de material oriundo do desmoronamento da própria estrutura. Observou-se, no entanto, a ausência, nesta camada, de telhas ou fragmentos de telha, bem como evidência de madeira de linhas e vigas do telhado. De modo análogo, também não foram registradas, nesta camada arqueológica, evidências dos diversos momentos de transformação do espaço, em função de atividades construtivas e reformas realizadas na área, tendo em vista o melhor aproveitamento do espaço ao atender as necessidades de seus usuários ao longo do tempo, conforme se observou na análise das estruturas documentadas durante as escavações. A preservação de pisos de diferentes momentos de ocupação do espaço pode ter limitado, por exemplo, a possibilidade de se registrar a presença de material relacionado ao uso de determinadas estruturas existentes no local. O estudo do conteúdo da cacimba também poderia ter trazido mais algumas informações relativas à comunidade e suas práticas cotidianas, desde sua mais recuada existência até sua completa desativação.

A importância de fontes d'água potável, como é o caso da cacimba existente no local, requer medidas que garantam sua proteção e do seu entorno. Fontes d'água que abastecem uma comunidade, têm sido referenciadas como pontos de encontro. Potes, canecos, cuias, baldes, garrafas podem quebrar junto à borda da cacimba ou cair em seu interior. Objetos como botões, moedas, medalhas, entre outros objetos de uso pessoal, por exemplo, podem também ter sido perdidos no local.

É possível que preocupações relacionadas aos cuidados com a higiene, a partir do século XIX, tenham deixado suas evidências nesta área, inclusive na cacimba, através da perda de objetos de uso e higiene pessoal, como é o caso de escovas de dente que poderiam ter sido perdidas ou descartadas no local, como foi registrado na pesquisa arqueológica no Ginásio Pernambucano[37].

No caso da cacimba da Casa de Banho, a prática comum de "limpeza" de cacimbas possivelmente teria removido os vestígios mais antigos. Uma fotografia possivelmente dos anos 80 do século XX, mostra o interior da cacimba com muitos tijolos, provavelmente oriundo do desmoronamento da parede interna da cacimba. Quando do início de nosso trabalho já não havia tijolos soltos em seu interior. Provavelmente haviam sido removidos durante uma das "limpezas".

Outras estruturas existentes na área também poderiam ter gerado um material arqueológico que não foi identificado em camadas compatíveis com sua utilização. Objetos miúdos que poderiam ser facilmente perdidos ao longo de um caminho, a possibilidade de um pote de água quebrado durante o transporte e descartado às margens do caminho, uma bola de gude ou outro brinquedo perdido por crianças que brincavam na área enquanto suas mães lavavam roupas são algumas das expectativas de material que poderia ser encontrado no local. No entanto, a grande maioria do material registrado na área foi resgatada em camadas mais recentes, posteriores à desativação das estruturas, já no século XX.

[37] Albuquerque, Marcos et all. Prospecção Arqueológica no Gymnasio Pernambucano, Recife 2001

Convém ressaltar que muito embora o material arqueológico móvel resgatado durante as escavações realizadas na área da antiga Casa de Banho esteja inserido em camadas identificadas cronologicamente como formação e descarte do século XX, mais especificamente de sua segunda metade, foram registrados exemplares e fragmentos de peças de contextos cronológicos mais antigos, inclusive do século XVIII. Pode-se, no entanto, afirmar que o material registrado nestas camadas se encontra completamente distante se deu contexto sistêmico, ou seja, de uso. Encontra-se, na verdade, em um contexto de aterro e descarte de lixo recente.

Neste espesso pacote de descarte de lixo foram identificados representantes de diversas categorias funcionais, principalmente àquelas voltadas para atividades e uso doméstico. Uma das categorias mais presente nesta coleção está relacionada à alimentação. Inclui desde restos alimentares, como, por exemplo, fragmentos de ossos de bovino serrados, a talheres, embalagens e recipientes para o armazenamento, transporte, preparo e serviço de alimentos. Representantes de material relacionado a cuidados e higiene pessoal, incluindo material cosmético, bem como exemplares relacionados à saúde também apresentam uma significativa incidência nesta coleção.

Poucos foram os representantes do material de construção, identificados nesta camada. Registrou-se fragmentos de telha manual e industrial, tijolo batido, azulejo, argamassa de cal, reboco. No que se refere ao material relacionado à cobertura/telhado foram identificados representantes de telhados distintos. Esta coleção inclui fragmentos de telha canal e telha do tipo francesa. Observou-se que tanto os fragmentos de telha do tipo canal quanto os do tipo francesa, apresentam características macroscopicamente distintas, refletindo origem de produção diferente. Diferença esta que tanto pode representar momentos cronológicos distintos quanto diferentes produtores. As telhas do tipo canal não apresentam elementos que possibilitem sua distinção e identificação quanto à sua origem e cronologia de produção. No caso das telhas do tipo francesa, observou-se que os fragmentos apresentam vestígio de referência de seu produtor impresso em baixo relevo. As mais antigas telhas francesas começaram a chegar ao Brasil no século XIX, onde foram posteriormente produzidas. Outro representante do material construtivo registrado na área da antiga Casa de Banho, foi o tijolo batido de argila vermelha. Esta é uma categoria de material apresenta algumas dificuldades na identificação de sua produção, tanto quanto à origem quanto à cronologia. Registrou-se ainda fragmento de reboco e argamassa, estes sim produzidos localmente.

Relacionado à construção, registrou-se também a presença de exemplares representantes do material hidro sanitário. Fragmentos de manilha em cerâmica e uma torneira em latão integram essa categoria. Uma das manilhas identificadas nesta camada apresentava vitrificação apenas interna, enquanto que a outra era vitrificada interna e externamente. A torneira é do tipo utilizada com misturador de água e dois volantes, sendo esta a de água quente. Trata-se de uma peça que, embora seja funcionalmente compatível com a casa de banho, pertence a um contexto cronológico de meados do século XX.

Relacionado à construção, embora não necessariamente, foram registradas peças de fixação, tais como pregos, parafusos e argola, em ferro.

A análise das coleções resgatadas nos cortes teste permitiu considerar-se a presença de um espesso pacote de descarte de lixo, em que se incluía pelo menos em parte lixo doméstico. Os artefatos que permeavam o entulho, em sua grande maioria, correspondiam a produtos industrializados da segunda metade do século XX. Paralelamente, remanescentes da primeira metade do século XX, como aros de barril e de ancoretas, foram localizados.

A presença dos aros de barril no sítio, por suas associações, pode ser atribuída possivelmente à segunda metade do século XX, como se pode apreender do conjunto na foto ao lado, onde o aro repousa sobre parte de uma lanterna de pilhas, em plástico, provavelmente dos anos 60/70

A identificação de algumas marcas, em associação com o layout de suas embalagens, permitiu um maior refinamento na avaliação da cronologia do depósito, como é o caso destas embalagens, algumas já fora do mercado, outras que têm continuidade com nova marca (Kolynos), e outras ainda, apenas com novas embalagens (Colgate).

Além de restos de ferramentas, partes danificadas de peças, grande parte do entulho concentra objetos de uso pessoal. São restos de calçados, notadamente de crianças, brinquedos. São frequentes ainda produtos de toalete, tais como dentifrícios, desodorantes, brilhantina, etc..

Embalagens de vidro de diferentes usos, além de garrafas e latas de bebida misturam-se a uns poucos exemplares da louça doméstica.

Relacionados diretamente à presença militar, foram identificados um botão de fardamento (já da república) e dois projéteis de canhão (que entrou em desuso já na segunda metade do XIX). Com o desarmamento das antigas peças de artilharia de carga-avante, é possível que tais projéteis, já sem função servissem a diferentes propósitos, até mesmo de souvenir.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO



Exemplar de material de construção: telha do tipo canal, fragmentada.



Material de construção: faces internas e externas de fragmentos de telhas manuais, do tipo canal.



Exemplar de material de construção: fragmento de telha do tipo francesa, com referência do fabricante impressa em baixo relevo, em sua superfície interna.



Material de construção: telha do tipo francesa fragmentada.



32361 C-68
Exemplar de material de construção:
Fragmento de telha do tipo “francesa”. Com inscrição incompleta, na qual se pode ler “DO RIO” impressa em baixo relevo.



Exemplar de material de construção: tijolo retangular, manual, apresentando argamassa em sua lateral.



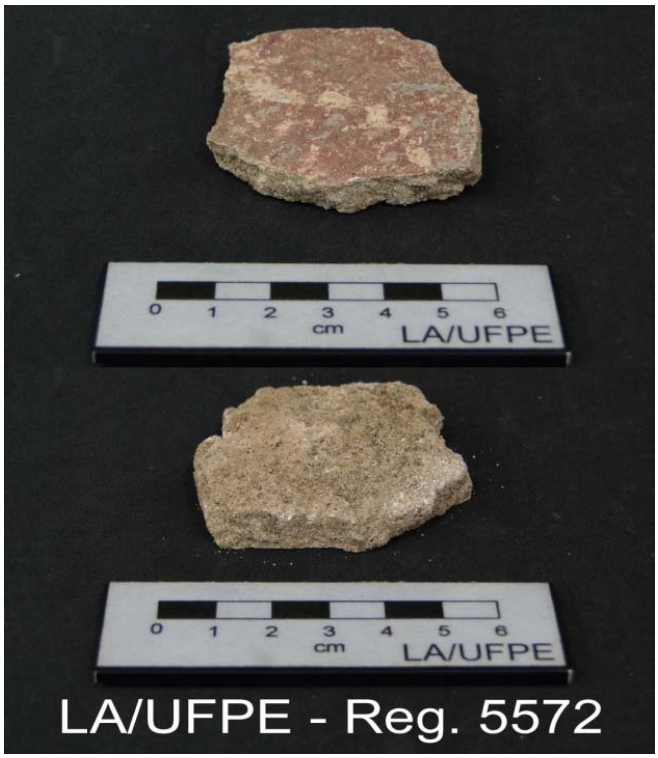
Exemplar de material de construção: tijolo manual podendo ser observada uma impregnação de argamassa de cal em sua lateral.



Material de Construção: tijolo manual, medindo 30 cm X 14 cm X 5 cm em argila vermelha apresentando impregnação em suas superfícies. Origem e cronologia não identificadas.



Material de construção: argamassa apresentando molde em negativo de tijolo manual.



Representante de material de construção, mais especificamente da camada de revestimento/acabamento de parede: faces externa e interna de fragmento de reboco em areia e cal, apresentando superfície externa na cor vermelha. Produção local, com cronologia não identificada.

MATERIAL DE FIXAÇÃO (PREGOS, CRAVOS, TACHAS)



Material de fixação: exemplares distintos de parafuso em ferro, com rosca para porca. Um dos parafusos apresenta a cabeça quadrangular, enquanto que no outro a cabeça é hexagonal. Por se tratar de um material componente que pode estar relacionado a peças funcionalmente distintas, não é possível classificá-lo, no que se refere a sua categoria funcional. Origem e cronologia não identificadas.



Material de fixação: prego secção retangular e cabeça circular, medindo cerca de 3cm de diâmetro, em ferro oxidado.



Argola em ferro oxidado para fixação em alvenaria e que apresenta evidências de ter sido arrancada e um elo de corrente em latão, também apresentando rompimento e abertura a força.

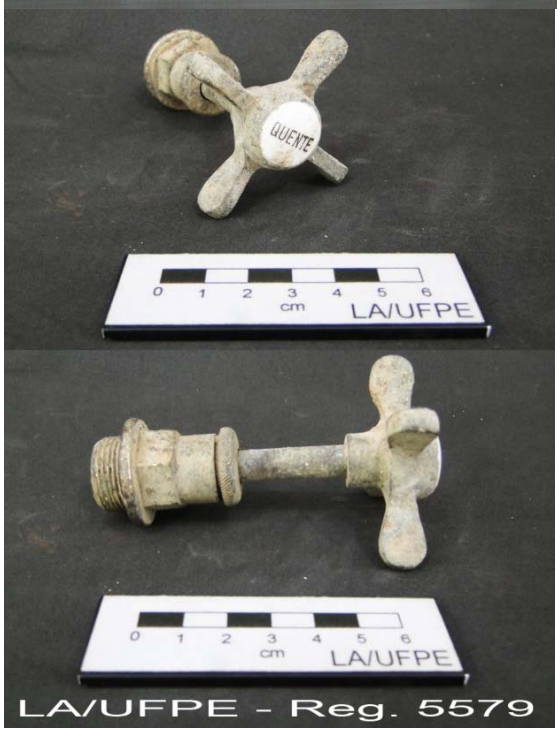
MATERIAL HIDRO SANITÁRIO



Material hidráulico: faces externa e interna de fragmento de manilha em cerâmica, apresentando vitrificação interna e linhas incisas próximo ao bordo, na face externa.



Fragmento de manilha em cerâmica vitrificada, podendo-se observar, na extremidade linhas incisas paralelas entre si e em relação à borda.



Representante de material hidráulico relacionado aos cuidados de higiene e cuidado pessoal, mais especificamente a higienização corporal. Trata-se de uma torneira em latão, do tipo usado com misturador, apresentando a inscrição “QUENTE” em círculo esmaltado na cor branca, localizado no acabamento de sua extremidade. Esta peça deveria funcionar em conjunto com outra para água fria, tendo em vista a regulagem da temperatura final de saída da água. Produção brasileira do século XX.

PEÇAS DE MOBILIÁRIO



Cinzeiro moldado, quadrangular em seu limite externo, apresentando apoio para o cigarro em cada uma das quatro pontas. A peça é circular no centro que se apresenta rebaixado para conter as cinzas. A decoração, em alto relevo, pode ser observada tanto na parte superior que é plana, quanto na parte rebaixada.

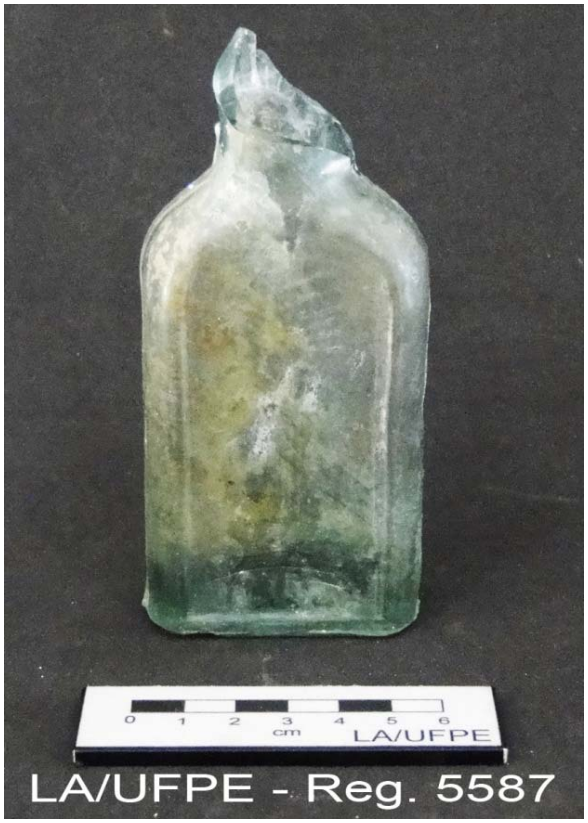


Rodízio em ferro oxidado de peça não identificada. Origem e cronologia de produção não identificadas. Trata-se, muito provavelmente de produção brasileira do século XX.

PRODUTOS DE LIMPEZA E MANUTENÇÃO



Frasco em vidro hialino moldado apresentando, em alto relevo, o nome e o logotipo do produto para o qual foi elaborado como recipiente. Trata-se, portanto, da embalagem, de produto de manutenção e limpeza de mobiliário; o conhecido lustra móveis Óleo de Peroba.



Recipiente de produto de limpeza e manutenção de peças de mobiliário em madeira: frasco em vidro esverdeado, moldado, apresentando perfil de índio e o nome "PEROBA" em relevo na face frontal e, na base, a inscrição: "16" ''65''. Produção brasileira do século XX.



Recipientes em vidro hialino relacionados à contenção de produtos de limpeza e higiene, apresentando rosca na boca, para tampa. São embalagens de desinfetante conhecido como Pinho Sol e apresentam a inscrição: W Pinho Sol PAT. No. 6342 8

INSTRUMENTOS DE TRABALHO



Instrumento de trabalho: ferro de passar, do tipo que se aquecia diretamente sobre as brasas, em ferro fundido maciço. A peça, vista em dois ângulos distintos, apresenta-se oxidada e sem alça.



Instrumento de trabalho: ferro de passar roupas, do tipo que se aquecia diretamente sobre o braseiro. A peça se apresenta bastante oxidada e sem alça.



Instrumento de trabalho: fragmento de ferro de passar roupas, do tipo que se preenchia internamente com carvão em brasa. A peça apresenta só a parte inferior, bastante oxidada.



Fragmento de instrumento de trabalho: aro de tesoura em ferro oxidado. Origem e cronologia não identificadas.

MATERIAL BÉLICO

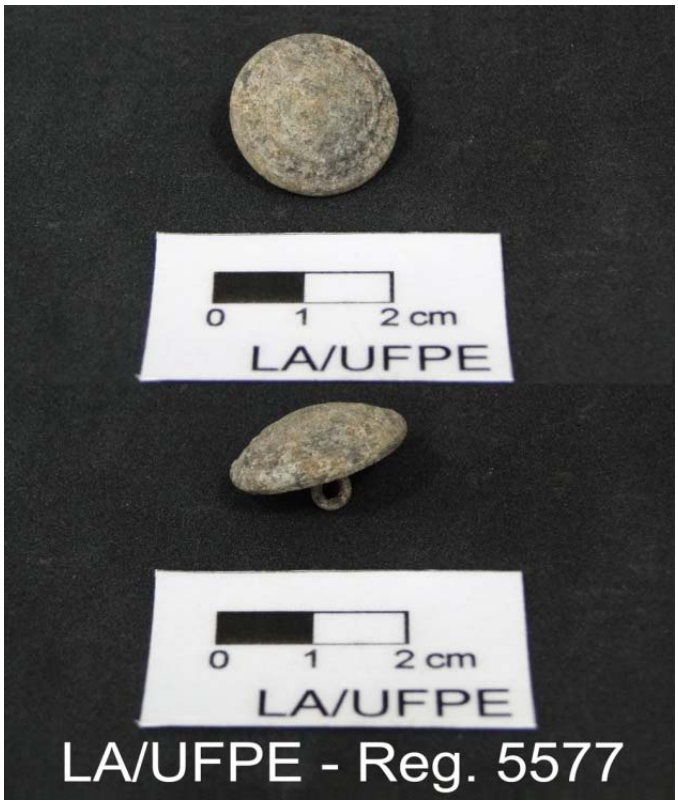


Representante da categoria de material bélico, mais especificamente munição para arma de fogo. Trata-se de um projétil de peça de artilharia pesada, de carga avante e alma lisa, em ferro maciço oxidado. Este projétil, visto em dois ângulos distintos, apresenta deformação em uma lateral, possivelmente decorrente do impacto do disparo.



Munição para peça de artilharia pesada de carga avante e alma lisa: projétil esférico em ferro para disparo em canhão. Material compatível com os séculos XVII, XVIII e XIX.

BOTÕES



Peça de vestuário adulto masculino: botão de fardamento militar em metal, com um aro para fixação.



Peça de vestuário em madrepérola: botão de quatro furos, medindo 1,7 cm de diâmetro.

MATERIAL DE CUIDADO E USO PESSOAL



Diferentes ângulos de peça relacionada aos cuidados e higiene pessoal: tubo de desodorante Van Ess Lavanda. Apresenta a seguinte inscrição na face posterior: "Proteção Refrescante contra odores de transpiração, não irrita a pele, não mancha a roupa, tem ação duradoura. Recoloque a tampa após uso Reg. Rea S.N.F.M.F. - H.T. 3/64 RES - Ferro e Silva Fº peso liq. 38g ICGC MF 61.081 - 014/12 Marca registrada - autorizada aos laboratório ANAKOL LTDA via Anchieta, 14, São Bernardo do Campo, São Paulo. Por concessão de WHITEH LABORATORIES NEW YORK - E.U.A. INDUSTRIA BRASILERA". Produto norte americano produzido no Brasil pelo Laboratório Anakol LTDA. São Bernardo do Campo-SP, na segunda metade do século XX.



Tubo em alumínio de creme dental da Kolynos Previne Caries com o novo fluor SMF, Labs. Anakol Ltda. Produção brasileira, com o laboratório instalado na Via Anchieta - Km 14, São Bernardo do Carmo-SP, na segunda metade do século XX.



Embalagens de produto de higiene e cuidado pessoal: tubos de creme dental Colgate com Gardol, em alumínio. Uma deles de 60g e o outro, menor, provavelmente de 30g.



Embalagem de produto de higiene e cuidado pessoal: tubo de creme dental Eucalol Dupla ação, 60g, em alumínio.



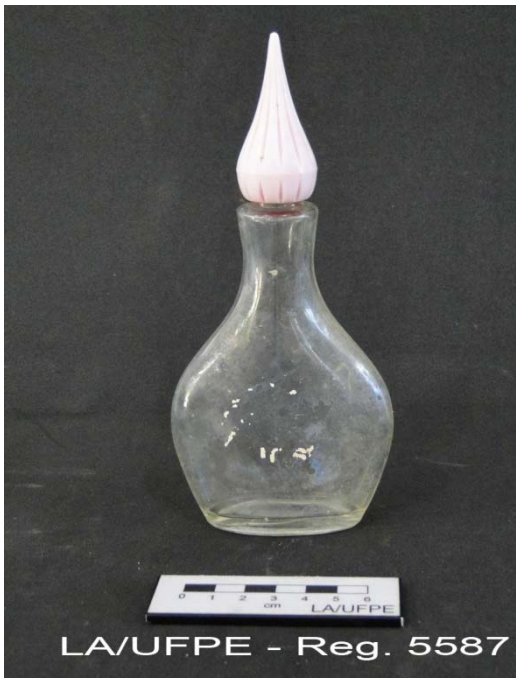
Conjunto de embalagens distintas de produtos de higiene e cuidado pessoal: tubos de creme dental em alumínio das marcas Eucalol, Colgate e Kolynos.



Dois tubos distintos de creme dental em alumínio; uma embalagem branca, com losango vermelho e letras em branco e em azul, de creme dental da marca Eucalol com dupla ação e outra amarela com letras em verde da Kolynos.



Embalagem de produto de higiene e cuidado pessoal: tubo de creme dental Kolynos provavelmente de 30gr. * Marca registrada - Autorizada aos LABORATÓRIOS ANAKOL LTDA. Via Anchieta - Km 14. São Bernardo do Campo. Por concessão de WHITEHALL LABORATORIES. New York - E. U. A. Indústria Brasileira.



Material relacionado aos cuidados pessoais: frasco de produto de perfumaria, mais especificamente do perfume Mistral, em vidro hialino, moldado, com marca e tampa plástica cor de rosa pontiaguda, estriada e rosqueada.



Recipiente em vidro hialino, moldado apresentando, na frente, próximo à base, em alto relevo, o nome do fabricante do produto para o qual foi produzido como embalagem. Trata-se de um frasco de perfume Bourbon, produzido, originalmente, na França, no final do século XX.



Recipiente em vidro hialino moldado com tampa rosqueada em plástico, na cor preta. Trata-se de um frasco de perfume, em cujo rótulo, a despeito de seu estado de deterioração, ainda permite a identificação de seu conteúdo: "Astuce Colônia". Na base, o frasco apresenta a inscrição "W 24".



Recipientes em vidro hialino moldado, com rosca para tampa, utilizado para a contenção de produto cosmético. O frasco da esquerda, apresentando a letra "G" em relevo conteve produto da Glostora. O da direita foi identificado como antiga embalagem da colônia Mistral.



Diferentes ângulos de pequeno recipiente em vidro hialino moldado, representante da categoria de cuidado pessoal. Em sua base, lê-se a inscrição em "AVON 22". Origem não identificada cronologia compatível com o século XX.



Recipiente em vidro hialino moldado, com rosca para tampa para contenção de produto cosmético. A presença de característica letra "G" em relevo na porção inferior frontal do corpo deste frasco possibilita sua identificação como produto da Glostora.

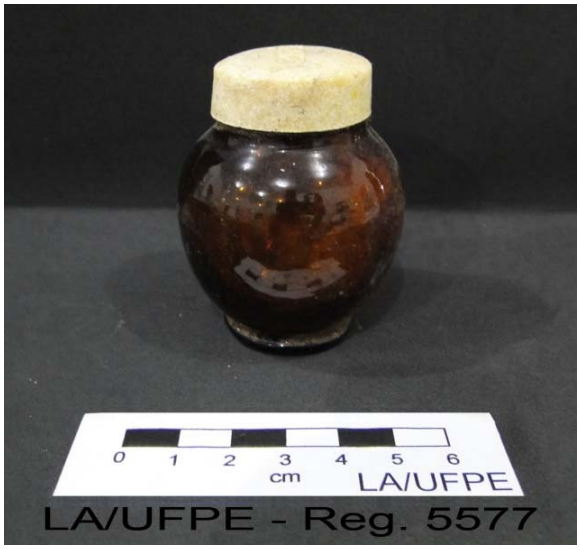


Dois recipientes em vidro hialino moldado utilizados para a contenção de cosméticos da Glostora. Ambos apresentam a letra "G" impressa em relevo e rosca para tampa. O recipiente menor, à esquerda, com tampa em plástico branca conteve brilhantina da marca Glostora utilizada no século XX.



Recipientes distintos, em vidro, para contenção de produto cosmético. O da esquerda, hialino, moldado, apresentando a letra "G" impressa em alto relevo continha brilhantina da marca Glostora utilizada no século XX. O segundo, na cor âmbar, era o recipiente da "Banha Zezé".



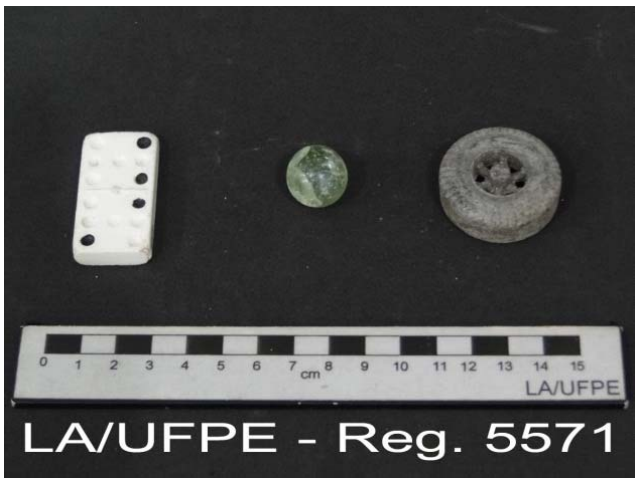


Recipiente um vidro moldado, na cor âmbar, com rosca para tampa. Trata-se de recipiente utilizado para a contenção de produto cosmético denominado "Banha Zezé".



Recipiente em vidro hialino moldado, utilizado para a contenção de produto cosmético. Este frasco que apresenta um formato cônico, com rosca para tampa e a referência: "W CANDY 5" em relevo, em sua base externa, era um frasco de esmalte cujo vestígio ainda pode ser verificado em seu interior.

MATERIAL LÚDICO



Conjunto de peças lúdicas representados por uma peça de jogo de tabuleiro, mais especificamente de dominó, uma bola de gude e um roda de carro de plástico. Produção possivelmente brasileira, do século XX.



Material lúdico: peça de jogo de dominó em plástico vermelho. Produção brasileira, século XX.



Material lúdico: dado em plástico branco, com orifícios pintados de preto. Produção brasileira do século XX.



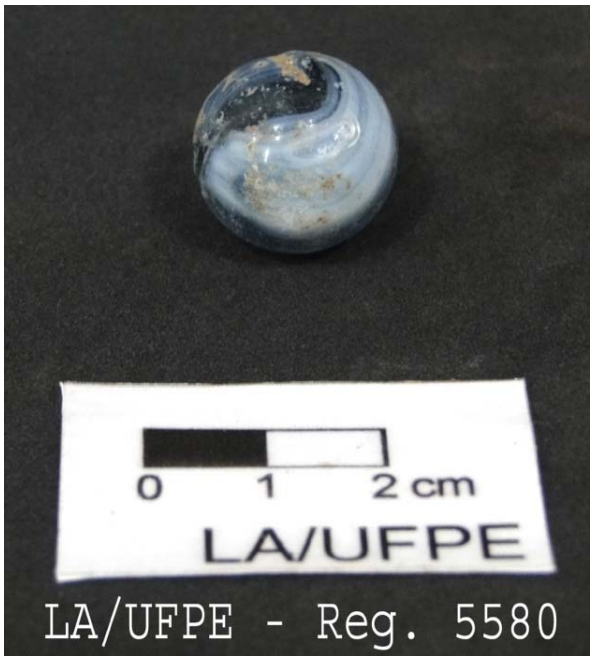
Bola de gude em vidro verde



Exemplar de material lúdico, normalmente associado à brincadeira infantil masculina: bola de gude em vidro hialino. Produção brasileira, século XX.



Material lúdico, normalmente associado ao gênero masculino infantil: bolas de gude em vidro, sendo uma verde e outra azul. Produção brasileira da segunda metade do século XX.



Exemplar de material lúdico, normalmente associado ao gênero masculino infantil. Trata-se de uma bola de gude em vidro azul, com "pincelada" branca internamente. Produção brasileira da segunda metade do século XX.

MATERIAL DE ESCRITÓRIO



Material de escritório: tinteiro em vidro hialino moldado, apresentando corpo quadrangular enquanto que o curto pescoço e a boca são circulares. Origem não identificada, cronologia compatível com os séculos XIX e XX.

MATERIAL DE SAÚDE



Exemplar de material relacionado à saúde; embalagem em alumínio para produto farmacêutico: tubo de pomada com a inscrição não totalmente visível POMADA VITAMINADA, em letras brancas sobre tarja preta em fundo branco. Possivelmente a vitamina seria E. Produto produzido no Brasil, no século XX.



Material de farmácia: frascos de medicamentos distintos, via oral, em vidro moldado.



Fragmento de peça de farmácia: frasco de medicamento via oral em vidro moldado com tampa plástica de rosca.



Coleção de frascos distintos em vidro moldado. No conjunto, há peças relacionadas à saúde. Século XX



Conjunto constituído por três frascos distintos em vidro moldado, utilizados para fins farmacêuticos. O menor, que apresenta boca para tampa plástica a fechar por pressão, deveria conter comprimidos, enquanto que os outros dois com boca de rosqueada para tampa plástica de rosca.



Fragmentos de duas peças distintas em vidro hialino moldado com boca rosqueada para tampa. Uma das peças consiste em um pequeno pote para pomada ou produto cosmético.



Recipientes do mesmo modelo, em vidro, para medicamento injetável, 40ml. Um dos frascos, em vidro hialino se encontra vazio e sem tampa, enquanto que os outros dois, na cor âmbar, se apresentam fechados com tampa de borracha.



Diferentes faces de recipiente, em alumínio, que continha seis comprimidos mastigáveis de produto medicamentoso distribuído como amostra grátis. Produto do Laboratório Millet Roux, criado por dois franceses, no Brasil, em 1933.



Embalagem de produto relacionado à saúde; recipiente plástico da CEME - Governo Federal - BRASIL - LAFAPI – UFRN: MULTIVITAN. Indicação: Profilaxia e tratamento das carências vitamino minerais. Posologia: 1 colher das de sobremesa, 2 vezes ao dia ou a critério do médico. Contém 200ml. Responsável técnico: Prof. Raphael Cabral Pereira Fagundes - C.R.F. - 14 - No. 168.



Recipiente em vidro moldado hialino relacionado à contenção de produto farmacêutico injetável. Trata-se de um recipiente que ficou conhecido como “frasco penicilina”.



Recipientes em vidro moldado relacionados à contenção de produto farmacêutico. Um hialino ainda apresentando parte do lacre de alumínio e outro âmbar, menor. Ambos podem ser identificados, morfologicamente, como “frascos de penicilina”. Produção do século XX.



Recipientes de produto farmacêutico em vidro moldado, apresentando corpo cilíndrico. A tampa do frasco de cor âmbar era de plástico preto com rosca e abertura para conta-gotas. Na base externa apresenta, em relevo a inscrição "3 I F. 1545 - A". O outro recipiente de medicamento era de vidro hialino. Material compatível, cronologicamente, com o século XX.



Diferentes ângulos de recipiente utilizado como embalagem para produto farmacêutico em alumínio esmaltado. A peça se apresenta deteriorada, não permitindo a leitura de sua identificação.

MOEDAS



Ambas as faces de moeda no valor de 10 centavos de cruzeiro, cunhadas em aço inoxidável, no ano de 1977. Estas moedas circularam durante o período da ditadura militar brasileira.



Ambas as faces de duas moedas no valor de 20 centavos de cruzeiro, cunhadas em cupro-níquel, no ano de 1970. Estas moedas circularam durante o período da ditadura militar brasileira.



Ambas as faces de moeda no valor de 1 cruzado (CZ$ 1,00), cunhada em aço inoxidável, no ano de 1986. Esta moeda foi cunhada após as reformas promovidas pela criação do primeiro plano econômico nacional em larga escala após o término da ditadura militar brasileira: o Plano Cruzado, no governo de José Sarney. Na conversão, o cruzado equivalia a mil cruzeiros.

MATERIAL RELACIONADO À ALIMENTAÇÃO



Restos alimentares: fragmentos de ossos longos e chatos, na maioria, serrados.



Resto alimentar: fragmento de osso de animal consumido na alimentação.



Ossos de animais de médio porte. A costela foi serrada, evidenciando o fato de se tratar de resto alimentar.



Ossos de animais de grande e médio porte.



Fragmentos de ossos, inclusive uma mandíbula de animal de pequeno porte e um búzio. Foram identificados ossos de peixe.



Restos alimentares: fragmentos de ossos de animais de pequeno e grande porte, alguns tendo sido serrados para serem preparados para a refeição.



Resíduo alimentar: fragmento de osso longo, apresentando extremidades serradas para facilitar o preparo e o consumo da refeição.



Resíduo alimentar: fragmento de osso chato, apresentando extremidades serradas para facilitar o preparo e o consumo da refeição.



Fragmento de osso de animal não identificado.



Conjunto de ossos não humanos, apresentando, na maioria dos casos, evidência de se tratar de resíduo de alimentação. Muitos dos ossos foram serrados para viabilizar ou facilitar o preparado e o consumo da refeição.



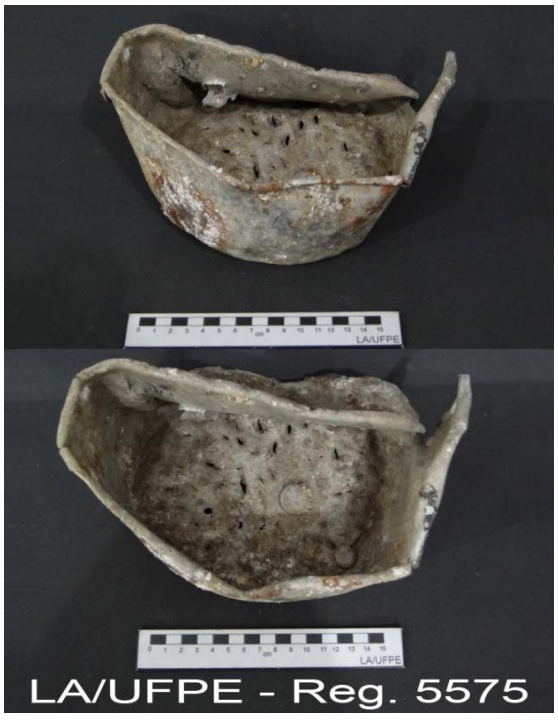
Diferentes ângulos de um fragmento de mandíbula de animal possivelmente consumido durante a refeição por morador local.



Maxilares não humanos fragmentados.



Fragmento de pata de crustáceo, mais especificamente de patola de caranguejo.



Recipiente em alumínio, sem cabo, apresentando pequenas perfurações efetuadas possivelmente com ponta de faca em sua base, sugerindo sua reutilização como recipiente para cultivo de exemplar vegetal.



Bico de mamadeira em borracha. Peça produzida no século XX, possivelmente no Brasil, relacionada à alimentação infantil.



Peça do serviço de mesa em ferro esmaltado na cor branca: um prato de ágata, não decorado.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança branca com decoração em azul, caracterizada por friso abaixo do lábio e pinceladas diagonais do friso ao lábio, em sua superfície interna. Produção portuguesa entre os séculos XVII e XVIII.



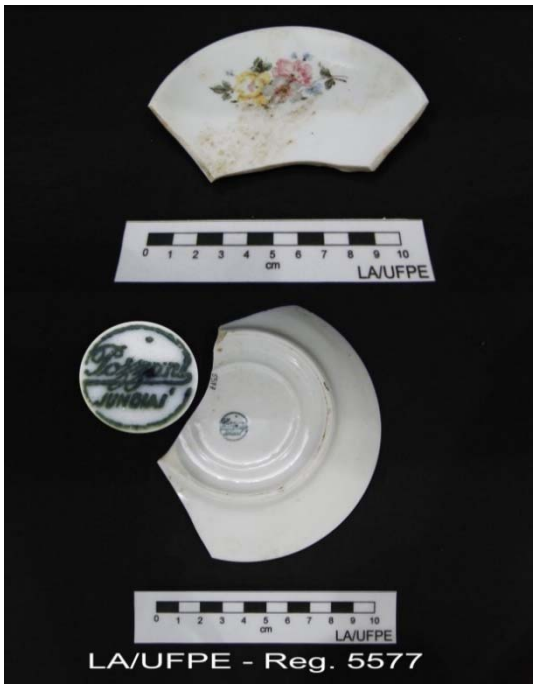
Faces externa e interna de peça do serviço de mesa em porcelana branca apresentando decoração plástica moldada, apresentando caneluras perpendiculares à linha do lábio. Origem e cronologia não identificados.



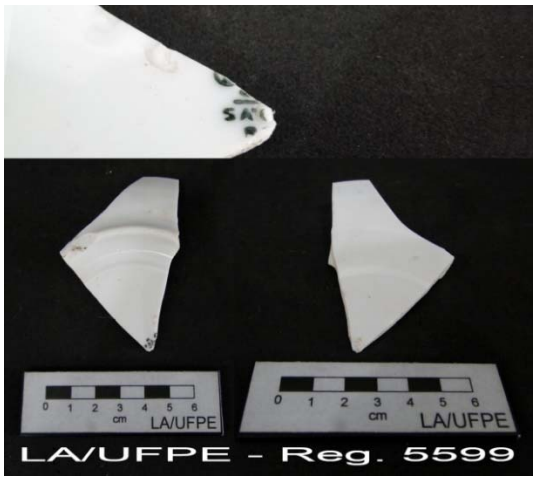
Faces interna, com impregnação de cimento, e externa de peça do serviço de mesa em porcelana branca, não decorada.



Fragmentos de peça do serviço de mesa em porcelana branca, não decorada, podendo-se observar suas superfícies interna e externa. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Faces interna e externa de pires fragmentado em porcelana branca apresentando pintura policromática nas cores azul, amarelo, verde, rosa e marrom, executada com pincel a mão livre, em sua superfície interna. A peça apresenta motivo decorativo fitomorfo, mais especificamente floral. Na base externa, pode-se observar a presença de referência do fabricante brasileiro, impressa em verde. Trata-se de uma produção das Indústrias Francisco Pozzani S/A, Jundiaí-SP (fundada em maio de 1934 e ainda em atividade sob outra administração e outro nome: Indústria Brasileira de Artefatos de Cerâmica – IBAC S/A), provavelmente da primeira metade do século XX.



Fragmento de peça do serviço de mesa em porcelana branca, não decorada, podendo-se observar suas superfícies interna e externa. Em destaque, no topo à esquerda, detalhe dos vestígios da referência de seu produtor: Fábrica de Porcelana São João, Recife-PE (1947-1968), em sua base externa. Produção brasileira de meados do século XX.



Faces interna e externa de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando vestígio de decoração pintada e referência do fabricante. Muito embora se apresente vestigial, pode-se perceber, na superfície interna, a cor azul na borda e policromia na base. Na superfície externa, no centro da base, observa-se a marca do fabricante na cor verde. Trata-se de uma produção brasileira da Fábrica de Louças Santo Eugênio, em São José dos Campos-SP em meados do século XX.



Peça do serviço de mesa em porcelana branca, não decorada, podendo-se observar suas superfícies interna e externa. Trata-se de um pires fragmentado, que apresenta, em sua base externa, vestígio da referência de seu produtor: Fábrica de Porcelana São João (Recife-PE – 1947 / 1968). Produção brasileira de meados do século XX.



Faces interna e externa de fragmento de uma peça do serviço de mesa em faiança fina branca, não decorada. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de tampa de peça do serviço de mesa em faiança fina branca, apresentando decoração plástica moldada e pintura na cor azul, em sua superfície externa. A peça pode ser observada por dois ângulos distintos. Origem da produção não identificada, cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de uma mesma peça do serviço de mesa em faiança fina branca, não decorada, podendo-se observar suas superfícies interna e externa. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de aba de peça do serviço de mesa em fiança fina branca com friso verde e vermelho. Produção brasileira do século XX.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração impressa por máquina em azul, na aba. Produção brasileira, possivelmente da Oxford S/A – Indústria e Comércio, São Benedito do Sul-SC, que teve início em 1953, com outra denominação, estando ainda em atividade. A expectativa cronológica para esta peça é de que tenha sido produzida na segunda metade do século XX.



Fragmento de peça do serviço de mesa: aba de prato decorado industrialmente. Trata-se de uma produção brasileira do século XX, provavelmente da Oxford Brasil.



Fragmento de peça do serviço de mesa: aba de prato decorado industrialmente, apresentando, em sua superfície interna, padrão decorativo fitomorfo, mais especificamente floral. Trata-se de uma produção brasileira do século XX, provavelmente da Oxford Brasil.



Fragmento de peça do serviço de mesa: aba de prato decorado industrialmente. Trata-se de uma produção brasileira do século XX, provavelmente da Oxford Brasil.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração policromática impressa por máquina, na aba. A peça, constituída por três fragmentos colados, apresenta um friso abaixo de lábio e motivo floral logo abaixo. Produção brasileira do século XX.



Fragmento de borda de peça, possivelmente do serviço de mesa, em faiança fina branca apresentando um friso preto, na aba, limitando uma faixa azul larga que se estende desde o lábio, na cor azul. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de borda de peça, possivelmente do serviço de mesa, em faiança fina branca apresentando um friso preto, na aba, limitando uma faixa azul larga que se estende desde o lábio, na cor azul. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração aplicada através do uso do pincel fixo no torno e carimbo. Origem não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.

Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando um friso verde, pouco abaixo do lábio em sua face interna. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.





Fragmento de borda de peça em faiança fina branca apresentando um friso duplo de espessuras diferentes na cor azul pouco abaixo do lábio. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



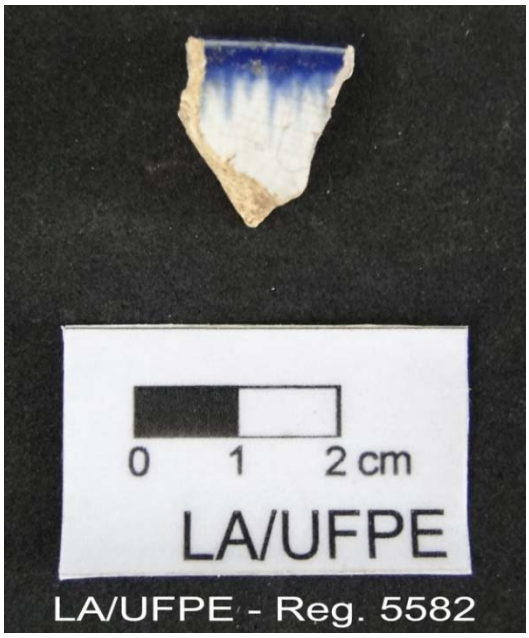
Fragmento de borda de peça em faiança fina branca apresentando um friso pouco abaixo do lábio e outra linha paralela, bem mais abaixo, na cor marrom. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos, em sua maioria de borda, possivelmente de uma mesma peça de peça em faiança fina branca apresentando decoração monocromática na cor azul, caracterizada por um friso pouco abaixo do lábio e outra linha paralela, bem mais abaixo, na cor azul e motivo floral isolado. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração conhecida como Shell Edged, na cor azul, porém sem relevo, produzida pela pintura levemente “escorrida” do lábio para a superfície interna.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração conhecida como Shell Edged, na cor azul, porém sem relevo, produzida pela pintura pouco “escorrida”, do lábio para a superfície interna.



Fragmento de peça de serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração com pincel a mão livre na cor verde. Apesar de vestigial, o motivo decorativo foi identificado como representação fitomorfa, no estilo conhecido como Sprig. Origem e cronologia de produção não identificadas. Trata-se, porém, de um material compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de peça branca apresentando decoração plástica moldada e evidência de pintura na cor bege, na porção inferior do bojo.



Fragmento recipiente para o serviço de líquidos, em grés. Trata-se da parte superior de uma garrafa bicolor, de ombro, do tipo “britânico”. Produção britânica do início do século XX.



Recipientes para a contenção de produtos relacionados à alimentação líquida: garrafa de 330ml em vidro, nas cores verde e caramelo, semelhante àquelas utilizadas por empresas produtoras de bebidas como cerveja e refrigerante. Ambas apresentam inscrição em relevo na parte inferior o corpo. Na garrafa verde pode-se ler: 330 ml 14 CIV 71 19305, enquanto que na caramelo está inscrito: TIPO - V GAP. 330ML. 14 CIV 73.



Garrafa pequena em vidro moldado, cor âmbar, com rótulo que, apesar de estar deteriorado, possibilitou a identificação do produto alimentício líquido, no caso, bebida fermentada, que este recipiente continha, bem como seu fabricante: cereja BRAMA. Produção brasileira do século XX.



Exemplares de peça do serviço de mesa, em aço inox: colheres de distintos jogos de talher, excetuando-se as duas menores, à direita, que por serem similar. Da esquerda para a direita, pode-se observar duas colheres de sopa, uma delas apresentando desconexão entre a concha e o cabo, uma de sobremesa e duas de chá. Estas duas últimas apresentam evidências de mal manuseio que as levaria a partir, como a de sopa, na extremidade oposta. Todas apresentam referência de fabricante: "Wolffinox", "Inox W Wolff", "ROYAL U.S.", "HERCULES INOX" e "ZIVI INOX".



Colher de sobremesa em aço inox, danificada, apresentando referência do fabricante: Hercules Inox. Produção brasileira do século XX.

MALACOLÓGICO



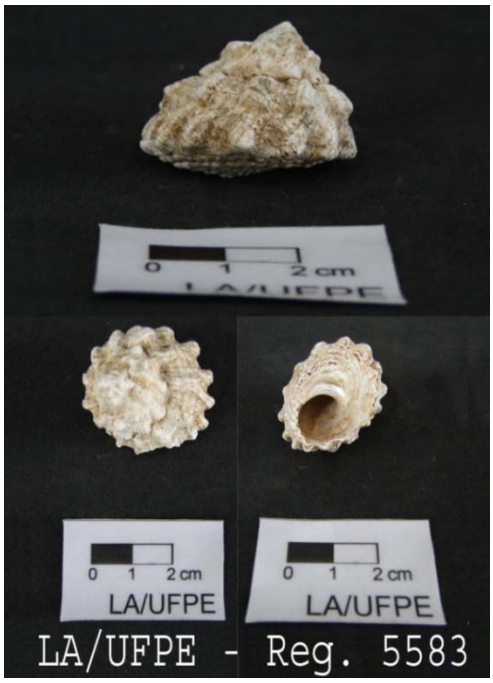
Material malacológico. Carapaça de pequeno gastrópode: búzio branco.



Material malacológico: carapaças de gastrópodes.



Carapaça de gastrópode de ocorrência marinha: búzio



Material malacológico: diferentes ângulos de carapaça de gastrópode.



Material malacológico: carapaça de gastrópode. Ângulos distintos de búzio.



Carapaças e fragmentos distintos de gastrópodes: búzios.



Material malacológico: conjunto de carapaça moluscos de diferentes espécies.



Exemplar malacológico, visto em dois ângulos distintos.



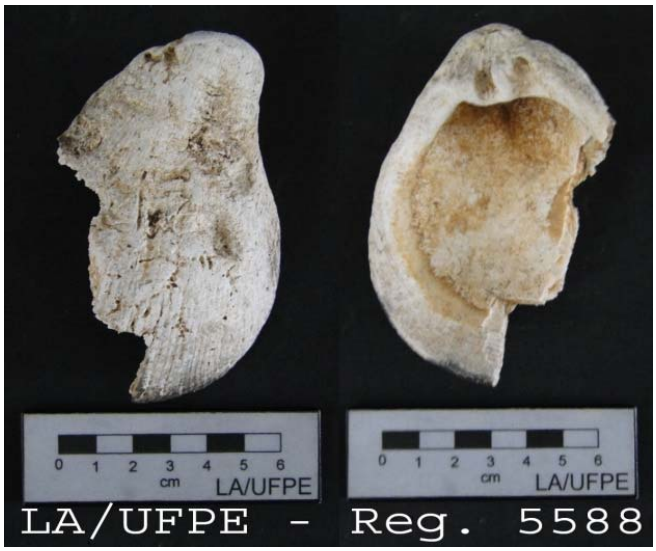
Material malacológico: face interna e externa de carapaça de marisco bivalve.



Material malacológico: faces interna e externa de carapaça de dois mariscos bivalve.



Material malacológico: visão externa e interna de conjunto de diferentes exemplares de carapaças de mariscos e búzios.



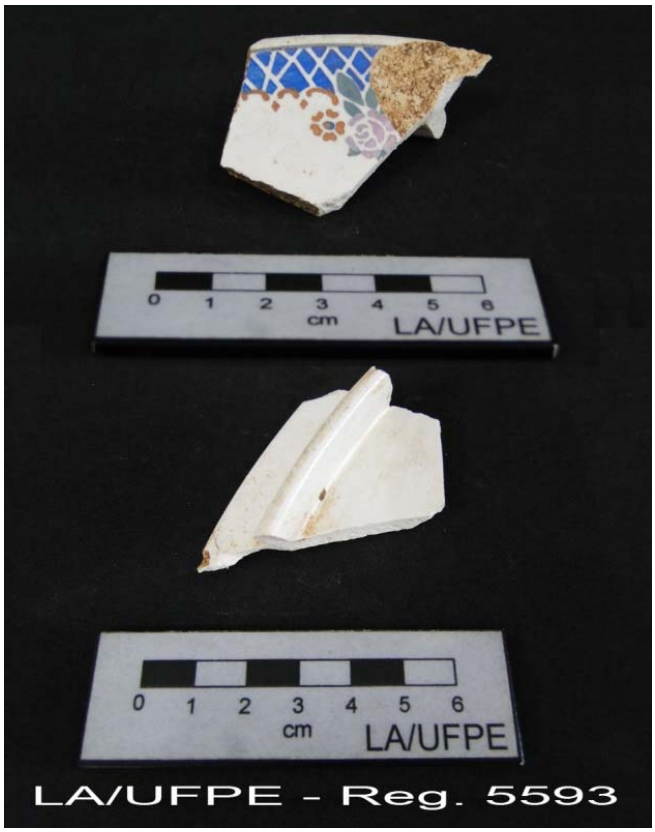
Material malacológico: face interna e externa de carapaça de marisco bivalve.

NÃO IDENTIFICADO EM FAIANÇA



Fragmento de borda de peça em faiança branca com decoração em azul, caracterizada por duplo friso abaixo do lábio, limitando pinceladas diagonais do friso superior ao lábio, em sua superfície interna e motivo não identificado por se apresentar vestigial, abaixo do friso inferior. Produção portuguesa entre os séculos XVII e XVIII.

NÃO IDENTIFICADO EM FAIANÇA FINA



Fragmento de peça em faiança fina branca apresentando decoração aplicada através da técnica do molde vazado. Apresenta decoração policromática, nas cores azul, laranja, verde e roxo, em motivo geométrico e fitomorfo. Origem não identificada, produção do século XX.



Fragmentos de peças em faiança fina, tendo-se identificado a presença de peças do serviço de mesa. Os dois fragmentos integrantes da mesma peça, à esquerda, foram identificados como produção industrial brasileira do século XX. O outro fragmento decorado, no centro, apresenta pintura executada com pincel à mão livre e fixo no torno.



Fragmentos de peças em faiança fina branca sem evidência de decoração. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de peça em faiança fina branca sem evidência de decoração. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de peça em faiança fina branca sem evidência de decoração. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de peça em faiança fina apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer conhecida como Flow Blue. Trata-se do fragmento de uma peça relacionada a consumidores integrantes de uma classe social mais abastada. Produção britânica do século XIX.



Fragmento de peça em faiança fina decorada através da técnica do transfer, mais especificamente daquela conhecida por Flow Blue. Tratava-se de uma peça refinada, produzida na Inglaterra, no século XIX.



Fragmento de peça em faiança fina branca apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer, na cor azul. A peça apresenta motivo decorativo floral. Origem não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Um fragmento de alça de peça não identificada em faiança fina branca. Origem e cronologia não identificadas.



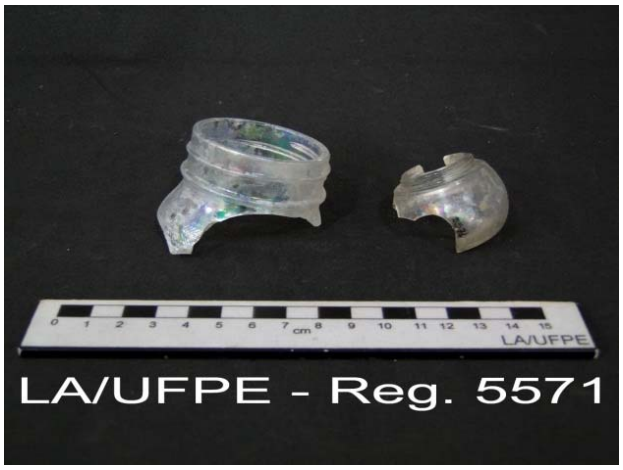
Fragmento de peça não identificada em faiança fina branca, apresentando decoração policromática, executada com pincel fixo no torno e com o uso de carimbo. Origem não identificada, cronologia compatível com os séculos XIX e XX.

NÃO IDENTIFICADO EM GRÈS



Boca com bico de garrafa em grés, cor caramelo. Possivelmente se trata do fragmento de uma peça relacionada ao material de escritório, mais especificamente, parece ser o fragmento de um recipiente para contenção de tinta para tinteiro. Produção britânica compatível com o início do século XX.

NÃO IDENTIFICADO EM VIDRO



Fragmentos de duas peças distintas em vidro hialino moldado com boca rosqueada para tampa. Uma das peças consiste em um pequeno pote para pomada ou produto cosmético.



Dois frascos distintos em vidro cor âmbar que provavelmente serviram de recipiente para produto farmacêutico. Um dos frascos apresenta corpo retangular, com friso em relevo abaixo do lábio para encaixe da tampa e a letra W em relevo na base externa. O outro apresenta corpo cilíndrico e rosca para tampa.



Dois exemplares de frascos distintos morfologicamente e funcionalmente. O fraco âmbar deveria apresentar uma tampa plástica que fechasse por pressão e deveria estar relacionado à contenção de produto farmacêutico. O frasco hialino apresenta rosca para a tampa e provavelmente teria tido seu uso relacionado à perfumaria.



Recipientes moldados em vidro, dois dos quais utilizados para a contenção de produto cosmético: o da esquerda apresentando a letra "G" impressa em relevo e tampa rosqueada em plástico branco conteve brilhantina Glostora; o da direita, na cor âmbar, com tampa rosqueada em plástico amarelo, conteve a popular "Banha Zezé".



Frasco em vidro hialino, moldado, apresentando base esférica onde se pode ver em relevo a referência “60”. No pescoço curto, há três anéis em alto relevo, paralelos entre si e em relação ao lábio. Produção do século XX.



Recipientes em vidro hialino, moldados, com rosca para tampa. Um dos recipientes apresenta a letra "G" impressa em relevo e tampa em plástico branco. Trata-se de recipiente para produto cosmético, mais especificamente brilhantina da marca Glostora, muito popular no século XX. O outro apresenta o corpo cilíndrico, com linhas finas em relevo formando um quadriculado que ocupa considerável porção da superfície do bojo.



Recipientes distintos para a contenção de produtos líquidos, em vidro hialino. Dois dos quais apresentam rosca para tampa, estando um deles acompanhado de sua tampa em plástico preto. Um dos recipientes foi associado à contenção de medicamento.



Recipientes para contenção de líquidos, em vidro na cor âmbar, possivelmente associados a produtos farmacêuticos. Dois dos frascos apresentam rosca para tampa, enquanto que o terceiro, à esquerda, seria fechado por pressão.



Recipientes distintos para a contenção de líquidos em vidro âmbar. O recipiente maior, à direita, apresenta a inscrição "SEM DEPOSITO - SEM RETORNO - NO DEPOSIT - NO RETURN" na porção superior do bojo e, na base, “373 ml C-1702”. Os dois menores podem estar associados à produtos farmacêuticos.



Conjunto de recipientes morfológica e funcionalmente distintos em vidro. São frascos e potes que serviram de embalagem para produtos medicamentosos, cosméticos e perfumaria e, possivelmente, alimentação.



Conjunto com três frascos distintos em vidro hialino moldado.
Os dois frascos dispostos nas extremidades foram elaborados tendo em vista a contenção de perfume, enquanto que aquele que se encontra posicionado no centro teria contido produto relacionado à alimentação.



Dois recipientes em vidro moldado, cor âmbar apresentando base retangular. A morfologia dessas duas peças sugere diferenças funcionais. O recipiente da esquerda pode estar relacionado à contenção de produto de limpeza e manutenção de mobiliário, enquanto que o outro parece se tratar de um frasco de medicamento líquido. Produção brasileira do século XX.



Recipientes distintos em vidro moldado. À esquerda, recipiente hialino possivelmente para contenção de medicamento em comprimido ou capsula. E, à direita, frasco de remédio, em vidro na cor âmbar, apresentando, na base externa, em relevo, a inscrição: 54 179 SIII

NÃO IDENTIFICADO EM METAL



Material não identificado: fragmento de plaqueta oxidada em cobre ou latão, apresentando uma morfologia meio quadrangular e meio circular. Apresenta dois ângulos retos em uma lateral, enquanto na oposta apresenta uma curva como um meio círculo. Origem e cronologia não identificadas.



Material não identificado: peça ou fragmento de peça não identificada em ferro bastante oxidada. Origem e cronologia não identificadas.



Material não identificado; peça ou fragmento de peça não identificada em ferro oxidado.



Material não identificado: fragmento de folha, possivelmente de zinco, apresentando perfurações com prego de secção circular e ponta de faca.



Exemplares de material componente de peça não identificada: pino e peça com rosca, em ferro.

Armazém de Cereais (FN 0002 LA/UFPE)

No espaço correspondente à parte do antigo conjunto do Armazém de Cereais, demolida nos anos de 1990, e a área imediatamente contígua, que se estende até a Estação Elevatória de Esgotos da Compesa, delimitada, para efeito da pesquisa, como Armazém de Cereais, o material arqueológico móvel registrado e resgatado foi identificado como sendo predominantemente refugo da segunda metade do século XX.

O material arqueológico móvel se apresentou praticamente inexistente nas camadas de aterro identificadas no trecho atualmente revestido com piso em cimento e sem cobertura, delimitado por mureta de pedra, na lateral do atual edifício do Armazém de Cereais. Registrou-se uma garrafa de vidro moldada, produção do século XX abaixo de espessa camada de areia que sob a qual se localizou uma estrutura em tijolo de furo. A peça foi identificada como sendo uma garrafa de cerveja. Uma outra peça registrada nos cortes realizados nesta área foi uma garrafa pet, cujo uso não foi associado a nenhuma categoria funcional. Vale salientar, no entanto, que o material registrado não corresponde a atividades relacionadas ao funcionamento das estruturas existentes, no local, e sim a aterro realizado enteriormente ao atual piso em cimento e após a desativação das estruturas anteriores.

Na área sem revestimento (Área 02), entre a mureta e a Estação Elevatória da Compesa, foram registrados sacos de ráfia rasgados entre fragmentos material de construção, como pedras, tijolos, metralha de modo geral. Este entulho estaria relacionado à preparação do terreno para a ocupação posterior à desativação e destruição das estruturas existentes no local.

Uma peça de mobiliário, relacionada aos cuidados e higiene pessoal, no caso uma banheira de ferro esmaltado, foi localizada em um dos cômodos identificados durante as escavações. Esta peça seria um representante de material arqueológico móvel registrado no local entretanto, a peça se encontrava incorpoada à estrutura, estando encaixada no cimento. Considerando que, neste caso específico, a banheira integrava a estrutura, sua descrição e interpretação fazem parte da análise das estrurura localizadas e não do material arqueológico móvel.

A grande maioria do material arqueológico móvel registrado na àrea definida como antigo Armazém de Cereais, foi localizada no aterro de estruturas identificadas como banheiro e fossa septica em área delimitada como “Área 4”. O contexto sistêmico, ou seja, de funcionamento e uso destas estruturas seriam incompatíveis com o contexto arqueológico no qual o material móvel foi encontrado durante as escavações desta área.

Vale ressaltar que o material resgatado durante as escavações se encontrava em espessa camada depositada logo no início de aterramento das estruturas. Estratigraficamente não foram localizadas camadas subsequentes de deposição do material. Assim, o material foi tratado como um grande pacote de lixo predominentemente recente depositado no final do século XX, quando as estruturas já estavam desativadas. Mesmo assim, o material foi classificado conforme a categoria funcional que integraria, tendo, consequentemente, sido identificadas diversas categorias funcionais distintas.

Exemplares variados de material de construção foram registrados durante as escavações desta área. Telhas manuais e industriais, inclusive de amianto; tijolos manuais em cerâmica e em pedra de diferentes tamanhos; pastilhas de revestimento; exemplar de material de fixação; material hidro sanitário, além de fargmentos de pedras locais foram registrados como representantes do material de construção encontrados na escavação da área.

Outra categoria de material arqueológico registrado na área consiste em peças relacionadas à limpeza e manutenção doméstica, como é o caso de recipiente em plástico de água sanitária e de desinfetante.

Peças de vestuário como restos de tecido; alça de sandália vulcanizada da marca “Havaianas” também foram registrados na área. Registrou-se ainda, no local, uma peça de uso pessoal que normalmente compõe um traje, na qualidade de adorno ou insígnia. Trata-se de um broche em forma de âncora com uma corda.

No que se refere aos cuidados e higiene pessoal, foram registradas peças ou fragmentos de peças como escova de dentes em plástico e recipientes de perfume em vidro.

Na categoria funcional relacionada a atividades lúdicas foram registradas apenas exemplares voltados para atividades infanto juvenis, excetuando-se peça de jogo “dominó”, em plástico, que faz parte do universo lúdico tanto de crianças, quanto de adultos, inclusive idosos. Uma argola em plástico que integra este conjunto lúdico, poderia também não ser uma peça de uso exclusivamente infantil. No que se refere ao gênero, considerando a concepção da época, pode-se, na grande maioria dos casos, distinguir os brinquedos utilizados por meninos daqueles utilizadospor meninas. Há brinquedos em plástico como é o caso de carrinhos, apito, tampa de panela, armação de cama. Em vidro, registrou-se a presença de bola de gude.

Recipientes de medicamentos confeccionados em vidro de formas e tamanhos diversos, entre eles, ampolas lacradas e com conteúdo interno preservado; vários frascos entre eles um com inscrição em relevo “PASSIFLORINE”. Em pesquisa realizada o medicamento é produzido pelo Laboratório Millet Roux desde 1933, indústria brasileira;

Na área foram registradas algumas moedas brasileiras de contextos históricos distintos. A mais antiga é do período colonial. Trata-se de uma moeda em cobre, apresentando ambas as faces bastante oxidadas. As demais, cunhadas em aço inox, já são da segunda metade do século XX. Uma delas, apresentando o valor de Cr$ 50,00 (cinquenta Cruzeiros) foi cunhada no ano de 1983, durante o período da Ditadura Militar, pela Casa de Moeda do Rio de Janeiro. Em seu anverso apresenta, em relevo, o dístico BRASIL e o risco original do Plano Piloto de Brasília – DF. Tendo sido aproveitada no padrão seguinte, manteve-se em circulação até 30/06/1987. Outras três, no valor de Cz$ 1,00 (um Cruzado), foram cunhadas nos anos de 1986 e 1987, também na Casa de Moeda do Rio de Janeiro. Foram cunhadas na Nova República, logo após o término do período da Ditadura Militar, em 1985. Entraram em circulação em 23/06/1986 e circularam até 15/01/1989.

Um cartão telefônico da Telemar representa o subsistema de comunicação, presente dentre o material arqueológico móvel registrado no local.

O material relacionado à alimentação registrado na área do antigo Armazém de Cereais consiste em fragmentos de peças do serviço de mesa em faiança, faiança fina, porcelana, vidro e metal. Morfofuncionalmente foram identificados pratos, garrafas, colheres e um coador. Considerando o estado de fragmentação em que se encontra a maioria das peças, a maioria dos fragmentos de louça não foram identificados. Também foram registradas embalagens plásticas de produtos alimentícios.

Catálogo do material arqueológico identificado no Armazém de Cereais

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO



Fragmentos de dois exemplares distintos de material de construção, mais especificamente pastilhas de revestimento. Pode-se observar a superfície vitrificada, na cor azul e branca.

MATERIAL DE FIXAÇÃO



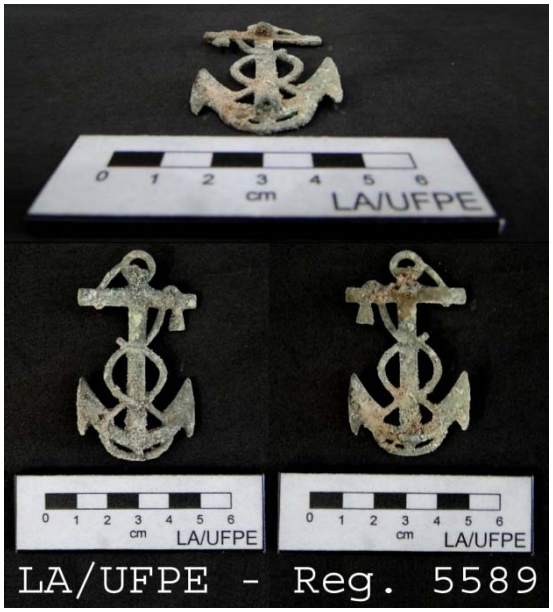
Exemplar de material de fixação em ferro. O estado de deterioração devido a oxidação em que se encontra esta peça compromete sua identificação.

CUIDADO PESSOAL



Recipiente em vidro hialino moldado, relacionado aos cuidados pessoais, mais especificamente a produto de perfumaria. Trata-se de um frasco de base quadrangular, com tampa em plástico preto e rótulo vestigial em letras pretas. Na base, o frasco apresenta a referência “W 19”.

USO PESSOAL



Peça de uso pessoal, Broche em latão, no formato de uma âncora com corda entrelaçada.

MOEDAS



Moeda do Brasil-colônia em cobre, apresentando ambas as faces bastante oxidadas.



Reverso e anverso de moeda brasileira em aço inox, no valor de Cr$ 50,00 (cinquenta Cruzeiros), cunhada no ano de 1983, durante o período da Ditadura Militar, na Casa de Moeda do Rio de Janeiro. Em seu anverso pode-se observar, em relevo, o dístico BRASIL e o risco original do Plano Piloto de Brasília – DF. Tendo sido aproveitada no padrão seguinte, manteve-se em circulação até 30/06/1987.



Reverso e anverso de moedas brasileiras em aço inox, no valor de Cz$ 1,00 (um Cruzado), cunhadas nos anos de 1986 e 1987, na Casa de Moeda do Rio de Janeiro. Estas moedas foram cunhadas na Nova República, logo após o término do período da Ditadura Militar, em 1985. Entraram em circulação em 23/06/1986 e circularam até 15/01/1989.

ALIMENTAÇÃO



Ângulos diferentes de peça relacionada à alimentação, em metal oxidado e amassado: coador



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração plástica moldada associada à pintura em azul, conhecida como Shell Edged. Produção britânica do século XIX.



Fragmentos de bordas peças do serviço de mesa em faiança fina branca, apresentando decoração conhecida como Shell Edged, cor azul. Produção britânica, século XIX.



Fragmentos de peça do serviço de mesa em faiança fina apresentando decoração na cor azul, aplicada através da técnica do transfer. As peças que apresentam esta decoração, conhecida como Flow Blue, estão relacionadas a um perfil de consumidor mais abastado. Produção inglesa, século XIX.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando frisos: no lábio uma faixa azul e, logo abaixo, uma linha escura e outra no limite aba/caldeira. Origem e cronologia de não identificadas, podendo, porém, se tratar de uma produção brasileira do século XX.



Fragmento de borda de peça do serviço de mesa em faiança fina branca, sem decoração. Origem de produção não identificada; cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Exemplar de peça relacionada à alimentação, mais especificamente do serviço de mesa. Peça de talher: colher de sopa. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmentos de peças distintas em vidro. À esquerda, fragmento de garrafa de refrigerante PEPSI COLA, 290 ml, produção do século XX. E, à direita, fragmento de peça não identificada em vidro hialino.



Recipiente em vidro hialino moldado, similar à garrafa de Coca Cola. Trata-se, possivelmente da garrafa de um refrigerante. Apresenta, no bojo, a inscrição "SEM DEPOSITO CAP. 262ML" e " SEM RETORNO" e na base "88 20 CIV". Produção brasileira, da Companhia Industrial d Vidros (CIV), do Grupo Cornélio Brennad (GCB), Recife-PE, 1959-2011, da segunda metade do século XX.



Exemplares distintos de recipientes em vidro moldado para a contenção de produto alimentício líquido. O recipiente da esquerda, embora não apresente inscrição que identifique o produto que continha, parece ser uma garrafa, de refrigerante, mais especificamente de Coca Cola. Esta garrafa, em vidro hialino, apresenta a inscrição "SEM DEPOSITO CAP. 262ML", em seu bojo e - próximo à " SEM RETORNO" base "88 20 CIV". O segundo, em vidro escuro, é uma garrafa de cerveja, com o Nº 8 inscrito, na base, em alto relevo.
Ambas as peças são produção brasileira do século XX.



Garrafa em vidro verde, moldado, produzida no Brasil no século XX, para a contenção e serviço de produto alimentar, muito provavelmente refrigerante.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM FAIANÇA



Fragmentos de peças em faiança branca, apresentando decoração em azul. Produção portuguesa, compatível com os séculos XVII e XVIII.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM FAIANÇA FINA



Fragmento de borda de peça em faiança fina branca, apresentando decoração monocromática, na cor azul, executada com pincel fino, a mão livre, no estilo conhecido como “Sprig”. Origem não identificada, cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de peças em faiança fina branca, apresentando decoração policromática executada por pincelada delicada a mão livre, no estilo “Sprig”. Origem de produção não identificada; cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de bordas de peças distintas em faiança fina branca, apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer na cor azul. Origem de produção não identificada.



Fragmentos de duas peças distintas em faiança fina branca, apresentando decoração na cor azul, aplicada através da técnica do transfer. Origem de produção não identificada; cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de peças distintas em faiança fina branca, apresentando decoração em sua superfície externa, sendo conhecida como Bandadware. Origem de produção britânica, século XIX.



Conjunto de fragmentos de peças distintas em faiança fina. Pode-se observar fragmento de Flow Blue, Shell Edged azul, Bandadware, Pincelada à mão livre.



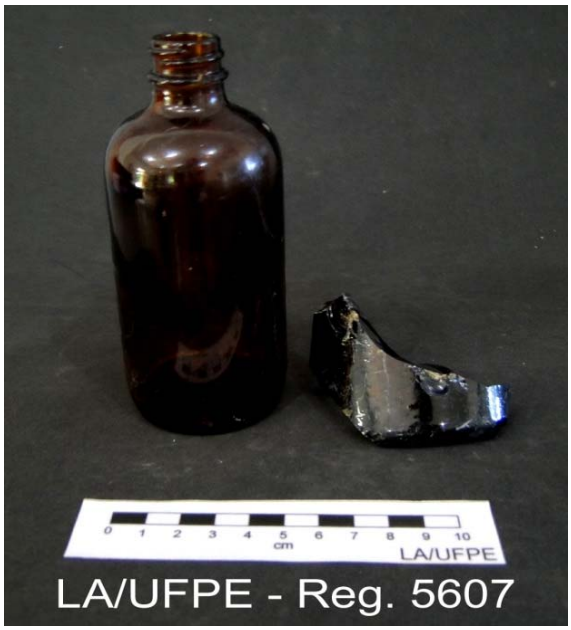
Base de peça em faiança fina branca não decorada, apresentando impressa em baixo relevo, na superfície externa referência do fabricante: COPELAND. Produção inglesa do século XIX.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM PORCELANA



Fragmentos, possivelmente da mesma peça, em porcelana branca moldada, apresentando decoração aplicada através da técnica do decalque, motivo fitomorfo, floral. Origem e cronologia não identificadas, podendo, no entanto, tratar-se de uma produção da primeira metade do século XX.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM VIDRO



Peças em vidro escuro moldado: um frasco com rosca para tampa e um fragmento de garrafa. A categoria funcional na qual se inseriria o frasco não foi identificada, pois poderia se tratar de um frasco de medicamento, mas também poderia ser um recipiente para contenção de produto químico como, por exemplo, um ácido. A garrafa estaria relacionada à alimentação, mais especificamente à contenção e serviço de líquido, como é o caso de vinho, por exemplo.

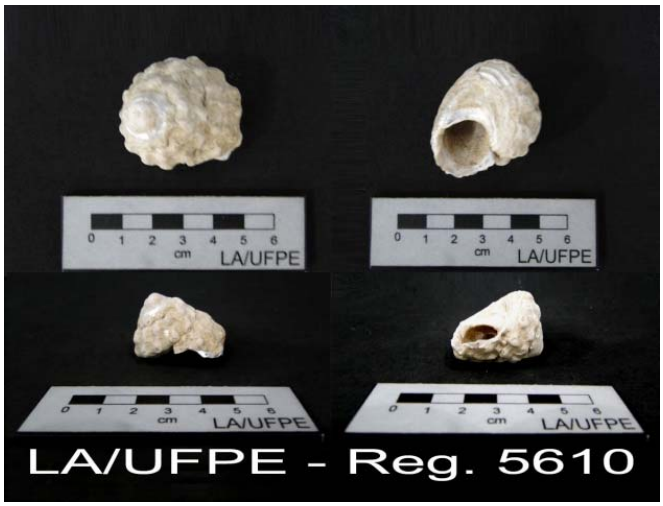


Fragmentos de duas peças distintas em vidro moldado, relacionadas à contenção de produto líquido. A garrafa, à direita, ainda apresenta parte do rótulo que identificava o produto brasileiro contido. Produção do século XX.



Peças distintas em vidro hialino, apresentando a superfície alterada por processo químico não intencional. Duas das peças, um frasco com tampa de encaixe danificada e uma tampa de encaixe interno, parecem ser peças relacionadas à farmácia. A terceira, a boca de um recipiente não identificado, mas parece ser de um vaso. Origem e cronologia não identificadas.

MATERIAL MALACOLÓGICO



Diferentes ângulos de carapaça de gastrópode: búzio.



Material malacológico: faces interna e externa de carapaça de crustáceo marinho conhecido pela denominação de “craca”.



Material malacológico: faces interna e externa de carapaça de marisco bivalve.



Material malacológico: faces externa e interna de carapaça de marisco bivalve.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM METAL



Ângulos diferentes de peça em metal oxidado, amassado e queimado. A peça apresentava evidência de fixação de alça. Origem e cronologia de produção não identificadas.

Baluarte do Reduto Sant'Anna (FN 0003 LA/UFPE)

O material arqueológico móvel revelado nas escavações realizadas no Baluarte do Reduto Sant'Ana consiste em entulho constituído por seixos rolados e blocos de pedra de ocorrência local depositado intencionalmente como aterro e fragmentos de peças distintas em cerâmica, faiança, faiança fina, vidro e ferro compatíveis com os séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

Um Projétil esférico em ferro maciço para o disparo de carga avante em peça de artilharia pesada, compatível com os séculos XVII, XVIII e XIX foi resgatado em corte aberto na área paralela à muralha do Baluarte existente do Reduto Santana. Este exemplar de munição, embora seja uma peça compatível funcional e cronologicamente com o espaço funcional onde foi localizado, estava inserido em um contexto de descarte. Provavelmente este tipo de munição e as peças utilizadas para seu disparo já estariam obsoletas.

As escavações realizadas no Baluarte Sant'Ana revelaram também um outro projétil esférico em ferro maciço, similar ao anterior, porém de calibre menor. Este outro projétil apresenta uma lateral deformada.

Além desses dois exemplares de material bélico, foram registrados no Baluarte representantes do material de construção, trancas, peça de articulação e fixação, peça relacionada à iluminação, instrumentos de trabalho, cuidado e higiene pessoal, saúde, alimentação.

O material de construção registrado na área está representado por peças de revestimento. São fragmentos de reboco, apresentando pintura em azul e azulejo monocromático branco. Na face interna do azulejo pode-se observar impregnação do cimento utilizado em sua fixação. Fragmento de tijolo de furo também foi registrado no local. Todos os representantes desta categoria funcional registrados na área foram identificadas como produção brasileira do século XX.

Uma fechadura e uma chave, ambas em ferro fundido, foram registradas na área, como representantes de trancas.

O material de articulação e fixação está representado por uma dobradiça, da qual só resta a parte de fixação.

Registrou-se, durante as escavações no local, um pingente de luminária, seja abajur ou lustre.

Uma lima e um aro de tesoura, em ferro oxidado, são instrumentos de trabalho registrados na área do Baluarte de Sant'Ana.

Recipientes em vidro foram identificados no local como recipientes de produtos de cuidado e higiene pessoal e medicamentos.

A maioria do material registrado na área do Baluarte de Sant'Ana consiste em peças e fragmentos de peças relacionadas à alimentação. São, normalmente, fragmentos de

recipientes em faiança, faiança fina, porcelana, grés, vidro e ferro esmaltado, ou seja, ágata e cabo de talher.

Catálogo do material arqueológico identificado no Baluarte do Reduto Sant'Anna

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO



Fragmento de revestimento de parede, ou seja, de reboco com pintura em azul.



Faces externa e interna de fragmento de exemplar representante do material de construção, mais especificamente peça de revestimento: fragmento de azulejo monocromático branco. Em sua face interna, apresenta impregnação de cimento.

TRANCAS



Peças não identificadas e chave fragmentada em ferro oxidado. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Exemplar de fechadura em ferro, deteriorada pela oxidação, vista sob dois ângulos distintos. Origem e cronologia de produção não identificadas.

MATERIAL DE ARTICULAÇÃO E FIXAÇÃO



Peças diversas em metal oxidado, podendo-se destacar, junto à escala, uma peça de articulação. Trata-se, mais especificamente, de uma dobradiça fragmentada, da qual só resta a parte fixa. Origem e cronologia de produção não identificadas.

MATERIAL DE ILUMINAÇÃO



Componente de peça de iluminação: pingente de lustre ou abajur. Origem e cronologia de produção não identificadas.

INSTRUMENTO DE TRABALHO



Peças diversas em ferro oxidado, podendo-se destacar, junto à escala, um instrumento de trabalho: lima. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmento de instrumento de trabalho: aro de tesoura em ferro oxidado. Origem e cronologia não identificadas.

MATERIAL BÉLICO



Ângulos diferentes de uma mesma peça (munição de artilharia pesada de carga avante e alma lisa): projétil esférico pequeno em ferro, para disparo em canhão. Material compatível com os séculos XVII, XVIII e XIX.



Munição para peça de artilharia pesada de carga avante e alma lisa: projétil esférico em ferro para disparo em canhão. Material compatível com os séculos XVII, XVIII e XIX.

CUIDADO PESSOAL



Frasco em vidro hialino moldado, com rosca para tampa. Possivelmente associado a produto relacionado a cuidados e higiene pessoal. Origem de produção não identificada, século XX.

MATERIAL DE ESCRITÓRIO



Ângulos distintos de tinteiro em vidro moldado, cor âmbar, apresentando referência do fabricante impressa, em relevo. A peça apresenta rosca para tampa. Origem não identificada.

MATERIAL RELACIONADO À SAÚDE



Recipientes distintos em vidro moldado para a contenção de medicamentos distintos. Origem de produção não identificada, século XX.

MATERIAL RELACIONADO À ALIMENTAÇÃO



Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança branca, apresentando decoração na cor azul, caracterizada pela execução de um friso pouco abaixo do lábio com o auxílio do torno e pincelada transversal do friso ao lábio, a mão livre. Produção portuguesa, século XVII-XVIII.



Fragmentos de peças do serviço de mesa em porcelana branca, não decorada. Dois dos fragmentos apresentam referência do fabricante brasileiro impresso na base externa, nas cores azul e verde: Fábrica de Porcelana São João, Recife-PE (1947-1968)



Fragmentos de peças do serviço de mesa em faiança fina branca, não decorada. Material compatível com a produção brasileira do século XX.



Fragmentos de peças do serviço de mesa em porcelana branca, não decorada. Os fragmentos apresentam referência do fabricante brasileiro impresso na base externa, nas cores azul e verde: Fábrica de Porcelana São João, Recife-PE (1947-1968)



Fragmentos de borda de duas peças do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração aplicada por técnicas distintas, na cor azul. A peça da esquerda foi decorada através da técnica do transfer, enquanto a da direita apresenta a combinação da decoração moldada e pintada, conhecida como Feather Edged. Produção britânica do século XIX.



Fragmentos de borda de peças distintas em faiança fina branca apresentando a decoração conhecida como Feather Edged azul. Produção britânica, século XIX.



Fragmentos de borda de peças distintas do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração impressa por máquina. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmento de peças do serviço de mesa em porcelana branca. Há fragmento de xícara com friso azul logo abaixo do lábio e um fragmento com referência do fabricante. Referência essa que pode ser melhor visualizada no detalhe no topo, à direita: Fábrica de Porcelana São João, Recife-PE (1947-1968). Produção brasileira, de Recife, século XX.



Fragmentos de borda de peças distintas do serviço de mesa em faiança fina branca, apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer, na cor azul. Origem não identificada. Cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Peça relacionada a alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa, em ferro esmaltado, na cor branca: prato em ágata. Produção brasileira do século XX.



Fragmento de cabo de faca. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Faces externa e interna de fragmento de bojo de garrafa do “tipo alemão”, em grés. Produção europeia do final do século XIX.



Gargalos de garrafas distintas, fragmentadas. Há uma peça em vidro hialino e outras duas em vidro moldado, na cor verde. Origem e cronologia de produção não identificados.



Garrafa em vidro moldado hialino, com referência do fabricante em relevo, mais especificamente do produto para o qual foi produzido como recipiente. Trata-se da garrafa do refrigerante Coca Cola, produzido durante as décadas de 60 e 80, do século XX.



Garrafa em vidro moldado, na cor âmbar. Apresenta, em seu bojo, inscrição em relevo: DEPOSIT NO RETURN NOT TO BE REFILLED. Trata-se, provavelmente, de garrafa de cerveja produzida na década de 60 do século XX.



Fragmentos de gargalo e bases de garrafas distintas em vidro escuro, com a utilização de molde. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.

Recipiente em vidro moldado, associado à contenção e serviço de bebida: garrafa em vidro verde. Origem e cronologia de produção não identificadas.



MATERIAL MALACOLÓGICO



Material malacológico: faces interna e externa de carapaça de marisco bivalve.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM CERÂMICA



Faces interna e externa de fragmento de base de peça em cerâmica. Origem e cronologia não identificadas.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM FAIANÇA



Fragmentos de peças distintas em faiança branca decorada, nas cores azul e vinhoso e apenas em azul. Produção portuguesa compatível com os séculos XVII e XVIII.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM FAIANÇA FINA



Fragmentos de peça em faiança fina branca não decorada. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmentos de peças em faiança fina branca apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer, na cor azul. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmento de peça em faiança fina branca, apresentando decoração aplicada com carimbo. Origem de produção não identificada. Cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de peça em faiança fina branca não decorada. Origem e cronologia de produção não identificadas



Conjunto de fragmentos de peças diversas em faiança portuguesa produzida entre os séculos XVII e XVIII e faiança fina compatível com os séculos XIX e XX. Dentre as peças em faiança fina, há fragmentos de peças do serviço de mesa de origem britânica, apresentando a decoração conhecida como Feather Edged azul e fragmentos de transfer e carimbadas.



Conjunto constituído por peças distintas em faiança fina branca. Alguns dos fragmentos apresentam decoração aplicada por técnicas diferentes: transfer azul, impressão por máquina, pincel fixo no torno. Material compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de peças em faiança fina branca, não decoradas. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmentos de peças distintas em faiança fina branca. Um dos fragmentos apresenta decoração caracterizada por friso na borda, pouco abaixo do lábio. Origem de produção não identificada. Cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de peça não identificada em faiança fina branca não decorada. Origem e cronologia de produção não identificadas.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM PORCELANA



Conjunto de fragmentos de peças distintas em porcelana branca. Dois dos fragmentos apresentam decoração caracterizada por friso na borda, pouco abaixo do lábio. Origem de produção não identificada. Cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de peças distintas em porcelana branca. Há fragmento de peça decorada e sem decoração. Origem e cronologia não identificadas.



Fragmento de base de peça em porcelana branca, não decorada. Origem e cronologia de produção não identificadas.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM GRÈS



Fragmentos de base e boca de garrafão em grés. A boca apresenta rosca interna para tampa, possivelmente da mesma matéria prima. Origem e cronologia não identificadas, porém compatíveis com a produção britânica, dos séculos XIX e XX.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM VIDRO



Fragmento decantador de garrafa em vidro verde. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmentos de base de recipientes distintos em vidro. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Frasco fragmentado, moldado, em vidro hialino, apresentando referência do fabricante, mais especificamente do produto para o qual foi produzido, relevo, em sua face principal.



Frascos fragmentados em vidro hialino, apresentando marca do molde. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Frasco em vidro hialino, apresentando marca do molde. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Frascos em vidro hialino moldado, com rosca para tampa. Origem de produção não identificada, século XX.



Ângulos diferentes de fragmentos de peças distintas em vidro moldado. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Frasco em vidro hialino moldado, com rosca para tampa. Origem de produção não identificada, século XX.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO EM EERRO



Aro de peça não identificada em ferro oxidado. Origem e cronologia de produção não identificadas.

Riacho Mulungu

No desassoreamento do Riacho Mulungu foram registrados fragmentos de exemplar do material de construção, instrumento de trabalho e principalmente peças e fragmentos de peças relacionadas à alimentação. Fragmentos de peças não identificadas no que se refere à categoria funcional a qual estaria vinculada também foram registradas durante os trabalhos arqueológicos realizados no local. Vale ressaltar que o material arqueológico localizado na ocasião foi identificado, cronologicamente, como sendo compatível com os séculos XIX e XX.

O material de construção se encontra representado por dois fragmentos de peça de revestimento, mais especificamente de azulejo branco. Os fragmentos não apresentam referência do fabricante e nem impregnação do material cimentante utilizado em sua fixação.

Duas peças, em ferro, foram identificadas, neste conjunto, como instrumentos de trabalho: um escopo e uma peça não identificada apresentando um corpo longo e cilíndrico apontado. Ambas se apresentam oxidadas.

Outra categoria de material arqueológico móvel registrado no Riacho consiste em peças e fragmentos de peças relacionadas à alimentação. São fragmentos de peças do serviço de mesa em faiança fina e uma peça do serviço de alimento líquido em grés e exemplares de talher em metal, sendo a grande maioria em aço inox.

No que se refere às peças do serviço de mesa, foram identificados fragmentos de pratos, garrafa, colheres, garfos e faca. Dentre o conjunto, foram identificados fragmentos de bordas e base de peças em faiança fina branca apresentando decoração Shell Edged nas cores verde e azul, e apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer azul, mais especificamente fragmentos de Flow Blue. Material compatível com o século XIX, produção britânica. Registrou-se ainda fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração pintada com pincelada fina a mão livre, no estilo “Sprig”. Também integra este conjunto fragmento de prato apresentando como motivos e padrão decorativo, frisos e faixas.

A garrafa identificada nesta coleção se encontra representada por um fragmento de bojo, em grés, de garrafa do tipo britânico. Trata-se de uma produção britânica do início do século XX.

O conjunto de talher que integra esta coleção inclui exemplares de colherinha de café, de chá, de sobremesa, de sopa e até de açúcar, garfos, sendo um de sobremesa e facas. A presença da colher de açúcar revelou a existência de um faqueiro mais completo e, principalmente mais refinado. A maioria dos talheres foi confeccionado em aço inox e apresentam referência de fabricantes brasileiros, do século XX.

Testemunho da presença militar na ilha pode ser observado também nesta categoria de material, pois foram registradas duas peças, uma colher e um garfo, que apresentam insígnia das forças armadas brasileiras impresso, em relevo, em seu cabo. A insígnia do Exército Brasileiro pode ser visto no cabo de uma colher de sopa, enquanto que um dos garfos apresenta a insígnia da Força Aérea Brasileira.

Um osso longo não humano, de animal de médio porte foi localizado durante os trabalhos de desassoreamento do Riacho.

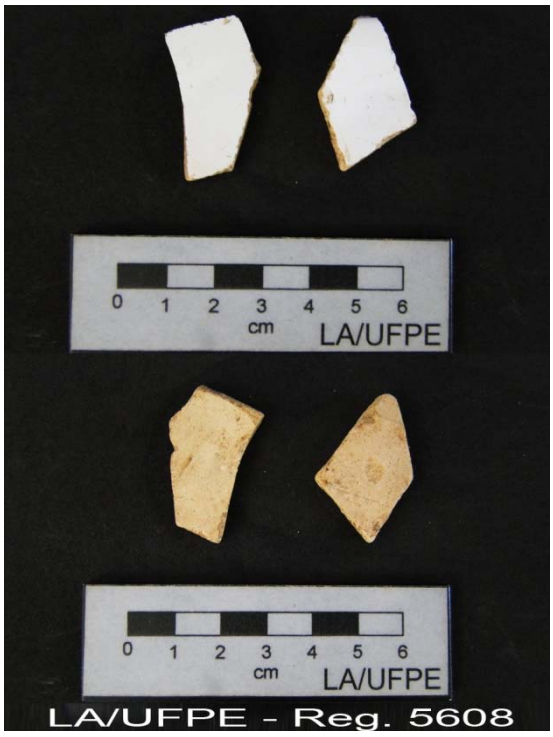
Integram ainda o material registrado no Riacho, fragmentos de peças em faiança fina branca, alguns sem decoração e outros apresentando decoração aplicada por carimbo. Material compatível com os séculos XI e XX. Além de fragmentos de pequenas tigelas conhecidas como Bandadaware. Produção britânica, século XIX. E

fragmento de borda de peça em porcelana branca apresentando friso dourado no lábio e decoração fitomorfa, de origem e cronologia de produção não identificadas.

Foram também registradas peças não identificadas, em metal: um aro em ferro oxidado medindo cerca de 17 cm de diâmetro, de origem e cronologia de produção não identificadas e um fragmento longo de arame enrolado e amorfo, não identificado quanto à categoria funcional que integraria. Possivelmente origem de produção brasileira, século XX.

Catálogo do material arqueológico identificado no Riacho Mulungu

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO



Faces externas e internas de exemplares do material de construção, mais especificamente do material de revestimento: azulejo monocromático branco. Origem e cronologia de produção não identificadas.

INSTRUMENTO DE TRABALHO

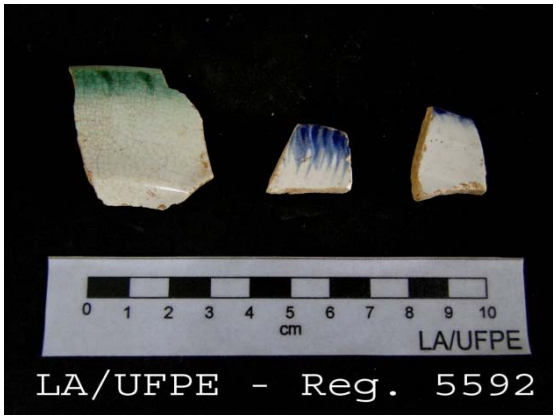


Instrumentos em ferro oxidado. Há uma ferramenta de trabalho, mais especificamente um escopo e uma peça não identificada apresentando um corpo longo e cilíndrico apontado.

MATERIAL RELACIONADO À ALIMENTAÇÃO



Fragmentos de peças do serviço de mesa em faiança fina apresentando decoração aplicada através da técnica do transfer azul, mais especificamente fragmentos de Flow Blue.



Fragmentos de bordas de três peças do serviço de mesa, em faiança fina branca apresentando decoração Shell Edged nas cores verde e azul. Material compatível com o século XIX, produção britânica. A peça da direita, entretanto, pode ser mais recente e não apresenta condições de identificação de sua origem de produção.



Fragmento de peça do serviço de mesa em faiança fina branca, apresentando decoração executada por pinceladas finas e grossas, com a ajuda do torno, formando frisos e faixas. Origem e cronologia de produção não identificadas, porém pode ser brasileira. Sua cronologia é compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmento de base de peça do serviço de mesa em faiança fina branca apresentando decoração pintada com pincelada fina a mão livre, no estilo “Sprig”.



Fragmento de bojo de recipiente em grés: garrafa do tipo britânico. Produção britânica do início do século XX.



Exemplares do serviço de mesa, mais especificamente do jogo de café e chá, constituído por colherinhas de café, chá e açúcar em aço inox, pertencentes a conjuntos de talher distintos. Século XX.



Colher de sobremesa em inox, com referência do fabricante em relevo: ELMO INOX. Produção brasileira do Século XX.



Colher de sobremesa em inox, com referência do fabricante em relevo: ELMO INOX e insígnia do Exército Brasileiro. Produção brasileira do Século XX.



Colher de sobremesa em inox, com referência do fabricante em relevo: ELMO INOX BRAZIL. Produção brasileira do Século XX.



Exemplar de peça relacionada à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa. Peça de talher: colher de sopa, com cabo incompleto, possivelmente por ter sido em outra matéria prima. Produção brasileira do Século XX.



Peças relacionadas à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa: colheres de sopa e sobremesa em inox, integrantes de jogo de talher distinto. Uma das colheres de sopa apresenta a insígnia do Exército Brasileiro. A outra com o cabo incompleto, possivelmente teria tido um cabo em outra matéria prima. Produção brasileira do Século XX.



Colher de sopa e de sobremesa em inox, com referência do fabricante: ELMO INOX. São do mesmo fabricante, porém de jogos de talher diferentes. Um outro detalhe as diferencia: a colher de sopa apresenta insígnia do Exército Brasileiro. Produção brasileira do Século XX.



Exemplares de peças relacionadas à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa, integrantes de conjuntos de talhe distintos. Estes garfos apresentam matéria prima, modelos e estado de conservação distintos. Um dos garfos apresenta, em relevo, a insígnia da Força Aérea Brasileira. Produção possivelmente brasileira do século XX.



Exemplar de peça relacionada à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa: garfo apresentando a insígnia da Força Aérea Brasileira em relevo. Produção possivelmente brasileira do século XX.



Exemplar de peça relacionada à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa: faca com inscrição em relevo: BRASZIL. Produção brasileira do século XX.



Conjunto de peças relacionadas à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa. São colher, garfo e faca integrantes de jogos de talher distintos. Observou-se que a colher de sopa, que apresenta o cabo incompleto, é de matéria prima distinta das outras duas peças.



Peças relacionadas à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa. São exemplares distintos de talher em inox: um garfo com insígnia da Força Aérea Brasileira e uma colher de sopa com a insígnia do Exército Brasileiro. Produção brasileira, do século XX.



Peças relacionadas à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa: faca e colher de sobremesa, em inox. A faca apresenta impregnação de tinta verde. Referência do fabricante pode ser observada em relevo na face posterior da colher.



Conjunto de peças distintas relacionadas à alimentação, mais especificamente ao serviço de mesa. São exemplares jogos distintos de talher: colheres de cafezinho, de chá, de açúcar, de sobremesa e de sopa, garfos e faca. Uma colher de sopa apresenta a insígnia do Exército Brasileiro e um dos garfos a insígnia da Força Aérea Brasileira. Produção brasileira, do século XX.

MATERIAL NÃO IDENTIFICADO



Osso não humano fragmentado.



Fragmento de peça em faiança fina branca sem decoração. Material compatível com os séculos XI e XX.



Fragmentos de peças em faiança fina branca sem decoração. Material compatível com os séculos XI e XX.



Fragmentos de duas peças distintas em faiança fina branca apresentando decoração aplicada por carimbo. Origem de produção não identificada e cronologia compatível com os séculos XIX e XX.



Fragmentos de peças em faiança fina branca, apresentando decoração executada por carimbo. Origem e cronologia de produção não identificadas, porém pode ser brasileira. Sua cronologia é compatível com os séculos XIX e XX.



Conjunto de fragmentos de peças conhecidas como Bandadaware.



Fragmento de borda de peça em faiança fina branca, apresentando decoração em azul. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmento de borda de peça em porcelana branca apresentando friso dourado no lábio e decoração fitomorfa. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Conjunto de fragmentos de peças pertencentes a categorias funcionais distintas: há representantes de peças relacionadas à alimentação em faiança fina e em porcelana e representantes do material de construção.



Peças não identificadas em ferro oxidado. O aro mede cerca de 17cm de diâmetro. Origem e cronologia de produção não identificadas.



Fragmento longo de arame enrolado e amorfo, não identificado quanto à categoria funcional que integraria. Possivelmente origem de produção brasileira, século XX.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

As atividades de Educação Patrimonial relativas ao “Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco” tiveram início em novembro de 2010 até maio de 2011. As ações foram realizadas em conjunto com o Gabinete de Arqueologia da Administração Estadual de Fernando de Noronha, representado pela arqueóloga Miriam Cazzetta.

O projeto contemplou a execução das seguintes ações:

1. Esclarecimento e capacitação aos funcionários da BR Construções sobre as atividades de Arqueologia;
2. Visitas guiadas às escavações arqueológicas, onde foram recebidos os moradores da ilha e turistas; horário de visitação: segunda a sexta-feira das 08:00h às 12:00 h e das 14:00 h às 16:00hs;
3. Apresentação do Projeto de Arqueologia aos membros do Conselho Distrital de Turismo de Fernando de Noronha, realizado no Auditório do Tamar em 02/12/2010;
4. Palestra no Auditório do Tamar em 08/12/2010 com o seguinte tema: “Arqueologia e a revitalização de sítios históricos de interesse turístico”; a palestra foi ministrada pelo Professor Marcos Albuquerque, coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE;
5. Aula de campo com os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola Arquipélago; Essas atividades foram realizadas no segundo semestre de 2010 e no primeiro semestre de 2011;
6. Esclarecimentos aos guias turísticos do Arquipélago de Fernando de Noronha;
7. Exposição do material arqueológico localizado durante as escavações na Vila dos Remédios no prédio do “Memorial Noronhense”, atual escritório de campo da Equipe de Arqueologia;
8. Exposição de painéis sobre a História de Fernando de Noronha;
9. Divulgação do andamento das escavações arqueológicas através de reportagem realizada pela TV Golfinho, rede local do Arquipélago de Fernando de Noronha; As reportagens foram realizadas nos dias 10/11/2010, 09/12/2010, 01/03/2011.
10. Divulgação dos resultados preliminares das escavações através do Programa “Nordeste Viver e Preservar” exibido pela TV Globo no dia 23/04/2011; Disponível em: http://pe360graus.globo.com/videos/cidades/meio-ambiente/2011/04/23/VID,21520,4,77,VIDEOS,879-ESCAVACOES-ARQUEOLOGICAS-DESCOBREM-NOVIDADES-FERNANDO-NORONHA.aspx . Acesso em 21 de maio de 2013.
11. Divulgação do trabalho por meio do site: www.brasilarqueologico.com.br.

Os resultados das ações educativas com alunos da Escola Arquipélago integraram o Projeto **Histórias e histórias de Fernando de Noronha**, executado pela Arqueóloga Mirian Cazzetta, do Gabinete de Arqueologia do Arquipélago.

O material educativo elaborado especificamente para o Projeto, bem como reportagem de divulgação da pesquisa foram anexados junto à cópia digital deste relatório.

Documentação fotográfica das atividades de Educação Patrimonial:



Figura 398- Esclarecimento aos funcionários da BR Construções sobre Arqueologia.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 399- Visitas guiadas às escavações arqueológicas.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 400- Exposição do material arqueológico.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 401- Exposição de banners sobre História da Ilha.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 402- Reportagem da TV Golfinho.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 403- Turistas e moradores em visita à exposição do material arqueológico.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 404- Assinatura do livro de visita à escavação.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

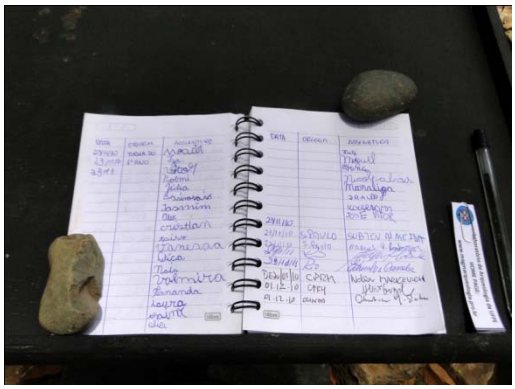


Figura 405- Detalhe do livro com assinaturas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 406- Aula de campo para alunos da Escola Arquipélago.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 407- Exposição do material arqueológico.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 408- Visita à Casa de Banho.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 409- Visita às estruturas na área do Armazém de Cereais.
Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 410- Oficina realizada por Mirian Cazzetta com simulação de uma escavação arqueológica onde as crianças puderam vivenciar o ofício do arqueólogo.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 411- Aula de matemática em campo.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 412- Desenho realizado por criança da Escola Arquipélago após as atividades de campo. No desenho Forte de Nossa Senhora dos Remédios.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

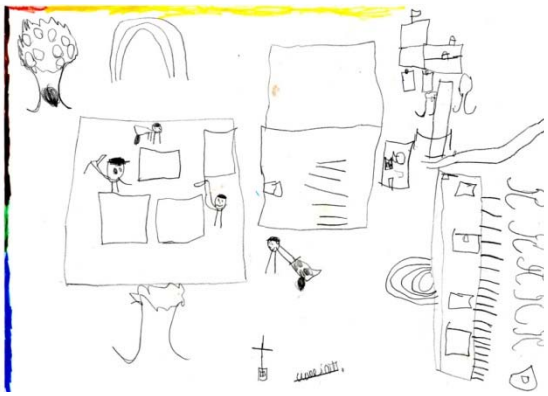


Figura 413- Desenho das escavações arqueológicas.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 414- Palestra realizada no auditório do Tamar.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.



Figura 415- Apresentação do Projeto de Arqueologia aos membros do Conselho Distrital de Turismo.

Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações e Recomendações

Os objetivos definidos no Termo de Referência[38] expedido pela Gerência de Desenvolvimento Urbano - Área de Proteção do Patrimônio Histórico - Arqueológico, concernente ao Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no Entorno do Forte Sant' Anna: Setor 1 refletem a preocupação para com as obras do Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no Entorno do Forte Sant' Anna, no sentido de se identificar o projeto construtivo e a distribuição espacial das estruturas do antigo conjunto urbano e de não vir a provocar danos a eventuais vestígios arqueológicos ali presentes. O resultado da pesquisa arqueológica realizada veio ao encontro daqueles objetivos, trazendo à luz parte da história cotidiana na Ilha. A exposição das alterações arquitetônicas nas edificações, havidas ao longo do tempo, revelou as mudanças de função e de uso dos prédios e das áreas. Evidenciou as mudanças de costumes e a forma como a sociedade compartilhava os espaços. Cada um destes assuntos foi tratado neste Relatório quando se abordou especificamente cada uma das áreas.

A pesquisa arqueológica em parte da Zona Histórico Cultural Vila dos Remédios resultou no cadastro de três novos sítios arqueológicos: Casa de Banho (FN 0001 LA/UFPE), Armazém de Cereais (FN 0002 LA/UFPE) e Estrada do Porto do Cachorro (FN 0004 LA/UFPE). Também foi possível complementar o cadastro do Reduto de Sant'Anna (CNSA Nº PE00023), com a realização de escavação em parte de um de seus baluartes, que para fins desta pesquisa recebeu o número de registro FN 0003 LA/UFPE.

As intervenções na área da Casa de Banho (FN 0001 LA/UFPE) permitiram a montagem de um quadro evolutivo e cronológico de sua ocupação, onde foi possível estabelecer, de forma relativa, a sua origem. Nesse contexto, as ruínas da edificação destinada ao banho público são testemunho da ocupação Ilha e do modo de vida da população que ali viveu. A Casa de Banho corresponde a um sítio arqueológico histórico, localizado na Vila dos Remédios, entre a Estação Elevatória de Esgotos do Cachorro (COMPESA) e a estrada de acesso à Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios. O sítio encontra-se inserido em área de vale por onde corre o Riacho Mulungu, apresentando altitude aproximada de 29m em relação ao nível do mar, com área de 189,5 m² (15,72m x 12,37m).

De acordo com documentação histórica, esta estrutura já existia e tinha uso consolidado e regrado em 1887, quando Pereira da Costa visitou a Ilha. O historiador pernambucano informa que era utilizada pelo pessoal administrativo do presídio. Os sentenciados utilizavam outra Casa de Banho pública que existia no porto do Cachorro, mantida com água oriunda de um reservatório da Floresta. Pereira da Costa exalta as propriedades medicinais das águas do Riacho Mulungu (PEREIRA DA COSTA, op. cit., p. 9). A documentação histórica referente à Casa de Banho remonta a segunda metade do século XIX, onde o texto extraído do Relatório sobre o Presídio de Fernando de Noronha, apresentado na Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambuco de número 27, pelo Cel. Antonio Gomes Leal, em 1887, relata que no local existiam: "duas pequenas casas ou quartos cobertos de telhas, servindo um de depósito d'água, e outro de banheiro dos officiaes e empregados." (LEAL, 1877:173).

[38] Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no Entorno do Forte Sant' Anna : Setor 1 – referente ao PROCESSO Nº. 011/2009

As escavações arqueológicas revelaram feições distintas da área que remetem a sua utilização desde, provavelmente, fins do século XVIII até a segunda metade do século XX. Durante a pesquisa arqueológica foram identificadas estruturas de cronologias distintas onde foi possível resgatar vestígios dos dois cômodos descritos em 1887 pelo Cel. Antonio Gomes Leal. As estruturas estavam soterradas por camada de aterro (com espessura variável entre 0,10 e 2m) que se acumulou na área desde a desativação da Casa de Banho. Na camada de aterro foi identificado material arqueológico móvel, onde a maior parte dos vestígios apresenta cronologia dos séculos XX e XXI. Em meio ao material recente foram identificadas algumas peças históricas, fora de seu contexto arqueológico primário, tais como: projétil de canhão esférico em ferro, fragmento de prato de faiança portuguesa, fragmentos de faiança fina, entre outros.

O estudo arqueológico da área permitiu a identificações de elementos que permitiram a reconstituição da área ocupada pela Casa de Banho, evidenciando seus usos até os dias atuais. Após as escavações arqueológicas, com a remoção do aterro, foi possível constatar que em períodos chuvosos a área é inundada pelas águas do Riacho Mulungu, sendo necessária a realização de intervenções no local para impedir o alagamento. Neste Projeto não foi possível realizar escavações no interior da cacimba do Riacho Mulungu por conta de problemas estruturais, sendo necessária a realização de reparos urgentes.

O segundo sítio arqueológico histórico registrado corresponde ao Armazém de Cereais (FN 0002 LA/UFPE). Está localizado na Vila dos Remédios, entre o Reduto Sant'Anna e a Estação Elevatória de Esgotos da Compesa, defronte à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Encontra-se inserido em área de vale próximo ao Riacho Mulungu, apresentando altitude aproximada de 29m em relação ao nível do mar. Apresenta área de aproximadamente 1.050 m², deste total foram escavados aproximadamente 474 m² (55m x 19m).

O referido Armazém encontra-se bastante modificado, onde aparece na iconografia apresentando feição e tamanho diferentes da estrutura de lojas que ocupam parte do que fora o Armazém. A pesquisa arqueológica no local objetivou a identificação de parte do espaço ocupado pelo primitivo Armazém de Cereais.

As referências históricas relativas ao Armazém de Cereais informam que originalmente esta estrutura fazia parte do Reduto de Sant' Anna, tendo servido como quartel. Sua origem deve remontar, portanto, a meados do século XIX, quando foram feitas obras de ampliação no reduto. O relatório de Antônio Gomes Leal (LEAL, 1873) indica a existência de quatro armazéns cobertos com telhas, certamente incluindo nessa contagem essa estrutura. As dimensões da estrutura, segundo informação de 1877, são de 30m de frente por 16m de fundo.

O local funcionou como Armazém de Cereais até 1929, sendo transformado em "Garage do Presídio" em 1931 (SILVA, 2007, p. 113). Em 1938, em documentário fotográfico, já aparece com platibanda. Também foi utilizado ainda como almoxarifado e oficina. Chegou a servir como residência, mas depois caiu em abandono. Na década de 1990, parte do Armazém foi reerguido para atender a fins comerciais e turísticos, todo a espaço interno foi reformado para abrigar a "Bar do Cachorro"; uma bateria de sanitários, uma das empresas de mergulho da ilha - a "Noronha Drivers" - e uma loja de artesanato (a "ilha Arte"). Na área restante, existem ainda alguns registros arquitetônicos da antiga casa. Junto a ela, existia também um gazebo coberto de

palha, que foi inteiramente destruído par um incêndio provocado por fagulha de fogos de artifícios, durante festa junina. (SILVA, 2007, p.116).

Este sítio foi escavado utilizando uma metodologia, em múltiplos estágios, constituída na realização de cortes-teste na área. Os cortes iniciais apresentaram profundidades entre 0,30 e 1m na parte calçada (Área 01 do Armazém) e na lateral da edificação existente do Armazém; entre 0,20 e 2m na parte sem calçamento (Área 02). Nestes cortes, foram identificados vestígios de edificações. A partir da identificação de estruturas, a escavação foi realizada por decapagem, com intuito de remover a camada de aterro recente e visualizar o conjunto dos vestígios, com cronologias distintas.

As escavações revelaram parte dos alicerces da primitiva estrutura do edifício, provavelmente da época em que o mesmo integrava o Reduto Sant'Anna (meados do século XIX), sendo posteriormente utilizado como Armazém de Cereais, denominação esta a qual a área ficou conhecida até os dias atuais. Os alicerces identificados apresentam divisórias com pelo menos quatro cômodos retangulares de dimensões distintas e a indicação de um quinto cômodo.

Sobrepostos aos primitivos alicerces foram localizados vestígios de edificações do século XX, onde foi possível identificar uma residência na área 02 da escavação. A residência apresentava no mínimo quatro cômodos, onde no local do banheiro foi localizada banheira de ágata, marca de vaso sanitário e marcas de tonéis de ferro. Abertura para portas e janelas também foram identificadas. Ainda foi possível, a partir da realização de cortes no interior da referida residência, identificar elementos edificados que indicam uma distribuição de cômodos distintos da feição identificada. O que indica em ocupação anterior do local onde foi possível identificar paredes e pisos distintos.

Ainda foram realizadas escavações em área com vestígios de estruturas na parte posterior do Armazém existente (Loja Arte Noronha). As intervenções arqueológicas no local permitiram a identificação estrutura de patamares distintos, onde o acesso era realizado por escada lateral. A área correspondia a um banheiro (Área 04), onde foi identificada a cômodo que continha vaso sanitário, fossa e cômodo para banho, este último localizado na parte mais baixa da edificação. Provavelmente este banheiro integrava alguma edificação do século XX existente no local.

Em suma, as escavações revelaram parte dos alicerces primitivos da edificação e uma sucessão de usos distintos do local, onde pode-se observar o reaproveitamento das estruturas já existentes e a utilização de restos de material de construção utilizados anteriormente. Isso se deve a escassez desse tipo de material no Arquipélago, fato este que perdura até os dias atuais.

O terceiro sítio histórico identificado corresponde à parte da antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro (FN 0004 LA/UFPE), que existiu nas proximidades do Armazém de Cereais.

O pavimento (em pedras) da estrada, que se encontrava totalmente aterrado, foi identificado durante as escavações arqueológicas do Armazém de Cereais. A estrada encontra-se inserida em área de encosta/ vale por onde corre o Riacho Mulungu. O local apresenta altitude ente 28 e 29m. Durante as intervenções arqueológicas foram abertas duas trincheiras que confirmaram que o piso identificado correspondia à antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro. As trincheiras foram escavadas no limite dos alicerces do primitivo Armazém de Cereais. Após o estudo a área foi novamente aterrada para evitar danos causados pelo escoamento de águas pluviais. Ainda foram

localizados vestígios de um pontilhão sobre o Riacho Mulungu, que integrava a estrutura da estrada.

A estrada identificada foi documentada em registro fotográfico de 1924, pertencente à Coleção de Lacoste e disponibilizada pelo Programa de Resgate Documental da Administração Estadual de Fernando de Noronha.

Por fim O Reduto Sant'Anna (CNSA Nº PE00023) integrou o Sistema defensivo da Ilha de Fernando de Noronha, guarnecendo o seu porto, o "Porto Velho" ou “Porto do Cachorro”. A fortificação já existia em 1798. Abrigou contingente e materiais da Marinha, vindo a se chamar também Reduto do Arsenal ou do Armamento. É também conhecido como Reduto do Armazém e foi ainda popularmente apelidada de “Salgadeira” por serem suas muralhas usadas para salgar peixe. Arruinada em 1841 foi reformada em 1846, posteriormente foi desarmada e transformada em quartel. Sediou também várias oficinas de “indústrias artísticas”. Apesar de uma parte considerável de suas estruturas internas (quartel) terem sobrevivido até os anos 1980, na atualidade pouco resta de pé.

O Projeto englobou o estudo de uma porção não calçada da edificação que atualmente é utilizada, em parte, pelo empreendimento comercial “Bar do Cachorro”. O Bar está localizado em um baluarte da fortificação.

A porção estudada do Reduto Sant’Anna está situada entre o Armazém de Cereais e o acesso principal do Reduto Sant’Anna. Encontra-se inserido em área de encosta, nas proximidades do vale por onde corre o Riacho Mulungu, apresentando altitude aproximada de 29m em relação ao nível do mar. O local apresenta área aproximada de 412 m² (22m x 19m). Neste setor a pesquisa arqueológica buscou identificar elementos defensivos relacionados à fortificação.

A escavação no local permitiu a identificação de material arqueológico móvel e a vestígios de edificações. No local foi identificada “guarita”, observada em documentários fotográficos das décadas de 20, 30 e 40 do século XX, e outra edificação, documentada em fotografia do edifício do Armazém em 1938. Durante as intervenções arqueológicas realizadas na área da “guarita” foi possível identificar o seu uso como uma “sentina”, apresentando abertura para o escoamento dos dejetos. Ainda foi identificado material arqueológico móvel, onde se destaca um projétil esférico de canhão identificado durante a realização de cortes na local, limitados por afloramentos rochosos.
Recomenda-se um trabalho arqueológico específico na área do Reduto Sant’Anna (CNSA PE00023).

A ficha de sítio apresentada corresponde a uma complementação do registro do sítio cadastrado no IPHAN denominado PE00023, Reduto Sant’Anna, e apresenta dados relativos ao estudo de pequeno trecho da área da Fortificação.

As fichas de registro, em modelo compatível com o Cadastro do CNSA/IPHAN, seguem em meio físico, no apêndice deste relatório, e em meio digital, em banco do Microsoft Access (mdb).

Por fim, o estudo realizado também trouxe à tona questões cuja solução foge ao escopo do trabalho, cabendo apenas aponta-las e no máximo sugerir soluções. A maior parte destas questões foi tratada durante as visitas de fiscalização; várias delas solucionadas, outras, no entanto, ainda demandam solução:

- Elaboração de um projeto específico de consolidação das estruturas localizadas na ‘Casa de Banho’.
- Elaboração de um projeto específico de proteção das estruturas localizadas na ‘Casa de Banho’, tendo em vista que sua exposição às chuvas resultará na sua completa destruição haja vista a natureza do material com que foram erguidas.
- Elaboração de um projeto específico de desvio das águas pluviais provenientes da Estrada Velha do Porto que atualmente adentram a área através de uma manilha, em demanda do riacho.
- Restabelecimento do curso original da Estrada do Forte, evitando-se a proximidade exagerada com a estrutura da ‘Casa de Banho’ quando da passagem (ainda que eventual) de veículos transportando material para o Forte dos Remédios.
- Restauração do corpo da cacimba, no trecho abaixo da linha d’água que se encontra danificado.

O resultado desta pesquisa arqueológica, que necessariamente implicou em convivência tanto com os ilhéus, como com turistas de diferentes nacionalidades, demonstrou o grande potencial, em diferentes segmentos do arquipélago de Fernando de Noronha. O estudo e consolidação do sistema defensivo, seria um passo muito importante não apenas para a preservação do patrimônio cultural do arquipélago, mas que poderia ser associado a outros elementos do quotidiano, do paisagismo natural, incorporando-se às muitas atrações que tornam o local atração turística internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Cel. Alexandre de Barros e. Relatório sobre as fortificações. 1877.

ALBUQUERQUE, Marcos. Assentamentos militares: Una perspectiva en abordagem. Conferência Internacional de Arqueologia histórica Americana, 2ª, 16-20X. 1995, Santa Fé, Argentina. Atas I. Columbia, S. C. USA, the University of South Carolina. 1995, V. 14, p. 19-38.

ALBUQUERQUE, Marcos. Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - SAB, 6., Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: SAB/CNPq, 1992. v.2. p. 508-515.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. Fortes de Pernambuco: imagens do presente e do passado. Recife: Graftorre, 1999. 204 p., il.

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica, Arquitetura e restauração. Revista CLIO - Série Arqueológica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, UFPE, volume 1 - número 8, 1992, p.131-151.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Arqueologia Histórica e Restauração de Monumentos, Boletim do Depto de Historia, n.1. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1976, p.58-61.

BARKER, P.A. Techniques of Archaeological Excavation. London, 1977.

CANEPPA, Ten.Cel. Victorio. Relatório do Presídio de Fernando de Noronha apresentado pelo Senhor 1º Tem. Victorio Caneppa ao Presidente da República. Rio de Janeiro, agosto, 1938.

CAZZETTA, M. Caminhos do tempo humano - Vila dos Remédios Setecentista In: Arquipélago Fernando de Noronha. O paraíso do vulcão, p. 106-109. São Paulo: Terra Virgem, 2003.

_____. Paisagem e Passagens no Arquipélago Fernando de Noronha In: I Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. A Ilha de Fernando de Noronha: notícia histórica, geográfica e econômica. Recife, 1887.

GALINDO, Marcos (Org.). Viver e Morrer no Brasil Holandes. Editora Massangana, 2005.

HARRIS, E. Principles of Archaeological Stratigraphy. London, 1979.

IMBIRIBA, Major Mário Fernandes. Relatório Militar. Rio de Janeiro, agosto,1946.

LEAL, Cel. Antonio Gomes Leal. Relatório sobre o Presídio de Fernando de Noronha. Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambuco, nº27. Recife,1887.

LUCENA, Veleda. A Ocupação Humana e os Processos Deposicionais. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em Historia, n. 8, Serie Arqueológica - 3. Recife, UFPE, CNPq, 1986, p. 169-175.

LUCENA, Veleda. Estratigrafia Arqueológica: Processo de constituição e interpretação. Revista CLIO - Série Arqueológica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, UFPE, volume 1 - número 8, 1992, p.69-88.

LUCENA, Veleda. Abordagem geoarqueológica de sítios históricos. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - SAB, 6., Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: SAB/CNPq, 1992. v.2. p. 414-420.

LUCENA, Veleda. Participação da geografia na interpretação arqueológica. Dissertação de mestrado, UFPE, Recife, 1989.

MELLO, Mário Carneiro do Rego. Archipelago de Fernando de Noronha: geographia physica e política. Separata da Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambuco, Recife, 18(91): p. 1-44, março. 1916.

PENALVA, Gaston, pseudônimo. de Sebastião de Souza. Fora do Mundo (cenas e paisagens da ilha de Fernando de Noronha). Rio de Janeiro, Imprensa Guanabara, 1922.

SILVA, Marieta Borges Lins e. Fernando de Noronha: Imagens do Passado. Recife. Ed. Edificantes, 1992.

TEIXEIRA, Margareth Grillo; Teixeira, Gustavo Grillo; Moraes, Andrea. Plano de Controle Ambiental – PCA. Projeto de Revitalização Paisagística da Vila dos Remédios, Fernando de Noronha-PE. GM Grillo – Consultoria Ambiental e Geoprocessamento, Janeiro, 2010.

Texto eletrônico:

SOUSA, Rainer. História do banho. Site: História do Mundo. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-do-banho.htm> - acessado em 06/12/2010.

Exposição Regular – Museu da Limpeza Urbana / Casa de Banho de Dom João VI (MLU). Texto disponível em: < http://ondequando.com/event/50129/Exposição-Regular---Museu-da-Limpeza-Urbana---Casa-de-Banho-Dom-João-VI-(Mlu)/ > - Acessado em 18/01/2011.
Spoladore, Angelo. Intemperismo: Decomposição esferoidal. Disponível em <http://www.oocities.com/fundamentos_geologia/intemp.html> - - Acessado em 18/01/2011.

Sites:

Arquipélago de Fernando de Noronha. Disponível em: <http://www.fernandodenoronha.pe.gov.br> - Acessado em 18/01/2011.

EQUIPE

Equipe técnica e de apoio

O Estudo foi realizado com a participação dos seguintes profissionais:

Equipe técnica:

Marcos Albuquerque – Arqueólogo Coordenador
Veleda Lucena – Arqueóloga Responsável
Rúbia Nogueira – Arqueóloga Campo
Eleonôra Guerra – Arqueóloga Laboratório
George Cabral – Historiador
Doris Walmsley - Fotógrafa
Edson Leôncio – Auxiliar de Pesquisa
Alberes Silva – Auxiliar de Pesquisa

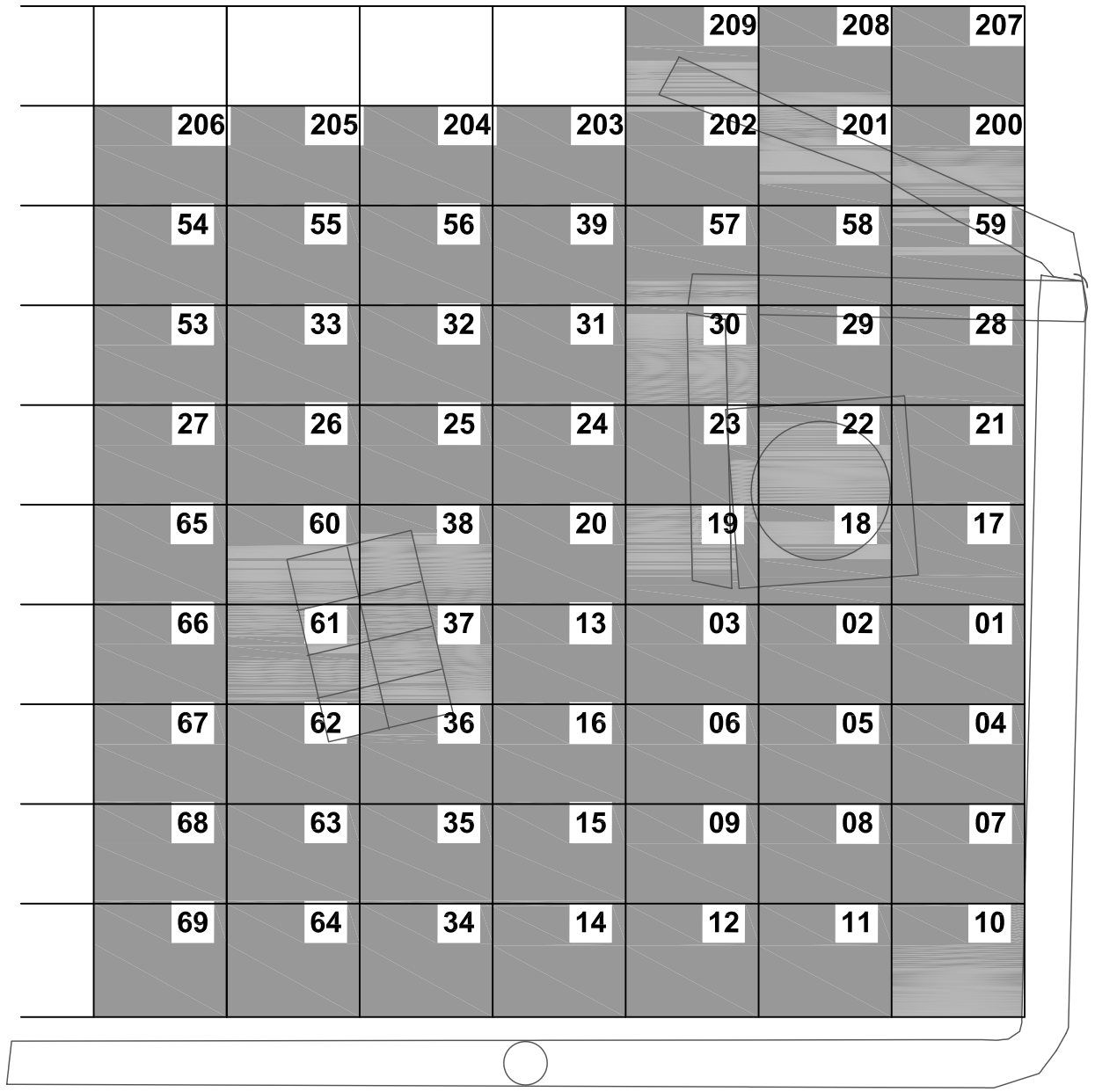
Equipe de apoio (em campo, da BR Construções)**:**

Helder Silva (Engenheiro responsável);
Márcio Lourenço da Silva Souza (Encarregado);
Aldemir José Melo Mendes (Auxiliar de campo);
Almir da Silva Lobo (Auxiliar de campo);
Edmilson Sebastião Ferreira (Auxiliar de campo);
Marcos Antônio Lopes de Araújo (Auxiliar de campo);
Ramon Pereira Rodrigues (Auxiliar de campo);
Alexandre Mendes (Auxiliar de campo);
Antônio Lourenço (Auxiliar de campo);
Tiago Ribeiro (Auxiliar de campo);
José Carlos da Silva Costa (Auxiliar de campo);
José André de Lima Silva (Auxiliar de campo);
Josivaldo Lourenço da Silva (Auxiliar de campo);
Manoel José da Silva (Auxiliar de campo);
Edigildo Correia de Lima (Auxiliar de campo);
Sebastião Miguel de Melo (Auxiliar de campo);

APÊNDICE

Apêndice 1

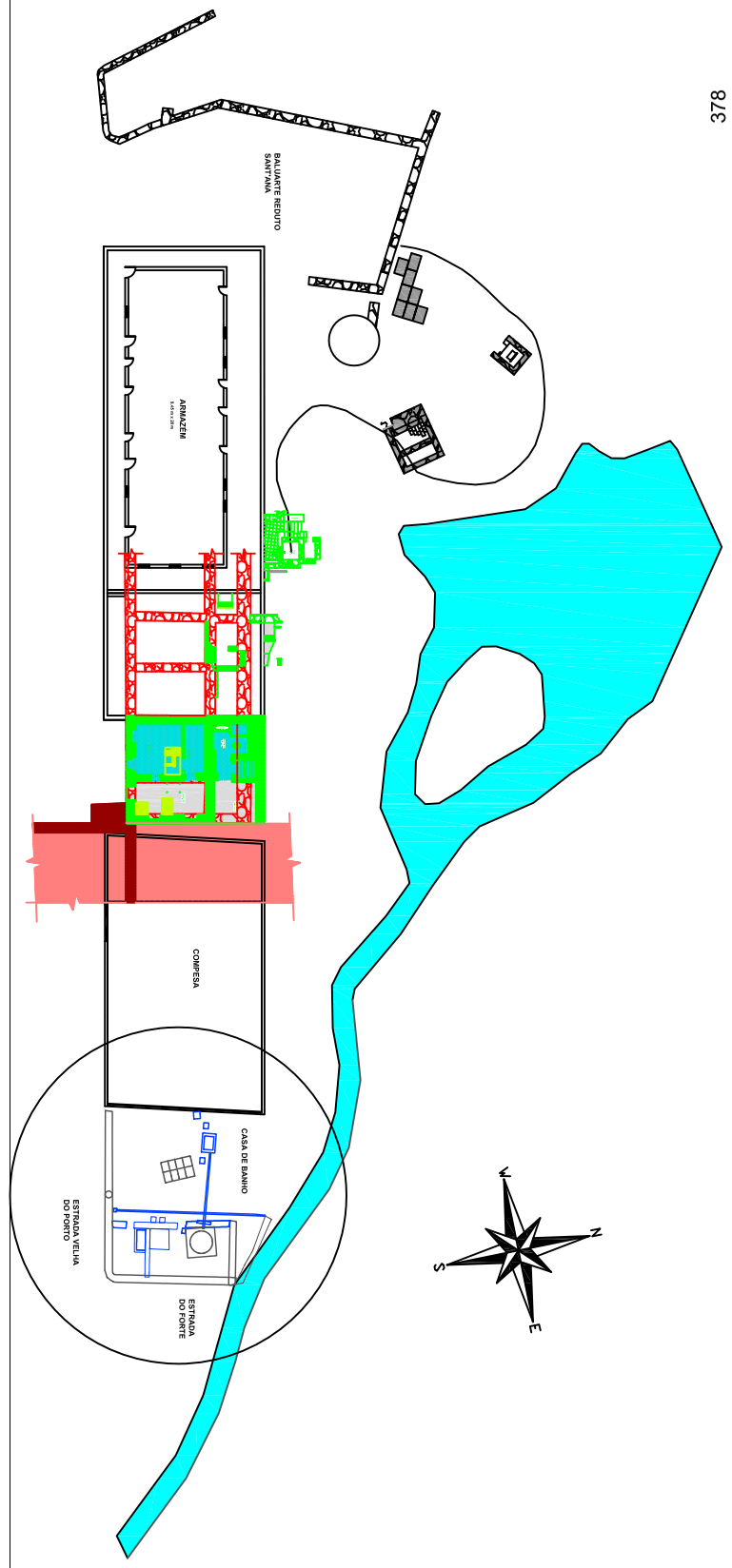
Planta com identificação dos cortes realizados durante a Pesquisa



PLANTA BAIXA COM REFERENCIAMENTO NUMÉRICO DA CASA DE BANHO.

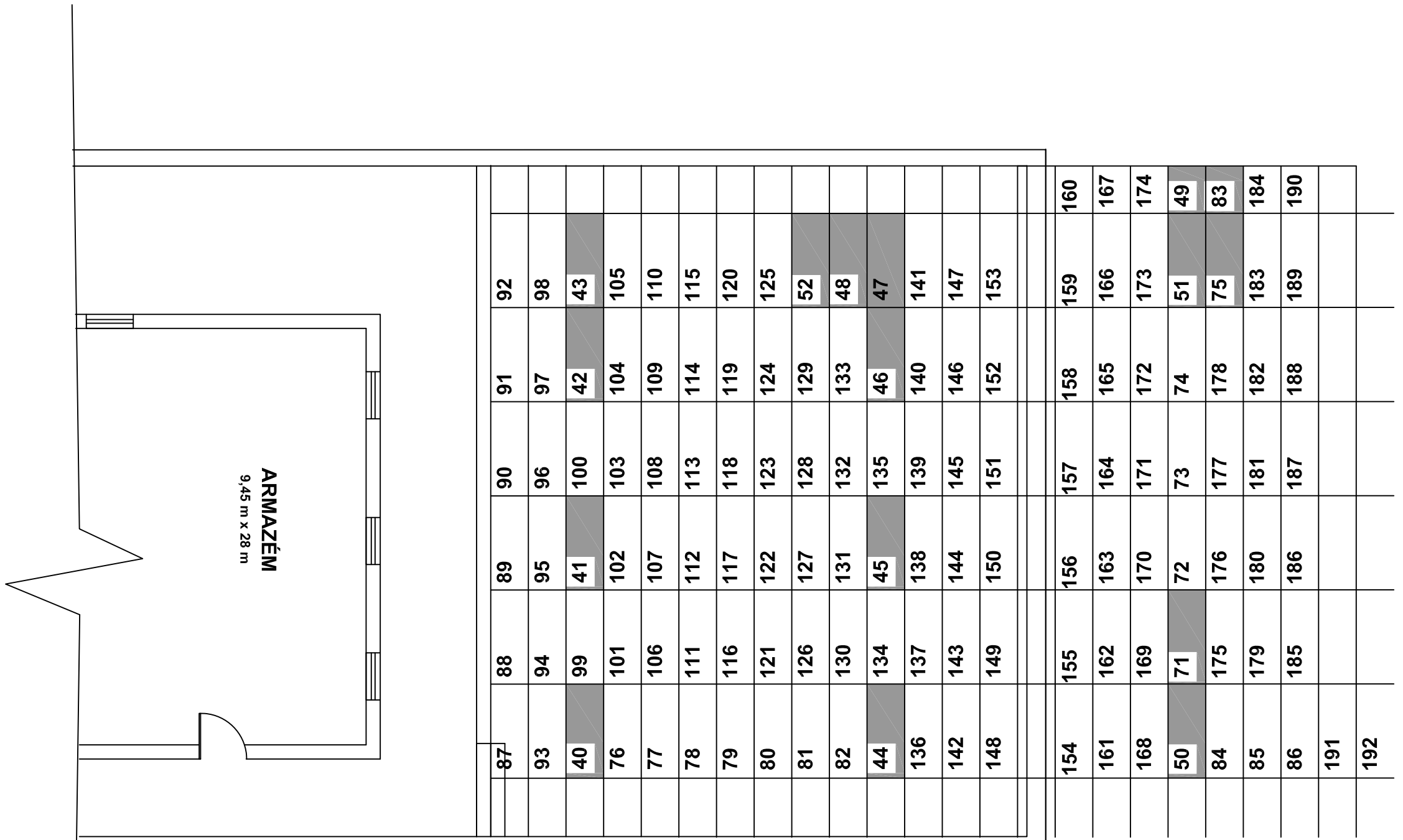
ESCALA: 1/100

Cortes escavados



ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE		
ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA	ESCALA: S/E	DESENHO: THALYTA
CONTEÚDO: **PLANTA BAIXA COM REFERENCIAMENTO NUMÉRICO DA CASA DE BANHO.**	DATA: 28/08/2013	
	PRANCHA: 11	



PLANTA BAIXA COM REFERENCIAMENTO NUMÉRICO DO ARMAZÉM DE CEREAIS.

ESCALA: 1/100

Área escavada por decapagem

Cortes escavados

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

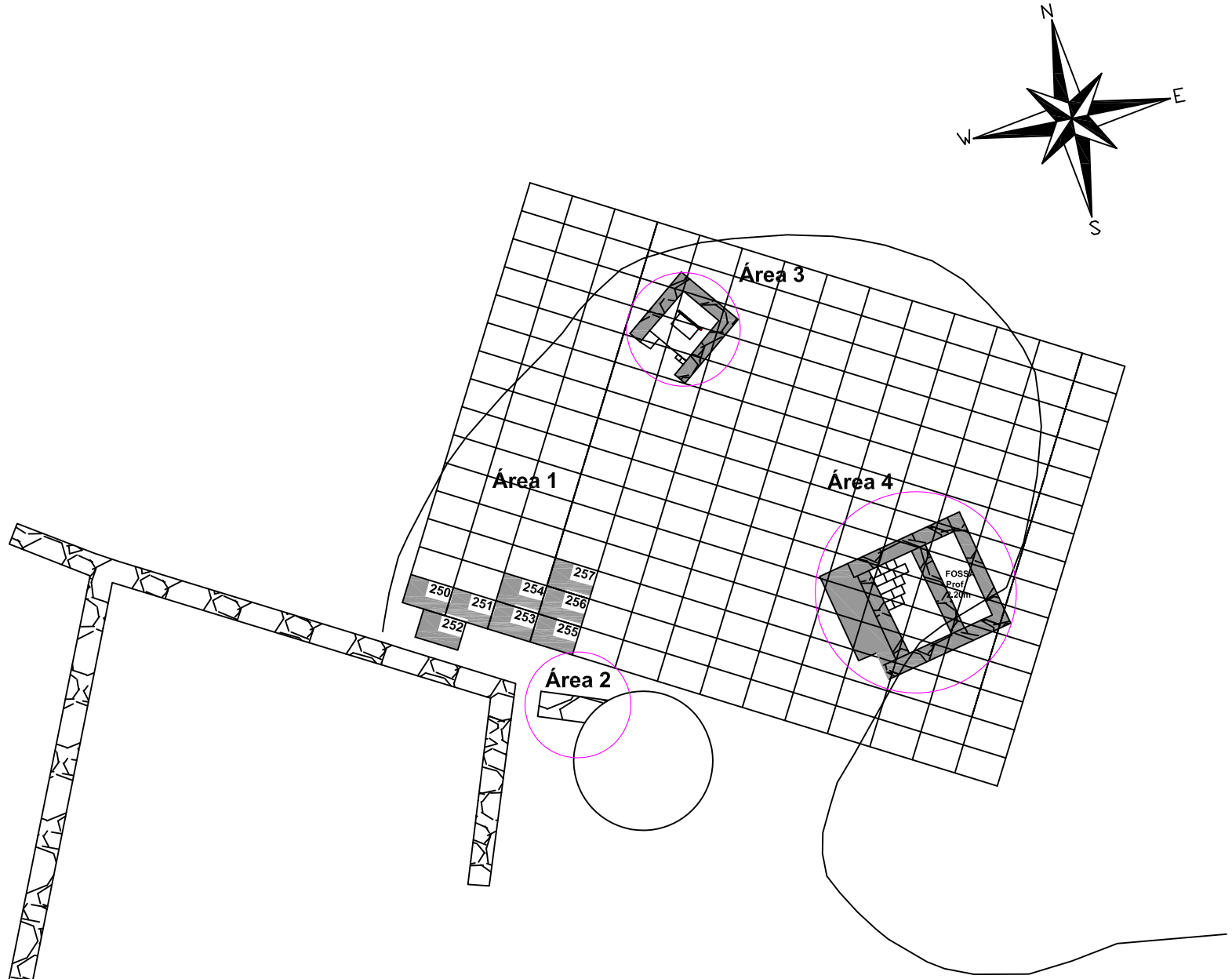
DESENHO: THALYTA

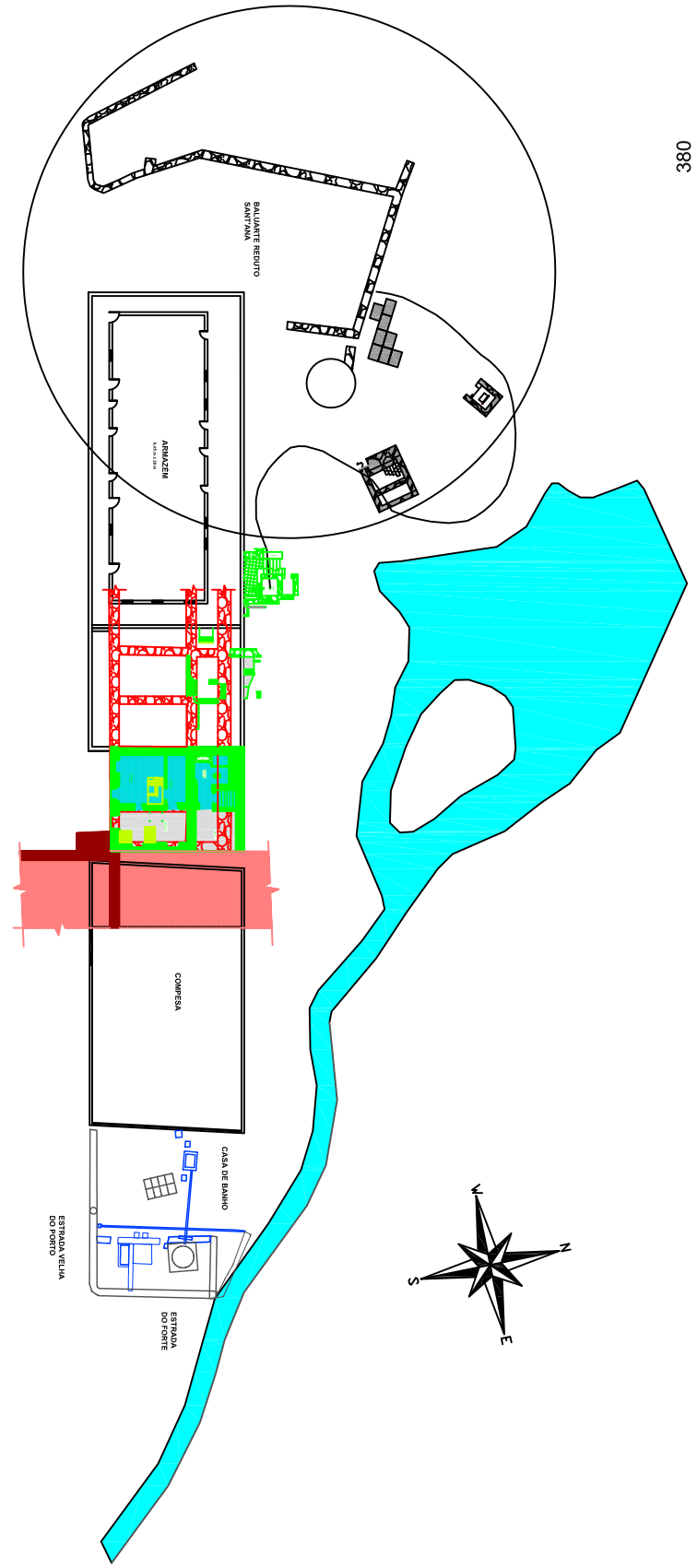
CONTEÚDO: **PLANTA BAIXA COM REFERENCIAMENTO NUMÉRICO DO ARMAZÉM DE CEREAIS.**

DATA: 28/08/2013

PRANCHA: 09

OLHA - A3





PLANTA BAIXA COM REFERENCIAMENTO NUMÉRICO DO BALUARTE REDUTO SANT'ANA

Cortes não escavados

Cortes escavados

Área escavada por setor

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL:
MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO:
RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

CONTEÚDO:
PLANTA BAIXA COM REFERENCIAMENTO NUMÉRICO DO BALUARTE REDUTO SANT'ANA

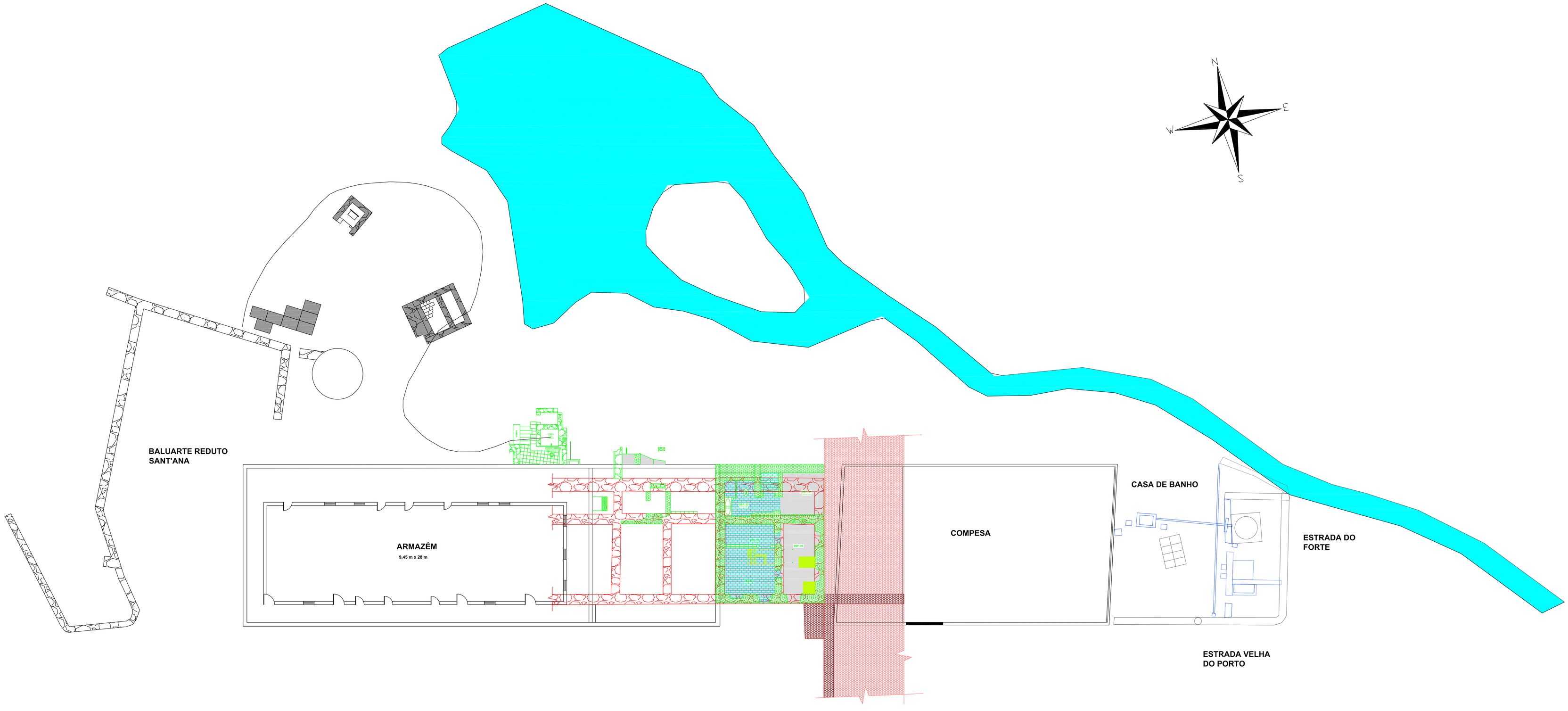
DATA: 22/08/2013

PRANCHA: 10

OLHA - A3

Apêndice 2

Planta geral das estruturas identificadas na Pesquisa Arqueológica



PLANTA BAIXA - LAYOUT GERAL

ESCALA: 1/75

LEGENDAS BALUARTE

- Estrutura de pedra.
- Parede de pedra.
- Piso cimentado.
- Árvore (Mulungu).
- Curva de nivel (27,5m).
- Cortes.
- Tijolos

LEGENDAS DA ESTRUTURA PRIMITIVA

- Alicerce do primitivo Armazém de Cereais (Área 01 e 02)
- Estrutura existente
- Estruturas de pedra

LEGENDAS DAS EDIFICAÇÕES DO SÉCULO XX

- Vestigios de edificações do século XX (Área 02)
- Parede de pedra
- Piso de tijolo, com cimentado
- Piso de tijolo
- Marcas de pilares
- Cano de ferro
- Piso de seixos
- Marca da bacia sanitária
- Parede de tijolo
- Estrutura de pedra

LEGENDAS DOS CORTES

- Cortes
- Piso de pedras
- Parede de pedra
- Parede de tijolo
- Piso de seixos

LEGENDAS DA ESTRADA

- Estrada - Área escavada (Área 03)
- Calçamento da estrada escavada
- Expectativa do calçamento da estrada

LEGENDAS BANHEIRO

- Banheiro (Área 04)
- Piso com revestimento de materiais diversos
- Parede de pedra
- Marca da bacia sanitária
- Cano de ferro

LEGENDAS DA CASA DE BANHO

- Estrutura existente
- Estruturas localizadas

Riacho Mulungu

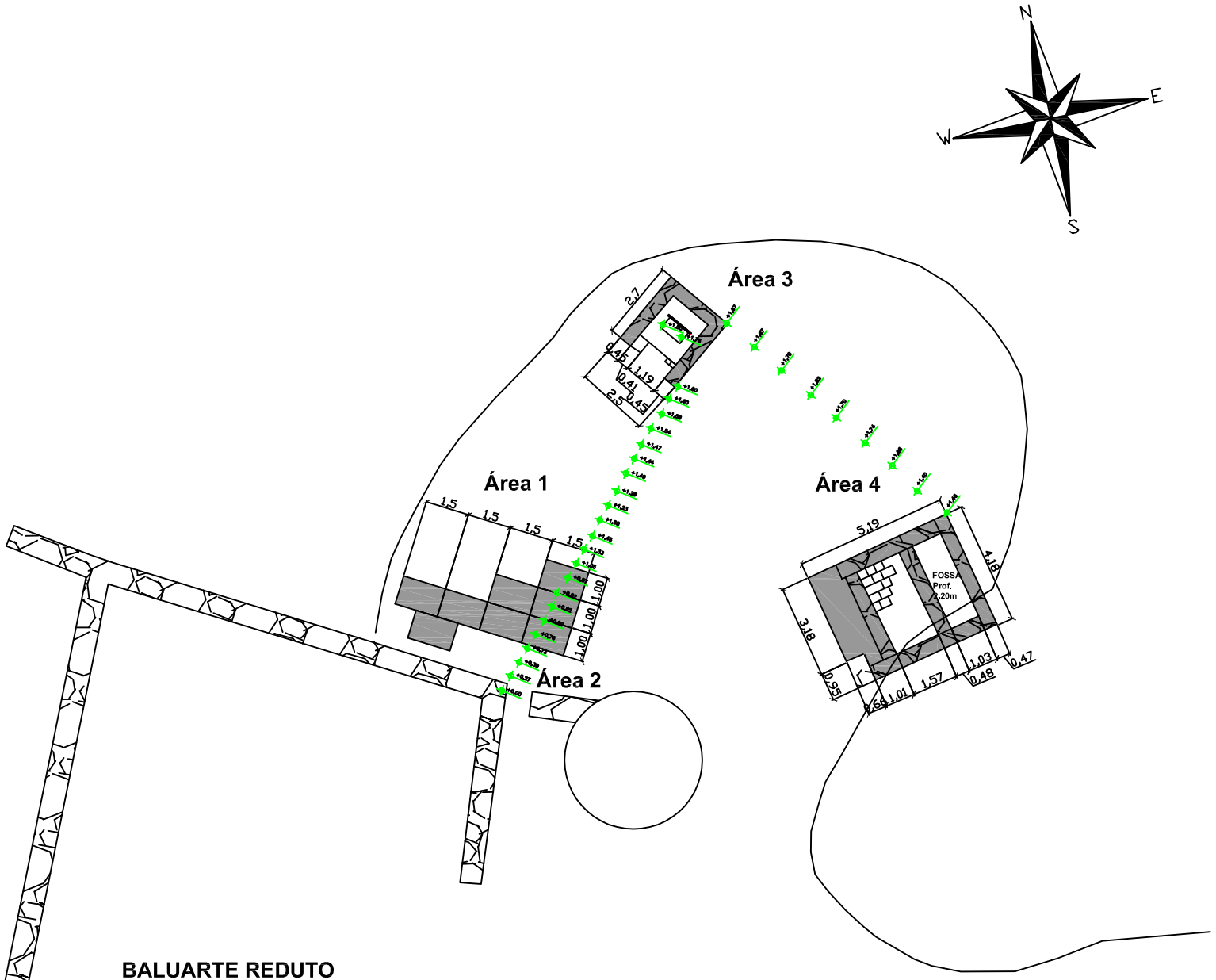
ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE		
ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA	ESCALA: 1:75	DESENHO: THALYTA
CONTEÚDO: **PLANTA BAIXA - LAYOUT GERAL**	DATA: 22/08/2013	
	PRANCHA: 08	

FOLHA - A0

Apêndice 3

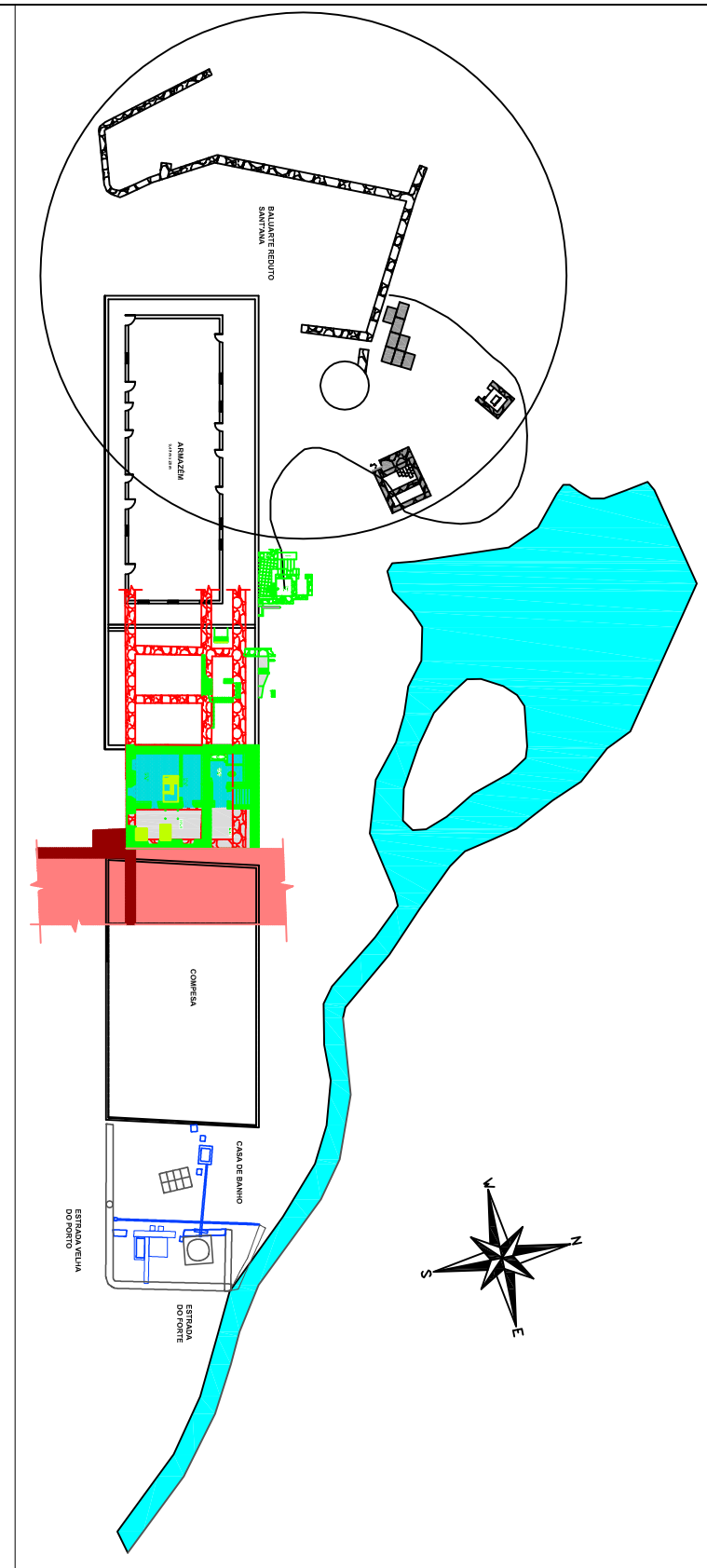
Plantas com indicação das cotas da Casa de Banho, Armazém de Cereais, estrada do Porto do Cachorro e Baluarte do Reduto de Sant'Anna



BALUARTE REDUTO SANT'ANA

LEGENDA:

- Estrutura de pedra
- Parede de pedra
- Piso cimentado
- Árvore (Mulungu)
- Curva de nível (27,5m)
- Cortes
- Tijolos



ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

DESENHO: THALYTA

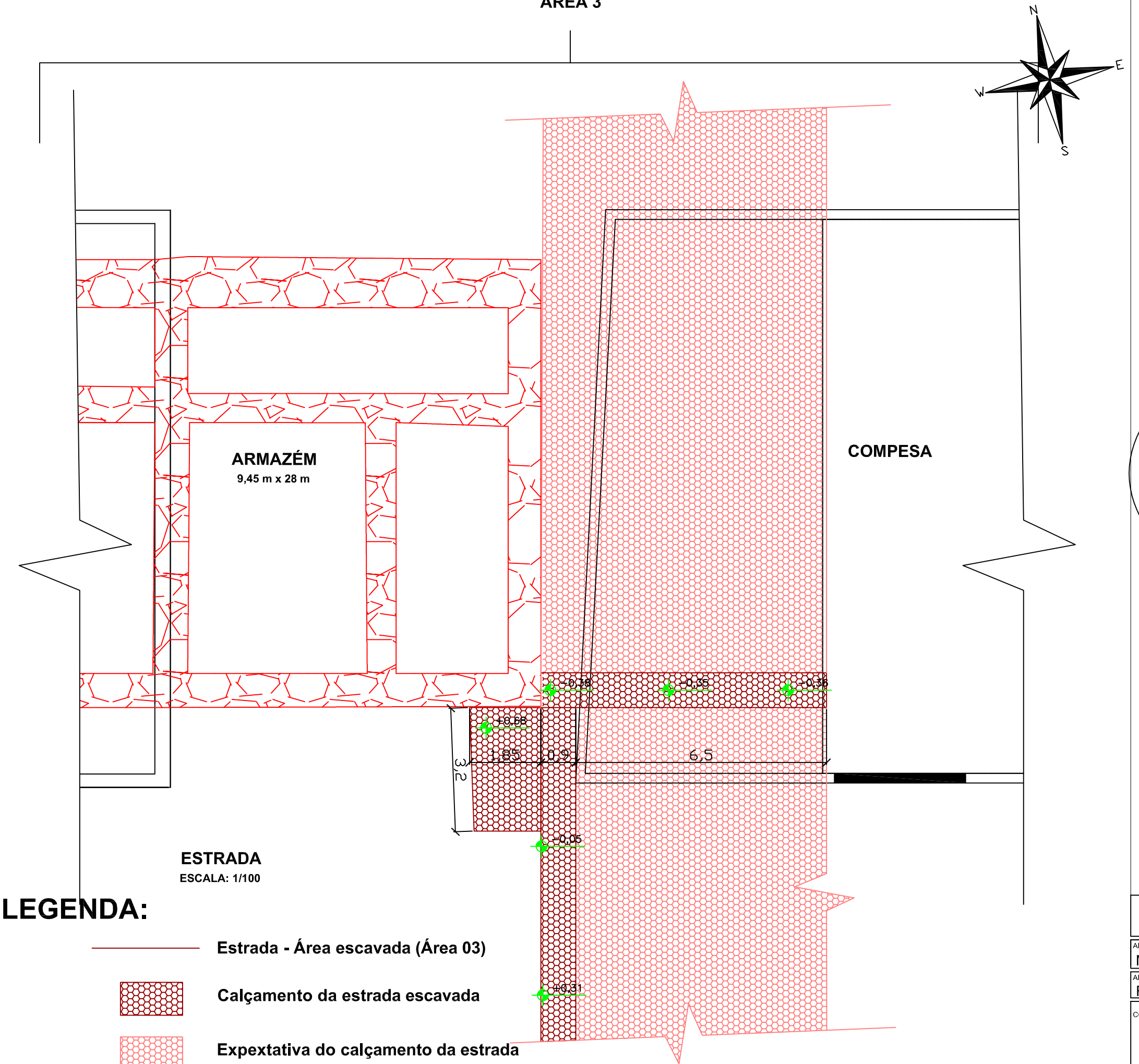
CONTEÚDO: **Planta geral das estruturas identificadas durante escavações no Baluarte do Reduto Sant'Anna**

DATA: 22/08/2013

PRANCHA: 07

FOLHA - A3

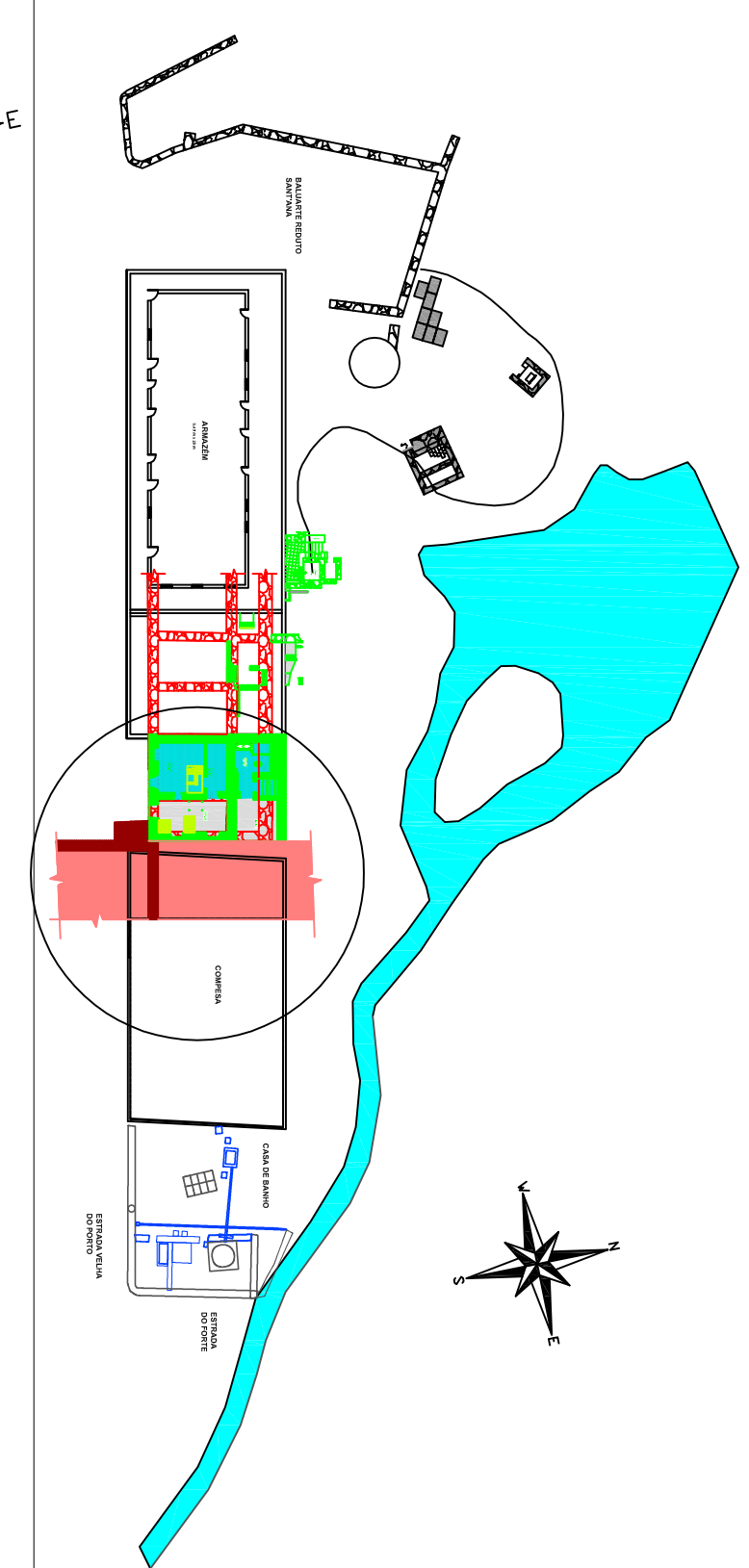
ÁREA 3



ESTRADA
ESCALA: 1/100

LEGENDA:

- Estrada - Área escavada (Área 03)
- Calçamento da estrada escavada
- Expextativa do calçamento da estrada



385

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

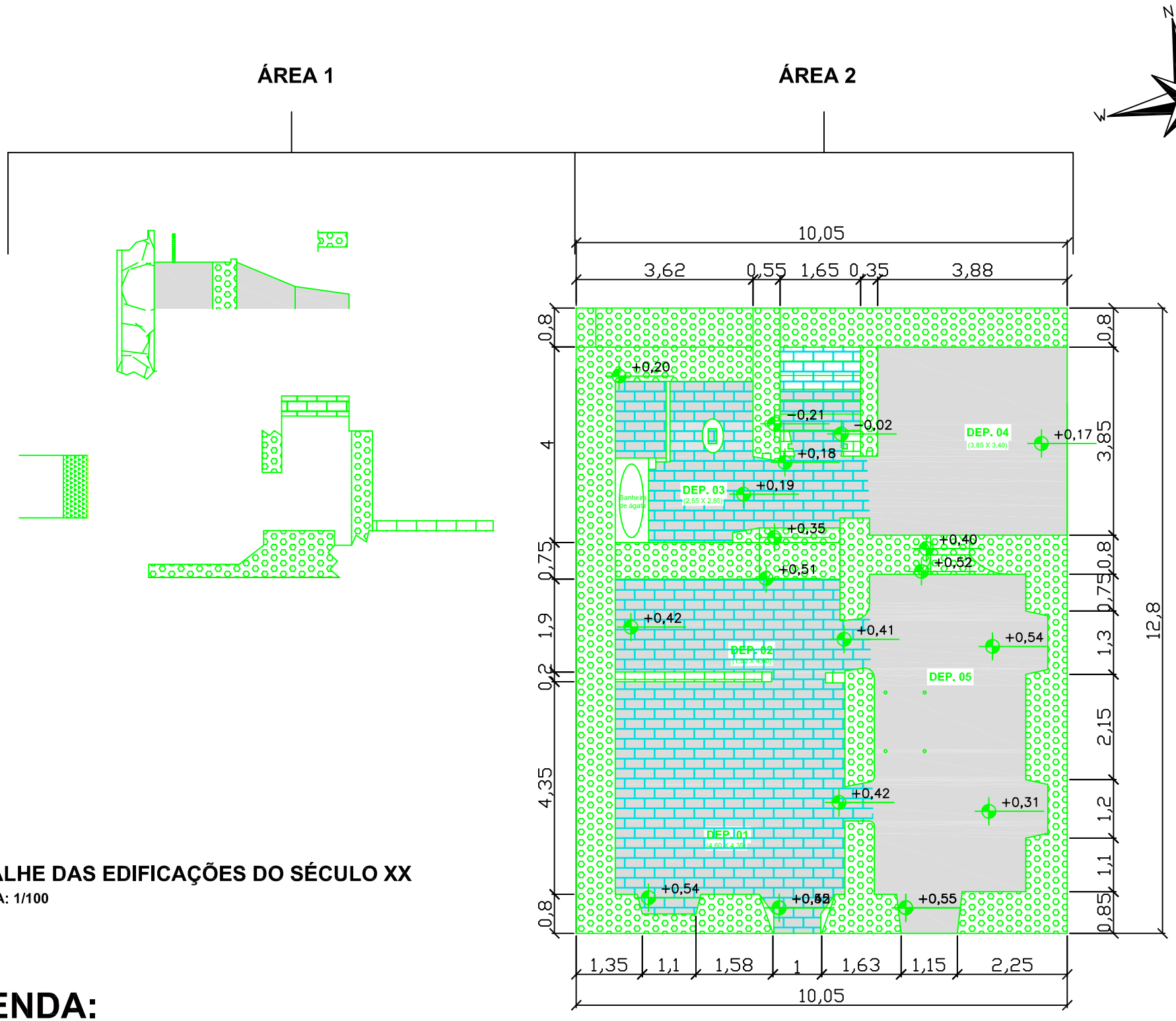
DESENHO: THALYTA

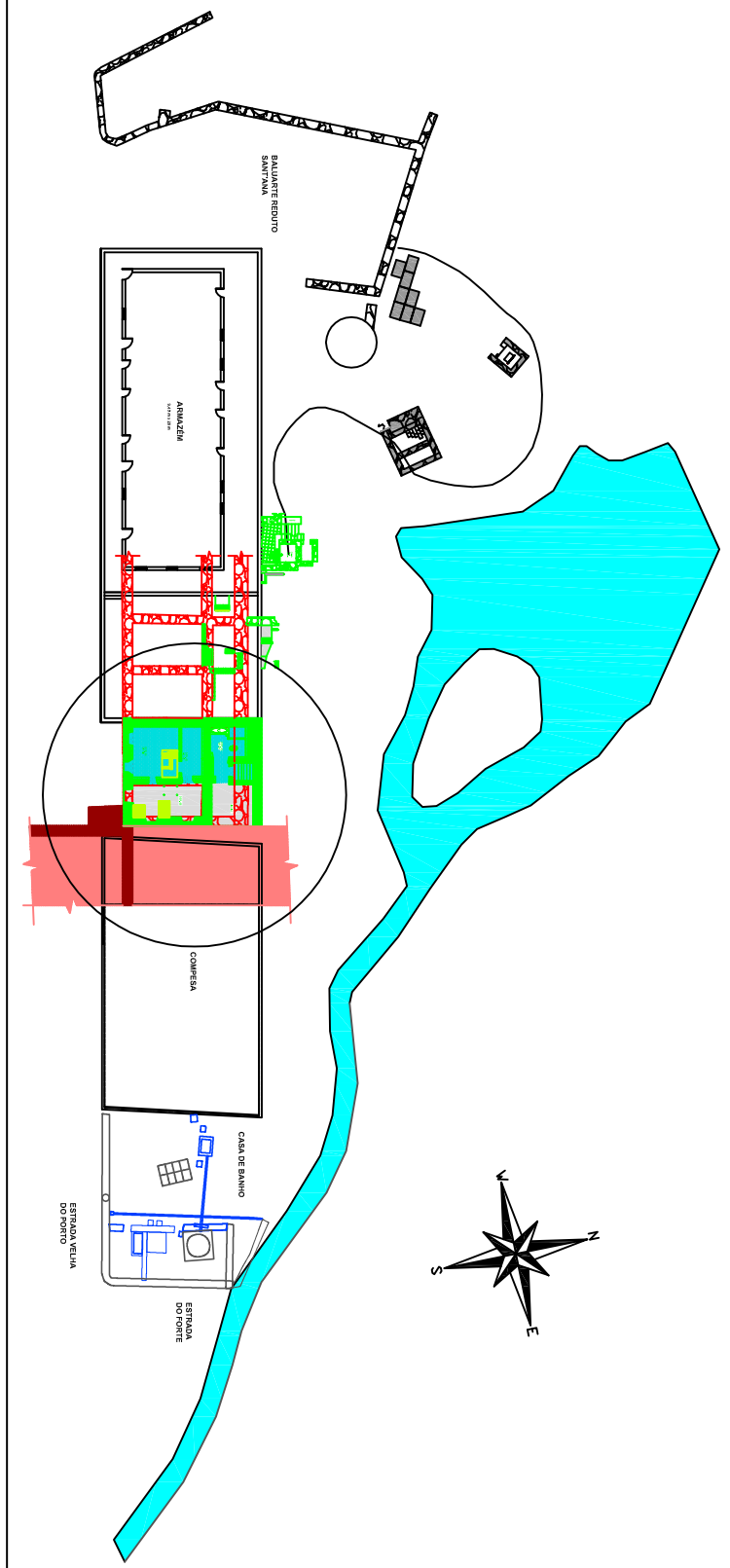
CONTEÚDO: **Planta da antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro (Área 03)**

DATA: 28/08/2013

PRANCHA: 05

FOLHA - A3





DETALHE DAS EDIFICAÇÕES DO SÉCULO XX

ESCALA: 1/100

LEGENDA:

- Vestígios de edificações do século XX (Área 02)
- Parede de pedra
- Piso de tijolo, com cimentado
- Piso de tijolo
- Marcas de pilares
- Cano de ferro
- Piso de seixos
- Marca da bacia sanitária
- Parede de tijolo
- Estrutura de pedra
- Piso cimentado

FOLHA - A3

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE		
ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA	ESCALA: S/E	DESENHO: THALYTA
CONTEÚDO: Detalhe da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os vestígios de edificações do século XX (Área 01 e 02)	DATA: 28/08/2013	
	PRANCHA: 02	

ÁREA 1

ÁREA 2

N

E

W

S

ARMAZÉM

9,45 m x 28 m

+0,49

+0,58

0,00

+0,19

+0,59

+0,26

+0,41

4,08 | 0,82 | 4 | 0,75 | 4,05 | 0,9 | 4,65 | 0,75 | 2,9 | 0,85

0,85 | 6,4 | 11,57

+0,14

+0,26

+0,30

0,85 | 2,22 | 1,25

+0,04

+0,25

+0,17

0,76 | 8,64 | 0,85 | 8,3 | 0,85

19,4

387

LEGENDA:

PLANTA BAIXA DO ARMAZÉM DE CEREAIS

ESCALA: 1/100

Alicerce do primitivo Armazém de Cereais (Área 01 e 02)

Estrutura existente

Estruturas de pedra

ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGO RESPONSÁVEL: MARCOS ALBUQUERQUE

ARQUEÓLOGA DE CAMPO: RÚBIA NOGUEIRA

ESCALA: S/E

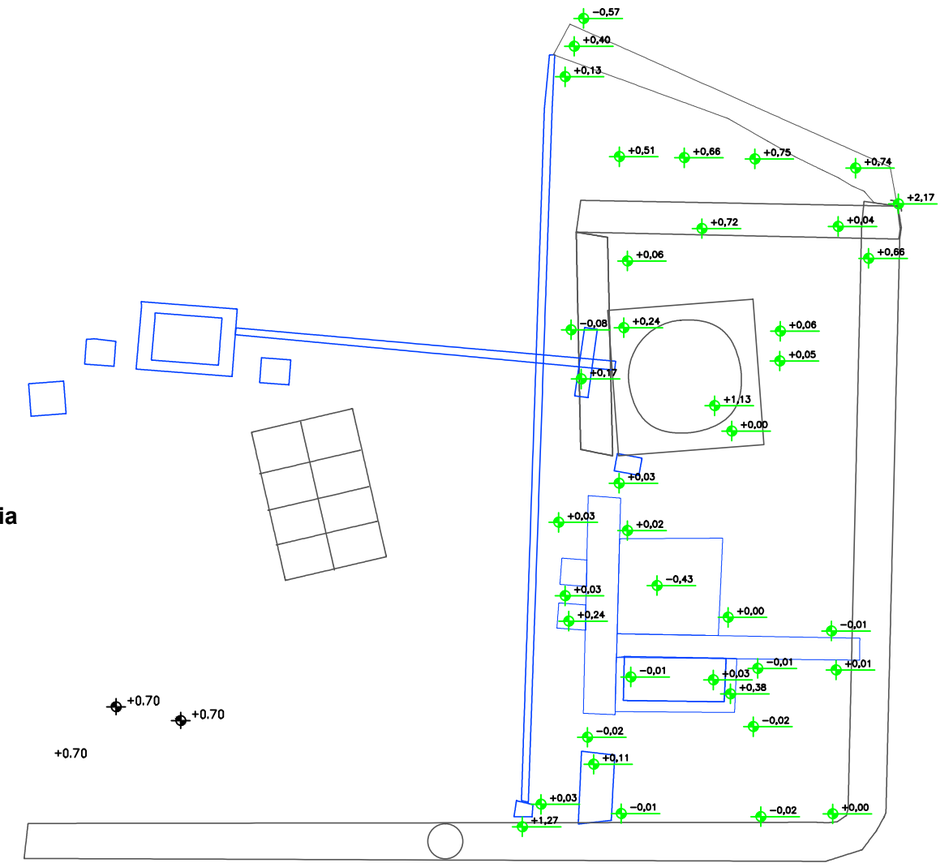
DESENHO: THALYTA

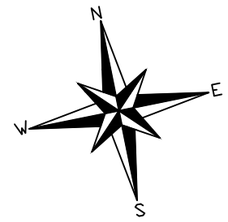
CONTEÚDO: **Planta da área escavada do Armazém de Cereais evidenciando os primitivos alicerces (Área 01 e 02)**

DATA: 28/08/2013

PRANCHA: 01

FOLHA - A3





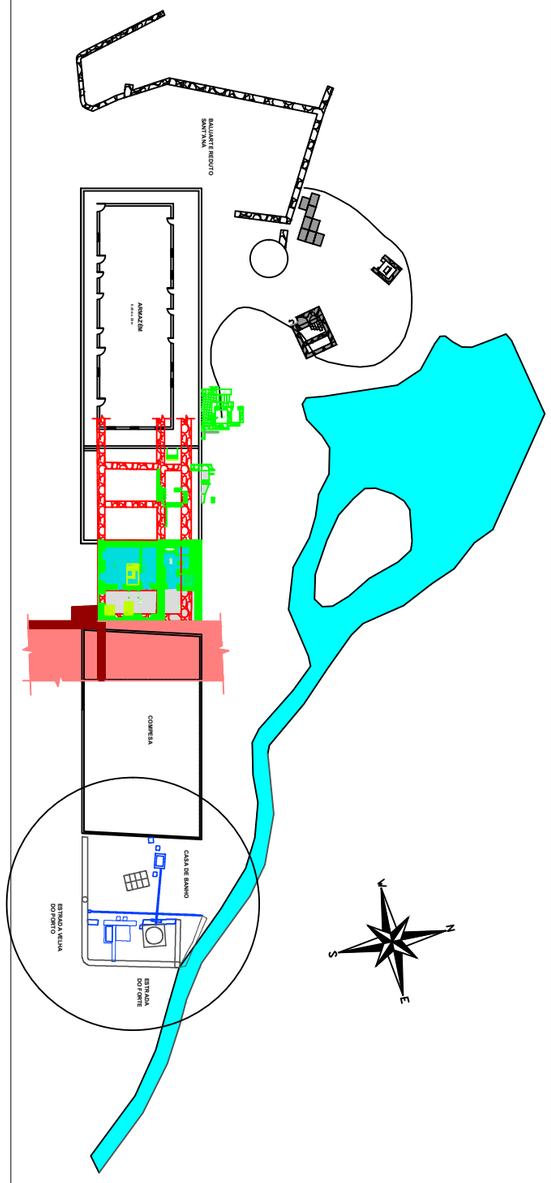
ESTRADA DO FORTE

ESTRADA VELHA DO PORTO

CASA DE BANHO

ESCALA: 1/100

Casa de banho. (Área 04)



ARQUEOLOG PESQUISAS

ARQUEÓLOGA RESPONSÁVEL: RÚBIA NOGUEIRA	ESCALA: S/E	DESENHO: THALYTA
CONTEÚDO: **Planta do banheiro localizado por detrás do Armazém de Cereais (Área 04)**	DATA: 22/08/2013	
	PRANCHA: 08/09	

FOLHA - A3

Apêndice 4

Fichas de registro de sítios para inserção no CNSA: FN0001 LA/UFPE (Casa de Banho), FN0002 LA/UFPE (Armazém de Cereais), FN0004 LA/UFPE (Estrada do Porto do Cachorro)

MINISTÉRIO DA CULTURA
Sist. Nac. de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos* - CNSA -

IPHAN
Depto. de Identificação e Documentação - DID

Nome do sítio: Casa de Banhos (FN0001 LA/UFPE)

Outras designações e siglas: FN001 LA/UFPE; Casa de Banhos - Vila dos Remédios **CNSA:**

Município: Fernando de Noronha **UF:** PE

Localidade: Vila dos Remédios, entre a estrada velha do Porto e a Estrada do Forte.

Outras designações da localidade: Localizada nas proximidades do Memorial Noronhense e a estrada de acesso ao Forte dos Remédios

Descrição sumária do sítio: Ruínas de edificação histórica destinada ao banho público onde as referênciias documentais históricas sobre a mesma são do século XIX. As escavações arqueológica revelaram a origem da casa de banhoes entre os séculos XVIII e XIX.

Sítios relacionados: FN002 LA,/UFPE, FN003 LA/UFPE, CNSA PE00016, CNSA PE00023

Nome do proprietário do terreno: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Endereço: Vila dos Remédios S/N Fernando de Noronha

CEP: 53990-000 **Cidade:** Fernando de Noronha **UF:** PE

E-mail: noronha@noronha.pe.gov.br **Fone/Fax:** (81) 3619-0800

Ocupante atual: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Acesso ao sítio: Acesso realizado pelo pátio da Igreja N. S. dos Remédios. A casa de banhos está situada na esquina entre a estrada velha do porto e a estrada de acesso ao forte de N. S. dos Remédios.

Comprimento: 15,72 **m** **Largura:** 12,37 **m** **Altura máxima:** **m** (a partir do nível do solo)

Área: 189,5 **m²** **Medição:** ◯ **Estimada** ◯ **Passo** ◯ **Mapa** ◉ **Instrumento**

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: **Órgão:** ◯ **IBGE** ◯ **DSG** ◉ **Outro** **Escala:**

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: **Zona:** 25 **E:** 565526 **N:** 9575568

Perímetro: **Zona:** **E:** **N:**

Zona: **E:** **N:**

Zona: **E:** **N:**

Zona: **E:** **N:**

◉ **GPS** **DATUM:** WGS1984

◯ **Em mapa** **Margem de erro:** 8 **m**

Unidade geomorfológica: Ilha Vulcânica

Compartimento topográfico: Vale

Altitude: 29 **m** (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Mulungu

Distância: 1 **m**

Rio: Riacho Mulungu

Bacia: Mulungu

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- ☐ **Floresta ombrófila**
- ☐ **Floresta estacional**
- ☐ **Campinarana**
- ☐ **Capoeira**
- ☐ **Savana (cerrado)**
- ☐ **Savana-estépica (caatinga)**
- ☐ **Estepe**

Outra: Apenas um pé de Mulungu - Erythrina velutina

Uso atual do terreno:

- ☐ **Atividade urbana**
- ☐ **Via pública**
- ☐ **Estrutura de fazenda**
- ☐ **Pasto**
- ☐ **Plantio**
- ☑ **Área não utilizada**

Outro:

Propriedade da terra: ☑ **Área pública** ☐ **Área privada** ☐ **Área militar** ☐ **Área indígena**

Outra:

Proteção legal: ☑ **Unid. de conservação ambiental**

Em área tombada: ☐ **Municipal** ☐ **Estadual** ☐ **Federal** ☐ **Patrim. da humanidade**

Categoria:

- ◯ **Unicomponencial**
- ◉ **Multicomponencial**
- ☐ **Pré-colonial**
- ☐ **De contato**
- ☑ **Histórico**

Tipo de sítio:

Forma: Retangular

Tipo de solo: areno-argiloso

Estratigrafia: Por se tratar de uma área edificada, a estratigrafia da área correspondia a camadas de aterro que foram c

Contexto de deposição: ☑ **Em superfície** ☑ **Em profundidade**

Exposição: ◉ **Céu aberto** ◯ **Abrigo sob rocha** ◯ **Gruta** ◯ **Submerso** ◯ **Outra:**

---

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-histórico 00001

Estruturas:

- ☐ **Áreas de refugo**
- ☐ **De Lascamento**
- ☐ **De Combustão** (fogueira, forno, fogão)
- ☐ **Funerárias**
- ☑ **Vestígios de edificação**
- ☐ **Vestígios de mineração**
- ☐ **Alinhamento de pedras**
- ☐ **Manchas pretas**
- ☐ **Concentrações cerâmicas** **Quantidade:**
- ☐ **Canais tipo trincheiras, valetas**
- ☐ **Círculos de pedra**
- ☐ **Estacas, buracos de**
- ☐ **Fossas**
- ☐ **Muros de terra, linhas de argila**
- ☐ **Palafitas**
- ☐ **Paliçadas**

Outras:

Artefatos:

- ☐ **Lítico lascado**
- ☐ **Lítico polido**
- ☐ **Sobre material orgânico**
- ☑ **Cerâmico**
- ☐ **Sobre concha**

Outros vestígios líticos:

Material histórico: Projétil de canhão, fragmentos de faiança, faiança fina, material recente compatível com os séculos
Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:
Acervo / Instituições: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Memorial Noronhense
Números de catálogo: 5570 ao 5583; 5587; 5588; 5593; 5594; 5599; 5613; 5614

Arte rupestre: ☐ **Pintura** ☐ **Gravura** ☑ **Ausente**

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre:
Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas: Séculos XVIII ao XX
Datações relativas:
Grau de integridade: ○ **mais de 75%** ◉ **entre 25 e 75%** ○ **menos de 25%**
Fatores de destruição: ☐ **Erosão eólica** ☑ **Erosão fluvial** ☐ **Vandalismo** ☑ **Erosão pluvial** ☐ **Atividades agrícolas** ☐ **Construção de estradas** ☐ **Construção de moradias**
Outros fatores naturais:
Outros fatores antrópicos:
Possibilidades de destruição: Risco iminente ocasionado pelo alagamento da área por águas fluviais.
Medidas para preservação: Consolidação da estrutura da cacimba
Relevância do sítio: ◉ **Alta** ○ **Média** ○ **Baixa**

Atividades desenvolvidas no local: ☑ **Registro** ☐ **Coleta de superfície** ☑ **Sondagem ou Corte estratigráfico** ☑ **Escavação de grande superfície** ☐ **Levantamento de grafismos rupestres**

Nome do responsável pelo registro: Marcos Albuquerque / Mirian Cazzetta
Endereço: Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte, Recife-PE
CEP: 52061-050 **Cidade:** Recife **UF:** PE
E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340
Data do registro: 20/05/2011 **Ano do registro:** 2011 (para quando a data completa não puder ser informada)

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-histórico 00001

Nome do projeto: Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco.

Nome da instituição: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Gabinete de Arqueologia do Distrito Estadual do Arquipéla

Endereço: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.

CEP: 50740-530 **Cidade:** Recife **UF:** PE

E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340

Documentação produzida (quantidade)

Mapa com sítio plotado:	2	**Foto preto e branco:**	
Croqui:	5	**Reprografia de imagem:**	
Planta baixa do sítio:	1	**Imagem de satélite:**	2
Planta baixa dos locais afetados		**Cópia total de arte rupestre**	
Planta baixa de estruturas:		**Cópia parcial de arte rupestre**	
Perfil estratigráfico:		**Ilustração do material:**	
Perfil topográfico:		**Caderneta de campo:**	1
Foto aérea:		**Vídeo / filme:**	
Foto colorida:	50	**Outra:**	

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Parcial. Recife: Janeiro, 2011.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Final. Recife: Agosto, 2013.

Observações: Casa de Banhos (FN0001 LA/UFPE)

Sítio arqueológico histórico denominado Casa de Banhos. Está localizado na Vila dos Remédios, entre a Estação Elevatória de Esgotos do Cachorro (COMPESA) e a estrada de acesso à Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios. Encontra-se inserido em área de vale por onde corre o Riacho Mulungu, apresentando altitu aproximada de 29m em relação ao nível do mar. Apresenta área de 189,5 m² (15,72m x 12,37m).

Esta estrutura já existia e tinha uso consolidado e regrado em 1887, quando Pereira da Costa visitou a ilha. historiador pernambucano informa que era utilizada pelo pessoal administrativo do presídio. Os sentenciad utilizavam outra Casa de Banho pública que existia no porto do Cachorro, mantida com água oriunda de un reservatório da Floresta. Pereira da Costa exalta as propriedades medicinais das águas do Riacho Mulungu (PEREIRA DA COSTA, op. cit., p. 9).

A documentação histórica referente à Casa de Banho remonta a segunda metade do século XIX, onde o te extraído do Relatório sobre o Presídio de Fernando de Noronha, apresentado na Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambuco de número 27, pelo Cel. Antonio Gomes Leal, em 1887, relata que local existiam: “duas pequenas casas ou quartos cobertos de telhas, servindo um de depósito d’água, e out de banheiro dos officiaes e empregados.” (LEAL, 1877:173).

As escavações arqueológicas revelaram feições distintas da área que remetem a sua utilização desde, provavelmente, fins do século XVIII até a segunda metade do século XX. Durante a pesquisa arqueológica foram identificadas estruturas de cronologias distintas onde foi possível resgatar vestígios dos dois cômodo descritos em 1887 pelo Cel. Antonio Gomes Leal. As estruturas estavam soterradas por camada de aterro (com espessura variável entre 0,10 e 2m) que se acumulou na área desde a desativação da Casa de Banh Na camada de aterro foi identificado material arqueológico móvel, onde a maior parte dos vestígios apresen cronologia dos séculos XX e XXI. Em meio ao material recente foram identificadas algumas peças histórica fora de seu contexto arqueológico primário, tais como: projétil de canhão esférico em ferro, fragmento de pr de faiança portuguesa, fragmentos de faiança fina, entre outros.

O estudo arqueológico da área permitiu a identificações de elementos que permitiram a reconstituição da á ocupada pela Casa de Banho, evidenciando seus usos até os dias atuais. Após as escavações arqueológic com a remoção do aterro, foi possível constatar que em períodos chuvosos a área é inundada pelas águas Riacho Mulungu, sendo necessária a realização de intervenções no local para impedir o alagamento. Neste Projeto não foi possível realizar escavações no interior da cacimba do Riacho Mulungu por conta de problemas estruturais, sendo necessário a realização de reparos urgentes.

Este sítio foi escavado durante a execução do Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila d Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco, realizado entre os anos de 2010 e 2011.

O registro foi realizado pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, responsável pela execução do referido Projet e pela arqueóloga do Gabinete de Arqueologia da Administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta.

Referências

LEAL, Cel. Antonio Gomes Leal. Relatório sobre o Presídio de Fernando de Noronha. Revista do Instituto

Archeologico e Geográfico Pernambuco, nº27. Recife,1887.

PEREIRA DA COSTA, F. A. A ilha de Fernando de Noronha. Notícia histórica, geográfica e econômica. Recife: Tip. Manuel Figueroa e Filhos, 1887.

Contato dos responsáveis pelo registro:

Miriam Cazzetta

E-mail: mcazzetta@noronha.pe.gov.br / cazzettam@hotmail.com
Telefone: (81) 9996-7392
Endereços:
Palácio São Miguel
Vila dos Remédios, s/n
CEP 53990-000
Fone: (81) 3619.0830 (Gabinete Administrador Geral)
Administração do Distrito Estadual Fernando de Noronha - Gabinete de Arqueologia
Rua Bolívar, 139
Arruda/Recife
CEP 52120.010

Marcos Albuquerque
E-mail: marcos@brasilarqueologico.com.br
Telefones: (81) 9972-8184 / (81) 3459-3340
Endereços:
Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte
Recife-PE
CEP: 52061-050
Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.
Recife-PE
CEP: 50740-530

Responsável pelo preenchimento da ficha: Marcos Albuquerque
Data: 02/06/2013 **Localização dos dados:** Lab de Arqueologia da UFPE
Atualizações:

Data: _____/_____/_____ **Assinatura:** _____



Mapa de localização da Casa de Banhos. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2013.

Imagem de satélite

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Situação da Casa de Banhos antes do início das escavações arqueológicas. Na imagem é possível observar apenas a cacimba e um tanque no interior da área. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Realização dos primeiros cortes na Casa de Banho onde foram localizados vestígios de estruturas relacionadas a segunda metade do século XIX. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Perfil estratigráfico do aterro que repousava sobre as estruturas do interior da Casa de Banho. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Material recente identificado na camada de aterro no interior da Casa de Banho. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Identificação de dois cômodos na Casa de Banho. Evidências compatíveis com as descrições relacionadas à estrutura na documentação histórica do século XIX. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Panorâmica da área escavada com a delimitação dos cortes e identificação das estruturas. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Parte do piso ao redor da cacimba da Casa de Banhos cedeu devido erosão ocasionada pela água da cacimba, em trecho onde ocorreu desmoronamento de parte de sua estrutura interna. Esta área necessita urgentemente de reparos. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2010.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



No período chuvoso a área da Casa de Banho fica completamente inundada.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Situação da Casa de Banho após as escavações arqueológicas. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Mesmo após reparos na mureta de contenção na margem do Riacho Mulungu a água inundou o interior da edificação histórica. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2011.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE

MINISTÉRIO DA CULTURA
Sist. Nac. de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos*
- CNSA -

IPHAN
Depto. de Identificação e Documentação - DID

Nome do sítio: FN002 LA/UFPE (Armazém de Cereais)

Outras designações e siglas: FN001 LA/UFPE; Armazém de Cereais do Reduto Sant'Ana - Vil dos Remédios **CNSA:**

Município: Fernando de Noronha **UF:** PE

Localidade: Vila dos Remédios,no pátio da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, localizado no lado oposto à Igreja.

Outras designações da localidade: Noronha Drivers, Arte Noronha, Bar do Cachorro

Descrição sumária do sítio: Sítio arqueológico histórico denominado Armazém de Cereais.

Sítios relacionados: FN001 LA,/UFPE, FN003 LA/UFPE (CNSA PE0023), FN004 LA/UFPE e CNSA PE00016.

Nome do proprietário do terreno: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Endereço: Vila dos Remédios S/N Fernando de Noronha

CEP: 53990-000 **Cidade:** Fernando de Noronha **UF:** PE

E-mail: noronha@noronha.pe.gov.br **Fone/Fax:** (81) 3619-0800

Ocupante atual: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Acesso ao sítio: Acesso realizado pelo pátio da Igreja N. S. dos Remédios. Localizado entre o Reduto Sant'Ana e a Estação Elevatórioa de Esgotos da Compesa, no lado oposto à Igreja. Na margem do Riacho Mulung

Comprimento: 55 **m** **Largura:** 19 **m** **Altura máxima:** **m** (a partir do nível do solo)

Área: 474 **m²** **Medição:** ◉ **Estimada** ○ **Passo** ○ **Mapa** ○ **Instrumento**

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: **Órgão:** ○ **IBGE** ○ **DSG** ◉ **Outro** **Escala:**

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: **Zona:** 25 **E:** 565470 **N:** 9575564

Perímetro: **Zona:** **E:** **N:**
Zona: **E:** **N:**
Zona: **E:** **N:**
Zona: **E:** **N:**

◉ **GPS** **DATUM:** WGS1984
○ **Em mapa** **Margem de erro:** 8 **m**

Unidade geomorfológica: Ilha Vulcânica
Compartimento topográfico: Encosta/Vale
Altitude: 29 **m** (com relação ao nível do mar)
Água mais próxima: Riacho Mulungu
Distância: 15 **m**
Rio: Riacho Mulungu
Bacia: Mulungu

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

☐ **Floresta ombrófila** ☐ **Savana (cerrado)**
☐ **Floresta estacional** ☐ **Savana-estépica (caatinga)**
☐ **Campinarana** ☐ **Estepe**
☐ **Capoeira**
Outra:

Uso atual do terreno:

☑ **Atividade urbana** ☐ **Pasto**
☐ **Via pública** ☐ **Plantio**
☐ **Estrutura de fazenda** ☐ **Área não utilizada**
Outro:

Propriedade da terra: ☑ **Área pública** ☐ **Área privada** ☐ **Área militar** ☐ **Área indígena**
Outra:

Proteção legal: ☑ **Unid. de conservação ambiental**

Em área tombada: ☐ **Municipal** ☐ **Estadual** ☐ **Federal** ☐ **Patrim. da humanidade**

Categoria:

○ **Unicomponencial**
◉ **Multicomponencial**

☐ **Pré-colonial**
☐ **De contato**
☑ **Histórico**

Tipo de sítio: Forte ou fortificação
Forma: Retangular
Tipo de solo: arenoso

Estratigrafia: Camadas de aterro arenoso e argilo-arenoso.

Contexto de deposição: ☑ **Em superfície** ☑ **Em profundidade**

Exposição: ◉ **Céu aberto** ○ **Abrigo sob rocha** ○ **Gruta** ○ **Submerso**
○ **Outra:**

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-histórico 00001

Estruturas:

- ☐ **Áreas de refugo**
- ☐ **De Lascamento**
- ☐ **De Combustão** (fogueira, forno, fogão)
- ☐ **Funerárias**
- ☑ **Vestígios de edificação**
- ☐ **Vestígios de mineração**
- ☐ **Alinhamento de pedras**
- ☐ **Manchas pretas**
- ☐ **Concentrações cerâmicas** **Quantidade:**
- ☐ **Canais tipo trincheiras, valetas**
- ☐ **Círculos de pedra**
- ☐ **Estacas, buracos de**
- ☐ **Fossas**
- ☐ **Muros de terra, linhas de argila**
- ☐ **Palafitas**
- ☐ **Paliçadas**

Outras:

Artefatos:

- ☐ **Lítico lascado**
- ☐ **Lítico polido**
- ☐ **Sobre material orgânico**
- ☐ **Cerâmico**
- ☐ **Sobre concha**

Outros vestígios líticos:

Material histórico: Faiança, metal, vidro, material construtico
Outros vestígios orgânicos: Malacológico
Outros vestígios inorgânicos:
Acervo / Instituições: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Memorial Noronhense
Números de catálogo: 5584; 5585; 5586; 5589; 5591; 5602; 5607; 5610

Arte rupestre: ☐ **Pintura** ☐ **Gravura** ☑ **Ausente**

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre:
Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:
Datações relativas:
Grau de integridade: ○ **mais de 75%** ◉ **entre 25 e 75%** ○ **menos de 25%**
Fatores de destruição: ☐ **Erosão eólica** ☐ **Erosão fluvial** ☐ **Vandalismo** ☐ **Erosão pluvial** ☐ **Atividades agrícolas** ☐ **Construção de estradas** ☑ **Construção de moradias**
Outros fatores naturais:
Outros fatores antrópicos:
Possibilidades de destruição:
Medidas para preservação: Acautelamento dos primitivos alicerces da edificação identificados durante a pesquisa
Relevância do sítio: ○ **Alta** ○ **Média** ○ **Baixa**

Atividades desenvolvidas no local: ☑ **Registro** ☐ **Coleta de superfície** ☑ **Sondagem ou Corte estratigráfico** ☑ **Escavação de grande superfície** ☐ **Levantamento de grafismos rupestres**

Nome do responsável pelo registro: Marcos Albuquerque / Mirian Cazzetta
Endereço: Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte, Recife-PE
CEP: 52061-050 **Cidade:** Recife **UF:** PE
E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340
Data do registro: 29/03/2011 **Ano do registro:** 2011 (para quando a data completa não puder ser informada)

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-histórico 00001

Nome do projeto: Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco.

Nome da instituição: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Gabinete de Arqueologia do Distrito Estadual do Arquipéla

Endereço: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.

CEP: 50740-530 **Cidade:** Recife **UF:** PE

E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340

Documentação produzida (quantidade)

Mapa com sítio plotado:	1	**Foto preto e branco:**	
Croqui:		**Reprografia de imagem:**	
Planta baixa do sítio:	1	**Imagem de satélite:**	1
Planta baixa dos locais afetados		**Cópia total de arte rupestre**	
Planta baixa de estruturas:	1	**Cópia parcial de arte rupestre**	
Perfil estratigráfico:		**Ilustração do material:**	
Perfil topográfico:		**Caderneta de campo:**	1
Foto aérea:		**Vídeo / filme:**	
Foto colorida:	50	**Outra:**	

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Parcial. Recife: Janeiro, 2011.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Final. Recife: Agosto, 2013.

Observações: Sítio arqueológico histórico denominado Armazém de Cereais. Está localizado na Vila dos Remédios, entre Reduto Sant'Anna e a Estação Elevatória de Esgotos da Compesa, defronte à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Encontra-se inserido em área de vale próximo ao Riacho Mulungu, apresentando altitude aproximada de 29m em relação ao nível do mar. Apresenta área de aproximadamente 1.050 m², deste tota foram escavados aproximadamente 474 m²(55m x 19m).
O referido Armazém encontra-se bastante modificado, onde aparece na iconografia apresentando feição e tamanho diferentes da estrutura de lojas que ocupam parte do que fora o Armazém. A pesquisa arqueológi no local objetivou a identificação de parte do espaço ocupado pelo primitivo Armazém de Cereais.

As referências históricas relativas ao Armazém de Cereais informam que originalmente esta estrutura fazia parte do Reduto de Sant' Anna, tendo servido como quartel. Sua origem deve remontar, portanto, a meados século XIX, quando foram feitas obras de ampliação no reduto. O relatório de Antônio Gomes Leal (LEAL, 1873) indica a existência de quatro armazéns cobertos com telhas, certamente incluindo nessa contagem essa estrutura. As dimensões da estrutura, segundo informação de 1877, são de 30m de frente por 16m de fundo.
O local funcionou como Armazém de Cereais até 1929, sendo transformado em "Garage do Presídio" em 1931 (SILVA, 2007, p. 113). Em 1938, em documentário fotográfico, já aparece com platibanda. Também fo utilizado ainda como almoxarifado e oficina. Chegou a servir como residência, mas depois caiu em abando Na década de 1990, parte do Armazém foi reerguido para atender a fins comerciais e turísticos, todo a espa interno foi reformado para abrigar a "Bar do Cachorro"; uma bateria de sanitários, uma das empresas de mergulho da ilha - a "Noronha Drivers" - e uma loja de artesanato (a "ilha Arte"). Na área restante, existem ainda alguns registros arquitetônicos da antiga casa. Junto a ela, existia também um gazebo coberto de pa que foi inteiramente destruído par um incêndio provocado por fagulha de fogos de artifícios, durante festa junina. (SILVA, 2007, p.116).
Este sítio foi escavado durante a execução do Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila d Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco, realizado entre os anos de 2010 e 2011.
A metodologia utilizada, em múltiplos estágios, constituiu-se na realização de cortes-teste na área. Os corte iniciais apresentaram profundidades entre 0,30 e 1m na parte calçada (Área 01 do Armazém)na lateral da edificação existente do Armazém; e entre 0,20 e 2m na parte sem calçamento (Área 02). Nestes cortes, for identificados vestígios de edificações. A partir da identificação de estruturas, a escavação foi realizada por decapagem, onde foi possível remover a camada de aterro recente e visualizar o conjunto dos vestígios, cc cronologias distintas.
As escavações revelaram parte dos alicerces da primitiva estrutura do edifício, provavelmente da época em que o mesmo integrava o Reduto Sant'Anna (meados do século XIX), sendo posteriormente utilizado como Armazém de Cereais, denominação esta a qual a área ficou conhecida até os dias atuais. Os alicerces identificados apresentam divisórias com pelo menos quatro cômodos retangulares de dimensões distintas (observar planta – prancha 01) e a indicação de um quinto cômodo.
Sobrepostos aos primitivos alicerces foram localizados vestígios de edificações do século XX, onde foi possível identificar uma residência na área 02 da escavação. A residência apresentava no mínimo quatro

cômodos, onde no local do banheiro foi localizada banheira de ágata, marca de vaso sanitário e marcas de tonéis de ferro. Abertura para portas e janelas também foram identificadas. Ainda foi possível, a partir da realização de cortes no interior da referida residência, identificar elementos edificados que indicam uma distribuição de cômodos distintos da feição identificada. O que indica em ocupação anterior do local onde f possível identificar paredes e pisos distintos.
Ainda foram realizadas escavações em área com vestígios de estruturas na parte posterior do Armazém existente (Loja Arte Noronha). As intervenções arqueológicas no local permitiram a identificação estrutura c patamares distintos, onde o acesso era realizado por escada lateral. A área correspondia a um banheiro (Á 04), onde foi identificada a cômodo que continha vaso sanitário, fossa e cômodo para banho, este ultimo localizado na parte mais baixa da edificação. Provavelmente este banheiro integrava alguma edificação do século XX existente no local.
Em suma, as escavações revelaram parte dos alicerces primitivos da edificação e uma sucessão de usos distintos do local, onde pode-se observar o reaproveitamento das estruturas já existentes e a utilização de restos de material de construção utilizados anteriormente. Isso se deve a escassez desse tipo de material r Arquipélago, fato este que perdura até os dias atuais.
O registro foi realizado pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, responsável pela execução do referido Projet e pela arqueóloga do Gabinete de Arqueologia da Administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta.

Referências

LEAL, A. G. Breve notícia da ilha de Fernando de Noronha. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. Recife: 1870, V. 3, n. 27, pp. 168-175.
SILVA, Marieta Borges Lins e. Fernando de Noronha: Imagens do Passado. Recife. Ed. Edificantes, 1992.

Contato dos responsáveis pelo registro:

Miriam Cazzetta

E-mail: mcazzetta@noronha.pe.gov.br / cazzettam@hotmail.com
Telefone: (81) 9996-7392
Endereços:
Palácio São Miguel
Vila dos Remédios, s/n
CEP 53990-000
Fone: (81) 3619.0830 (Gabinete Administrador Geral)
Administração do Distrito Estadual Fernando de Noronha - Gabinete de Arqueologia
Rua Bolívar, 139
Arruda/Recife
CEP 52120.010

Marcos Albuquerque
E-mail: marcos@brasilarqueologico.com.br
Telefones: (81) 9972-8184 / (81) 3459-3340
Endereços:
Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte
Recife-PE
CEP: 52061-050
Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.
Recife-PE
CEP: 50740-530

Responsável pelo preenchimento da ficha: Marcos Albuquerque
Data: 02/06/2013 **Localização dos dados:** Lab de Arqueologia da UFPE
Atualizações:

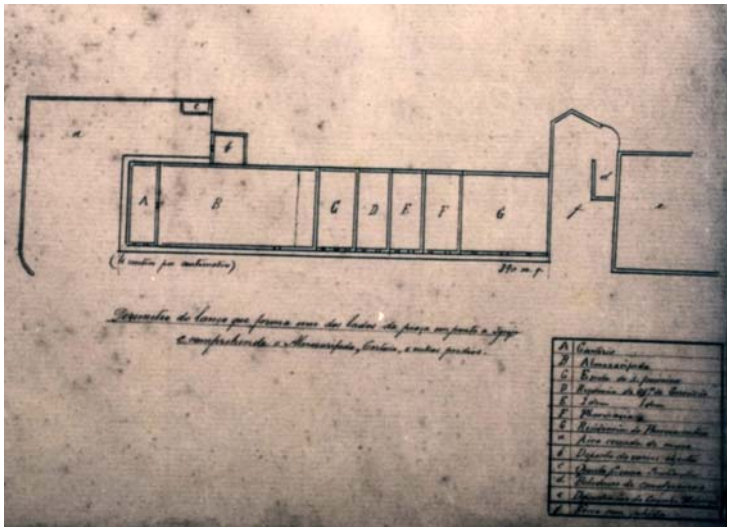
Data: _____/_____/_____ **Assinatura:** _____



Mapa de localização do Armazém de Cereais. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2013.

Imagem de satélite

aboratório de Arqueologia da UFPE



Área do 'Armazém de Cereais', incorporando provavelmente um baluarte do Forte de Santo Antônio

Iconografia

Programa de Resgate Documental da ADEFN



Documentário fotográfico do Armazém de Cereais.

Iconografia

Programa de Resgate Documental da ADEFN

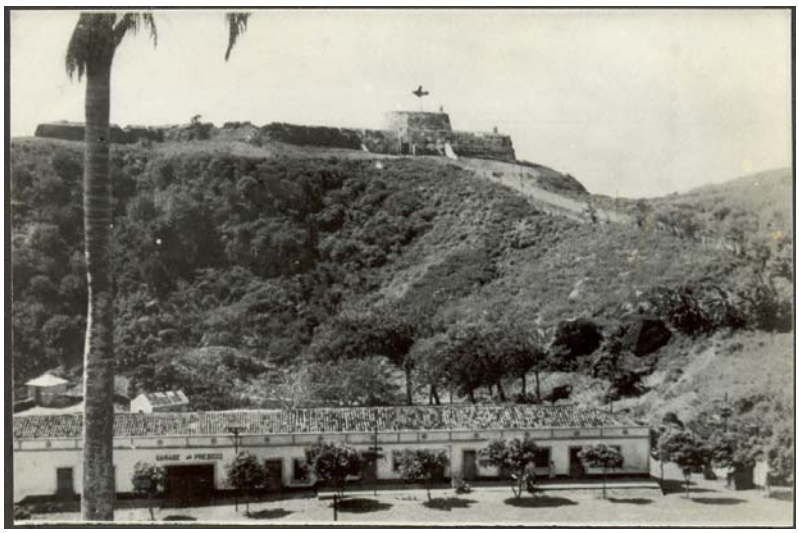
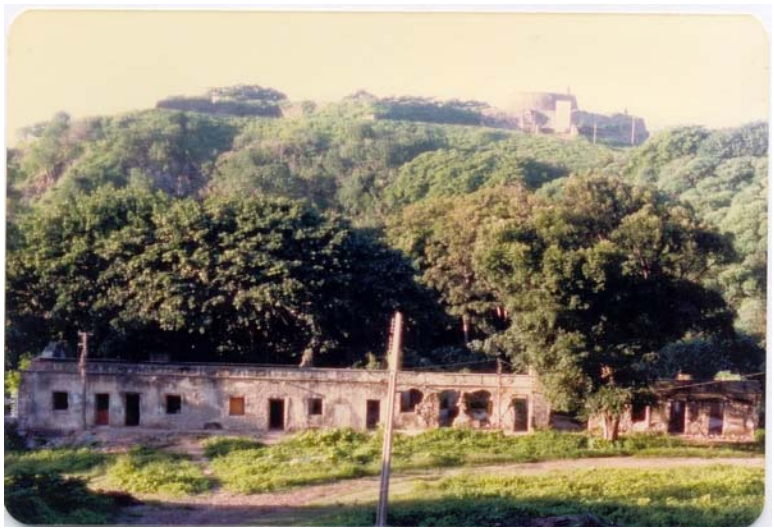


Imagem do Armazém de Cereais em 1938. Fonte: Programa de Resgate Documental da ADEFN

Iconografia

Programa de Resgate Documental da ADEFN



Prédio do Armazém de Cereais em ruína.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Panorâmica da área do Armazém de Cereais.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Situação do local antes do início da Pesquisa arqueológica.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Realização de cortes-teste no local.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Localização de estruturas de pedra.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Localização de estruturas do século XX.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Identificação do primitivo alicerce do Armazém de Cereais.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Vestígios de residência do século XX identificda durante escavações arqueológicas.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Panorâmica da área escavada do Armazém de Cereais.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



Vestígios de edificação na parte posterior do Armazém de Cereais.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE



As escavações arqueológicas reveleram que a edificação na parte posterior do Armazém de Cereais correspondia a um banheiro.

Imagem digital

aboratório de Arqueologia da UFPE

MINISTÉRIO DA CULTURA
Sist. Nac. de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos*
- CNSA -

IPHAN
Depto. de Identificação e Documentação - DID

Nome do sítio: Estrada do Porto do Cachorro (FN0004 LA/UFPE)

Outras designações e siglas: FN0004 LA/UFPE; Antiga Estrada de acesso ao Porto do Cachorro - Vila dos Remédios **CNSA:**

Município: Fernando de Noronha **UF:** PE

Localidade: Vila dos Remédios, estrada velha do Porto

Outras designações da localidade: Localizada entre o Armazém de Cereais e a Estação Elevatória da Compesa.

Descrição sumária do sítio: V estígios de antiga estrada de acesso ao Porto de Cachorro

Sítios relacionados: FN0001 LA/UFPE, FN002 LA,/UFPE, FN003 LA/UFPE, CNSA PE00016, CNSA PE00023

Nome do proprietário do terreno: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Endereço: Vila dos Remédios S/N Fernando de Noronha

CEP: 53990-000 **Cidade:** Fernando de Noronha **UF:** PE

E-mail: noronha@noronha.pe.gov.br **Fone/Fax:** (81) 3619-0800

Ocupante atual: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Acesso ao sítio: Acesso realizado pelo pátio da Igreja N. S. dos Remédios.

Comprimento: **m** **Largura:** **m** **Altura máxima:** **m** (a partir do nível do solo)

Área: **m²** **Medição:** ◉ **Estimada** ○ **Passo** ○ **Mapa** ○ **Instrumento**

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: **Órgão:** ○ **IBGE** ○ **DSG** ◉ **Outro** **Escala:**

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: **Zona:** 25 **E:** 565489 **N:** 9575555

Perímetro: **Zona:** **E:** **N:**
Zona: **E:** **N:**
Zona: **E:** **N:**
Zona: **E:** **N:**

◉ **GPS** **DATUM:** WGS1984
○ **Em mapa** **Margem de erro:** 8 **m**

Unidade geomorfológica: Ilha Vulcânica
Compartimento topográfico: Encosta/Vale
Altitude: 28 **m** (com relação ao nível do mar)
Água mais próxima: Riacho Mulungu
Distância: 0 **m**
Rio: Riacho Mulungu
Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- ☐ **Floresta ombrófila**
- ☐ **Floresta estacional**
- ☐ **Campinarana**
- ☐ **Capoeira**
- ☐ **Savana (cerrado)**
- ☐ **Savana-estépica (caatinga)**
- ☐ **Estepe**

Outra: Presença de árvores

Uso atual do terreno:

- ☐ **Atividade urbana**
- ☑ **Via pública**
- ☐ **Estrutura de fazenda**
- ☐ **Pasto**
- ☐ **Plantio**
- ☑ **Área não utilizada**

Outro:

Propriedade da terra: ☑ **Área pública** ☐ **Área privada** ☐ **Área militar** ☐ **Área indígena**

Outra:

Proteção legal: ☑ **Unid. de conservação ambiental**

Em área tombada: ☐ **Municipal** ☐ **Estadual** ☐ **Federal** ☐ **Patrim. da humanidade**

Categoria:

- ○ **Unicomponencial**
- ◉ **Multicomponencial**
- ☐ **Pré-colonial**
- ☐ **De contato**
- ☑ **Histórico**

Tipo de sítio:

Forma: Retangular

Tipo de solo:

Estratigrafia: O pavimento da estrada identificada encontra-se coberto por camada de aterro (material argilo-arenoso) c

Contexto de deposição: ☐ **Em superfície** ☑ **Em profundidade**

Exposição: ◉ **Céu aberto** ○ **Abrigo sob rocha** ○ **Gruta** ○ **Submerso**
○ **Outra:**

---

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-histórico 00001

Estruturas:

- ☐ **Áreas de refugo**
- ☐ **De Lascamento**
- ☐ **De Combustão** (fogueira, forno, fogão)
- ☐ **Funerárias**
- ☑ **Vestígios de edificação**
- ☐ **Vestígios de mineração**
- ☐ **Alinhamento de pedras**
- ☐ **Manchas pretas**
- ☐ **Concentrações cerâmicas**
- ☐ **Canais tipo trincheiras, valetas**
- ☐ **Círculos de pedra**
- ☐ **Estacas, buracos de**
- ☐ **Fossas**
- ☐ **Muros de terra, linhas de argila**
- ☐ **Palafitas**
- ☐ **Paliçadas**

Quantidade:

Outras:

Artefatos:

- ☐ **Lítico lascado**
- ☐ **Lítico polido**
- ☐ **Sobre material orgânico**
- ☐ **Cerâmico**
- ☐ **Sobre concha**

Outros vestígios líticos:

Material histórico:
Outros vestígios orgânicos:
Outros vestígios inorgânicos:
Acervo / Instituições: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Memorial Noronhense
Números de catálogo: 5591; 5592; 5608

Arte rupestre: ☐ **Pintura** ☐ **Gravura** ☑ **Ausente**

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre:
Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas: Séculos XVIII ao XX
Datações relativas:
Grau de integridade: ◉ **mais de 75%** ○ **entre 25 e 75%** ○ **menos de 25%**
Fatores de destruição: ☐ **Erosão eólica** ☐ **Erosão fluvial** ☐ **Vandalismo** ☐ **Erosão pluvial** ☐ **Atividades agrícolas** ☐ **Construção de estradas** ☐ **Construção de moradias**
Outros fatores naturais:
Outros fatores antrópicos:
Possibilidades de destruição:
Medidas para preservação: Estudo arqueológico mais detalhado do local
Relevância do sítio: ◉ **Alta** ○ **Média** ○ **Baixa**

Atividades desenvolvidas no local: ☑ **Registro** ☐ **Coleta de superfície** ☑ **Sondagem ou Corte estratigráfico** ☐ **Escavação de grande superfície** ☐ **Levantamento de grafismos rupestres**

Nome do responsável pelo registro: Marcos Albuquerque / Mirian Cazzetta
Endereço: Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte, Recife-PE
CEP: 52061-050 **Cidade:** Recife **UF:** PE
E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340

Data do registro: 21/05/2011 **Ano do registro:** 2011 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha,

Pernambuco.

Nome da instituição: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Gabinete de Arqueologia do Distrito Estadual do Arquipéla

Endereço: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.

CEP: 50740-530 **Cidade:** Recife **UF:** PE

E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340

Documentação produzida (quantidade)

Mapa com sítio plotado:	1	**Foto preto e branco:**	
Croqui:	1	**Reprografia de imagem:**	
Planta baixa do sítio:	1	**Imagem de satélite:**	1
Planta baixa dos locais afetados		**Cópia total de arte rupestre**	
Planta baixa de estruturas:		**Cópia parcial de arte rupestre**	
Perfil estratigráfico:		**Ilustração do material:**	
Perfil topográfico:		**Caderneta de campo:**	1
Foto aérea:		**Vídeo / filme:**	
Foto colorida:	20	**Outra:**	

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Parcial. Recife: Janeiro, 2011.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Final. Recife: Agosto, 2013.

Observações: Durante a execução do Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernand de Noronha, Pernambuco, realizado entre os anos de 2010 e 2011, foi possível a identificação de parte da estrada de acesso ao Porto do Cachorro, que existiu nas proximidades do Armazém de Cereais, localizado pátio da Igreja da Vila dos Remédios, em Fernando de Noronha, Pernambuco.
O pavimento (em pedras) da estrada, que se encontrava totalmente aterrado, foi identificado durante as escavações arqueológicas do Armazém de Cereais. A estrada encontra-se inserida em área de encosta/ va por onde corre o Riacho Mulungu. O local apresenta altitude ente 28 e 29m de altitude. Durante as intervenções arqueológicas foram abertas duas trincheiras para avaliar se o piso identificado correspondia antiga estrada de acesso ao Porto do Cachorro. As trincheiras foram escavadas no limite dos alicerces do primitivo Armazém de Cereais. Após o estudo a área foi novamente aterrada para evitar danos causados p escoamento de águas pluviais. Ainda foram identificados vestígios de um pontilhão sobre o Riacho Mulung que integrava a estrutura da estrada. O local foi parcialmente escavado.
A estrada identificada foi documentada em fotografia de 1924, pertencente à Coleção de Lacoste e disponibilizada pelo Programa de Resgate Documental da Administração Estadual de Fernando de Noronh
O registro foi realizado pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, responsável pela execução do referido Proje e pela arqueóloga do Gabinete de Arqueologia da Administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta.

Contato dos responsáveis pelo registro:

Miriam Cazzetta

E-mail: mcazzetta@noronha.pe.gov.br / cazzettam@hotmail.com
Telefone: (81) 9996-7392
Endereços:
Palácio São Miguel
Vila dos Remédios, s/n
CEP 53990-000
Fone: (81) 3619.0830 (Gabinete Administrador Geral)
Administração do Distrito Estadual Fernando de Noronha - Gabinete de Arqueologia
Rua Bolívar, 139
Arruda/Recife
CEP 52120.010

Marcos Albuquerque
E-mail: marcos@brasilarqueologico.com.br
Telefones: (81) 9972-8184 / (81) 3459-3340
Endereços:
Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte
Recife-PE

CEP: 52061-050
Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.
Recife-PE
CEP: 50740-530

Responsável pelo preenchimento da ficha: Marcos Albuquerque
Data: 02/06/2013 **Localização dos dados:** Lab de Arqueologia da UFPE
Atualizações:

Data: _____/_____/_____ **Assinatura:** _____



Mapa de localização da estrada de acesso ao porto do cachorro. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2013.

Imagem de satélite

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Foto de Lacoste de1924, onde é possível observar a estrada na latera do Armazém de Cereais, na parte inferior da imagem.

Iconografia

Programa de Resgate Documental da ADEFN



Trincheira onde foi identificado pavimento da estrada de acesso ao Porto do Cachorro.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Panorâmica do local onde foi localizado pavimento da estrada de acesso ao Porto do Cachorro.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Panorâmica da trincheira escavada, onde é possível observar a continuidade do pavimento da estrada com o do Pátio da Vila dos Remédios.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Vestífios de pontilhão da estrada no Riacho Mulungu.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Vestígios do pavimento da estrada próximo ao Riacho Mulungu.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Aterro do local após as intervenções arqueológicas.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE

Apêndice 5

Complementação de ficha de sítios contida no CNSA/IPHAN: Baluarte do Reduto Sant'Anna (FN0003 LA/UFPE – CNSA Nº PE00023)

MINISTÉRIO DA CULTURA
Sist. Nac. de Informações Culturais - SNIC

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos* - CNSA -

IPHAN
Depto. de Identificação e Documentação - DID

Nome do sítio: FN003 LA/UFPE (Baluarte do Reduto Sant'Ana) - CNSA PE0023

Outras designações e siglas: CNSA PE0023, FN003 LA/UFPE; Baluarte do Reduto Sant'Ana; **CNSA:**

Município: Fernando de Noronha **UF:** PE

Localidade: Bar do Cachorro e Riacho Mulungu

Outras designações da localidade: Localizada na parte detrás do Armazém de Cereais, na altura da loja Atlantis Drivers e do Bar do Ca

Descrição sumária do sítio: Ruínas de edificação

Sítios relacionados: FN002 LA,/UFPE, FN002 LA/UFPE, CNSA PE00016

Nome do proprietário do terreno: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Endereço: Vila dos Remédios S/N Fernando de Noronha

CEP: 53990-000 **Cidade:** Fernando de Noronha **UF:** PE

E-mail: noronha@noronha.pe.gov.br **Fone/Fax:** (81) 3619-0800

Ocupante atual: Distrito Estadual de Fernando de Noronha

Acesso ao sítio: Acesso realizado pelo Pátio da Vila dos Remédios, após o Bar do Cachorro.

Comprimento: 22 **m** **Largura:** 19 **m** **Altura máxima:** **m** (a partir do nível do solo)

Área: 412 **m²** **Medição:** ◯ **Estimada** ◯ **Passo** ◯ **Mapa** ◉ **Instrumento**

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: **Órgão:** ◯ **IBGE** ◯ **DSG** ◉ **Outro** **Escala:**

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: **Zona:** 25 **E:** 565440 **N:** 9575595

Perímetro: **Zona:** **E:** **N:**

Zona: **E:** **N:**

Zona: **E:** **N:**

Zona: **E:** **N:**

◉ **GPS** **DATUM:** WGS1984

◯ **Em mapa** **Margem de erro:** 8 **m**

Unidade geomorfológica:

Compartimento topográfico: Rio

Altitude: 29 **m** (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Mulungu

Distância: 10 **m**

Rio: Riacho Mulungu

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- ☐ **Floresta ombrófila**
- ☐ **Floresta estacional**
- ☐ **Campinarana**
- ☐ **Capoeira**
- ☐ **Savana (cerrado)**
- ☐ **Savana-estépica (caatinga)**
- ☐ **Estepe**

Outra: Presença de árvores no local

Uso atual do terreno:

- ☐ **Atividade urbana**
- ☐ **Via pública**
- ☐ **Estrutura de fazenda**
- ☐ **Pasto**
- ☐ **Plantio**
- ☑ **Área não utilizada**

Outro:

Propriedade da terra: ☑ **Área pública** ☐ **Área privada** ☐ **Área militar** ☐ **Área indígena**

Outra:

Proteção legal: ☑ **Unid. de conservação ambiental**

Em área tombada: ☐ **Municipal** ☐ **Estadual** ☐ **Federal** ☐ **Patrim. da humanidade**

Categoria:

- ◯ **Unicomponencial**
- ◉ **Multicomponencial**
- ☐ **Pré-colonial**
- ☐ **De contato**
- ☑ **Histórico**

Tipo de sítio:

Forma: Irregular

Tipo de solo: argilo-arenoso

Estratigrafia: Presença de afloramentos rochosos

Contexto de deposição: ☑ **Em superfície** ☑ **Em profundidade**

Exposição: ◉ **Céu aberto** ◯ **Abrigo sob rocha** ◯ **Gruta** ◯ **Submerso**

◯ **Outra:**

---

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-histórico 00001

Estruturas:

- ☐ Áreas de refugo
- ☐ De Lascamento
- ☐ De Combustão (fogueira, forno, fogão)
- ☐ Funerárias
- ☑ Vestígios de edificação
- ☐ Vestígios de mineração
- ☐ Alinhamento de pedras
- ☐ Manchas pretas
- ☐ Concentrações cerâmicas — **Quantidade:**
- ☐ Canais tipo trincheiras, valetas
- ☐ Círculos de pedra
- ☐ Estacas, buracos de
- ☐ Fossas
- ☐ Muros de terra, linhas de argila
- ☐ Palafitas
- ☐ Paliçadas

Outras:

Artefatos:

- ☐ Lítico lascado
- ☐ Lítico polido
- ☐ Sobre material orgânico
- ☐ Cerâmico
- ☐ Sobre concha

Outros vestígios líticos:

Material histórico: Projétil esférico de ferro, fragmentos de faiança e faiança fina, entre outros.
Outros vestígios orgânicos:
Outros vestígios inorgânicos:
Acervo / Instituições: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Memorial Noronhense
Números de catálogo: 5598; 5601; 5602; 5604; 5605

Arte rupestre: ☐ Pintura ☐ Gravura ☑ Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos:
Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre:
Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:
Datações relativas:
Grau de integridade: ○ mais de 75% ○ entre 25 e 75% ◉ menos de 25%
Fatores de destruição: ☐ Erosão eólica ☐ Erosão fluvial ☐ Vandalismo ☐ Erosão pluvial ☐ Atividades agrícolas ☐ Construção de estradas ☐ Construção de moradias
Outros fatores naturais:
Outros fatores antrópicos:
Possibilidades de destruição:
Medidas para preservação:
Relevância do sítio: ○ Alta ◉ Média ○ Baixa

Atividades desenvolvidas no local: ☐ Registro ☐ Sondagem ou Corte estratigráfico ☑ Escavação de grande superfície ☐ Coleta de superfície ☐ Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Marcos Albuquerque / Mirian Cazzetta
Endereço: Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte, Recife-PE
CEP: 52061-050 **Cidade:** Recife **UF:** PE
E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340
Data do registro: 24/03/2011 **Ano do registro:** 2011 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha,

Pernambuco.

Nome da instituição: Laboratório de Arqueologia da UFPE / Gabinete de Arqueologia do Distrito Estadual do Arquipéla

Endereço: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.

CEP: 50740-530 **Cidade:** Recife **UF:** PE

E-mail: **Fone/Fax:** (81) 99728184, 34593340

Documentação produzida (quantidade)

Mapa com sítio plotado:	1	**Foto preto e branco:**	
Croqui:	1	**Reprografia de imagem:**	
Planta baixa do sítio:	1	**Imagem de satélite:**	1
Planta baixa dos locais afetados		**Cópia total de arte rupestre**	
Planta baixa de estruturas:	1	**Cópia parcial de arte rupestre**	
Perfil estratigráfico:		**Ilustração do material:**	
Perfil topográfico:		**Caderneta de campo:**	1
Foto aérea:		**Vídeo / filme:**	
Foto colorida:	50	**Outra:**	

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Parcial. Recife: Janeiro, 2011.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rúbia. Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vil dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco. Relatório Técnico Final. Recife: Agosto, 2013.

Observações: O Reduto Sant'Anna integrou o Sistema defensivo da Ilha de Fernando de Noronha, guarnecendo o seu po o "Porto Velho" ou “Porto do Cachorro”. A fortificação já existia em 1798. Abrigou contingente e materiais d Marinha, vindo a se chamar também Reduto do Arsenal ou do Armamento. É também conhecido como Reduto do Armazém e foi ainda popularmente apelidada de “Salgadeira” por serem suas muralhas usadas para salgar peixe. Arruinada em 1841 foi reformada em 1846, posteriormente foi desarmada e transformad em quartel. Sediou também várias oficinas de “indústrias artísticas”. Apesar de uma parte considerável de suas estruturas internas (quartel) terem sobrevivido até os anos 1980, na atualidade pouco resta de pé.

O Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco, realizado entre os anos de 2010 e 2011, englobou o estudo de uma porção não calçada da edificação que atualmente é utilizada, em parte, pelo empreendimento comercial “Bar do Cachorro”. O Bar está localizado em um baluarte da fortificação.

A porção estudada do Reduto Sant’Anna está situada entre o Armazém de Cereais e o acesso principal do Reduto Sant’Anna. Encontra-se inserido em área de encosta, nas proximidades do vale por onde corre o Riacho Mulungu, apresentando altitude aproximada de 29m em relação ao nível do mar. O local apresenta área aproximada de 412 m² (22m x 19m).Neste setor a pesquisa arqueológica buscou identificar elementos defensivos relacionados à fortificação.

A escavação no local permitiu a identificação de material arqueológico móvel e a vestígios de edificações. N local foi identificada “guarita”, observada em documentários fotográficos das décadas de 20, 30 e 40 do século XX, e outra edificação, documentada em fotografia do edifício do Armazém em 1938. Durantes intervenções arqueológicas realizadas na área da “guarita” foi possível identificar o seu uso como uma “sentina”, apresentando abertura para o escoamento dos dejetos. Ainda foi identificado material arqueológi móvel, onde se destaca um projétil esférico de canhão identificado durante a realização de cortes na local, limitados por afloramentos rochosos.
Recomenda-se um trabalho arqueológico específico na área do Reduto Sant’Anna (CNSA PE00023).
Esta ficha corresponde a uma complementação do registro do sítio cadastrado no IPHAN denominado PE00023, Reduto Sant’Anna, e apresenta dados relativos ao estudo de pequeno trecho da área da Fortificação.
A complementação do registro foi realizada pelo arqueólogo Marcos Albuquerque, responsável pela execuç do referido Projeto, e pela arqueóloga do Gabinete de Arqueologia da Administração do Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Miriam Cazzetta.
Contato dos responsáveis pelo registro:

Miriam Cazzetta

E-mail: mcazzetta@noronha.pe.gov.br / cazzettam@hotmail.com
Telefone: (81) 9996-7392
Endereços:

Palácio São Miguel
Vila dos Remédios, s/n
CEP 53990-000
Fone: (81) 3619.0830 (Gabinete Administrador Geral)

Administração do Distrito Estadual Fernando de Noronha - Gabinete de Arqueologia
Rua Bolívar, 139
Arruda/Recife
CEP 52120.010

Marcos Albuquerque
E-mail: marcos@brasilarqueologico.com.br
Telefones: (81) 9972-8184 / (81) 3459-3340
Endereços:
Rua Marechal Rondon, n. 146, Caixa Postal 284, Casa Forte
Recife-PE
CEP: 52061-050
Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 11º andar, Laboratório de Arqueologia.
Recife-PE
CEP: 50740-530

Responsável pelo preenchimento da ficha: Marcos Albuquerque
Data: 02/06/2013 **Localização dos dados:** Laboratório Arqueologia UFPE
Atualizações:

Data: _____/_____/_____ **Assinatura:** _____



Mapa de localização da área estudada do Reduto Sant'Anna. Fonte: Acervo LA/UFPE, 2013.

Imagem de satélite

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Detalhe de fotografia de 1938 onde é possível observar parte da área do Baluarte do Reduto Sant'Anna.

Iconografia

Programa de Resgate Documental da ADEFN



Situação da área antes da pesquisa arqueológica.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Corte-teste realizado no local evidenciando a presença de afloramentos rochosos.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Estrutura identificada nas proximidades do baluarte.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Vestígios de edificação identificada como Guarita.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Detalhe da Guarita onde é possível observar abertura no piso para escoamento de dejetos, evidenciando sua utilização como sentina.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Estrutura identificada durante as escavações, provavelmente um banheiro.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE



Panorâmica da área durante escavações arqueológicas.

Imagem digital

Laboratório de Arqueologia da UFPE

ANEXOS

Anexo 1

Portarias publicadas no D.O.U

Ministério da Ciência e Tecnologia

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E PLANEJAMENTO

DESPACHO DO DIRETOR
Em 6 de agosto de 2010

164ª Relação Pesquisadores Credenciados Importação - Lei 10.964/2004.

Nº REGISTRO	CPF	NOME	VENCIMENTO
920.004367/2010	389.894.250-34	DIRCEU LUIS SEVERO	28/07/2015
920.004368/2010	894.447.010-34	ROSVITA SCHREINER	28/07/2015
920.004369/2010	375.870.215-15	GENEBALDO SALES NUNES	30/07/2015
920.004370/2010	513.007.885-34	LETICIA ALONSO BERNARDEZ	30/07/2015
920.004371/2010	627.578.060-68	MARTIN STEPPE	30/07/2015
920.004372/2010	761.841.451-34	LAURO JUNE QUEIROZ MAIA	30/07/2015
920.004373/2010	010.987.296-76	CARLOS HENRIQUE DE CASTRO	03/08/2015
920.004374/2010	052.830.862-91	NELITON MARQUES DA SILVA	04/08/2015
920.004375/2010	535.888.196-49	ANA MARIA DE PAULA	06/08/2015
920.004376/2010	606.552.831-53	ANDRIS FIGUEIROA BAKUZIS	06/08/2015

LUIZ ALBERTO DE FREITAS BRANDAO HORTA BARBOSA
Substituto

FINANCIADORA DE ESTUDOS E PROJETOS
ÁREA FINANCEIRA E DE CAPTAÇÃO

DESPACHO DO SUPERINTENDENTE
Em 6 de agosto de 2010

Comprometimento Orçamentário do FNDCT nº 77/2010.

O Superintendente da Área Financeira e de Captação, no uso de suas atribuições conferidas pela RES/DIR/0084/00, resolve: comprometer o orçamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FNDCT, na forma abaixo:

BENEFICIÁRIO	NUMERO CONVENIO	NUMERO EMPENHO PTRES	VALOR EMPENHO	VIGENCIA CONVENIO
Fundação Euclides da Cunha de Apoio Institucional à UFF	5124/06 593445	2010ne003643 4892	13.760,00	18/12/2010
Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Alagoas	4302/05 563228	2010ne003632 4886	60.253,00	19/12/2010

A eficácia do presente despacho fica condicionada a sua publicação no Diário Oficial da União.

CARLOS EDUARDO GUTIERREZ FREIRE

Ministério da Cultura

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA

RETIFICAÇÃO

Na ATA DA SESSÃO REALIZADA PARA AFERIÇÃO DO PRÊMIO ADICIONAL DE RENDA - 2010, publicada no D.O.U. de 06 de agosto de 2010, Seção 1, páginas 25 a 26, retifica-se:
ONDE SE LÊ:

01	TOTAL ENTERTAINMENT	RJ	SE EU FOSSE VOCÊ 2	**R$383.150,58**

LEIA-SE:

01	TOTAL ENTERTAINMENT LTDA.	RJ	SE EU FOSSE VOCÊ 2	**R$383.150,58**

ONDE SE LÊ:

03	TOTAL ENTERTAINMENT	RJ	DIVÃ	**R$343.263,94**

LEIA-SE:

01	TOTAL ENTERTAINMENT LTDA.	RJ	DIVÃ	**R$343.263,94**

ONDE SE LÊ:

08	START DESENHOS ANIMADOS	SP	O GRILO FELIZ E OS INSETOS GIGANTES	**R$222.085,68**
09	O2 PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS LTDA	SP	À DERIVA	**R$115.160,10**
10	NEXUS CINEMA E VÍDEO	SP	BUDAPESTE	**R$116.335,92**

LEIA-SE:

08	START DESENHOS ANIMADOS LTDA.	SP	O GRILO FELIZ E OS INSETOS GIGANTES	**R$222.085,68**
09	O2 PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CINEMATOGRÁFICAS LTDA	SP	À DERIVA	**R$115.160,10**
10	NEXUS CINEMA E VÍDEO LTDA.	SP	BUDAPESTE	**R$116.335,92**

ONDE SE LÊ:

07	RESERVA NACIONAL DISTRIBUIDORA	SP	SE NADA MAIS DER CERTO; A ILHA DA MORTE; ALÔ, ALÔ, TEREZINHA; A FESTA DA MENINA MORTA; CIDADÃO BOILENSEN	**R$ 216.704,90**

LEIA-SE:

07	RESERVA NACIONAL DISTRIBUIDORA LTDA.	SP	SE NADA MAIS DER CERTO; A ILHA DA MORTE; ALÔ, ALÔ, TEREZINHA; A FESTA DA MENINA MORTA; CIDADÃO BOILENSEN	**R$ 216.704,90**

ONDE SE LÊ:

40	CINE DUNAS LTDA.	RS	CINEMA DUNAS	**R$9.579,58**
41	CINE DUNAS LTDA.	RS	CINEMA DUNAS	**R$ 9.340,09**

LEIA-SE:

40	CINEMA DUNAS LTDA.	RS	CINEMA DUNAS	**R$9.579,58**
41	CINEMA DUNAS LTDA.	RS	CINEMA DUNAS	**R$ 9.340,09**

Onde se lê:
AKIO ASSUNÇÃO NAKAMURA
Suplente
ANNA CAROLINA A. MONTEIRO DE BARROS
Suplente
ELAINE JOSÉ DA SILVA
Suplente
Leia-se:
AKIO ASSUNÇÃO NAKAMURA
ANNA CAROLINA A. MONTEIRO DE BARROS
ELAINE JOSÉ DA SILVA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

PORTARIA Nº 20, DE 6 DE AGOSTO DE 2010

O COORDENADOR DE PESQUISA E LICENCIAMENTO ARQUEOLÓGICO DO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN, nos termos da Portaria DEPAM/IPHAN nº 2, de 29 de junho de 2009, publicado no D.O.U., Seção 2, de 01.07.09 e de acordo com o disposto no inciso VIII do artigo 17, Anexo I do Decreto nº 6.844 de 07.05.09, na Lei nº 3.924, de 26.07.61 e na Portaria SPHAN nº 07, de 01.12.88 e ainda do que consta dos processos administrativos relacionados nos anexos a esta Portaria, resolve:

I -Expedir PERMISSÕES, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo I a esta Portaria.

II -Expedir AUTORIZAÇÕES, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, às instituições executoras dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo II a esta Portaria.

III -Expedir RENOVAÇÃO DE PERMISSÕES, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, às instituições executoras dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo II a esta Portaria.

IV -Expedir RENOVAÇÃO DE AUTORIZAÇÕES, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, às instituições executoras dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo II a esta Portaria.

V -Expedir PRORROGAÇÃO DE PERMISSÕES, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, às instituições executoras dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo II a esta Portaria.

VI -Determinar às Superintendências Regionais do IPHAN da área de abrangência dos projetos, o acompanhamento e a fiscalização da execução dos trabalhos, inclusive no que diz respeito à destinação e à guarda do material coletado, assim como das ações de preservação e valorização dos remanescentes.

VII -Condicionar a eficácia das presentes permissões, autorizações e renovações de permissão à apresentação, por parte dos arqueólogos coordenadores, de relatórios parciais e finais ao término dos prazos fixados nos projetos de pesquisa anexos a esta Portaria, contendo todas as informações previstas nos artigos 11 e 12 da Portaria SPHAN nº 7, de 01.12.88.

VIII -Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ROGÉRIO JOSÉ DIAS

ANEXO I

01 - Processo IPHAN nº 01425.000172/2010-35
Projeto: Diagnóstico Arqueológico LT Cuiabá - Nobres - Nova Mutum
Arqueóloga Coordenadora: Suzana Hirooka
Apoio Institucional: Instituto Ecossistemas e Populações Tradicionais
Área de Abrangência: Municípios de Cuiabá, Várzea Grande, Acorizal, Rosário Oeste, Diamantino, Nobres, Nova Mutum, no Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 03 (três) meses
02 - Processo IPHAN nº 01492.000181/2010-22
Projeto: Avaliação e Levantamento do Potencial Arqueológico do Projeto Jacaré.
Arqueólogo Coordenador: Fabiano Lopes de Paula
Apoio Institucional: Museu de Ciências Naturais - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012010080900012

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

Área de Abrangência: Município de São Félix do Xingu, no Estado do Pará.
Prazo de Validade: 03 (três) meses
03 - Processo IPHAN nº 01506.001310/2010-01
Projeto: Plano de Arqueologia Preventiva da Recapacitação da Infra-estrutura Ferroviária e Sistemas do Trecho de Itapevi - KM 36+000 a Amador Bueno - KM 42+34 da Linha 8 - Diamante da CPTM, Município de Itapevi/SP
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani
Apoio Institucional: Museu Histórico Sorocabano
Área de Abrangência: Município de Itapevi, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses
04 - Processo IPHAN nº 01506.001345/2010-32
Projeto: Programa de Gestão dos Recursos Arqueológicos - Nardini Agroindustrial Ltda. - Subprograma de Resgate Arqueológico.
Arqueólogos Coordenadores: Camila Azevedo de Moraes e Paulo Eduardo Zanettini
Apoio Institucional: Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria
Área de Abrangência: Municípios de Ariranha, Bebedouro, Cândido Rodrigues, Catanduva, Fernando Prestes, Itápolis, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Palmares Paulista, Pirangi, Taiúva, Taiaçú, Taquaritinga e Vista Alegre do Alto, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 08 (oito) meses
05 - Processo IPHAN nº 01500.002948/2010-10
Projeto: Projeto de Diagnóstico e Prospecções Arqueológicas na Área de Exploração Mineral da Empresa C&M Material de Construção - Porto das Caixas, no Município de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro
Arqueóloga Coordenadora: Nanci Vieira de Oliveira
Apoio Institucional: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Área de Abrangência: Município de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro.
Prazo de Validade: 01 (um) mês.
06 - Processo IPHAN nº 01496.000890/2010-78
Projeto: Projeto de Prospecção e Resgate Arqueológicos da Área de Influência da Usina Eólico- Elétrica Taíba - Andorinha - Município de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará.
Arqueóloga Coordenadora: Marluce Lopes da Silva
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia o Homem Potiguar
Área de Abrangência: Município de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.
07 - Processo IPHAN nº 01496.000855/2010-59
Projeto: Projeto de Prospecção e Resgate Arqueológicos da Área de Influência da Usina Eólico- Elétrica Icaraí I - Município de Amontada, no Estado do Ceará.
Arqueólogo Coordenador: Iago Henrique Albuquerque de Medeiros
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia o Homem Potiguar
Área de Abrangência: Município de Amontada, no Estado do Ceará.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.
08 - Processo IPHAN nº 01496.000854/2010-78
Projeto: Projeto de Prospecção e Resgate Arqueológicos da Área de Influência da Usina Eólico- Elétrica Icaraí II - Município de Amontada, no Estado do Ceará.
Arqueólogo Coordenador: Iago Henrique Albuquerque de Medeiros
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia o Homem Potiguar
Área de Abrangência: Município de Amontada, no Estado do Ceará.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.
09 - Processo IPHAN nº 01496.000856/2010-01
Projeto: Projeto de Prospecção e Resgate Arqueológicos da Área de Influência da Usina Eólico- Elétrica Colônia - Município de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará
Arqueóloga Coordenadora: Marluce Lopes da Silva
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia o Homem Potiguar
Área de Abrangência: Município de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses
10 - Processo IPHAN nº 01496.000858/2010-92
Projeto: Projeto de Prospecção e Resgate Arqueológicos da Área de Influência da Usina Eólico- Elétrica Taíba Águia - Município de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará
Arqueóloga Coordenadora: Marluce Lopes da Silva
Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia o Homem Potiguar
Área de Abrangência: Município de São Gonçalo do Amarante, no Estado do Ceará.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses
11 - Processo IPHAN nº 01492.000235/2010-50
Projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico - Projeto Jaguar, no Município de São Félix do Xingu, no Estado do Pará.
Arqueólogo Coordenador: Paulo Eduardo Zanettini
Apoio Institucional: Fundação Casa de Cultura de Marabá
Área de Abrangência: Município de São Félix do Xingu, no Estado do Pará.
Prazo de Validade: 03 (três) meses
12 - Processo IPHAN nº 01492.000257/2010-10
Projeto: Resgate Arqueológico na Área de Intervenção da Linha de Distribuição 138kV Derivação Onça Puma
Arqueólogo Coordenador: Daniel Gabriel Cruz
Apoio Institucional: Fundação Casa de Cultura de Marabá
Área de Abrangência: Município de Ourilândia do Norte e Tucumã, no Estado do Pará.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
13 - Processo IPHAN nº 01510.000895/2010-75
Projeto: Programa de Arqueologia Preventiva para as Obras de Ampliação do Sistema de Saneamento no Município de Joinville, norte do estado de Santa Catarina
Arqueólogo Coordenador: Juliano Bitencourt Campos
Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas - Universidade do Extremo Sul Catarinense
Área de Abrangência: Município de Joinville, no Estado de Santa Catarina.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
14 - Processo IPHAN nº 01510.000637/2010-99
Projeto: Programa de Arqueologia Preventiva da Rodovia SC 407 Sub Trecho São Martinho - São Luiz
Arqueólogo Coordenador: Juliano Bitencourt Campos
Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas - Universidade do Extremo Sul Catarinense
Área de Abrangência: Município de São Martinho, no Estado de Santa Catarina.
Prazo de Validade: 02 (dois) meses
15 - Processo IPHAN nº 01506.001394/2010-75
Projeto: Monitoramento Arqueológico das Frentes de Implantação do Projeto Multivias II Pólo Industrial e Logístico
Arqueóloga Coordenadora: Daisy de Morais
Apoio Institucional: Centro Regional de Arqueologia Ambiental / Projeto Paranapanema
Área de Abrangência: Município de Jundiaí, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
16 - Processo IPHAN nº 01506.001403/2010-28
Projeto: Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico - Gasoduto Guaiçara - Lins (Rede Secundária), Estado de São Paulo
Arqueólogo Coordenador: Paulo Eduardo Zanettini
Apoio Institucional: Fundação Cultural São Sebastião
Área de Abrangência: Municípios de Guaiçara e Lins, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
17 - Processo IPHAN nº 01506.001430/2010-09
Projeto: Gestão Estratégica do Patrimônio Arqueológico nas Áreas de Expansão de Plantio da Agroindústria Sucro - Alcooleira Vale do Paraná: Levantamento Prospectivo, Avaliação e Inclusão Social de Trabalhadores
Arqueólogos Coordenadores: Daisy de Morais e José Luiz de Morais
Apoio Institucional: Centro Regional de Arqueologia Ambiental / Projeto Paranapanema
Área de Abrangência: Município de Suzanópolis, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
18 - Processo IPHAN nº 01506.001418/2010-96
Projeto: Programa de Arqueologia Preventiva do Empreendimento Urbanístico Jundiaí da Alphaville Urbanismo Ltda.
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani
Apoio Institucional: Museu Histórico Sorocabano
Área de Abrangência: Município de Jundiaí, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses
19 - Processo IPHAN nº 01506.000191/2010-61
Projeto: Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica para a PCH Mangaba, no Município de Jaciara, no Estado do Mato Grosso.
Arqueólogo Coordenador: Walter Fagundes Morales
Apoio Institucional: Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia - Universidade Estadual de Santa Cruz
Área de Abrangência: Município de Jaciara, no Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
20 - Processo IPHAN nº 01425.000188/2010-48
Projeto: Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica para a CGH Glória, Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso
Arqueólogo Coordenador: Walter Fagundes Morales
Apoio Institucional: Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia - Universidade Estadual de Santa Cruz
Área de Abrangência: Município de Santo Antônio do Leverger, no Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
21 - Processo IPHAN nº 01490.000168/2008-79
Projeto: Projeto Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento Prospectivo de Subsuperfície nas Áreas Direta e Indiretamente Impactadas pela Construção da Avenida das Torres (Etapa1), no Município de Manaus, no Estado do Amazonas
Arqueólogo Coordenador: Fábio Origuela de Lira.
Apoio Institucional: Museu da Amazônia - MUSA
Área de Abrangência: Município de Manaus, no Estado do Amazonas.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
22 - Processo IPHAN nº 01425.000190/2010-17
Projeto: Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica para a CGH Araguaia, Alto Araguaia, Mato Grosso
Arqueólogo Coordenador: Walter Fagundes Morales
Apoio Institucional: Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia - Universidade Estadual de Santa Cruz
Área de Abrangência: Município de Alto Araguaia, no Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
23 - Processo IPHAN nº 01425.000192/2010-14
Projeto: Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica para a CGH Alto Garças, Alto Araguaia, Mato Grosso
Arqueólogo Coordenador: Walter Fagundes Morales
Apoio Institucional: Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia - Universidade Estadual de Santa Cruz
Área de Abrangência: Município de Alto Araguaia, no Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
24 - Processo IPHAN nº 01425.000189/2010-92
Projeto: Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica para a CGH Araguainha, Alto Araguaia, Mato Grosso
Arqueólogo Coordenador: Walter Fagundes Morales
Apoio Institucional: Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia - Universidade Estadual de Santa Cruz
Área de Abrangência: Município de Alto Araguaia, no Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 04 (quatro) meses
ANEXO II
01 - Processo IPHAN nº 01514.002473/2010-02
Projeto: Projeto de Intervenção no Sítio Vereda III
Instituição Executora: Museu de História Natural e Jardim Botânico - Universidade Federal de Minas Gerais
Arqueólogo Coordenador: André Pierre Prous Poirier
Área de Abrangência: Município de Matozinhos, no Estado de Minas Gerais.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
02 - Processo IPHAN nº 01496.000807/2010-61
Projeto: Os Grupos Ceramistas da Praia de Sabiaguaba, Fortaleza/CE - Pesquisa Acadêmica
Instituição Executora: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco
Arqueólogas Coordenadoras: Verônica Pontes Viana e Cláudia Alves de Oliveira
Área de Abrangência: Município de Fortaleza, no Estado do Ceará.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses
03 - Processo IPHAN nº 01512.001074/2010-36
Projeto: Pesquisa e Monitoramento Arqueológico das obras de Pavimentação da Rodovia RS 330 entre a Cidade de Derrubadas e a Localidade de Pinhalzinho Município de Tenente Portela
Instituição Executora: Laboratório de Arqueologia e Etnologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Arqueólogo Coordenador: José Otávio Catafesto de Souza
Área de Abrangência: Município de Tenente Portela, no Estado do Rio Grande do Sul.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses
04 - Processo IPHAN nº 01498.000583/2010-77
Projeto: Resgate e Monitoramento Arqueológico na Vila dos Remédios, Fernando de Noronha, Pernambuco
Instituição Executora: Laboratório de Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco
Arqueólogo Coordenador: Marcos Antônio Gomes de Mattos de Albuquerque
Área de Abrangência: Distrito Estadual de Fernando de Noronha, no Estado de Pernambuco.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
ANEXO III
01 - Processo IPHAN nº 01450.009700/2008-90
Projeto: Programa de Prospecção, Monitoramento e Salvamento Arqueológico do Gasoduto Pilar (AL) / Ipojuca (PE)
Arqueólogo Coordenador: Luiz Augusto Viva do Nascimento
Apoio Institucional: Cento de Referência em Patrimônio e Pesquisa
Área de Abrangência: Municípios de Ipojuca, Sirinhaém, Gameleira, Rio Formoso e Água Preta, no Estado de Pernambuco e Municípios de Jacuípe, Campestre, Jundiá, Matriz de Camaragibe, Joaquim Gomes, Flexeiras, São Luiz do Quitundes, Messias, Rio Largo e Pilar, no Estado de Pernambuco.
Prazo de Validade: 03 (três) meses
02 - Processo IPHAN nº 01500.001294/2009-65
Projeto: Programa de Diagnóstico e Prospecções Arqueológicas para o Traçado de Construção da LT da SE de Furnas para o Complexo Portuário do Açu, Municípios de Campos e São João da Barra/RJ
Arqueóloga Coordenadora: Nanci Vieira de Oliveira
Apoio Institucional: Laboratório de Antropologia Biológica - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Área de Abrangência: Municípios de Campos dos Goytacazes e São João da Barra, no Estado do Rio de Janeiro.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
03 - Processo IPHAN nº 01516.000316/2008-10
Projeto: Levantamento, Monitoramento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Área Diretamente Afetada pela Construção da Ferrovia Norte-Sul no Estado de Goiás - Trecho Rianápolis - Córrego Enseada
Arqueólogo Coordenador: Paulo Jobim Campos Mello
Apoio Institucional: Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás
Área de Abrangência: Município de Rianápolis, no Estado de Goiás.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
04 - Processo IPHAN nº 01516.000179/2001-47
Projeto: Projeto de Resgate do Patrimônio Arqueológico da Área Diretamente Afetada pela Construção da Ferrovia Norte-Sul - Trecho 1 - Anápolis a Rianápolis - Sub-trecho 1 - Km 0 ao Km 53, no Estado de Goiás

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012010080900013

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

Ministério da Cultura

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA
SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO

DELIBERAÇÃO Nº 48, DE 19 DE MARÇO DE 2012

O SUPERINTENDENTE DE FOMENTO da ANCINE, no uso das atribuições legais conferidas pela Portaria nº 324 de 10 de outubro de 2011; e em cumprimento ao disposto na Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993, Medida Provisória nº 2.228-1, de 06 de setembro de 2001, Decreto nº 4.456, de 04 de novembro de 2002, delibera:

Art. 1º Aprovar o remanejamento das fontes de recursos do projeto audiovisual abaixo relacionado, para o qual a proponente fica autorizada a captar recursos mediante doações ou patrocínios na forma prevista nos arts. 25 e 26 da Lei nº. 8.313, de 23/12/1991, e mediante patrocínio, na forma prevista no art. 1º-A da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993.

07-0288 - Música, Filosofia e Vinho
Processo: 01580.027296/2007-70
Proponente: Jaguar Produções Artísticas Ltda. - EPP
Cidade/UF: Rio de Janeiro / RJ
CNPJ: 02.127.762/0001-89
Valor total do orçamento aprovado: R$ 758.680,00
Valor aprovado no artigo 25 da Lei nº. 8.313/91: de R$ 393.000,00 para R$ 150.000,00
Banco: 001- agência: 1569-5 conta corrente: 19.993-1
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei nº. 8.685/93: de R$ 0,00 para R$ 450.000,00
Banco: 001- agência: 1569-5 conta corrente: 23.310-2
Prazo de captação: até 31/12/2012.

Art. 2º Aprovar o remanejamento das fontes de recursos dos projetos audiovisuais abaixo relacionados, para os quais as proponentes ficam autorizadas a captar recursos através da comercialização de certificados de investimento nos termos do art. 1º da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993, e mediante patrocínio, na forma prevista no art. 1º-A da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993.

08-0500 - Quase Memória
Processo: 01580.047507/2008-71
Proponente: Kinossaurus Filmes Ltda.
Cidade/UF: Rio de Janeiro / RJ
CNPJ: 02.282.322/0001-04
Valor total do orçamento aprovado: R$ 4.154.747,78
Valor aprovado no artigo 1º da Lei nº. 8.685/93: de R$ 0,00 para R$ 1.000.000,00
Banco: 001- agência: 0287-9 conta corrente: 37.727-9
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei nº. 8.685/93: de R$ 2.297.000,00 para R$ 1.400.000,00
Banco: 001- agência: 0287-9 conta corrente: 36.490-8
Prazo de captação: até 31/12/2012.
11-0395 - Mesmo Que Seja Eu
Processo: 01580.035964/2011-19
Proponente: Casa Azul Produções Artísticas Ltda.
Cidade/UF: São Paulo / SP
CNPJ: 06.159.269/0001-00
Valor total do orçamento aprovado: R$ 2.876.079,20
Valor aprovado no artigo 1º da Lei nº. 8.685/93: de R$ 0,00 para R$ 800.000,00
Banco: 001- agência: 1551-2 conta corrente: 18.901-4
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei nº. 8.685/93: de R$ 2.732.275,24 para R$ 1.932.275,24
Banco: 001- agência: 1551-2 conta corrente: 18.530-2
Prazo de captação: até 31/12/2015.

Art. 3º Aprovar o remanejamento das fontes de recursos do projeto audiovisual relacionado abaixo, para o qual a proponente fica autorizada a captar recursos através da formalização de contratos de coprodução nos termos do art. 3º-A da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993, e mediante patrocínio, na forma prevista no art. 1º-A da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993.

11-0168 - Santos: 100 Anos de Futebol Arte - O Filme
Processo: 01580.014101/2011-16
Proponente: Canal Azul Consultoria Audiovisual Ltda.
Cidade/UF: São Paulo / SP
CNPJ: 04.350.398/0001-47
Valor total do orçamento aprovado: R$ 2.226.420,00
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei nº. 8.685/93: de R$ 2.115.099,00 para R$ 1.715.099,00
Banco: 001- agência: 1504-0 conta corrente: 14.074-0
Valor aprovado no artigo 3º-A da Lei nº. 8.685/93: de R$ 0,00 para R$ 400.000,00
Banco: 001- agência: 1504-0 conta corrente: 14.639-0
Prazo de captação: até 31/12/2014.

Art. 4º Prorrogar o prazo de captação de recursos do projeto audiovisual abaixo relacionado, para o qual a proponente fica autorizada a captar recursos através da comercialização de certificados de investimento nos termos do art. 1º da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993, e mediante patrocínio, na forma prevista no art. 1º-A da Lei nº. 8.685, de 20/07/1993.

07-0031 - Dawson Ilha 10
Processo: 01580.004860/2007-86
Proponente: VPC Cinema Vídeo Produções Artísticas e Distribuidora de Filmes Ltda.
Cidade/UF: Simões Filho / BA
CNPJ: 34.366.831/0001-01
Prazo de captação: 01/01/2012 até 31/12/2012.

Art. 5º Esta Deliberação entra em vigor na data de sua publicação.

PAULO ALCOFORADO

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

PORTARIA Nº 110, DE 12 DE MARÇO DE 2012

O PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, considerando a Portaria 162 publicada no Boletim Administrativo Eletrônico no. 491 - Edição Extra, de 27/05/2009, Portaria no. 391, publicada no Diário Oficial da União de 10 de junho de 2009, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto no. 6.844, de 07 de maio de 2009, resolve:

Art. 1º. Divulgar que a apuração a que se refere o art. 45, § § 2º. e 3º., da Portaria no. 50 de 30 de janeiro de 2012, alcançou o índice 92,75% a ser considerado no segundo ciclo de avaliação institucional no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Art. 2º. Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA E LICENCIAMENTO ARQUEOLÓGICO

PORTARIA Nº 7, DE 19 DE MARÇO DE 2012

O COORDENADOR DE PESQUISA E LICENCIAMENTO ARQUEOLÓGICO DO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN, nos termos da Portaria DEPAM/IPHAN nº. 2, de 29 de junho de 2009, publicado no D.O.U., Seção 2, de 01.07.09 e de acordo com o disposto no inciso VIII do artigo 17, Anexo I do Decreto nº. 6.844 de 07.05.09, na Lei nº. 3.924, de 26.07.61 e na Portaria SPHAN nº. 07, de 01.12.88 e ainda do que consta dos processos administrativos relacionados nos anexos a esta Portaria, resolve:

I -Expedir PERMISSÃO, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no Anexo I desta Portaria.

II -Expedir RENOVAÇÃO DE PERMISSÃO, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no Anexo II desta Portaria.

III -Expedir AUTORIZAÇÃO, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, às instituições executoras dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo III desta Portaria;

IV -Expedir PRORROGAÇÃO DE PERMISSÃO, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos arqueólogos coordenadores dos projetos de pesquisas arqueológicas relacionadas no Anexo IV desta Portaria.

V -Expedir RENOVAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, às instituições executoras dos projetos de pesquisa arqueológica relacionados no anexo V a esta Portaria.

VI -Determinar às Superintendências Estaduais do Iphan da área de abrangência dos projetos, o acompanhamento e a fiscalização da execução dos trabalhos, inclusive no que diz respeito à destinação e à guarda do material coletado, assim como das ações de preservação e valorização dos remanescentes.

VII -Condicionar a eficácia das presentes permissões, autorizações e renovações de permissão à apresentação, por parte dos arqueólogos coordenadores, de relatórios parciais e finais ao término dos prazos fixados nos projetos de pesquisa anexos a esta Portaria, contendo todas as informações previstas nos artigos 11 e 12 da Portaria SPHAN nº. 07, de 01.12.88.

VIII -Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

ROGÉRIO JOSÉ DIAS

ANEXO I

01 - Processo nº. 01506.003693/2012-47.
Projeto: Programa de Reconhecimento e Resgate do Sítio Histórico VALONGO 02, OBRAS DA SEDE ADMINISTRATIVA DA UO-BS.
Arqueólogo Coordenador: Wagner Gomes Bornal.
Apoio Institucional: Fundação Cultural São Sebastião.
Área de Abrangência: Município de Santos, Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

02 - Processo nº. 01506.003750/2012-57.
Projeto: Monitoramento Arqueológico da CONSTRUÇÃO DA LT 138 KV UTE BROTAS.
Arqueólogo Coordenador: José Luiz de Morais.
Apoio Institucional: Museu de Arqueologia de Iepê - MAI.
Área de Abrangência: Município de Brotas, Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

03 - Processo nº. 01506.003682/2012-26.
Projeto: Prospecção e Proposta de Programa de Educação Patrimonial IMPLANTAÇÃO DE COLETORES TRONCO, ESTAÇÕES ELEVATÓRIAS DE ESGOTO E ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTO, COTIA/SP.
Arqueólogas Coordenadoras: Neide Barroca Faccio e Juliana Aparecida Rocha Luz.
Apoio Institucional: Museu de Arqueologia de Iepê - MAI.
Área de Abrangência: Município de Cotia, Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 03 (três) meses.

04 - Processo nº. 01514.004213/2011-44.
Projeto: Diagnóstico Arqueológico Interventivo em Área da EMPRESA ILCOM MINERAÇÃO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
Arqueólogo Coordenador: Fernando Walter da Silva Costa.
Apoio Institucional: Museu de Ciências Naturais - PUC/MG.
Área de Abrangência: Município de Sete Lagoas, Estado de Minas Gerais.
Prazo de Validade: 01 (um) mês.

05 - Processo nº. 01500.004200/2011-24.
Projeto: Diagnóstico Arqueológico Interventivo da ADA pela Implantação da SEDE DO BANCO CENTRAL DO BRASIL - BAIRRO GAMBOA, RIO DE JANEIRO/RJ.
Arqueólogos Coordenadores: Marcio Antonio Telles e Leandro Domingues Duran.
Apoio Institucional: IPHAN-RJ.
Área de Abrangência: Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.
Prazo de Validade: 18 (dezoito) meses.

06 - Processo nº. 01403.000471/2011-17.
Projeto: Programa de Diagnóstico, Prospecção Arqueológica e Avaliação de Impactos em Áreas de Influência para a Implantação da CTR DE ARAPIRACA.
Arqueólogo Coordenador: Roberto Luiz Quintella Tenório.
Apoio Institucional: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - IHGAL.
Área de Abrangência: Município de Arapiraca, Estado de Alagoas.
Prazo de Validade: 06 (seis) meses.

07 - Processo nº. 01425.000060/2012-46.
Projeto: Projeto de Salvamento Arqueológico e Educação Patrimonial da PCH BELEZA.
Arqueóloga Coordenadora: Suzana Hirooka.
Apoio Institucional: Instituto de Ecossistemas e Populações Tradicionais - ECOSS.
Área de Abrangência: Município de Juscimeira, Estado do Mato Grosso.
Prazo de Validade: 18 (dezoito) meses.

08 - Processo nº. 01506.003767/2012-12
Projeto: Programa de Prospecções e Monitoramento Arqueológico para a RECUPERAÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE SÃO LUIZ DE TOLOSA, São Luiz de Paraitinga/SP.
Arqueólogo Coordenador: Wagner Gomes Bornal.
Apoio Institucional: Fundação Dom José Antônio do Couto - FUNDJAC.
Área de Abrangência: Município de São Luiz de Paraitinga, no Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 03 (três) meses.

09 - Processo nº. 01506.003665/2012-99.
Projeto: Programa de Arqueologia Preventiva na ESTAÇÃO DE BOMBEAMENTO SÃO BERNARDO DO CAMPO (ESBC).
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de J. C. Juliani.
Apoio Institucional: Museu Histórico Sorocabano.
Área de Abrangência: Município de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

10 - Processo nº. 01506.003556/2012-71.
Projeto: Programa de Arqueologia Preventiva da LINHA 4-AMARELA DO METRÔ - ESTAÇÃO SÃO PAULO/MORUMBÍ E ESTAÇÃO OSCAR FREIRE.
Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de J. C. Juliani.
Apoio Institucional: Museu Histórico Sorocabano.
Área de Abrangência: Município de São Paulo, Estado de São Paulo.
Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

11 - Processo nº. 01510.001505/2011-65.
Projeto: Programa de Prospecção Arqueológica na Área de Implantação do Empreendimento LOTEAMENTO RESIDENCIAL PRAIA DA GAMBÔA.
Arqueóloga Coordenadora: Vânia Leandro de Sousa.
Apoio Institucional: Museu Universitário - UFSC.
Área de Abrangência: Municípios de Garopaba, Estado de Santa Catarina.
Prazo de Validade: 03 (três) meses.

12 - Processo nº. 01510.001728/2011-22.
Projeto: Programa de Prospecção Arqueológica na Área de DUPLICAÇÃO DAS AVENIDAS MARIETA KONDER BORNHAUSEN, MANOEL FLORENTINO MACHADO E ACESSO PORTUÁRIO.
Arqueólogo Coordenador: Valdir Luiz Schwengber.
Apoio Institucional: GRUPEP/UNISUL.
Área de Abrangência: Municípios de Imbituba, Estado de Santa Catarina.

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012012032000005

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

Prazo de Validade: 04 (quatro) meses.

13 - Processo nº. 01510.002188/2011-02.

Projeto: Programa de Prospecção Arqueológica em Área de Implantação do TERMINAL RETROPOTUÁRIO DO NOVO PORTO DE ITAPOÁ.

Arqueólogo Coordenador: Valdir Luiz Schwengber.

Apoio Institucional: GRUPEP -UNISUL.

Área de Abrangência: Municípios de Itapoá, Estado de Santa Catarina.

Prazo de Validade: 05 (cinco) meses.

14 - Processo nº. 01510.001791/2011-69.

Projeto: Levantamento Arqueológico Prospectivo e Educação Patrimonial da JAZIDA DE ARGILA AMOLA FACA.

Arqueólogo Coordenador: Juliano Bitencourt Campos.

Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas, Universidade do Extremo Sul Catarinense (IPAT/UNESC).

Área de Abrangência: Municípios de Timbé do Sul, Estado de Santa Catarina.

Prazo de Validade: 02 (dois) meses.

15 - Processo nº. 01510.001792/2011-11.

Projeto: Levantamento Arqueológico Prospectivo e Educação Patrimonial da JAZIDA DE ARGILA SAN MARCOS MORRO GRANDE.

Arqueólogo Coordenador: Juliano Bitencourt Campos.

Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas, Universidade do Extremo Sul Catarinense (IPAT/UNESC).

Área de Abrangência: Municípios de Sangão, Estado de Santa Catarina.

Prazo de Validade: 02 (dois) meses.

16 - Processo nº. 01506.003659/2012-31.

Projeto: Programa de Prospecção e Gestão do Patrimônio Arqueológico do LOTEAMENTO INDUSTRIAL DO PARQUE TECNOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP.

Arqueólogo Coordenador: Plácido Cali e Marianne Sallum.

Apoio Institucional: Museu de Arqueologia de Iepê - MAI.

Área de Abrangência: Município de São José dos Campos, Estado de São Paulo.

Prazo de Validade: 06 (seis) meses.

17 - Processo nº. 01508.000088/2012-63.

Projeto: Gestão do Patrimônio Arqueológico na Área de Influência do Projeto de DUPLICAÇÃO DA RODOVIA BR-277, KM 114-123.

Arqueóloga Coordenadora: José Luiz de Morais.

Apoio Institucional: Museu de Arqueologia do Iepê - Projeto Paranapanema.

Área de Abrangência: Município de Campo Largo, Estado do Paraná.

Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

18 - Processo nº. 01403.000252/2011-20.

Projeto: Programa de Prospecção, Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial nas Áreas de Influência do Sistema de Esgotamento Sanitário de Marechal Deodoro, Alagoas (Etapa I).

Arqueóloga Coordenadora: Roberto Luiz Quintella Tenório.

Apoio Institucional: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

Área de Abrangência: Município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas.

Prazo de Validade: 06 (seis) meses.

19 - Processo nº. 01450.004804/2012-94.

Projeto: Prospecção Complementar e Salvamento Arqueológico na LT em 600KV Porto Velho/RO - Araraquara/SP - N2.

Arqueóloga Coordenadora: Solange Bezerra Caldarelli e Renato Kipnis.

Apoio Institucional: Centro de Pesquisas e Museu Regional de Arqueologia de Rondônia, Instituto Homem Brasileiro, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia - Universidade Católica de Goiás, Centro de Arqueologia Annete Laming-Emparaire e Museu Voluntários da Pátria.

Área de Abrangência: Municípios de Alto Paraíso, Alvorada D'Oeste, Ariquemes, Cabixi, Cacaulândia, Candeis do Jamari, Castanheiras, Cerejeiras, Chupinguaia, Colorado do Oeste, Corumbiara, Governador Jorge Teixeira, Jaru, Ji-Paraná, Monte Negro, Nova Brasilândia D'Oeste, Ouro Preto do Oeste, Parecis, Pimenta Bueno, Porto Velho, Presidente Médici, Primavera de Rondônia, Rolim de Moura, São Felipe do Oeste, Teixeirópolis e Urupá, Estado de Rondônia; Municípios de Acorizal, Alto Araguaia, Alto Garças, Alto Paraguai, Araputanga, Barra dos Bugres, Campo Verde, Comodoro, Cuiabá, Guairatinga, Indiavaí, Jaciara, Jangada, Jauru, Juscimeira, Lambari D'Oeste, Nova Lacerda, Pedra Preta, Pontes e Lacerda, Poxoréo, Reserva do Cabaçal, Rio Branco, Rondonópolis, Rosário Oeste, Salto do Céu, Santo Antônio do Leverger, São José do Povo, Vale de São Domingos, Várzea Grande e Vila Bela da Santíssima Trindade, Estado do Mato Grosso; Municípios de Caçu, Itarumã, Jataí, Mineiros, Santa Rita do Araguaia e Serranópolis, Estado de Goiás; Municípios de Iturama, Limeira do Oeste, Santa Vitória e União de Minas, Estado de Minas Gerais; Municípios de Araraquara, Borborema, Estrela D'Oeste, Fernandópolis, Floreal, Gavião Peixoto, Guarani D'Oeste, Ibirá, Indiaporã, Irapuã, Itajobi, Itápolis, Jaci, José Bonifácio, Macaubal, Macedônia, Marapoama, Mendonça, Meridiano, Mirassol, Monte Aprazível, Neves Paulista, Nhandeara, Nipoã, Nova Aliança, Nova Europa, Novo Horizonte, Ouroeste, Pedranópolis, Poloni, Populina, Potirendaba, Sebastianópolis do Sul, Turmalina, Tabatinga, União Paulista, Urepês, Valentim Gentil e Votuporanga, Estado de São Paulo.

Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

20 - Processo nº. 01514.004877/2010-22.

Projeto: Levantamento Arqueológico Interventivo e Educação Patrimonial na Área da VALE FOSFATADOS S.A. - BARRAGENS B6 E B7.

Arqueóloga Coordenadora: Eliete Pythagoras Britto Maximino.

Apoio Institucional: Museu de Ciências Naturais - PUC/MG.

Área de Abrangência: Município de Araxá, Estado de Minas Gerais

Prazo de Validade: 02 (dois) meses.

21 - Processo nº. 01512.003290/2010-16

Projeto: Arqueologia Preventiva na LINHA DE TRANSMISSÃO LT 230KV MONTE CLARO - GARIBALDI.

Arqueóloga Coordenadora: Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani.

Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas - IPAT/UNESC.

Área de Abrangência: Municípios de Veranópolis, Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi, no Estado do Rio Grande do Sul.

Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses.

ANEXO II

01 - Processo nº. 01510.000772/2011-15.

Projeto: Levantamento Prospectivo na Área da Linha de Transmissão 138 KV RIO DO SUL (RB) - VIDAL RAMOS.

Arqueólogo Coordenador: Juliano Bitencourt Campos.

Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas, Universidade do Extremo Sul Catarinense (IPAT/UNESC).

Área de Abrangência: Municípios de Rio do Sul, Lontras, Presidente Nereu e Vidal Ramos, Estado de Santa Catarina.

Prazo de Validade: 03 (três) meses.

02 - Processo nº. 01510.000773/2011-60.

Projeto: Levantamento Arqueológico Prospectivo na Área da Linha de Transmissão 138 kV VIDAL RAMOS.

Arqueólogo Coordenador: Juliano Bitencourt Campos.

Apoio Institucional: Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas, Universidade do Extremo Sul Catarinense (IPAT/UNESC).

Área de Abrangência: Município de Vidal Ramos, Estado de Santa Catarina.

Prazo de Validade: 03 (três) meses.

03 - Processo nº. 01506.000339/2011-49.

Projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico, Prospecção Intensiva, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial das OBRAS DE INSTALAÇÃO DO ECOPÁTIO VIRACOPOS.

Arqueólogo Coordenador: Manuel Mateus Bueno González.

Apoio Institucional: Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas - Núcleo de Pesquisas em Chondrichthyes.

Área de Abrangência: Município de Indaiatuba, Estado de São Paulo.

Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses.

04 - Processo n°. 01508.000573/2011-56.

Projeto: Projeto de Prospecção Interventiva e Monitoramento Arqueológico nas Áreas de Intervenção das Obras de Restauro da CASA ROCHA POMBO.

Arqueóloga Coordenadora: Tatiana Costa Fernandes.

Apoio Institucional: Museu de Arqueologia e Etnologia - UFPR

Área de Abrangência: Município de Morretes, Estado do Paraná.

Prazo de Validade: 06 (cinco) meses.

05 - Processo nº. 01514.003325/2011-88.

Projeto: Diagnóstico Interventivo e Prospecção Arqueológica na Área da EIMCAL - EMPRESA INDUSTRIAL DE MINERAÇÃO CALCÁRIA LTDA.

Arqueólogo Coordenador: Edward Koole.

Apoio Institucional: Centro de Arqueologia Annette Laming-Emperaire - Prefeitura Municipal de Lagoa Santa.

Área de Abrangência: Município de Matozinhos, Estado de Minas Gerais.

Prazo de Validade: 02 (dois) meses.

06 - Processo nº. 01492.000181/2010-22.

Projeto: Avaliação e Levantamento do Potencial Arqueológico do PROJETO JACARÉ.

Arqueólogo Coordenador: Fabiano Lopes de Paula.

Apoio Institucional: Museu de Ciências Naturais - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Área de Abrangência: Município de São Félix do Xingu, Estado do Pará.

Prazo de Validade: 06 (seis) meses.

07 - Processo nº.: 01514.004562/2010-85.

Projeto: Diagnóstico Arqueológico - ALTEAMENTO DA BARRAGEM CASA DE PEDRA.

Arqueólogos Coordenadores: Maria Teresa Teixeira Moura e Márcio Alonso Lima.

Apoio Institucional: PUC/MG - Museu de Ciências Naturais.

Área de Abrangência: Município de Congonhas, Estado de Minas Gerais.

Prazo de Validade: 08 (oito) meses.

08 - Processo nº. 01512.000183/2009-01

Projeto: Pesquisa Arqueológica nas Obras de Implantação de um SHOPPING BOURBON NO TERRENO ONDE FUNCIONAVA A ANTIGA FÁBRICA DA WALLIG.

Arqueóloga Coordenadora: Ângela Maria Cappelletti.

Apoio Institucional: Museu Joaquim José Felizardo, Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Área de Abrangência: Município de Porto Alegre, Estado de Rio Grande do Sul.

Prazo de Validade: 13 (treze) meses.

ANEXO III

01 - Processo nº. 01510.001776/2011-11.

Projeto: Arqueologia de uma Ocupação Esquecida: GRUPOS NEGROS EM SÃO FRANCISCO DO SUL/SC.

Instituição Executora: Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE.

Arqueólogos Responsáveis: Fernanda Mara Borba e Dione da Rocha Bandeira.

Área de Abrangência: Município de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina.

Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses.

02 - Processo nº. 01512.002260/2011-73.

Projeto: Projeto Arqueológico BACIA DOS TRÊS FORQUILHAS.

Instituição Executora: Universidade do Vale do Rio Sinos - Instituto Anchietano.

Arqueólogo Responsável: Jairo Henrique Rogge.

Área de Abrangência: Municípios de Três Cachoeiras, Três Forquilhas, Terra de Areia e Itati, Estado do Rio Grande do Sul.

Prazo de Validade: 48 (quarenta e oito) meses.

ANEXO IV

01 - Processo nº. 01506.001849/2011-33.

Projeto: Programa de Monitoramento Arqueológico do SISTEMA DE CANALIZAÇÃO PARA FIBRA ÓPTICA PARA CLARO/EMBRATEL.

Arqueólogo Coordenador: Cássia Rodrigues Bars.

Apoio Institucional: Departamento do Patrimônio Histórico - Secretaria Municipal de Cultura - Prefeitura Municipal de São Paulo.

Área de Abrangência: Município de São Paulo, Estado de São Paulo.

Prazo de Validade: 06 (seis) meses.

02 - Processo nº. 01514.001217/2010-90.

Projeto: Diagnóstico Arqueológico do Projeto Itabiritos Mariana - LIGAÇÃO FERROVIÁRIA PERA DE CARREGAMENTO.

Arqueólogos Coordenadores: Márcio Alonso Lima e Maria Teresa Teixeira de Moura.

Apoio Institucional: Museu de Ciências Naturais - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Área de Abrangência: Municípios de Mariana e Santa Bárbara, no Estado de Minas Gerais.

Prazo de Validade: 12 (doze) meses.

ANEXO V

01 - Processo nº. 01498.000583/2010-77.

Projeto: Resgate e Monitoramento Arqueológico na VILA DOS REMÉDIOS.

Instituição Executora: Laboratório de Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco.

Arqueólogo Coordenador: Marcos Antônio Gomes de Mattos de Albuquerque.

Área de Abrangência: Distrito Estadual de Fernando de Noronha, Estado de Pernambuco.

Prazo de Validade: 06 (seis) meses.

RETIFICAÇÕES

Na Portaria nº. 26/2011, de 11 de agosto de 2011 (DOU 12/08/2012), ANEXO II, Projeto 02, Seção I, onde se lê: "Arqueólogas Coordenadoras: Maria Luiza Freitas Monteiro de Barros e Rute de Lima Pontim", leia-se: "Arqueóloga Coordenadora: Rute de Lima Pontim".

Na Portaria 03/2012, de 07 de fevereiro de 2012 (DOU 08/02/2012), ANEXO II, Projeto 01, Seção I, onde se lê: "Projeto: Prospecção Arqueológica em Áreas da ARACRUZ CELULOSE S.A.", leia-se: "Projeto: Prospecção Arqueológica em Áreas da CMPC".

SECRETARIA DE FOMENTO E INCENTIVO À CULTURA

PORTARIA Nº 147, DE 19 DE MARÇO DE 2012

O SECRETÁRIO DE FOMENTO E INCENTIVO À CULTURA, no uso de suas atribuições legais, que lhe confere a Portaria nº 17 de 12 de janeiro de 2010 e o art. 4º da Portaria nº 120, de 30 de março de 2010, resolve:

Art. 1° - Aprovar projetos culturais, relacionados nos anexos I e II à esta Portaria, para os quais os proponentes ficam autorizados a captar recursos, mediante doações ou patrocínios, na forma prevista, respectivamente, no § 1º do artigo 18 da Lei n.º 8.313, de 23 de dezembro de 1991, alterada pela Lei n.º 9.874, de 23 de novembro de 1999.

Art. 2° - Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

HENILTON PARENTE DE MENEZES

ANEXO

ÁREA: 1 ARTES CÊNICAS - (ART.18, §1º)
11 13932 - Circulação Ceará/Paraíba - Sua Incelença, Ricardo III
Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare
CNPJ/CPF: 01.414.372/0001-27
Processo: 01400.041381/20-11
RN - Natal
Valor do Apoio R$: 142.622,45
Prazo de Captação: 20/03/2012 a 31/07/2012

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/autenticidade.html, pelo código 00012012032000006

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

Anexo 2

Solicitação de remoção de árvores na área das escavações arqueológicas

À Administração de Fernando de Noronha,
Att. Dra. Miriam Cazeta.
C/C
À **SETUR/PRODETUR**
Dra. Ângela Tribuzi SETUR Gov. Estado de Pernambuco

BR Construções Ltda.
Eng. Rodrigo Ferraz

Geossistemas Engenharia e Planejamento
Eng. Henrique Pinto

Fernando de Noronha, 03 de dezembro de 2010.

Tendo em vista o Contrato de Prestação de Serviços firmado entre a **BR CONSTRUÇÕES LTDA**. e a **Arqueolog Pesquisas Ltda. – ME** estamos realizando o Projeto de Resgate e Monitoramento Arqueológico que integra o Projeto Paisagístico e de Revitalização da Vila dos Remédios no Entorno do Forte Santana: Setor 1 .

Durante a execução da etapa de Escavação arqueológica da área onde teria existido a Casa de Banho do Riacho Mulungu, uma seqüência de estruturas arqueológicas até então não conhecidas, foram resgatadas. Parte destas estruturas remonta ao século XIX, tendo algumas delas sido utilizadas e reformadas no início do século passado.
Por outro lado, a escavação arqueológica expôs parte das raízes de um exemplar de mulungu, relativamente jovem. Como pode ser observado na foto abaixo, grande parte das raízes desta árvore se desenvolveu na subsuperfície do terreno, sobre um piso de tijolos rejuntados.



Foto do mulungo com raízes expostas sobre o piso

Permanecendo a árvore no local, a continuidade de escavação na área se torna inviável, face o risco que se corre de provocar o enfraquecimento do sistema de sustentação da mesma, o que poderá acarretar seu tombamento não controlado.

Problema semelhante acontece na área de escavação do Armazém de cereais. Ali foram identificadas uma antiga estrada calçada com lajes de pedra local, que se estendia até um pontilhão, também identificado arqueologicamente, que atravessava o Riacho Mulungu, quase a altura da lâmina d'água constituída pela barragem, outrora em funcionamento.

Foto do mulungu sobre a estrutura do pontilhão



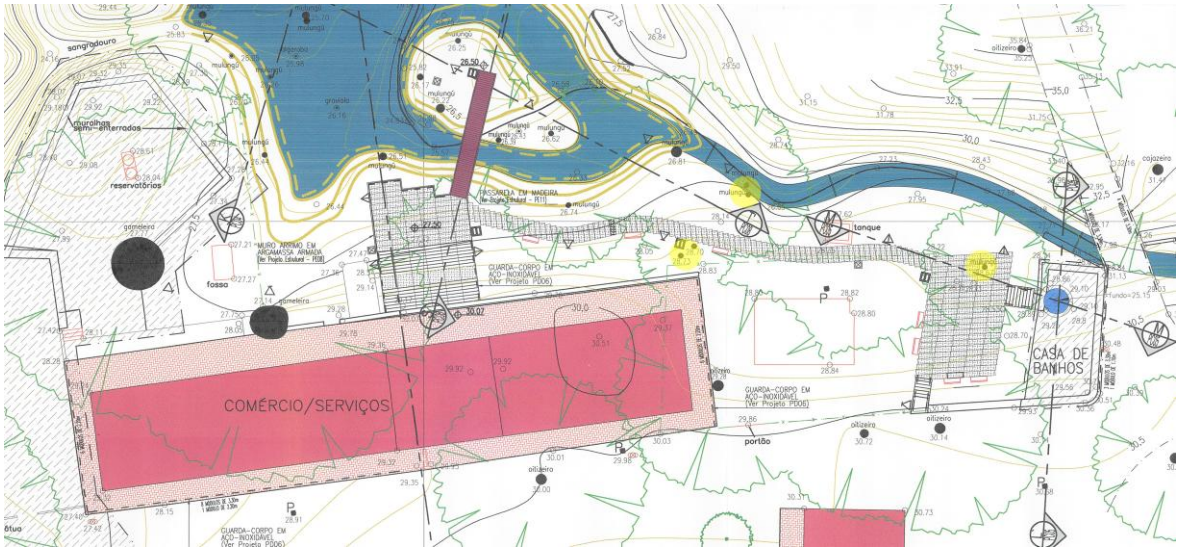


Figura 1 –Detalhe da Planta do Projeto de Luiz Vieira, acrescido os círculos amarelos que localizam aproximadamente os espécimes em questão.

Neste trecho, um exemplar de mulungu cresceu sobre a estrutura do pontilhão e cerca de outros três arbustos (ou árvores jovens) se estabeleceram por entre as pedras e sedimentos que cobrem a antiga estrada.

Considerando que o mulungu é uma espécie muito freqüente na Ilha, e que aquelas estruturas arqueológicas representam um remanescentes, exemplares únicos, de nosso patrimônio histórico, consulto sobre a possibilidade de encaminhar às autoridades competentes nossa solicitação de retirada daquelas árvore, liberando assim as estruturas arqueológicas, e as áreas para escavação.
Certos de poder contar com a apreciação de nosso pleito, nos colocamos no aguardo,

Atenciosamente,



Veleda Lucena
Arqueolog Pesquisas.

CÓPIA DIGITAL